



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

FLAVIANO BATISTA FERREIRA

**ENROLANDO-SE NAS RUAS DO CARRETEL E DA MANICHULA:
ESPAÇOS DE VIDA BOÊMIA E PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE
ITABAIANA - PB (1950-1980)**

JOÃO PESSOA-PB

2023

FLAVIANO BATISTA FERREIRA

**ENROLANDO-SE NAS RUAS DO CARRETEL E DA MANICHULA:
ESPAÇOS DE VIDA BOÊMIA E PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE
ITABAIANA - PB (1950-1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em
História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH-UFPB)
como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
História.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Veiga

Área de Concentração: História e Cultura Histórica

Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

JOÃO PESSOA - PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F383e Ferreira, Flaviano Batista.

Enrolando-se nas ruas do Carretel e da Manichula :
espaços de vida boêmia e prostituição na cidade de
Itabaiana-PB (1950-1980) / Flaviano Batista Ferreira. -
João Pessoa, 2023.
192 f. : il.

Orientação: Ana Maria Veiga.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Prostituição - Itabaiana (PB) - 1950-1980. 2.
Memórias. 3. Sociabilidades. 4. Zona boêmia. I. Veiga,
Ana Maria. II. Título.

UFPB/BC

CDU 392.65(813.3)(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Ata nº 275 de defesa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba de autoria do mestrando **FLAVIANO BATISTA FERREIRA**, área de concentração História e Cultura Histórica, linha de pesquisa em ENSINO DE HISTÓRIA E SABERES HISTÓRICOS.

Aos vinte e um dias do mês de setembro do ano de 2023, às 14 horas e 30 minutos, em sessão presencial realizada na Sala Multimídia C do CCHLA da UFPB, foi realizada a Defesa e o Julgamento da Dissertação de autoria do mestrando **FLAVIANO BATISTA FERREIRA** matrícula **20211014048**, junto ao PPGH/CCHLA/UFPB, requisito final para obtenção do título de Mestre em História na área de concentração em História e Cultura Histórica, linha de pesquisa ENSINO DE HISTÓRIA E SABERES HISTÓRICOS, conforme encaminhamento da Professora Surya Aaronovich Pombo de Barros, Coordenadora do PPGH, e cumprimento do exame de qualificação, pré-requisito para esta apresentação, segundo registrado na secretaria do Programa. O trabalho do mestrando foi avaliado pela Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) doutores(as): **ANA MARIA VEIGA** (UFPB – Orientadora e Presidenta da sessão), **ROZEANE PORTO DINIZ** (UFRPE - Examinadora Externa), **DAYANE NASCIMENTO SOBREIRA** (UEPB - Examinadora Externa) e **ÂNGELO EMÍLIO DA SILVA PESSOA** (UFPB – Examinador Interno). A realização da sessão de Julgamento e Avaliação ocorreu na Sala Multimídia C, conforme divulgado previamente pelo PPGH e com acesso permitido aos interessados em acompanhá-la presencialmente. Iniciada a sessão, a presidenta **ANA MARIA VEIGA** apresentou os membros da Comissão e, em seguida, indicou ao mestrando para que fizesse, oralmente e pelo tempo de 20 minutos, a apresentação do Trabalho Final intitulado “*ENROLANDO-SE NAS RUAS DO CARRETEL E DA MANICHULA: ESPAÇOS DE VIDA BOÊMIA E PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE ITABAIANA - PB*”. Concluída a apresentação, procedeu-se à arguição pelos membros da Banca. Ao final da arguição, foi solicitado ao público presente que saísse da sala a fim de que a banca pudesse deliberar sobre a apresentação do mestrando. Após discussão, a Banca emitiu o seguinte parecer:

O mestrando apresenta uma pesquisa substancial, original, com um texto de boa qualidade e entendido como uma importante contribuição para a historiografia local. Foram sugeridas revisões para seu aprimoramento, como o ajuste no tratamento das fontes e algumas questões teóricas e metodológicas pontuais. Sugere-se futura publicação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E
ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA

Assim, decidiu-se pelo conceito **APROVADO**. Deve a secretaria do PPGH, após homologação desta ata pelo Colegiado deste Programa, solicitar à Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba a emissão, na forma da lei, do respectivo diploma de Mestre em História. Terminada a sessão foi encerrada a reunião, da qual, eu, Surya Aaronovich Pombo de Barros, Coordenadora do PPGH, lavrei a presente ata que vai assinada pelos membros da banca e pelo mestrando.

João Pessoa, 21 de setembro de 2023.

Profª Dra. Ana Maria Veiga (Orientadora)

Profª Dra. Rozeane Porto Diniz
(Examinadora Externa)

Profª Dra. Dayane Nascimento Sobreira
(Examinadora Externa)

Prof. Dr. Ângelo Emílio da Silva Pessoa
(Examinador Interno)

Flaviano Batista Ferreira (Mestrando)

AGRADECIMENTOS

Ao deparar-me com este espaço, vem à minha memória a necessidade de agradecer a cada um que me ajudou a concluir este estudo. Parafraseando o cantor Tiago Iorc¹, “cada centímetro de chão nessa imensidão, é poder chegar nessa vida com alguém do lado, pois todo caminho a ser trilhado nos deixa forte e alegre ao ter pessoas que nos ajudam a seguir em frente”.

Saibam que este é um momento importante para mim. Acredito que, em nossa existência, nada é em vão, tudo tinha de ser exatamente como foi. Afinal, aprendizagens foram construídas com este objetivo. Neste trabalho, tornei-me “um aprendiz da vida, ouvidor de causos e tecedor de palavras”, em que a beleza estava simplesmente no fato de sentar e escutar palavras de pessoas que sonharam, viveram e amaram...

Intimamente, como se estivesse sentado na praça central de Itabaiana, quero abraçar cada um à medida que não posso mensurar em palavras o quão especial vocês são. Busco no dicionário uma palavra que possa descrever melhor o obrigado, mas apenas uma me vem à mente. Gratidão! E é com ela que agradeço:

A Deus, por ter me sustentado em todo o percurso da minha vida e não ter deixado fraquejar no caminho, e, nos momentos oracionais, agradeço ao Instituto Hesed, que me conduziu a estar sempre ao lado do Senhor.

Aos meus pais, que, mesmo sendo semianalfabetos, incentivaram-me a sonhar, sendo meus maiores exemplos em confiar que sempre há de existir dias melhores. Obrigado por toda a educação e por me ensinarem a ser resiliente a cada dia.

Às minhas irmãs, por almejarem junto comigo que é possível ir além na busca por um mundo melhor e mais justo.

A toda a minha família, tios(as), primos(as), sobrinhos(as), por transmitir para mim que são meu porto seguro.

A Deise, Sol, Alcione, Jordana, Line, Carla, Beta, Nathaly e Juh, por me ouvirem pacientemente falar sobre minhas dores pessoais e angústias de escrever uma dissertação. Vocês sempre me acalmaram, dizendo: “Tu estás no caminho, no final tudo dará certo e será um trabalho lindo”.

A Danilo e a Carlos, por estarem em momentos distintos de minha vida, e me fazerem acreditar que sonhos podem se tornar realidade.

¹ Música: Laços; composição de Ducas Leindecker e Tiago Iorc.

Ao Lucas, Paulo, Júnior, Isabele, Wendrel, Da Paz, Matheus e Simary, pela amizade e auxílio na pesquisa, fotografando os documentos nos arquivos, que ajudaram neste estudo.

Aos amigos (as) virtuais que ultrapassaram os limites da internet e tornaram-se reais, Bruna, Hercília e Ivanildo. Vocês foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico, auxiliando-me com dicas desde o início da seleção do mestrado até a finalização deste trabalho.

Aos amigos Arão, Lázaro e Zélia por todo carinho e apoio recebido no afastamento da escola bem como apoio na elaboração dessa dissertação.

À gestão, aos professores, aos funcionários e a todos que fazem parte da família EREM Pedro Tavares, Camutanga - PE.

Aos participantes da Associação Memória Viva, por serem apaixonados pela história de Itabaiana e lutarem pela preservação da memória e do patrimônio local ao meu lado.

Ao grupo de meditação do CEBB, de Timbaúba - PE, em ajudar a estourar as bolhas do pensamento que tentaram me arrastar para o caos. Obrigado, João, por me trazer à realidade.

A Socorro Almeida e aos ativistas culturais Edriano, Suely, Fred e Nivaldo, por indicarem pessoas que pudessem ser entrevistadas.

Aos poetas Fábio Mozart, Sanderli e Orlando Araújo, pelo auxílio prestado sempre que existiam dúvidas a respeito da pesquisa.

Quero agradecer a todos os narradores que aceitaram partilhar as histórias contidas nessa dissertação. Em especial a Pereira, Simplício e Alves, que abriram o coração e expuseram momentos íntimos de suas vidas.

Aos funcionários dos Arquivos, que se mostraram sempre solícitos e dispostos a ajudar. Obrigado à arquivista Ana, do jornal A União, ao bibliotecário André, do IHGPB e ao secretário Severino, da Câmara Municipal de Itabaiana.

Ao Gérson, do Conselho de Ética da UFPB, pela grande contribuição.

Aos amigos historiadores Adelânia, Cinthia e Enoque, pelos momentos de devaneios e questionamentos sobre o objeto de estudo.

Ao Geraldo, da coordenação do PPGH, ao Prof. Dr. Tiago Bernardon de Oliveira, pelo acolhimento na Instituição, e à Profa. Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros, atual coordenadora do PPGH/UFPB, pelo exemplo de como vocês conduzem o Programa.

A todos os professores do PPGH/UFPB, em especial aos que contribuíram para os aprendizados oferecidos nas disciplinas ofertadas pelo Programa: Prof. Dr. Ângelo Emílio da Silva Pessoa, Prof. Dr. Gladson Paulo Milhomens Fonseca, Prof. Dr. Elio Chaves Flores, Prof. Dr. Tiago Luís Gil, Prof. Dra. Solange Rocha, Prof. Dra. Telma Dias Fernandes e Prof. Dr. João Bueno.

Às Profas. Dras. Rozeane Porto Diniz e Dayane Nascimento Sobreira, ao Prof. Dr. Ângelo Emílio da Silva Pessoa, por acompanhar a evolução deste trabalho desde quando era um projeto e aceitaram compor a banca de defesa da dissertação.

Aos professores Dr. Iranilson Buriti, Dr. Antonio Clarindo e Dra. Rosilene Montenegro, por terem me proporcionado, mesmo como ouvinte, assistir às aulas ofertadas por suas disciplinas no PPGH/UFCG. Tenho certeza de que elas contribuíram decisivamente na tessitura desta dissertação.

Aos professores e companheiros (as) dos grupos de estudos e de pesquisa PROJETAH, orientado pela Prof. Dra. Ana Veiga, e CORPUS, do Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Muito obrigado pelo aprimoramento do aprendizado durante as vezes que participei das reuniões e das discussões.

Aos amigos e aos colegas da turma de mestrado 2021, Aldenize Landislau, Paulo Lima, Ana Estrela, Leonilia Mendes, Luísa do Rap, Luiza do Punk, Lívia Lemos, Milena Dôso, Bruna Lima, Raquel Rocha, Ana Lívia, Luan Sanches, Francisco Diogo, Williams Cabral, Matheus, Júlio Cesar, José Francisco, Juciene e Dinho Zâmbia. Obrigado pelas partilhas durante esse duro período da pandemia da Covid-19, sabendo que, mesmo assim, aproveitamos o tempo e cursamos as disciplinas on-line. Não conheço todos (as) pessoalmente, mas tenho a certeza de que um dia poderemos dar aquele abraço afetuoso.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Ana Maria Veiga, que acreditou em mim e neste projeto. Ana, de forma sempre doce e amável, estendeu a mão e acolheu-me nos momentos de insegurança. Agradeço sua atenção, sensibilidade, conselhos e orientações, permitindo-me que, com autonomia, pudesse explorar o potencial que desconhecia. Lembrarei da frase que foi proferida em uma das reuniões de orientação, quando questionamos por que você fazia “tudo ao mesmo tempo”; enfática, respondeu-nos: “eu só tenho uma vida e tenho que fazer”. Ao ouvir isso, vi o seu exemplo e o tomei para minha vida. Obrigado pela inspiração. Serei eternamente grato a você.

No mais, a felicidade é tamanha por esta conclusão. Findarei esta seção com o trecho da música do Tiago Iorc, que sintetizará tudo que foi descrito: “cada suspiro é gratidão, de ver entrelaçar as mãos, que juntas podem muito mais, ter um norte para poder sonhar”.

A todas as mulheres que ousaram ultrapassar os limites da linha férrea
e transgrediram nos espaços da boêmia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Aqui reinou a boêmia.....	18
Figura 02 – Localização de Itabaiana na Paraíba.....	29
Figura 03 – Localização das principais feiras livres do estado da Paraíba.....	37
Figura 04 – Mapa ferroviário do Estado da Paraíba até 1950.....	51

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Cidade de Itabaiana em 1892.....	66
Mapa 02 – Cidade de Itabaiana em 1968.....	67
Mapa 03 – A Rua 13 de Maio/ Rua do Carretel.....	72
Mapa 04 – Rua da Manichula/Rua das Flores.....	85
Mapa 05 – Diversões na zona boêmia.....	94

RESUMO

Este texto tem como proposta analisar a região da zona boêmia da cidade de Itabaiana, município do estado da Paraíba, no que diz respeito às pensões, locais de diversão e prazer. Objetivamos observar as *estratégias, táticas e sociabilidades* utilizadas por homens e mulheres para vivenciar a prostituição no período de 1950 a 1980. A dissertação está dividida em três capítulos, que se articulam com o objetivo geral. São eles: 1) discutir como a feira de gado e o trem de ferro influenciaram a prostituição na cidade; 2) cartografar as memórias dos participantes que lembraram os espaços, personagens e principalmente os momentos festivos; e 3) investigar a prostituição como elemento social e urbano voltada para o comércio sexual de trocas e favores em um sistema regido por códigos e transgressões morais, retirando a prostituta do lugar estereotipado de vítima. Para abordagem teórica, utilizamos os estudos sobre a prostituição de Rago (2008), Engel (1989), Esteves (1989), Nascimento (2008), Leite (1992) e Prada (2018). Sobre os estudos relacionados às artes de fazer, Michel de Certeau (1998). Como metodologia, ancoramo-nos na história oral, seguindo os exemplos de Ferreira e Amado (2006), Meihy (2005) e Portelli (2016). O conceito de memória, de Candau (2012) e o de representação, de Chartier (2002), favoreceram para que as lembranças dos interlocutores, em consonância com documentos oficiais, livros memorialísticos e jornais, contribuíssem para a construção do passado. Ao fiar memórias e entrecruzar essa documentação, identificamos, através das experiências de vida das donas de pensão, ex-prostitutas e clientes, uma construção representativa do passado. Ressaltamos a importância desta pesquisa para a temática da historiografia na Paraíba, bem como o ineditismo para a história local de Itabaiana.

Palavras-Chave: Zona Boêmia; Prostituição; Memórias; Sociabilidades; Itabaiana.

ABSTRACT

This text aims to analyze the region of the bohemian zone of the city of Itabaiana, city of Paraíba State, with a regard to pensions, places of fun and pleasure. We aim to observe the *strategies*, *tactics* and *sociabilities* used by men and women to experience prostitution in the period from 1950 to 1980. The dissertation is divided into three chapters that articulate with the general objective. They are: 1) Discuss how the cattle fair and the introduction of the railroad influenced prostitution in the city; 2) Mapping the memories of the participants who remembered the spaces, characters and especially the festive moments; and 3) Investigating prostitution as a social and urban element, focused on the sexual trade of exchanges and favors in a system governed by codes and moral transgressions, removing the prostitute of the stereotyped place of victim. For a theoretical approach, we used studies on prostitution: Rago (2008), Engel (1989), Esteves (1989), Nascimento (2008), Leite (1992) and Prada (2018). On studies related to the arts of making, Michel de Certeau (1998). As a methodology, we anchor ourselves in the of oral history following the examples of Ferreira and Amado (2006), Meihy (2005), Portelli (2016). The Candau's concept of memory (2012) and Chartier's representation concept (2002) favored the interlocutors' memories converging with official documents, memorial books and newspapers to contribute to the construction of the past. By trusting memories and intertwining this documentation, we identify, through the life experiences of the innkeepers, former prostitutes and clients, a representative construction of the past. We emphasize the importance of this research for the theme of historiography in Paraíba as well as the originality for the local history of Itabaiana.

Keywords: Bohemian Zone; Prostitution; Memories; Sociabilities; Itabaiana.

SUMÁRIO

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS.....	13
O caminho percorrido pela pesquisa.....	18
I – “O REFÚGIO DOS BOÊMIOS” NA “RAINHA DO VALE” DO PARAÍBA.....	27
1.1 - Para início de conversa.....	28
1.2 - “Itabayanna, uma Nova York da Parahyba”.....	30
1.3 - Vamos à feira: comprar, vender e chamegar!.....	34
1.3.1 A Feira de Gado.....	34
1.3.2 A Feira de Cavalos e de Capim.....	40
1.3.3 A Feira do Bacurau.....	44
1.3.4 A Feira livre ou de gêneros.....	45
1.4 E lá vem o trem... “lotado de puta”.....	49
1.5 Breves considerações.....	59
2 CARTOGRAFIA AFETIVA DO PRAZER: ESPAÇOS DE VIDA BOÊMIA E MERETRÍCIO EM ITABAIANA.....	62
2.1 Um “dedin” de prosa.....	63
2.2 Mapeando a zona boêmia itabaianense - cartografia dos prazeres.....	64
2.3 “Boêmia aqui me tens que regresso...”.....	68
2.4 Quem ousava descobrir o que existia depois do Carretel.....	71
2.4.1 Colocando a zona na linha.....	90
2.5 Cartografia das noites e diversões: “E tudo terminava no cabaré”.....	93
2.6 Algumas considerações.....	112
3 TRANSGREDINDO CÓDIGOS, CONSTRUINDO TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA NA ZONA BOÊMIA.....	116
3.1 Se aproxigue: conversas íntimas ao pé do ouvido.....	117
3.2 “Talvez muitos não aprovem este capítulo”.....	118
3.3 Tornando-se homem: a “primeira vez” de meninos na boêmia.....	128
3.3.1- Em alerta o juizado de menores.....	134
3.4 “A gente frequentava o cabaré pra fugir da ditadura”.....	140
3.5 Amores que não ousaram pronunciar: existe homossexualidade na boêmia?... ..	145
3.6 Considerações transitórias.....	153
PALAVRAS FINAIS.....	156
FONTES E REFERÊNCIAS.....	162
APÊNDICES.....	173
ANEXOS.....	178

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

O caminho percorrido pela pesquisa

Sejam bem-vindos(as)!

Parafraseando o ativista estadunidense Martin Luther King, “Eu tenho um sonho”. No meu caso, devido às circunstâncias e escolhas que fiz na vida, imaginava que o realizar seria praticamente impossível. Trabalhava semanalmente, três turnos, de segunda a sexta-feira em escolas e cidades diferentes, motivo que fez afastar-me do mundo acadêmico por 15 anos. Mas, para nossa surpresa, o mundo virou literalmente de ponta a cabeça com a pandemia da COVID-19, e, em meio ao caos, percebi que a vida é passageira e temos que concretizar sonhos, e não apenas idealizá-los.

É interessante perceber que os seres humanos são impulsionados pelos desejos pessoais. No meu caso, eu tinha dois sonhos que estão perto de se tornarem realidade de uma única vez, o primeiro, era desenvolver um trabalho historiográfico que pudesse preencher as lacunas existentes relacionadas à história de Itabaiana, e o segundo, fazer mestrado na área e, com isso, avançar profissionalmente. A jornada não foi fácil, uma vez que tive que enfrentar os medos de ir em direção ao desconhecido. O caminho foi iniciado e não teria como voltar atrás.

Fui avançando lentamente e, ao observar essas linhas, percebi que os passos estavam sendo galgados e eu não estava estagnado, como pensava. Hoje, mais do que nunca, acredito que há um tempo para cada coisa e, para que isso aconteça, basta plantar, e esperar o tempo de maturação e colheita.

No ano de 2014, passei a integrar a Associação Cultural Memória Viva, instituição que preserva a memória da cidade através de vestígios que remontam ao passado. Em dezembro de 2016, inauguramos o Memorial Itabaianense, bem como fui nomeado para assumir o cargo de Diretor de Pesquisa, o que fez brilhar os meus olhos, pois, mesmo sendo um trabalho voluntário, gostava de cuidar do acervo patrimonial do museu e de estar próximo de documentos que até então desconhecia que pudessem existir. Para mim, foi gratificante desenvolver pesquisas relacionadas à cidade.

Durante a trajetória de aprendiz de historiador, tivemos como pedras no caminho as dificuldades em ter acesso a documentos oficiais que ajudassem na construção do *métier*. Enfatizo que Itabaiana é uma das cidades mais antigas do estado da Paraíba, mas sua história ainda precisa ser investigada; infelizmente, os órgãos oficiais da cidade não preservaram os documentos e os que existem estão espalhados por diversas partes do país, ou em mãos de

pessoas que recusam o acesso de pesquisadores. Esses foram os motivos pelos quais demorei tanto para encontrar um objeto de estudo que possibilitasse fazer o mestrado em História que tanto almejava.

Na direção de pesquisa da Associação, passava horas no museu folheando jornais e fotografias antigas que fizessem questionar o passado. Como um curioso, buscava respostas com os mais velhos e constantemente fazia perguntas cujas respostas pudessem acalmar minhas inquietações. Com a metodologia da história oral, explorava múltiplas histórias de anônimos e desconhecidos que viveram e queriam falar do passado e momentos de outrora.

O gravador do celular passou a ser um amigo. Com ele na mão, passei a procurar vestígios de assuntos variados. Não estava preocupado com técnicas ou direcionamento de assuntos. O importante, no momento, era apenas conhecer o que o outro tinha a pronunciar, baseado na sua experiência e contexto social no qual estava inserido. Porém, nas entrevistas realizadas, um fato curioso chamou minha atenção: todas as pessoas (homens e mulheres) falavam da *Rua do Cabaré/Carretel* com vergonha, desprezo ou chacota, embora sempre a rememorassem como lugar de uma grande festa que concentrava muita gente.

Nesses momentos de escuta, não imaginava que a zona boêmia iria se tornar meu objeto de pesquisa. O tema estava diante de mim o tempo todo, e, na ânsia de encontrar algo novo, eu não percebia a possibilidade de acertar as contas com a história de Itabaiana. Não pretendo ser ingênuo com essa façanha, mas quero atenuar os estereótipos construídos acerca do assunto.

Em uma manhã ensolarada do dia 9 de outubro de 2015, estava em direção ao trabalho quando, dirigindo, passo, como de costume, pela Rua do Carretel, onde me deparei com uma cena que me deixou extremamente entristecido. Os casarões onde funcionavam a pensão de Nevinha Rica – e outros no entorno – estavam totalmente destruídos e se encontravam em escombros, entulhos de tijolos, telhas, madeiras. Tudo ali misturado no chão².

Meu pensamento inicial foi: mais uma vez, a história de Itabaiana estava sendo silenciada. Parei o carro, absorto, observando a cena que até então não acreditava que estava acontecendo. Do lado das ruínas, encontrava-se uma mulher, com rosto escorrendo em

² A cidade de Itabaiana foi selecionada entre as cidades paraibanas para receber a passagem da tocha olímpica no ano de 2016. Os grupos culturais da cidade desenvolveram campanhas de preservação patrimonial dos monumentos e casarões que existiam. Acharmos oportuno incentivar a população para conhecer a história municipal e sensibilizá-las para preservação do passado. Assim sendo, desenvolvemos uma campanha de revitalização dos casarões onde funcionava a pensão de Nevinha Rica. Nosso objetivo era transformar o local em um ambiente cultural que oferecesse oficinas educativas para jovens. Na ocasião, não houve a adesão necessária, e, devido aos entraves políticos, ocorreu o inverso do que imaginávamos, o proprietário do imóvel dias depois demoliu o patrimônio. Sobre a demolição da pensão ver: <http://itabaianapbmemoira.blogspot.com/2015/10/proprietario-de-imovel-tombado-pode.html>. Acesso em 2 de ago. 2023

lágrimas. Desesperadamente, chorava e soluçava. Perguntei se estava passando mal, e ela confidenciou que ali estava a sua história. Naquele momento, as memórias afloravam; ela cresceu e conviveu naquele ambiente, tinha se casado, tornado-se puta, e agora não restava nada. Apenas lembranças dolorosas.

Trocamos poucas palavras, comentei que era historiador, que o que aconteceu foi uma violação da história de várias pessoas. Quando ela se acalmou, perguntei se conhecia a Nevinha Rica, e se eu poderia voltar para conhecer mais a respeito da história. Ela prontamente aceitou a proposta. Voltei à sua casa na noite da terça-feira seguinte. Na sala, ela me esperava acompanhada do seu marido. Ambos me passaram informações, indicaram outras pessoas que poderiam me ajudar a entender a história da prostituição em Itabaiana, mas, na ocasião, o silêncio, ou a fala insegura, deixavam-me desconfiado de que eles estavam escondendo algo nas entrelinhas. Existia desconforto ao responder às perguntas. Intrigado com o não dito da ocasião, isso me fez decidir em trabalhar com a temática da prostituição. No decorrer da pesquisa, e na qualificação, percebi que o objeto não se resumia à palavra; o tema compreendia uma região de várias ruas com estabelecimentos propícios para prazeres masculinos, regidos por meio de códigos e regras que os praticantes obedeciam.

Inicialmente, pensava em trabalhar apenas com a Rua do Cabaré/Carretel, que era a mais citada pelas pessoas, as quais recordavam a pompa da Nevinha Rica, mas praticamente não mencionavam a Rua das Flores/Manichula. Quando isso acontecia, era como se, devido à simplicidade, não tivesse importância. Deslumbrado com as falas dos interlocutores, também não questionava os documentos, o que precisava ser feito, nem elaborava as perguntas que apontassem para aquilo que estava escondido. Percebendo as nuances da pesquisa, compreendi que a Manichula estava relegada à margem das margens e por isso as pessoas pouco lembravam dela e, quando ocorria, geralmente era de maneira discriminada. A partir de então, passei a desconfiar daquilo que estava posto, desfoquei do objeto de estudo inicial, que era a prostituição, e passei a analisar as diferenças dentro da zona boêmia, uma região de locais onde ocorriam sociabilidades e sensibilidades perante os pares que frequentavam os recintos de prazeres noturnos.

Ao desenvolver a pesquisa com a prostituição, encontrei inúmeras dificuldades, que englobavam o fato de este tema estar inserido no contexto da história do tempo presente, por Itabaiana ser considerada uma cidade pequena e bem religiosa e por trabalhar com questões relacionadas à prostituição de mulheres que silenciaram seu passado, porque atualmente estão casadas, e o passado é, conseqüentemente, considerado uma mácula. Contudo, mesmo afirmando que seguiríamos o anonimato proposto pelas normas do conselho de ética, as pessoas

não queriam falar, e as que aceitaram, em alguns momentos da entrevista, ficaram receosas e com medo de terem problemas futuros, uma vez que eram amigos ou conhecidos das pessoas que citavam.

Durante a pesquisa, passei por momentos constrangedores, que não poderia deixar de registrar aqui, pois podem servir como exemplos para outras pessoas que trabalhem com questões relacionadas à honra, sexualidade e prazer, assuntos contemplados nesta dissertação. Contarei a vocês casos de pessoas que se negaram a confidenciar suas experiências.

O primeiro exemplo foi quando retornei para conversar com a senhora que estava chorando no episódio da demolição do casarão de Nevinha Rica. Ela tinha concedido a entrevista no ano de 2015. Na época, ela não tinha assinado, pois o objetivo era apenas obter informações. Mas, no momento, precisava avançar na pesquisa e conseguir outras informações para desenvolver este trabalho. Várias tentativas foram feitas em vão, pois, por mais que ela demonstrasse interesse em ajudar, em um determinado momento teve coragem e afirmou que não teria nada para falar, que a conclusão do meu trabalho seria impossível, uma vez que “não via necessidade em falar sobre a história daquela rua”. Diante disso, desistimos de conversar com essa senhora. Algo parecido alegou um possível entrevistado, que me perguntou “se iria sair alguma coisa que preste daqueles ambientes”. Depois de eu explicar toda a problemática, ele concedeu a entrevista.

O terceiro caso ocorrido foi quando tentei falar com a única lesbiana que frequentava as pensões. Inicialmente, ela concordou em conversar comigo, mas, no dia e horário marcados, sumiu, deixando-me esperar a tarde inteira. À noite, voltei à sua casa e ela afirmou que “não queria falar do passado e não iria dar paradeiro de ninguém”.

Por mais que tentasse explicar pacientemente os aspectos da pesquisa, algumas pessoas não aceitaram colaborar, seja por medo, ao imaginar que estavam falando da vida das pessoas, ou porque queriam esquecer o passado que até então não viam necessidade em trazer à tona novamente. Mediante o exposto, respeitei as decisões delas, mesmo sabendo que poderiam trazer informações pertinentes à pesquisa.

Mas, como nem tudo é insubstituível, busquei meios que contribuíssem para responder aos questionamentos. Como não consegui conversar com a lesbiana, ouvi relatos de pessoas que conviveram com ela e, através de suas falas, montei a narrativa representativa de ser/estar lesbiana nas pensões da Rua do Carretel.

Outro exemplo que merece ser mencionado foi quando quase fui agredido por uma senhora que entendeu que eu estava chamando-a de “rapariga”³, enquanto eu insistentemente pedia que ela me escutasse, pois não era isso que ela estava pensando. Depois de vários minutos, ela se acalmou e consegui explicar o trabalho. Ela entendeu que o propósito era falar sobre o bar que sua mãe tinha na Rua do Carretel.

Sufocos à parte, apesar desses percalços, tive momentos marcantes com quem queria falar de suas experiências. Muitos desejavam apenas alguém para escutá-los, reviveram momentos importantes de suas vidas. Estreitei laços de amizades com alguns interlocutores que ficaram satisfeitos e orgulhosos em estar contribuindo com um trabalho da “Universidade”. Muitos pediram para voltar, que contariam outros aspectos, coisa que fiz. Achei oportuno aproveitar a ocasião para documentar informações relacionadas a outros aspectos sociais e culturais da cidade.

A dissertação que lhes será apresentada, na modesta percepção deste pesquisador, tem fundamental importância para a historiografia paraibana, na qual existem poucos trabalhos sobre o tema nas cidades do estado. Assim, enfatizo a necessidade de trabalhos que discutam as sociabilidades e o cotidiano que envolvem o mundo da prostituição. Destaco a pertinência para a história local, na medida em que, de cunho teórico-metodológico, existe apenas o livro de Sabiniano Maia (2015), o qual, revisitado, contribuiu com indícios para construção da pesquisa.

Na jornada que se segue, interessa a apropriação das representações das histórias vividas pelos interlocutores e a exploração analítica das narrativas de pessoas, que, ao relatarem suas experiências, mostraram que, em vários momentos da zona boêmia, muitas rotas se entrecruzaram, enquanto outras se perderam.

³ Termo pejorativo utilizado na cidade para se referir a mulheres que comercializam os corpos. Durante a pesquisa, as pessoas tratavam-nas como rapariga, prostituta, meretriz, quenga, puta. Porém, as donas de pensão e clientes se referiam a elas como “as meninas”. Para padronizar o texto, devido ao contexto inserido, optamos em chamar as profissionais do sexo como prostitutas, pois percebemos que faz parte da construção histórico e social local.

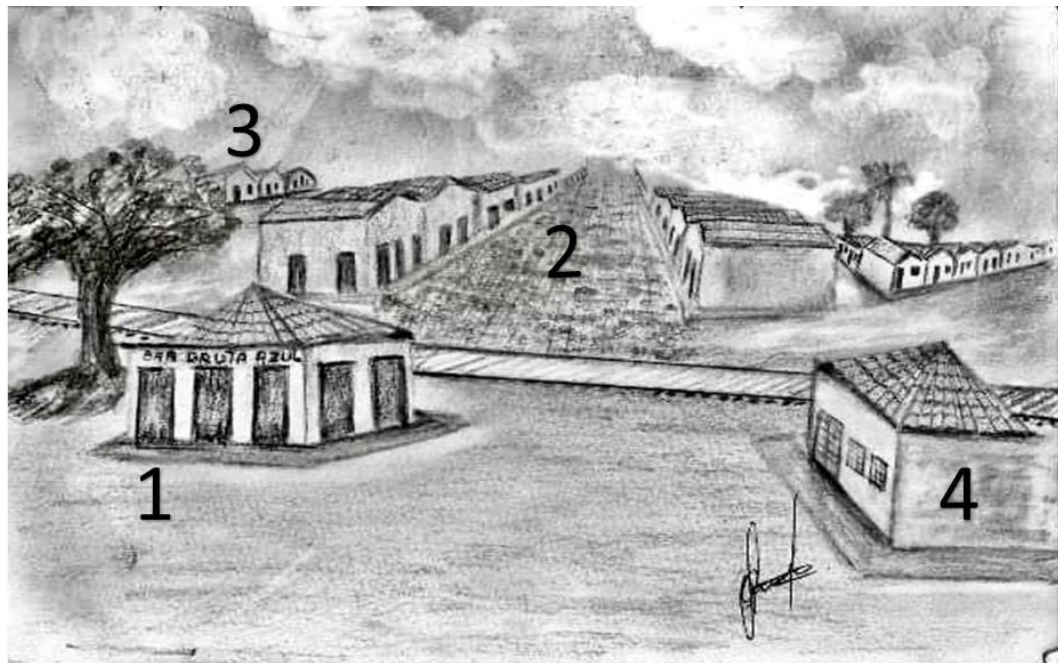
O caminho percorrido pela pesquisa

O famoso carretel
Um cabaré afamado
Parecia uma festa
O povo animado

Lembro da rua das Flores
Cabaré dos bananeiros
Hermínio puxando o fole
Parecia um formigueiro

(Trecho do livro de poesias *Memórias de Itabaiana* – Chico Bezerra, S/d)

Figura 01 – Aqui reinou a boêmia



- 1- Bar Gruta Azul
- 2- Rua do Carretel/13 de Maio
- 3- Rua da Manichula/ Das Flores
- 4- Banheiros do antigo mercado público

Fonte: Acervo particular do artista plástico Orlando Araújo (2020).

Os trechos da poesia e a imagem em destaque representam a zona boêmia da cidade de Itabaiana - PB. Ao sondarmos o desenho feito em grafite pelo artista plástico Orlando Araújo, observamos, no plano central, a linha férrea, as ruas do Carretel e da Manichula, o Bar Gruta

Azul⁴, no lado esquerdo, e o mictório público municipal, na parte direita. Essa composição faz parte do nosso objeto de estudo relacionado aos “prazeres noturnos”.

Quando utilizamos a metáfora remetente ao título da imagem o “reino” da boêmia” proferida pelo artista plástico Orlando Araújo, referimo-nos aos ambientes destinados à diversão, com jogos, bebidas e à comercialização do sexo, onde mulheres alugavam seus corpos a homens que, mediante pagamento, dispunham de momentos de desfrute; lugares onde clientes/prostitutas obedeciam a relações de poder com códigos e normas próprias do que era instituído pela prostituição.

As pensões da Rua do Carretel eram consideradas luxuosas, sendo frequentadas por “barões do gado”⁵, ricos comerciantes e pessoas da elite local⁶, enquanto às da “Manichula” compareciam os feirantes, sitiante, pobres e trabalhadores braçais. Indagamos aos interlocutores a respeito da origem dos nomes Carretel e Manichula e concluimos que existem especulações a respeito, mas nenhuma comprovação.

A Rua do Carretel, para o entrevistado Mauro da Sorveteria (2018), tem esse nome porque, nos anos de 1930/1940, existia fabricação de redes na cidade e as mulheres enrolavam os fios nos braços, que eram estendidos pela extensão de toda a rua. Esta teoria foi corroborada pelo poeta Sanderli (2022), que, em suas lembranças na década de 1960, recorda as pessoas comentando a palavra bem como a existência de pessoas que teciam cordas nos braços, fazendo o movimento de enrolar.

No tocante à Rua da Manichula, acreditamos ser uma variação do termo *Mandchúria*, utilizado na cidade de Campina Grande⁷ para denominar a região da prostituição. Em Itabaiana,

⁴ Segundo os entrevistados, o bar e restaurante funcionava 24 horas todos os dias, só fechava anualmente à sexta-feira santa em respeito à paixão de Cristo. O bar era ponto de encontro noturno entre os boêmios que na ida ou volta das pensões paravam para prostrar, beber ou se alimentar. Os entrevistados não souberam responder quando o bar parou de funcionar, mas acreditam que foi depois da morte de seu antigo dono. O edifício manteve-se erigido até o dia 15 de abril de 2016, quando foi demolido.

⁵ Os barões do gado, como eram chamados popularmente pela comunidade local, foram os coronéis residentes nas proximidades da várzea do Rio Paraíba, que possuíam uma complexa e extensa rede de ligações fortalecidas no mandonismo x clientelismo, produzindo uma realidade de dominação como sendo naturalmente dada pela riqueza. Por trás dos discursos elaborados, estavam os elementos de carisma, barganha, parentela para que se fortaleçam as reciprocidades de deveres e favores que se integram no jogo político.

⁶ Entendemos o termo *elite* como um grupo social que comandava o cenário político que detinha dinheiro e prestígio na cidade de Itabaiana e estado da Paraíba. São grupos familiares constituídos pelo regime político mediante, regras e práticas coercitivas que dirigiam as massas populares. Para maiores informações, ver os livros BLONDEL, Jean. *As Condições da Vida Política no Estado da Paraíba*. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1957; e LEWIN, Linda. *Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar*. Rio de Janeiro: Record, 1993. As obras são consideradas clássicas para a historiografia paraibana, pois abordam quais foram as bases de representação social, político-partidária e econômica de grupos que se consolidaram e tomaram as principais decisões transitórias do Império para a República no Estado. Os pesquisadores arrolaram uma extensa documentação e detalharam como os coronéis agiam para continuar no poder através das alianças e laços de parentesco. Analisaram as bases econômicas e os produtos de exportação dos principais municípios da Paraíba.

⁷ Segundo o historiador Fabio Sousa (2001), em 1930, foi instalado o Bairro das Piabas, local onde, devido à

as pessoas possivelmente não sabiam pronunciar a palavra e passaram a utilizar “Manichula” para referir-se à região duplamente marginalizada que era a Rua das Flores.

As teorias relatadas pelos interlocutores têm fundamento, pois remetem às memórias das pessoas que presenciaram os fatos. Entretanto, na pesquisa, utilizaremos a concepção levantada pelo entrevistado Orlando Araújo (2020), e que utilizamos como validação para o título da dissertação. O Carretel refere-se aos sujeitos que estavam enrolados ao ter que justificar às noivas e esposas porque estavam na região, enquanto a Manichula reforça o preconceito tipificado em discriminar as putas que lá trabalhavam de pobre e “chula”.

Em vista disso, esclarecemos que, em nosso cotidiano, somos obrigados a fazer escolhas constantemente, e em um trabalho historiográfico não seria diferente, a começar por situar a pesquisa no contexto da Nova História Cultural, com base nos estudos da prostituição, “Pluralizam-se os objetos de investigação histórica, e, nesse bojo, as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história” (SOIHET, 2011. p. 263). Nas últimas décadas, encontramos diversos trabalhos referentes à história das mulheres, sendo campo de investigação temas variados como família, sexualidades, trabalho e corpo.

A história social da prostituição vem sendo objeto de estudos no Brasil desde a década de 1980, indo além da frase simplista que ouvimos quando afirmam que é a “profissão mais antiga do mundo”. Essa é uma construção simplória, pois “generalizando o termo ‘prostituição’ para denominar práticas sexuais ilícitas desde os primórdios da humanidade, pode ser uma atitude enganadora: armadilha do desejo de manter inalterados os vínculos com o passado longínquo idealizado” (RAGO, 2008, p. 25). Desse modo, colocar a prostituição como naturalizada seria prejudicial para as pessoas, uma vez que em cada época, homens e mulheres viveram a sexualidade ao seu modo e por isso se faz necessário um maior aprofundamento do assunto para não cometermos anacronismos. De acordo com Rago,

A prostituição configurou um espaço visível, espetacularizado e quantificável, à medida que se tornava uma profissão reconhecida com a expansão do mercado capitalista, permitindo então que chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas constituíssem um universo empírico para suas observações, classificações e análises (RAGO, 2008, p. 22).

higienização sanitária afastada do centro da cidade, foi instalada a prostituição próximo aos currais. As palavras Mandchúria ou Bairro Chinês, faz referência à invasão nipônica a região chinesa da Manchúria. No caso campinense, as pessoas que moravam no bairro das piabas, passaram a entender que essa área estava sendo invadida pelas prostitutas. Em João Pessoa, o termo utilizado é usado para designar uma região específica, fazendo referência à Guerra Russo-Nipônica, entre 1904-1905.

Para Margareth Rago (2008), existe uma escassez acerca do passado das mulheres e muitos desses vestígios foram escritos por homens à base de discursos masculinos, que determinavam como elas deveriam agir ou se comportar de acordo com os padrões normativos. Em consequência, eram apontadas como marginalizadas. Há, nesse contexto, exemplos disso, nos quais as prostitutas eram enquadradas pela lei repressora dos homens por estarem voltadas para o comércio sexual em trocas de favores a seu benefício, em um sistema que possui códigos e limites morais.

Por essa razão, esta dissertação tem como objetivo central explorar como homens e mulheres recorreram à zona boêmia e à prática da prostituição na cidade de Itabaiana, buscando compreender quais eram as lembranças relacionadas ao universo das ruas do Carretel e Manichula no recorte temporal do interstício de 1950-1980, período no qual ocorreu o auge e o declínio da feira do sexo, devido à mudança de padrões comportamentais.

Como problemática, apontamos a necessidade de compreender as relações de poder e tensões presentes nos discursos dos sujeitos da pesquisa, bem como usufruíram dos espaços de diversão da zona boêmia. Além disso, refletimos sobre os costumes e transgressões que esses personagens criaram para burlar as leis, quais foram as *práticas, estratégias e táticas* que utilizaram para se proteger, quem foram os/as donos (as) de estabelecimentos mais citados, quais os meios que recorreram para amenizar o preconceito existente na sociedade e como combateram os discursos padronizadores da sociedade.

Problematizar a temática da zona boêmia e prostituição em Itabaiana não foi uma tarefa fácil, mas foi encarada como desafiadora e prazerosa, devido às lacunas referentes à historiografia. Para suprir a carência de documentos oficiais, utilizamos a metodologia da história oral e, como referência, autores que trabalharam a temática no Brasil. Os trabalhos das historiadoras Margareth Rago, Magali Engel e Martha Esteves foram extremamente importantes para auxiliar na tessitura da pesquisa.

As três obras apresentaram a política de controle das prostitutas através da saúde pública, policiamento e jurisdição pautados na ideologia de cercear a sexualidade através de dispositivos de vigilância e controle de espaços considerados negativos para a sociedade. Nessa perspectiva, surgiram várias pesquisas historiográficas no Brasil relacionadas à prostituição que utilizaram como fonte documental os processos criminais.⁸ Na Paraíba, encontramos o trabalho de Uelba Nascimento.

⁸ As pesquisas das historiadoras Cristiana Pereira (2002); Ivonete Pereira (2004) e Juçara Leite (2005) abordam a temática nas cidades do Rio de Janeiro e Florianópolis no recorte temporal das primeiras décadas republicanas, exceto o trabalho de Juçara Leite que abrangeu de 1954-1974, praticamente o período da nossa pesquisa. As autoras

O Doce Veneno da Noite, prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950) foi derivada da pesquisa de mestrado da historiadora, que, através dos processos criminais, conhecimentos médicos e literatos, mostra-nos os dissabores de homens e mulheres anônimos. Com a autora, observamos a “Zona” como um lugar de estratégias e sobrevivência. A autora descortina as práticas amorosas dos paraibanos, trazendo para debate o amor entre mulheres, assunto praticamente inexplorado pela historiografia⁹. A pesquisa nos possibilitou investigar as práticas lesbianas que ocorriam nas pensões de Itabaiana e até então colocadas para debaixo dos tapetes existentes nas alcovas. Os entrevistados do sexo masculino não tinham conhecimento sobre o tema, uma vez que os homens queriam se mostrar héteros para a sociedade, enquanto as mulheres se envolviam às ocultas com outras mulheres que desejavam amar e não ser apenas um objeto de prazer.

O tema da prostituição começou a ser explorado por historiadores dos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Campina Grande. Ao vasculharmos sobre o tema, percebemos que, na última década do século XXI, surgiram os trabalhos de Claudielhi Araújo (2015), Rozeane Diniz (2016) e Hercília Souza (2018), nas respectivas cidades paraibanas, Puxinanã, Olivedos e Ingá, pesquisas que mostraram o cotidiano de populares e as formas de burlas que homens e mulheres fizeram para experimentar a sexualidade. As três dissertações contribuíram para a feitura do nosso trabalho, pois nos inspiraram e serviram como norte, mesmo tendo peculiaridades específicas de cada localidade.

Nessa perspectiva, para amarelo metodológico, faremos uso de alguns autores e obras que contribuíram para as discussões que permeiam as páginas desta dissertação, utilizaremos os conceitos de *práticas, estratégias e táticas*” formulados por Michel de Certeau, *representação* – Roger Chartier e *memória* de Joel Candau.

Entendemos o conceito de *práticas* como as maneiras cotidianas que o homem encontrou para fazer uso de organização em sociedade, seja falar, caminhar, trabalhar, negociar etc. Na zona boêmia, seria a forma com a qual os homens recorreram para se apropriar dos

utilizaram, como escopo documental, leis, inquéritos policiais, processos criminais, relatórios médicos, e todo aparato onde encontraram vestígios relacionados a prostituição. Documentos onde os homens registraram discursos heteronormativos sobre as mulheres que segundo a mentalidade da época, por ser mulher, estava relegada a segundo plano e conseqüentemente marginalizada.

⁹ Pesquisando sobre os populares e os lugares de diversão na cidade de Campina Grande, Fabio Sousa (2001) e Antônio Souza (2002) manusearam os processos criminais do Fórum de Campina Grande com o objetivo de compreender os conflitos existentes na demarcação de lugares para as camadas populares e os discursos que homens letrados construíram para enquadrar essas pessoas. O tema da prostituição aparece nos trabalhos de forma secundária, mas, mesmo assim, serviu-nos para compreender os espaços destinados às pessoas e como elas se apropriam da cidade para se divertir.

espaços praticados, modificando-os ou adaptando-se através de suas experiências, e, nesse interim, beneficiou-se com as “Táticas e Estratégias”. Para Michel de Certeau, “a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Büllow, e no espaço por ele controlado” (CERTEAU, 1998, p. 100) enquanto “Estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado” (CERTEAU, 1998, p. 99).

Nesse sentido, homens e mulheres buscaram artimanhas para colocar em *prática a estratégia e a tática* nos espaços produzidos da zona boêmia, que, grosso modo, seriam os meios pensados para colocar em plano seus objetivos para usufruir desses ambientes. A exemplos: os meninos que burlavam a vigilância panóptica para iniciar-se sexualmente com mulheres da Rua da Manichula, os homens casados que entravam pelas portas dos fundos das pensões na Rua do Carretel para não serem vistos naqueles recintos, mulheres recém-desvirginadas, para não se tornarem faladas, antes de entrar na prostituição, burlavam os olhos discriminatórios adentrando cobertas com lençol branco da cabeça aos pés nas casas de recursos, entre outros meios que encontraram para amar, beber e se divertir nas noitadas boêmias.

Enxergar as práticas desses sujeitos foi uma tarefa na qual tivemos que se apropriar tendo em vista a “Representação” e “Memória” produzidos pelos interlocutores que contribuíram para a construção dessa narrativa. Conforme Roger Chartier, “Representação” é a forma como o homem construiu os significados que ele atribuiu a algo descrito ou narrado; ela é intencional e única. Dependendo das experiências vividas de cada sujeito, “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que se forjam” (CHARTIER, 2002, p. 17).

Para corroborar essa ideia, os fragmentos de memória das donas de pensão, prostitutas e clientes nos permitem ter representações do passado e não ele por si. Assim, compreendemos que são experiências únicas, conservadas em sua parcialidade, pois, ao serem revisitadas, acabam sendo influenciadas pelo momento presente que, diretamente, interfere ao ser rememorada. Para Joel Candau, “A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. [...] a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (CANDAU, 2012, p. 16). Cada indivíduo, enquanto sujeito histórico, compreende e interpreta construindo uma representação particular do ocorrido, modificando,

muitas vezes, a tradição. Assim, tempo, memória, espaço e história caminham juntas, através de uma relação de apropriação e reconstrução da memória pela história.

Os entrevistados, ao evocarem suas *práticas, táticas, estratégias, representações*, compartilharam, através das lembranças, histórias guardadas de uma determinada época. Memórias as quais, em vários momentos, proporcionam ora risos, ora choros, fazendo lágrimas rolarem dos olhos, relembrando situações vividas que trouxeram dores para as ex-prostitutas e felicidade para os clientes ao rememorarem momentos de prazeres. Nessa relação, para fazer o interlocutor falar suas vivências, utilizamos como metodologia os teóricos da história oral.

Seguindo a metodologia de Marieta Moraes e Janaina Amado (2006) e José Carlos Sebe Meihy (2005), inicia-se com a elaboração do projeto, entrevistas, gravação, transcrição literal, armazenamento e interpretação dos dados, com o objetivo de tornar o conhecimento sobre o passado marginalizado de Itabaiana. Entendemos que as fontes orais possibilitaram trazer à história do tempo presente, sujeitos que foram excluídos e colocados no anonimato, comuns no paradigma tradicional, como o exemplo trazido por esta pesquisa, Nevinha Rica, que foi sepultada no cemitério de Itabaiana, o Cemitério Municipal Nossa Senhora da Boa Morte, em um túmulo que não possui lápide.

Concordamos com Alessandro Portelli (2016) ao afirmar que a história oral seria a arte da escuta. Apoiamos, nessa frase, o sentido de demonstrar respeito para com o entrevistado, buscando levar a entrevista para uma conversa informal na qual os depoentes ficassem à vontade e pudéssemos extrair o maior número de informações possíveis a respeito do tema tratado. Submetemos esse modelo na pesquisa porque a prostituição é considerada um assunto estereotipado e cheio de preconceitos, assim, tivemos o máximo cuidado para que, nas entrevistas, o interlocutor sentisse como se estivesse em uma prosa e não em uma entrevista fechada.

Nossa proposta era conquistarmos a segurança e confiança do depoente, para que na “conversa” houvesse um diálogo, e, consequentemente, questionamentos e interferências pudessem acontecer de forma sucinta, uma vez que adentraríamos em lugares até então escondidos pelos narradores. Em determinados momentos, vieram à tona as relações entre o público e o privado, as confidências e fofocas, as quais nos deixaram envolvidos em situações duais, as quais eram relatadas e permeadas de tristeza e alegria. Conforme Alessandro Portelli, os narradores nem sempre estão cientes da relevância histórica e sua experiência pessoal, podendo guardar no íntimo algo que para eles são consideradas relevantes, mas que, para os historiadores, traz algo que pode desvendar muito sobre a temática e o contexto histórico, social e cultural em estudo. (PORTELLI, 2016, p. 15).

No escopo textual, para referenciar os entrevistados, citaremos e referenciaremos os sobrenomes do entrevistado seguida da data de realização da entrevista. Para mais informações, aconselhamos uma consulta ao quadro disponível nos apêndices, o qual contém todos os entrevistados envolvidos.

Acrescentamos, como fontes integrantes, os livros memorialistas, poemas, crônicas e cordéis de autores itabaianenses. O narrador desses gêneros literários mantém a escrita em primeira pessoa e, através de tais escritos, registraram suas lembranças. As obras foram utilizadas como documento intencional dotado de poder de pessoas que queriam mostrar para a sociedade sua “verdade” a respeito do assunto que está sendo descrito/narrado. Esta representação do passado nos auxiliou para que pudéssemos compreender lacunas relacionadas à cultura itabaianense, em trechos que os autores abordaram a prostituição, mencionando um passado saudosista e glamuroso, motivo pelo qual nos levou a questionar essa pompa e perceber que existiram possibilidades diferentes de enxergar a boemia.

Para finalizar o corpo da análise documental, utilizamos os jornais, pois passaram a ser utilizados como “fonte da história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. A partir de discussões teóricas e metodológicas, problematizamos o jornal como uma fonte que transmite informações no qual seu objetivo era fabricar verdades e inverdades para manter as pessoas atualizadas sobre o contexto da época. As informações nele contidas não são neutras, carregam em suas páginas ideologias de poder dos seus fundadores e defesa moral de um determinado grupo social. Nessa perspectiva, o narrado/descrito nos periódicos nos é colocado não como verdade, mas como uma representação das experiências vividas dos sujeitos enquanto seres sociais impregnados de ideologias que refletem o eu condicionado e seu lugar discursivo.

Nesse contexto, percebemos o jornal como fonte que precisa ser analisado e dele serem extraídas as histórias que contemplem o período estudado. Serviu-nos como documento os jornais O Norte e A União, da cidade de João Pessoa; Diário de Pernambuco, da capital pernambucana; e os jornais locais A Folha e Itabaiana Hoje. Os exemplares consultados estão disponíveis no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGPB, Memorial Itabaianense, MI, e Hemeroteca Digital da Fundação da Biblioteca Nacional. Nas páginas arroladas, encontramos diversas informações a respeito das experiências vividas por pessoas anônimas e que contemplarão as laudas seguintes.

Ao tomarmos por base a operação historiográfica da história, inferimos a junção do lugar social e a escrita através de procedimentos metodológicos e escolhas que fizemos na construção desse texto (CERTEAU, 1998). Nesse sentido, os três capítulos da dissertação têm

como fio condutor os objetivos mencionados no início da Introdução. O primeiro capítulo investiga o surgimento da história de Itabaiana, bem como a contribuição da feira de gado e linha férrea para fortalecimento da prostituição. O segundo capítulo é composto pela confecção de mapas¹⁰, e, através das memórias dos interlocutores, cartografamos os espaços boêmios, seus respectivos proprietários e os principais momentos de diversão na zona. No terceiro e último capítulo, discutimos as artes de ser e fazer dos personagens que quebraram as regras para viver a sexualidade, seja na venda ou compra do sexo.

Chamamos a atenção, também, para que sejam observadas as sensibilidades desses sujeitos. As cenas descritas fazem com que você mergulhe em histórias que misturam aventuras e medos, de meninos em busca da tão sonhada e esperada primeira vez.

Desse modo, a fim de aprofundarmo-nos no universo em discussão, as transcrições de fala foram feitas de modo a respeitar a variação linguística dos entrevistados. Neste texto, encontraremos, portanto, as falas como elas são: arraigadas pela historicidade dos sujeitos e de sua história.

Descortinaremos as penumbras dos quartos das pensões, lugares simples que presenciaram gemidos e êxtase de homens que pagavam pelo aluguel dos corpos das prostitutas. E o que falar dessas mulheres? Elas, que foram as protagonistas transgressoras e que, por um preço alto, lutaram para vivenciar uma sexualidade considerada desregrada, além de serem postas à mostra como uma mercadoria, sempre à venda, mas que ao mesmo tempo, souberam tirar lições das tristezas e com isso ter prazer em momentos que consideravam apenas seus. Então, que comecemos a leitura!

¹⁰ Durante o ano letivo de 2021, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, linha de pesquisa na qual estamos vinculados, foi ofertada a disciplina Tópicos Especiais em Linguagens Historiográficas I, ministrada pelo docente Tiago Luís Gil. Nela, ele explicou sobre o projeto desenvolvido na Universidade de Brasília. A partir de então, despertamos o interesse em compreendermos sobre o que seria cartografia, e como ela poderia contribuir com a pesquisa.

1- “O REFÚGIO DOS BOÊMIOS” NA “RAINHA DO VALE” DO PARAÍBA

*A feira de Itabaiana,
Eixo polarizador
De toda economia,
Atraiu o produtor,
O sagaz capitalista
Para investir no motor
Dinâmico que aqui havia
Com o comércio de gado
A feira livre famosa
Foi dando mais resultado,
Transformando Itabaiana
No mais próspero povoado.*

[...]

*Falar da Feira de gado
Que começou em Guarita
É descrever um passado
De progressão inaudita,
É lembrar tempos de glória
Desta cidade bonita.
Nossa vida econômica
Girava em torno do gado.
A explosão do progresso
Se via por todo lado,
A povoação crescendo
Com o matuto “abonado”.*

[...]

*O trem de ferro apitou
Na curva tênue da história.
Com o brasão do Conde d’Eu...
Vinte e oito de dezembro
Foi a data desse fato.
Mil novecentos e um
Chegou com espalhafato
O primeiro trem de ferro
Danado rompendo o mato.
Na cidade Itabaiana
Que o recebeu com festa,
Começando o século vinte
Com um progresso da muléstia,
Reunindo os três estados
Conforme a história atesta.*

(Mozart – S/d. p. 20, 21, 24)

1.1 Para início de conversa

Caríssimos(as) leitores(as), antes de iniciarmos a caminhada pela região da zona boêmia, convido vocês a se sentarem para escutar/ler histórias relacionadas à política, economia, cultura e sociedade itabaianense. Acomodem-se da melhor forma possível, pois nossa viagem ao passado nos levará há alguns séculos atrás. Já começamos com os fragmentos do poema acima, que se refere às representações históricas¹¹ acerca do município de Itabaiana – PB, cuja origem remonta como povoado no século XVIII. No entanto, foi a partir da feira de gado e da chegada do trem de ferro que se deu o crescimento populacional, o desenvolvimento econômico e a ampliação do contexto cultural da cidade, no início do século XX.

Ao passearmos pelas ruas, encontrávamos calçamentos, bondes, árvores espalhadas pela avenida central, jardins públicos, coreto inglês, cinemas, teatro, energia elétrica, telefone, água encanada, jornais diários e revistas de circulação por todo estado paraibano (MAIA, 2015). Esses sinais¹² do moderno utilizados por alguns dos cidadãos elevaram-na ao status da “mais adiantada cidade do interior paraibano” (MAIA, 2015, p. 143).

Na empreitada de desenvolvimento e modernidade¹³, destacam-se as figuras de coronéis, fazendeiros, chefes políticos, coletores e administradores¹⁴ que se esforçavam para

¹¹ Fábio Mozart é escritor e cordelista, membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba. No livro *História de Itabaiana em versos – e algumas crônicas “reais”* [s.d.], constrói uma narrativa em versos baseados no livro *Itabaiana sua história e suas memórias*, de Sabiniano Maia. Escrito na década de 1970, a obra reforça o ideal de uma elite em decadência que fazia parte de seu cotidiano. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba – IHGPB, rememora o passado de uma Itabaiana com argumentos gloriosos de “homens bondosos”, que insistiam em manter-se no poder. Sabiniano Maia interpreta o passado histórico influenciado pelo *lugar social* que estava inserido, as práticas são reproduzidas e se materializam em sua narrativa. A obra é dividida em ciclos, aborda temas do povoamento com reprodução de documentos nos quais teve acesso quando pesquisava nos arquivos paraibanos, sendo complementada com o ciclo memorialístico lembrando um passado/presente em fragmentos de sua memória. Assim como os historiadores clássicos da História da Paraíba, que construíram a noção de *paraibanidade*, retratados nas obras e revistas do IHGPB. Maia apresentou a ideia de uma Itabaiana com abordagens e temas que considerava importante.

¹² Segundo Gervácio Aranha (2005), esses símbolos eram novidades no estrangeiro e utilizados no país como grandes conquistas e sinônimos de progresso e modernidade. O autor chama a atenção para a ideia de vida moderna e progresso a partir dos ritmos de cada localidade, de acordo com o impacto social provocado pela utilização desses sinais na vida das pessoas. Os equipamentos urbanos de uso coletivo trazem impactos profundos na vida social da população, porém, a ideia de vida moderna varia de acordo com a região, pois fica impossível comparar as cidades metropolitanas de Londres, Rio de Janeiro, com João Pessoa ou Itabaiana, no interior da Paraíba, no início do século XX, adaptando-se a realidades distintas de cada lugar. Foi desta forma que as cidades vivenciaram as transformações urbanas ocorridas.

¹³ As ideias de modernidade e desenvolvimento ocorrem conforme as classes sociais se apegam ao desejo de utilizar o luxo e a ostentação de símbolos que representam a mudança tecnológica desencadeadas com a Revolução Industrial. O moderno entendido como algo novo. As grandes cidades provocavam os rompimentos com velhos hábitos e costumes, e Itabaiana não se igualava às grandes metrópoles, devido seus ares interioranos, mas maquiavam a realidade. Os representantes públicos se esforçavam para tornar a cidade civilizada, porém estes sinais eram utilizados por pouquíssimas pessoas, uma vez que a população pobre não tinha acesso a tais elementos modernos. Sobre avanços tecnológicos e modernidade no século XX.

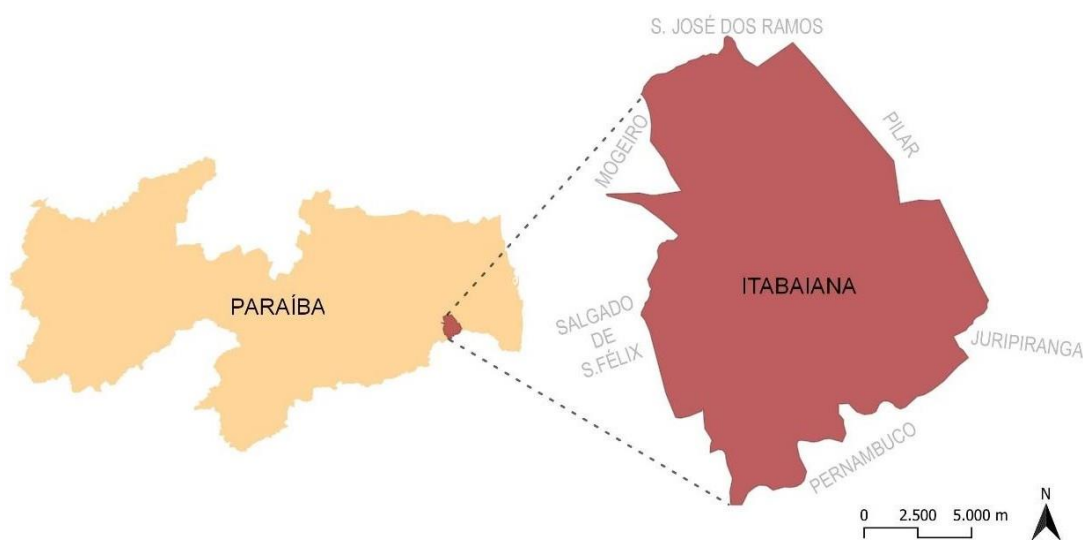
¹⁴ Desembargador Heráclito Cavalcante Carneiro Monteiro, juiz José Rezende de Melo, Prefeito Francisco Resende de Melo, coronel Manoel Pereira Borges, fazendeiro Odilon Maroja, industrial Firmino Rodrigues de

que a cidade crescesse de acordo com seus interesses pessoais e coletivos (MAIA, 2015), (TAVARES, 1909). A dualidade entre desenvolvimento e modernidade em Itabaiana se complementam pelo desejo da utilização de símbolos que se misturam entre o antigo e o novo, renovando os hábitos de pessoas que pudessem usufruir de tais benefícios, “A cidade é um espaço de lutas, desejos e utopias” (MARIANO, 2010, p. 24), enquanto os coronéis e um grupo seleto de pessoas utilizavam os bondes, cinemas, telegrafos, trem etc., ou seja, um moderno excludente, pois grande parcela da população não tinha acesso.

Itabaiana foi emancipada no dia 26 de maio de 1891, na gestão do governador Venâncio Neiva. Localiza-se na região do Agreste Paraibano e fica em uma posição geográfica privilegiada, uma vez que se encontra em uma região de entremeio entre a cidade de Campina Grande, e as capitais dos estados da Paraíba e Pernambuco, onde no início do século XX, era “reputado centro comercial de exportação e importação, mantendo animadas transações comerciais” (TAVARES, 2016, p. 252).

Segundo dados do último censo demográfico, realizado no ano de 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município tem aproximadamente 23.182 habitantes.

Figura 02 – Localização de Itabaiana na Paraíba



Fonte: Rodriguez (2000) mapa adaptado pelo autor, 2022

Souza, e outros homens que fizeram parte da prática do coronelismo durante a República Velha. Esses latifundiários exerciam o poder através de alianças locais-regionais, onde manipulavam as pessoas em trocas de pequenos favores ou ameaças. O coronel possuía uma complexa e extensa rede de ligações fortalecidas no mandonismo x clientelismo, produzindo uma realidade de dominação como sendo naturalmente dada pela riqueza, por trás do discurso estão os elementos de carisma, barganha, parentela para que fortaleçam as reciprocidades de deveres e favores que se interligam no jogo político. No caso de Itabaiana, isso acontecia com os fazendeiros ou “barões do gado” como eram chamados populamente na comunidade local.

O objetivo deste capítulo é abordar o surgimento da cidade e explicar como as feiras transformaram a economia regional e analisar o impacto cultural provocado pela chegada da ferrovia na cidade, fatores transformadores que impulsionaram o comércio relacionado à prostituição.

1.2 “Itabayanna, uma Nova York da Parahyba¹⁵”

Sabia-se até pouco tempo que a cidade de Itabayanna deste estado era muito pitoresca, muito associada, com um princípio de iluminação eléctrica e um começo de abastecimento d’água, enfim, uma localidade amena, de bom clima, com uma população de 3 a 4 mil almas no máximo, os seus edifícios públicos singelos e sem vislumbre de estylo se resumiam num mercado e num conselho municipal e na estação ferroviária e este o maior curral de bois. Da noite para o dia, como nos contos orientais, Itabayanna cresceu, tomando as proporções de uma Nova York, talvez... pelo menos é o que se desprende da comissão que o governo do estado incumbiu, ou vai incumbir, um repórter da “União” e amanuense do Lyceu afim de estudar os edifícios públicos de Itabayanna! (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 11/04/1915, p. 3).

Uma Nova York da Paraíba: foi assim que Itabaiana foi exposta na página do jornal Diário de Pernambuco, abordando o possível progresso de uma pequena cidade do interior paraibano, que, como os contos orientais, cresceu rapidamente. No entanto, observamos que isso não aconteceu da forma como o texto se refere, uma vez que Nova York já era considerada uma das grandes metrópoles. Na Wall Street, concentravam-se os grandes bancos e financeiras do mundo, além de uma produção industrial que desenvolvia a cidade e se tornava uma grande potência econômica através da acumulação de riqueza e exploração extrema da classe trabalhadora.

“Avanços tecnológicos como eletricidade, aço, motores a vapor e o automóvel revolucionaram a produção industrial e o transporte” (Purdy, 2007, p. 177): a cidade crescia e atraía imigrantes que possuíam o sonho de fazer a América. A comparação de Nova York com Itabaiana estava longe de ser parecida. Nesse contexto, acreditamos, a partir da leitura do texto em discussão, que a matéria no jornal tenha sido encomendada pelos chefes locais para atrair visitantes para a cidade bem como passar uma imagem de desenvolvimento para a cidade, trazendo símbolos tecnológicos para fazer parte do cotidiano de uma pequena parte da população. A Itabaiana do início do século XX mantinha aspectos de cidade que aos poucos se

¹⁵ Matéria do jornal Diário de Pernambuco na seção do correspondente especial para a seção o Diário na Parahyba, abordou as mudanças e transformações da até então “Itabayanna” no ano de 1915, possivelmente uma manchete encomendada para desenvolver e atrair visitantes para a cidade. Nesse período, governava a cidade o Coronel Manoel Pereira Borges em seu 1º mandato (1909-1915).

modernizara a passos lentíssimos em comparação com Nova York. Aprofundaremos essa discussão mais adiante, quando estivermos observando os impactos trazidos pelo trem na cidade.

No entanto, essas transformações não ocorreram da noite para o dia. Faz-se necessário contextualizarmos o período e compreendermos que o surgimento da cidade remonta à Paraíba colonial.

Na época da invasão portuguesa no Brasil, em 1500, a região que compreende atualmente a cidade de Itabaiana pertencia à Vila do Pilar. Nesse território, habitavam indígenas da nação Tupi, que, posteriormente, foram catequizados pelos missionários jesuítas. De acordo com Maia (2015), com a expulsão dos holandeses da capitania paraibana, os primeiros sesmeiros que vieram fixar moradias foram Francisco Camelo Valcasser e Francisco do Rego Barros por volta do ano de 1665.

Atraídos pela fertilidade das terras propícias para a criação de gado, as ordens religiosas possuíam fazendas de gado na região que hoje pertence a Itabaiana. Irineu Pinto (1977) descreve que, depois da expulsão dos jesuítas do território paraibano, eles foram presos, enviados a Recife e tiveram seus bens sequestrados em 1760. Além de perderem as várias fazendas distribuídas pelo Estado. “As fazendas de gado denominadas Cachoeira, Boqueirão, Dois Riachos, Remanso Grande e Puá em Itabaiana”. (PINTO, 1977, p. 158; MACHADO, 1912, p. 480). Com o passar do tempo, ocorreram os desmembramentos dessas fazendas e surgiram núcleos de povoamento, onde desenvolveram as cidades.

As ordens jesuíticas já foram bastante estudadas na historiografia brasileira, mas, de cunho arqueológico na Paraíba, temos como referência apenas a pesquisa de Juvandi de Santos (2015), que fez um mapeamento das fazendas de gado administradas pelos religiosos no estado. O estudo apresenta dez fazendas, das quais cinco estavam em território itabaianense e concluiu que a finalidade dessas fazendas era abastecer o Colégio jesuítico na cidade da Parahyba e a comercialização do gado nas feiras de Itabaiana e estado pernambucano. Essas fazendas eram pequenos núcleos de povoadamentos autônomos¹⁶, as suas origens são anteriores ao ano de 1757 chegando a ser extintas em 1759, com a expulsão dos jesuítas pela regulamentação das leis do Diretório Pombalino. Além dos jesuítas, a Ordem dos Beneditinos possuía fazendas de gado na região. Francisco Camelo Valcasser doou parte de suas terras aos monges (MAIA, 2015).

¹⁶ As Fazendas Cachoeira e Remanso eram localizadas em terras que hoje pertencem ao município de Itabaiana; As Fazendas Dois Riachos e Puá eram localizadas onde atualmente está a cidade de Salgado de São Félix; Fazenda Boqueirão era pertencente ao município de Gurinhém. Juvandi Santos (2015), na pesquisa, não conseguiu determinar os locais de algumas fazendas utilizando como marco referencial a igreja católica.

Segundo os documentos analisados por Tavares (1909), Itabaiana surgiu de uma fazenda de gado. No dia 18 de novembro de 1757, a coroa portuguesa concedeu a sesmaria a Josefa Coelho e seu genro João Fernandes Lisboa, inclusive, tornando-se proprietários de dois sítios de criar gado, o qual recebeu a denominação de Itabayanna.

De acordo com Maia (2015, p. 46), “Não podemos descobrir se Josefa Coelho foi a primeira fazendeira, ou se já adquirira o sítio de outrem”, mas, neste ano, ela e seu genro requereram a dita sesmaria. Anos depois, a fazenda serviria de apoio para viajantes descansarem embaixo das árvores, pernoitavam e, ao amanhecer, o dia seguiam viagem para as capitânicas da Paraíba, Pernambuco e sertões.

De acordo com João de Lyra Tavares (1910) e Coriolano de Medeiros (2016), comprovamos que a região das terras de Itabaiana eram propícias para criação de animais, motivos pelos quais, durante o século XVIII, vários moradores solicitaram sesmarias à coroa portuguesa para fixarem moradias e instalarem suas fazendas, isso porque o clima, a fertilidade do solo e o espaço eram boas para criação do gado. De acordo com as datas das sesmarias concedidas, no final do Século XVIII, Itabaiana se formava como um pequeno núcleo aglomerado de várias fazendas distantes léguas uma das outras. Possivelmente, o desenvolvimento do povoamento ocorreu entre os anos de 1780 e 1800.

Devido à sua localização central, aos poucos, os sesmeiros e outros fazendeiros vinham para o povoado de Itabaiana realizar transações comerciais. Outro fator que favoreceu a sua economia foi estar entre a rota das estradas e boiadas dos sertões nordestinos. Desenvolvendo um intenso comércio com a feira de gado, “o bovino ahi comprado vae abastecer os mercados da Parahyba, Victoria- Bahia e principalmente Recife” (Almanak da Paraíba, 1899, p. 246). A relação do gado, a cidade e a prostituição será abordado em tópico a posteriori.

Em conferência realizada no dia 24 de maio de 1911 na cidade de Itabaiana, na comemoração pela passagem do aniversário da Batalha do Riacho das Pedras¹⁷, Caneiro Monteiro (1911) afirmou que passou horas pesquisando sobre as origens da cidade, e “Soube apenas que na quinta década do século XVIII Itabaiana era um sítio de propriedade particular. Cinquenta anos depois em 1805 no lugar desse sítio havia uma povoação” (MONTEIRO, 1911, p. 44). Contudo, não podemos afirmar a data precisa de sua fundação, apenas que o povoamento já estava formado.

O governador Luis da Motta Feo, em 1804, quando assumiu o comando da Capitania da Parahyba, decidiu percorrer o território com o objetivo de conhecer e saber os problemas que a

¹⁷ Conflito sangrento entre legalistas e revoltosos ocorrido em solo itabaianense na Confederação do Equador em 1824.

capitania passava. Assim sendo, fez duas viagens a cavalo e, através de um relatório escrito a punho, descreveu minuciosamente a situação da capital, vilas e povoações existentes; passando por Itabaiana, ele expôs:

[...] tinha bastante gente e pareceu-nos o mais agradável sítio, e na realidade é de todos quantos paramos nesta viagem. Está situada à margem do rio Paraíba, que neste lugar se faz agradável e muito frequentado, de passageiros de todos os sertãos e porveito [sic] o melhor *comércio do sertão* e é o lugar mais próprio para uma feira de *gados*. Tem a povoação 130 casas e uma boa igreja mais bem edificada (ROCHA in FEO, 2007, p. 107, grifo no original).

O povoado, mesmo sendo pequeno, já tinha um número considerável de pessoas, uma vez que chamou a atenção do governador da capitania para estabelecer o comércio e a feira do gado, a qual, anos depois, tornaria-se uma das maiores do estado. Tomaremos como base o livro de Sabiniano Maia (2015), única obra historiográfica do município e, por isso, de extrema importância para conhecermos aspectos da sociedade em formação. O autor, elitista, prioriza a história dos grandes eventos e personalidades que ele considerava relevantes para a sociedade itabaianense. No entanto, o autor, na parte memorialista, trouxe histórias relacionadas ao seu cotidiano e da cidade. Ressaltamos o valor grandioso do trabalho devido à sua importância para a historiografia paraibana e local, mas devemos fazer as análises críticas a respeito da obra, uma vez que o autor é conservador e segue o modelo da corrente positivista vigente no período em que o livro foi escrito.

No tocante à prostituição no período da Itabaiana Colônia/Império, Maia (2015) trouxe apenas um caso rápido e memorialístico em que se envolveu na Rua do Carretel, e, no tocante à temática na historiografia paraibana, nada encontramos. Diante disso, enfatizamos que a prostituição na Paraíba é explorada pela historiografia e merece ser investigada para entendermos a sexualidade e as relações de homens e mulheres paraibanos, pois não sabemos se houve prostituição nesse período no núcleo de povoamento ou em seu entorno, se, além das fazendas de pouso, teria existido alguma taberna, casa de diversão ou ambiente extremamente masculino, onde os homens pudessem beber ou encontrar mulheres que lhes oferecessem sexo em troca de agrados ou dinheiro.

Não afirmamos, mas também não podemos negar que a prática da prostituição pudesse ter ocorrido em Itabaiana, pois diariamente transitavam pessoas a pé ou em lombos de cavalos, levando enormes boiadas e mercadorias para diversos lugares do país. Consequentemente, em momentos de folga, poderiam ter diversão com mulheres disponíveis mediante algum

pagamento. Ademais, há indícios que a prostituição foi alavancada com as feiras e a vinda da ferrovia como veremos a seguir.

1.3 Vamos à feira: comprar, vender e chamegar!

As feiras são locais onde se desenvolvem espaços de sociabilidades diversas. Quando observamos rapidamente, percebemos a feira apenas como um espaço de compra e venda, mas, além de ser um lugar importante para economia do local, encontram-se lá pessoas que estão nos bastidores, seja montando em pequenas bancas ou desenvolvendo outras atividades importantes. Elas ocorriam, e ainda ocorrem, semanalmente e são bastante significativas para as cidades do Nordeste brasileiro.

De acordo com Sabiniano Maia (2015), até o terceiro quartel do século XX, na cidade de Itabaiana realizavam-se cinco feiras que movimentavam a economia e a cultura local. Cada especificidade desempenhava uma função que se complementava. A seguir, destacaremos a importância de cada uma delas e sua relação com a prostituição e a zona boêmia, na qual acrescentamos “a feira do sexo”, que ocorria concomitantemente com as outras.

1.3.1 A Feira de Gado

O núcleo de povoamento foi derivado das fazendas de gado, que surgiram depois das concessões das sesmarias doadas pela coroa portuguesa. Ao longo dos anos, o núcleo urbano foi estabelecendo relações comerciais “uma das maiores feiras do Estado, principalmente no que diz respeito ao comércio de gado no sertão” (ALMANAK LAEMMERT, 1921, p. 3726). A ela, convergiam criadores e compradores oriundos da Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

A feira de gado de Itabaiana remonta o ano de 1864, tendo sua extinção 100 anos depois, entendendo as relações comerciais e as práticas culturais existentes. Ressaltando o nosso objetivo, este se constitui em investigar como ocorria paralelamente a prostituição e as sociabilidades na zona boêmia, mobilizando fazendeiros, jogadores, trabalhadoras do sexo e donas de pensão, como serão abordados no decorrer deste trabalho.

Mas, voltando às feiras, faz-se necessário entender que elas ocorrem em todas as partes do mundo e que primitivamente suas origens estão ligadas ao desenvolvimento de várias cidades. Seu surgimento está relacionado a atividades comerciais de transição da Idade Média

para Idade Moderna, como argumenta Jacques Le Goff (1992, p. 72): “as feiras são antes de tudo fenômeno urbano. Os atores, os mercadores, são a quintessência da sociedade urbana.”

Nos sertões nordestinos, as feiras de gêneros alimentícios e as de gado foram intensificadas para suprir o problema da escassez de alimentos e, conseqüentemente, para abastecer a população de insumos que faltavam, uma vez que toda mão-de-obra estava condicionada à produção açucareira “[...] cuja exportação deixava grande margem de lucros, e ninguém dava importância aos gêneros alimentares” (PRADO JR., 1990 p.43), enquanto a criação do gado desencadeou a expansão territorial e uma atividade secundária para o consumo. Nesse contexto, segundo Prado Jr (1990, p. 45), “As fazendas de gado se multiplicaram rapidamente, estendendo-se, embora numa ocupação muito rala e cheia de vácuos por grandes áreas”.

A expansão da pecuária e as feiras de gado desenvolveram o comércio em algumas cidades nordestinas, onde a agitação e o burburinho faziam o diferencial nas localidades onde elas funcionavam, uma vez que chegavam fazendeiros de diversas partes do Nordeste para comprar/vender suas boiadas. Segundo Souza,

Diversas cidades nordestinas são conhecidas pelas suas importantes e movimentadas feiras de gado como Quixadá e Baturité no Ceará, Taboiana e Campina Grande na Paraíba, a tradicional Feira de Sant’Ana na Bahia, o maior centro de comércio de gado no Nordeste brasileiro, e inúmeras outras. (SOUZA. 1946, p 110)

A autora refere-se às feiras de gado mais importantes para a economia do Nordeste brasileiro, essas cidades, assim como Itabaiana, na Paraíba, eram bocas de Sertão,¹⁸ possuíam uma posição geográfica privilegiada que faziam ligação entre o sertão e as capitais dos respectivos estados. Em virtude do transporte de gado, ao longo das estradas vicinais, foram se estabelecendo em locais estratégicos, os chamados “pontos de pouso” para as boiadas e os boiadeiros. Esses tropeiros pousavam e dormiam no local e só seguiam viagem ao amanhecer. No entorno desses pousos, foram surgindo as feiras e posteriormente as cidades, uma vez que os pequenos fazendeiros se deslocavam para comercializar, ferrar e selar seus animais (DANTAS, 2008).

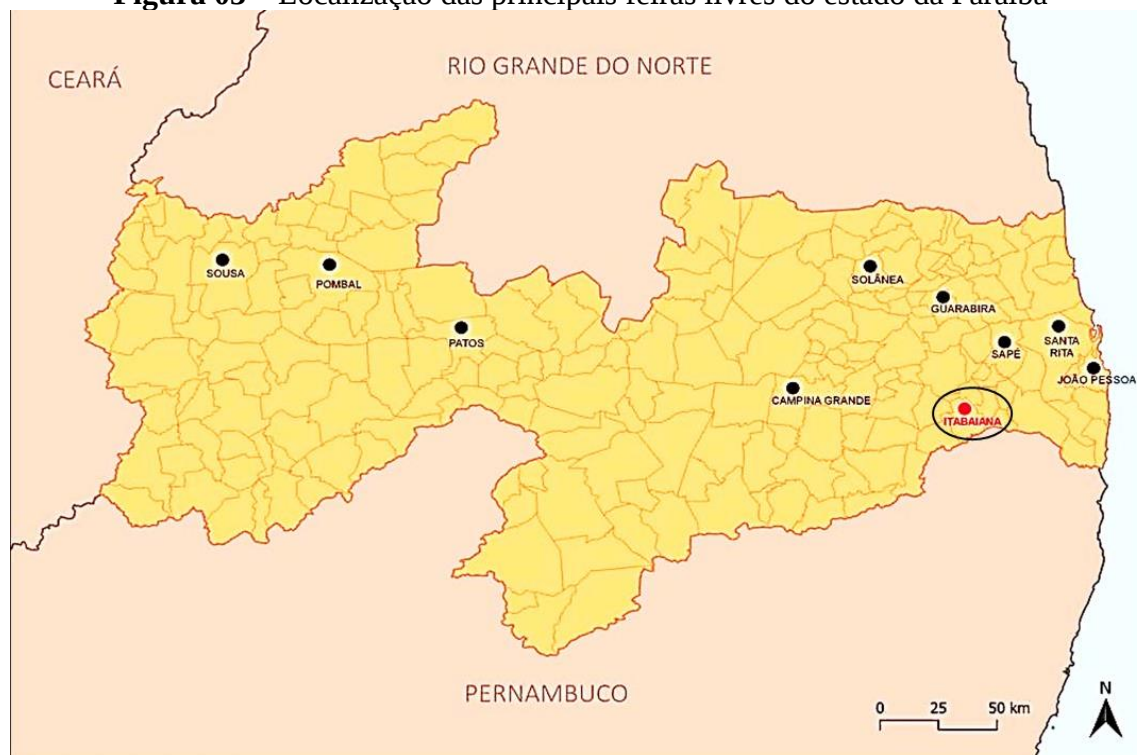
¹⁸ Bocas de Sertão – nomenclaturas para cidades que se encontravam afastada da zona açucareira, litoral, e ficavam numa região de planalto e de ligação de várias cidades do sertão, eram grandes centros econômicos que surgiram da feira de gados ou pousadas dos tropeiros/boiadeiros. A exemplos das cidades de Feira de Santana - Bahia (1876), Caruaru - Pernambuco (1895), Campina Grande - Paraíba (1907) e Montes Claros - Minas Gerais (1926). Essas cidades desenvolveram um próspero comércio, devido a terem se tornado “pontas de trilho”, com a instalação da ferrovia (MAIA, 2017).

Em fins do século XIX, Itabaiana se tornaria um dos maiores polos econômicos da Paraíba, isso porque a feira de gado renderia impostos aos cofres públicos locais e estaduais. Joffily (1892) descreve seu surgimento no Estado e possíveis mudanças de local:

Para gado de açougue só havia um grande centro consumidor, Olinda- Recife, e por isto as três capitanias ao norte, dependentes da de Pernambuco, para ahi o remettião: creando-se depois uma feira especial na villa de Iguarassú na distância de cinco léguas. Mais tarde foi transferida para Goyanna, recuando em seguida para a povoação de Pedras de Fogo nos limites da Parahyba com Pernambuco, onde permaneceu por muitos anos, até que, recuando sempre, foi ter às margens do rio Parahyba, onde é feita actualmente na cidade de Itabayanna, nas terças-feiras de cada semana. Parece, porém, que sua collocação definitiva não será ali ainda: que em um futuro próximo ella terá de ser exclusivamente feita na cidade de Campina-Grande, 15 léguas mais para o centro, onde já há uma outra feira de gado, tão importante ou mais do que a de Itabayanna. (JOFFILY, 1892, p. 144-145).

Maia (2015), baseado em pesquisas documentais, afirma que a primeira feira de gado na Paraíba surgiu em Campina Grande por volta dos anos de 1700 a 1750, e a segunda transferiu-se para a cidade de Areia entre os anos de 1751 a 1800, passando para a cidade de Itabaiana em 1864. Semanalmente, fazendeiros de diversas localidades da Paraíba vinham comercializar seus animais, e, mediante isso, a feira tornava-se o evento mais importante para a economia e estrutura da cidade. O mapa abaixo mostra as principais feiras da Paraíba. Em destaque vermelho, temos a feira de Itabaiana, onde o povoado, em meados do século XIX, foi crescendo e desenvolvendo sua economia respaldada nas feiras.

Figura 03 – Localização das principais feiras livres do estado da Paraíba



Fonte: Rodriguez (2000), mapa adaptado pelo autor.

A feira começava na segunda e terminava na tarde do dia seguinte. O ex- ministro Abelardo Jurema comenta sobre a feira na época que era criança, início do século XX, quando morava em Itabaiana.

Nas feiras de Itabaiana que como dizia Boanerges Cunha; de tão densas e grandes "roncavam". Encontrávamos todos; o dia inteiro de diversão: novidades, quitutes e gente nova. [...]. Seu comércio de gado, a sua agricultura, o seu algodão, a sua indústria de peles, a sua posição como grande entroncamento ferroviário, davam à Itabaiana assim um "fórum" de cidade alegre, próspera e rica. O meu avô, o velho Manoel Joaquim de Araújo vendia na sua loja Casa Pernambucana, numa terça feira, dia da feira, para mais de quinhentos contos de réis, num recorde absoluto sobre todas as outras¹⁹. (A FOLHA, março 2014, p. 2).

Abelardo Jurema relembra o comércio pujante e como a cidade ficava mobilizada em torno das feiras com a circulação das pessoas. O conterrâneo Sabiniano Maia complementa que ficava difícil nomear todos os fazendeiros, senhores de engenho, sitiantes, marchantes que aqui chegavam para a feira. Muitos vinham no lombo do cavalo ou de trem. Isso dependia da distância de sua localidade, fossem da Paraíba (Sapé, Espírito Santo, Pilar, Mogeiro, Ingá,

¹⁹ Trecho do discurso de posse do ex-ministro Aberlado Jurema, quando tornou-se membro da Academia Paraibana de Letras em 14/01/1982. Sua fala rememorou passagens importantes de sua vida, bem como infância em Itabaiana, cidade natal. Partes do discurso foram transcritas para o jornal A Folha, em edição especial alusiva ao centenário de Abelardo Jurema.

Fagundes, Cachoeira de Cebola, Campina Grande, Gurinhém etc.) ou de outros estados. No período que residiu na localidade, entre 1912 e 1929, ele descreve como a feira movimentava a estrutura da cidade.

A cidade inteira se movimentava com a feira de gado. Os hotéis recuperavam os prejuízos da semana. O “Avenida” de D. Sinhá, olhando para a matriz; o dos “Viajantes”, na Rua da República, de Francisco Tavares de Melo; o da “Mariana”, no Alto dos Currais; a pensão “Universal”, na Rua 13 de Maio, de Henrique Ramos; “O Comercial”, na Rua da República, de João Ribeiro Coutinho; e o de D. Chiquinha, a que casou com Martins o espanhol, na rua Mons. Walfrido Leal, e o de D. Joantina, sogra de Jonas Cordeiro, na rua da Estação. Terminada a feira e chegada à noite, os marchantes, os fazendeiros, ou os simples tangerinos tomavam rumos diversos. Havia os que ficavam nos hotéis, fazendo as contas, somando, multiplicando e dividindo para saber se perderam ou ganharam. Outros formavam rodas de cadeiras nas calçadas das famílias que os hospedavam. (MAIA, 2015, p. 153)

Com o relato de Sabiniano Maia, imaginamos como a cidade ficava cheia de pessoas, movimentando a economia local e possibilitando um poderio maior para os coronéis e fazendeiros que faziam acordos baseados em suas necessidades. Contudo, o autor elitista não comentou onde os vaqueiros, sertanejos e comerciantes pobres se alojavam ou misturavam a heterogeneidade com os outros. Em Itabaiana, como não existiam tantos hotéis e eles não dispunham de dinheiro para pagar, alguns desses viajantes se alojavam nas hospedarias e simples ranchos onde podiam armar redes.

O cineasta Vladimir Carvalho, em entrevista para o Jornal Itabaiana Hoje, relembra quando era menino e morava nas proximidades do Triângulo²⁰ onde passavam, na frente de sua casa, vaqueiros e boiadas, para serem comercializados na feira de gado, espetáculo ocorrido na década de 1940 e que lhe marcou profundamente:

Às segundas feiras, era uma coisa tremenda com os bois brabos escapando e atacando os tangerinos/vaqueiros ou se "homisiando". Alguns levavam uma máscara de tão brabos e que lhe davam um aspecto ainda mais terrível. Os vaqueiros os cutucavam com vara de ferrão e era uma tropelada danada de cavalos excitados. (ITABAIANA HOJE, janeiro de 1998, p. 7).

Cenas parecidas foram presenciadas pela entrevistada Ingrácia, que, inclusive, morava no lado oeste da cidade e observava as boiadas vindo de outras localidades:

Passava aquelas boiadas enorme vinha do outro lado do rio, aí subia aqui na barreira e subia pro alto dos currais, quando chegava lá tinha as estacas, tudo bem feita, cabia os bois brabo ali. Vinha os fazendeiros do sertão comprar os bois. Os bois iam no

²⁰ Nova estação ferroviária, construída na década de 1930, possuía o formato de triângulo e a partir dele os trens se dirigiam em posições diferentes para João Pessoa, Campina Grande e Recife.

trem. Eu lembro dessas boiadas, eram muito, ia descendo. Parece que tou vendo aqui! Os cachorros latindo, a gente ficava com medo, fechava as portas, a porta fraca! Eu com medo, e quando era um boi brabo, vinha com três vaqueiro, ele até com máscara, mas os bois tinham hora que matavam aqui porque eles não queriam subir. (INGRÁCIA, entrevista realizada em 12 de maio de 2023.)

Imaginamos o barulho que estes homens faziam quando chegavam em caravanas, vestidos com roupas de couro e adereços que chamavam a atenção da população, assim como juntavam e tangiam as boiadas. Os exemplos citados por Vladmir Carvalho e Ingrácia são relatos que demonstram as dificuldades dos trabalhos dos vaqueiros e a forma que conduzia as boiadas. São memórias de crianças que foram ativadas durante o momento das entrevistas. Os dois reforçaram o medo no qual ficavam quando os bois saíam a soltos e deixavam a população em polvorosa, esperando ser solucionado o problema. Os adultos colocavam as crianças para o interior das casas que ficavam esperando o momento certo de voltar à normalidade.

Com o fim da feira de gado, na década de 1960, a cidade de Itabaiana passa por transformações que foram sentidas no cotidiano das pessoas. Araújo (1989), nesse contexto, acrescenta que “Os currais pouco a pouco iam sumindo. Os paus que os formavam foram apodrecendo e caindo ao solo. Os pobres aproveitavam para alimentarem seus fogões de lenha. Com isso, cresciam os espaços para nossas peladas e outras movimentadas brincadeiras”. (ARAÚJO, 1989, p. 86).

O vazio sentido pelas pessoas não foi apenas o cultural, mas principalmente econômico, pois a prefeitura deixou de arrecadar impostos e os fazendeiros locais de comercializar seus animais. Por isso, anos depois, alguns prefeitos tentaram reativar a feira de gado com objetivo de aquecer a economia da cidade, atraindo vendedores e compradores, como acontecia nos momentos áureos da feira de gado, ficando décadas no esquecimento. Entretanto, no ano de 2019, João Queiroz (Novo)²¹ tomou a iniciativa de reestruturar a feira no povoado de Cariatá,²² convidando um grupo de quatro amigos pecuaristas que aceitaram a empreitada. O propósito era ampliar seus negócios e, consequentemente, ajudar as famílias da localidade, que, através do comércio, desenvolveram práticas e meios de subsistência²³.

Em meio ao burburinho, conversas e negócios, observamos o barulho típico da feira

²¹ Novo, Betinho, Raminho e Joca convidaram outros fazendeiros e, desde junho de 2018, a feira vem crescendo e ganhando destaque a nível regional.

²² Cariatá faz parte da zona rural do município de Itabaiana - PB.

²³ De acordo com a pesquisa de campo realizada no dia 19/06/2022, constatamos que a feira começa às 5h e encerra-se às 9h da manhã. O povo começa a dispersar-se às 12h, quando ocorre o embarque do gado para seus destinos. Participam fazendeiros e compradores de várias regiões do Estado da Paraíba (Campina Grande, João Pessoa, Guarabira, Pilar, Juripiranga, Mogeiro, Salgado de São Felix, São José dos Ramos etc.), Pernambuco (Timbaúba, Aliança, Itambé, Camutanga, Ferreiros etc.) e do Rio Grandedo Norte (Natal).

entre compradores, vendedores e curiosos que se misturam em um intenso frenesi; de forma heterogênea, observamos profissionais do sexo que perambulam pela feira em busca de homens que pagassem pelos serviços sexuais oferecidos por elas.²⁴ Diferente da feira de gado dos anos anteriores, as mulheres não caminhavam pela feira, elas aguardavam o término e a visita dos homens à tardinha às pensões, assunto que exploraremos mais adiante.

1.3.2 A feira de cavalos e de Capim

Não sabemos a data de sua origem, mas, de acordo com os documentos consultados por Maia (2015), acredita-se que poderia ter surgido por volta de 1820-1830. Era realizada à sombra de uma antiga gameleira próxima à igreja Matriz, o que escandalizava as pessoas de “boa família”²⁵ por isso foi transferida para outra gameleira²⁶, em 1904, através de decreto do prefeito Francisco Resende de Melo. De acordo com Monteiro,

Logo que o novo prefeito, Chico Rezende, entrou em posse, a primeira coisa que caiu sob o gume do machado municipal foi uma velha gameleira. Que no meio da rua principal, servia de amparo a uma feira de cavalos. Aquilo, que era um escândalo para a calma da rua, existia há anos e ninguém fazia nada para removê-la. Mas desta vez tinha que ser destruída a gameleira e mudar-se a feira escandalosa. E mudou-se pra debaixo de outra gameleira, para as bandas de Firmino Cotinha. E assim acabaram-se as inconveniências de cavaleiros equipando na rua familiar, jogando pó em todo mundo e pondo em risco de atropelo crianças e transeuntes. (MONTEIRO, 1985, p. 136)

A derrubada da antiga árvore gerou conflitos entre grupos políticos da cidade. Uns não gostaram da ideia de ter a gameleira vindo ao chão, já outros apoiaram porque isso geraria melhoramentos urbanísticos para a cidade, uma vez que o objetivo do prefeito era calçar a rua principal com pedras britadas retiradas do leito do Rio Paraíba.

As famílias que moravam no centro da cidade não gostavam da realização da feira naquele local, possivelmente devido à sujeira que os cavalos deixavam na rua principal. Era

²⁴ Durante a pesquisa de campo realizada no dia 19/06/2022 observamos um “barbaré”- espécie de cabaré mascarado de bar, onde mulheres ofereciam serviços sexuais, profissionais oriundas da cidade de Guarabira e Rio Grande do Norte. Para atrair clientes, elas caminhavam no meio masculino ou ficavam na porta do bar à espera de clientes. Em janeiro de 2023, quando voltamos à feira, percebemos que o barbaré havia fechado.

²⁵ O autor Frederico Mindelo Carneiro Monteiro, filho do Desembargador Heráclito Cavalcanti Carneiro Monteiro, escreveu o livro em 1985 para homenagear seu pai. Heráclito faz parte de famílias consideradas de posses no Estado da Paraíba e Itabaiana, tomava as decisões políticas e econômicas na cidade no início do século XX. O termo boa família refere-se a pessoas de representatividade na sociedade e que detinham posses financeiras na localidade. Segundo Tavares, “O município de Itabayanna deve inestimáveis serviços ao desembargador Heráclito Cavalcante, seu chefe político, desde dezembro de 1904, data em que foram iniciados todos aqueles melhoramentos” (TAVARES, 1909, p. 586).

²⁶ Rua Antônio Ananias, conhecida popularmente por Rua da Gameleira.

necessário retirar a jogatina que ocorria nas vésperas da feira para higienizar o centro da cidade. Esse foi o discurso utilizado pelo prefeito para que ocorresse a mudança da feira. Segundo Maia, quando um comprador ia inspecionar os animais para a compra, “montava no cavalo e “após apertar a cilha, ajustar os estribos, chamava-o às rédeas, partindo rua afora, levantando nuvens de poeira e, as mais das vezes, atropelando algum transeunte incauto” (MAIA, 1985, p. 157).

Quando os cavaleiros saíam em disparadas para testar os cavalos, jogavam rastros de poeira nas pessoas e podiam atropelar crianças e passeantes no meio da rua. O prefeito Francisco Rezende, apoiado pelo Juiz Heráclito Cavalcante, derrubou a gameleira, e a feira foi transferida para um local afastado do centro da cidade, acatando e favorecendo o pedido das “boas famílias” ali residentes.

Francisco Resende de Melo governou a cidade durante os anos de 1904 a 1909. Seu plano urbanista era calçar a rua principal, chamada na época de Rua da Conceição, devido ao fato de estar localizada em frente à igreja Matriz de mesmo nome. Com a derrubada da gameleira, intentava-se retirar a sujeira deixada pelos cavalos no meio da rua, bem como embelezar a cidade. Como houve diversos protestos em relação à derrubada da árvore, o prefeito estabeleceu a festa da árvore no dia 24 de maio de 1905, a qual passou a ocorrer anualmente.

Durante a pesquisa, não encontramos nos arquivos públicos ou privados, nenhum código de postura da cidade de Itabaiana. Capitais como Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis e cidades maiores, a exemplo de Campina Grande, passavam por reformas sanitárias que visavam modernizar e alargar as avenidas centrais. O mesmo observamos em Itabaiana que, mesmo sendo uma pequena cidade no interior da Paraíba, segundo Maia (2015) e Monteiro (1985), foi noticiada em jornais de João Pessoa e Recife no início do século XX, os quais apresentavam alguns melhoramentos urbanísticos nas ruas.

As reformas urbanas ocorridas nesses grandes centros urbanos visavam ao alargamento das avenidas, tendo como consequência as derrubadas de antigos sobrados e igrejas, com a finalidade de higienizar o centro. Famílias foram retiradas de suas casas e foram morar nos subúrbios em áreas sem saneamento básico, salubridade e precárias condições de sobrevivência. A organização espacial e social, segundo os higienistas, tinha a intenção de deixar a estética das cidades mais agradável, bem como impedir a proliferação de epidemias, além de superar o aspecto colonial que elas possuíam. A nova ordem burguesa necessitava interferir e disciplinar o espaço urbano para torná-lo moderno.

Diante de narrativas produzidas por engenheiros, políticos, empreiteiros e médicos sanitários, por estarem em posições de destaque, impuseram-se discursos que expulsaram pobres e prostitutas dos seus antigos ambientes, produzindo espaços de desigualdades sociais.

É importante ressaltar, todavia, que, em Itabaiana, a reforma urbana implantada foi feita apenas para melhorar a estética urbana da cidade, não tendo relação com a prostituição, pois a zona boêmia localizava-se, nesse período, em uma área à margem do centro da cidade e teria seu apogeu possivelmente nas décadas de 1940/1950.

Ainda nesse contexto, é relevante citar que a cidade de Itabaiana passou por duas reformas urbanas: a primeira, na gestão do prefeito Francisco Rezende, na primeira década do século XX, e a segunda, em meados do século, dentro do recorte temporal analisado, ocorreu na gestão do prefeito Luiz Paulino da Silva 1951-1955, que fez uma série de mudanças urbanísticas na cidade, tais como a abertura da Avenida, ligando a Praça Marechal Deodoro ao Cemitério Público, o alargamento da Avenida principal, arborização de praças e jardins, construção de um novo cemitério, pontes e calçamento de ruas. No tocante à zona boêmia, foi construído o calçamento da Rua 13 de Maio, a ponte do Riacho do Carretel e galerias para escoamento das águas das chuvas. Estes motivos geraram desconforto dos opositores políticos do prefeito na Câmara Municipal de Itabaiana, que pediram seu impeachment²⁷, alegando que, para construir o novo calçamento, o governante municipal teve de derrubar as árvores espalhadas no centro da rua, plantadas na gestão do prefeito Rezende, além de outros assuntos que o colocariam, na visão dos vereadores opositores, em uma posição de cometimento de crime de responsabilidade fiscal.

Sobre a querela da derrubada das árvores na reforma urbanística, o jornal Diário de Pernambuco, na seção “crônicas do interior”²⁸, trouxe, em suas páginas, reclamações de opositores políticos que divulgavam seu ponto de vista sobre o que estava ocorrendo na cidade. Posteriormente, o prefeito Luiz Paulino convidou os editores do jornal para apurar os fatos. Veio, após o convite, o jornalista Samuel Soares, que caminhou pela cidade, inspecionou o que estava acontecendo e fez propagandas sobre os melhoramentos urbanos ocorridos.

Após este importante parêntese, voltemos a discutir a feira de cavalos, nas quais eram comercializados burros, jumentos e éguas. Os animais eram avaliados segundo suas

²⁷ Sobre a tentativa de Impeachment sofrido pelo prefeito, o livro de propagação de sua gestão informa que ele foi inocentado sobre o que estavam lhe acusando. Analisando o livro de Atas da Câmara Municipal de Itabaiana datadas do ano de 1954, encontramos os motivos e relações partidárias dos vereadores envolvidos na questão. Para maiores informações, consultar o livro de Atas nº 4, quinta e oitava seções do segundo semestre, realizadas no prédio da Câmara Municipal de Itabaiana, datadas de 19 de setembro e 25 de outubro de 1955. Na primeira ata, o prefeito Luiz Paulino foi acusado de crime de responsabilidade fiscal e por isso precisava ser afastado imediatamente de suas funções. Cinco vereadores aprovaram a favor e formaram uma comissão para apurar as irregularidades ocorridas. Na outra seção, os vereadores da comissão de julgamento, depois de verificar os documentos enviados pelo prefeito, apuraram as contas e comprovaram que não existiu o referido crime, mas, pedem que o edil esclareça alguns pontos específicos em pauta.

²⁸ Sobre as denúncias, ver as edições dos dias 14 de março, 1 de julho, 5 de agosto, 27 de agosto e 25 de setembro de 1953 do Jornal Diário de Pernambuco, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira do Arquivo Nacional.

habilidades, raça, pelagem, cor, altura, dentadura e outras qualidades. Assim como a feira de gado, esta era importante para a economia da cidade, sendo notificados, inclusive, também os roubos acontecidos no evento, que ganhavam destaque exagerado nos jornais da época. Dizia-se que “os ladrões com todo cinismo e confiança tiram um cavalo que está amarrado, por exemplo, no lado sul e vão negociá-lo no lado norte”. (MAIA, 2015, p. 157). O próprio autor afirma que a notícia é tendenciosa, e, possivelmente, envolve questões políticas de adversários, mas afirma que não se deve negar a grandiosidade da feira.

A feira de cavalos era realizada no mesmo dia que a de gado. Desse modo, era comum que as pessoas se movimentassem e visitassem ambas. A feira era realizada na Rua da Gameleira até meados dos anos 1960. Quando a cidade cresceu urbanisticamente, e com o fim da feira de gado, ela foi afastada para uma área periférica, em frente ao cemitério da cidade. Segundo a pesquisa de campo realizada por Pazera Jr. (2003), em meados dos anos de 1990, a feira de cavalos estava extinta na cidade, uma vez que as pessoas utilizavam transportes urbanos para se locomover e transportar mercadorias.

No tocante à feira do capim, de acordo com Sabiniano Maia (2015), não podemos detectar a data inicial dessa feira. Acredita-se que foi no final do século XIX, em consequência do crescimento da cidade e da população, pois, não possuindo água encanada nas residências, as pessoas necessitavam dos burros com barris para transportar água para as casas, e o capim servia de alimento para esses animais. No final do dia, quando os aguadeiros terminavam o trabalho, dirigiam-se para a feira de capim, à margem direita do Rio Paraíba, e compravam capins verdes, palha de milho, olhos e bagaço de cana, para alimentar os animais durante a noite e o dia seguinte.

De acordo com Pazera Jr. (2003), a feira de capim chegou ao fim por falta de utilidade nos anos de 1980. Dois fatores foram determinantes para sua extinção: o primeiro, foi devido ao aumento dos transportes automotivos para trazer mercadorias e pessoas para a feira livre, o que, conseqüentemente, fez com que viagem se tornasse mais rápida e as pessoas não necessitassem de animais para fazer o trajeto. O segundo fator foi o crescimento do abastecimento d'água na cidade, visto que as pessoas não precisaram mais dos aguadeiros e, em períodos de seca, utilizavam caminhões pipas para transportar água e armazenar nos depósitos e cisternas, motivos pelos quais os muares e equinos tornaram-se cada vez escassos e a feira de capim desnecessária.

1.3.3 Feira do Bacurau

A feira do bacurau passou a existir com a construção do antigo mercado público no dia 29 de março de 1890, a qual era realizada nos fundos do mercado e próximo à linha férrea. Acontecia nas noites de segunda-feira e, para muitos vendedores e clientes, “era uma verdadeira festa”, visto que era ponto de encontro dos boiadeiros que ali faziam suas refeições, bebiam e, durante a noite, divertiam-se nas pensões da zona boêmia. Segundo Pazera Jr,

[...] o funcionamento da Feira inicia-se nas vésperas da feira, ao entardecer da segunda feira. Começa então a “feira do bacurau”, vendendo de tudo, novo ou usado. Com o lucro obtido, era tradicional alguns homens irem à noite para o meretrício na Rua do Carretel. Esta feira ainda se mantinha com todo vigor nos anos oitenta... (PAZERA JR, 2003, p, 73).

Palhano (2012), através de suas memórias, complementa que também havia a feira de bicicleta:

Assim era como se denominava o nome dessa feira que acontecia sempre às segundas feiras à noite. Não só bicicleta, lá se trocava os mais diversos utensílios. Era uma verdadeira feira de troca/troca. De objetos usados tinha de tudo: relógio, bicicleta, rádio, radiola, fogão, relógio de algibeira, gravador de fita, disco de vinil, fita cassete para gravador, cartucheira, revólver, carteira para dinheiro, anel e cordão de ouro; garrafa de pitú, caranguejo e cana de cabeça; espingarda 12; carro de mão, carro cocão. Eu não sei não...! Mas eu acho que naquela feira só não se trocava menino. (PALHANO, 2012, p. 123).

A feira do bacurau era um local apropriado para comercializar, trocar objetos, conversar e reencontrar amigos. Era uma região extremamente rica, onde aconteciam manifestações folclóricas e populares como pastoril, bonecos de babau, rodas de viola, cantorias etc. Os fazendeiros e visitantes, que estavam na feira de gado e cavalo durante o dia, juntavam-se aos sitiantes, vendedores, estudantes e curiosos em busca de diversão.

A feira acontecia no finalzinho da Rua Floriano Peixoto, em torno da linha férrea. Lá, os homens poderiam ser abordados por mulheres que buscavam clientes para realização de programa e levá-los para as casas de recurso da Rua da Manichula. Geralmente eram mulheres mais humildes, que não encontraram espaços nas pensões da Rua do Carretel. Nessas pensões, segundo os entrevistados envolvidos na pesquisa, as prostitutas eram consideradas melhores e ficavam confinadas à espera dos clientes. A zona boêmia se transformava com o vai e vem das pessoas. Existia o sentimento de liberdade para os homens, e empreendimento para as mulheres que comercializavam seus corpos.

Durante o início do século XXI, a feira do bacurau²⁹ reinventou-se. Para muitas pessoas, ficou conhecida como feira de troca-troca e/ou feira de bicicletas. É um encontro semanal, permeado pela diversidade, espontaneidade, imprevisibilidade, pluralidade e heterogeneidade de atividades masculinas que, nostalgicamente, continua vivendo em um universo de masculinidades e sociabilidades tradicionais, culturais e sociais que foram impostos aos homens durante a história, imprimido na maneira de falar, agir e comportar-se. Espera-se, nesse contexto, que os homens sejam destemidos, viris e másculos. Nos espaços das feiras – de gado, cavalo, capim e bacurau – eles demonstravam suas “práticas” perante os “pares”.

A maioria dos homens cresceu escutando que deveria ser másculo e que necessitava ir ao cabaré para não desvirginar moças de família. Devido às pressões incessantes em mostrar-se “machos”, frequentavam a feira do bacurau e consequentemente as pensões da zona boêmia, aprendendo na prática as heteronormatividades.

É importante observar, sob essa conjuntura, que, no universo masculino das feiras e pensões, existiam códigos de conduta que os homens aprendiam cotidianamente nos processos de socialização que levavam a práticas, sejam sexuais, alcoólicas, violências físicas e/ou atos que reforçavam a identidade masculina. A partir deste aprendizado, as *representações* eram enquadradas como desejáveis, e as relações tornavam-se significativas sobre as participações dos homens em seu “*ethos*”. Nesse caso, os homens mais velhos “experientes” davam apoio moral aos jovens em suas primeiras experiências e assim a tradição cultural era mantida.

1.3.4 Feira livre ou de gêneros

A feira não é apenas um lugar de compra e venda, mas um lugar de sociabilidades no âmbito econômico, político, social e cultural. É nas relações de poder que ela se estabelece, favorecendo a receita econômica do município com as taxas de impostos, e transformando-se em meios de sobrevivência para aquelas pessoas que não possuem empregos formais e através do comércio viabiliza insumos de mercadorias para a população. (PAZERA JR. 2003).

Podemos nos referir à feira como um “lugar de poder”, que é estabelecido com a relação vendedor/cliente, e, nessa relação, alguns frequentadores acabam desenvolvendo vínculos de amizade, que reinventam os espaços e apropriam-se dos sentidos e dos lugares estruturados.

²⁹ Em pesquisa de campo realizada no espaço da feira, no dia 27 de junho de 2022, atestamos que ela ainda ocorre semanalmente nas noites de segunda-feira. Sua duração é bem rápida, já não existem tantos frequentadores, barracas de comidas e a zona boêmia, como antigamente. Começa às 18h e termina por volta das 19h30.

A feira livre de Itabaiana tornou-se uma das mais importantes fontes de renda do município e Estado (TAVARES, 1909, p. 582 e ALMANAK LAEMMERT, 1921, p. 3726). Sua origem, segundo Sabiniano Maia (2015), remonta ao ano de 1830, quando o comércio acompanhou o desenvolvimento da cidade. Ela era o eixo polarizador das atividades econômicas do povoado. No ano de 1890, os comerciantes e vendedores locais se reuniram e decidiram construir um mercado público para se proteger do sol, da chuva e melhorar as condições estruturais e sanitárias para os clientes (MAIA, 2015).

Era no mercado público que se realizavam as transações comerciais, de gêneros em geral e alimentícias. Edna Paiva (2001), no capítulo “Catástrofes”, em livro memorialístico, relata o incêndio que marcou gerações. “[...] o incêndio no mercado em 1967 deixou em pânico toda a cidade com os prejuízos materiais dos que ali tinham seus pontos comerciais e a tristeza da morte de Jurandir Trajano [...]” (PAIVA, 2001, p. 45). Segundo o entrevistado Brão (2022), foi uma noite agonizante. Nessa época, não existia corpo de bombeiros, então as pessoas se juntaram e foram retirar água com baldes do leito do rio, segundo o entrevistado, “Em vão, porque em questão de minutos o fogo consumiu tudo”.

Foi na gestão do prefeito Josué Dias de Oliveira (1969-1973) que o velho mercado com mais de oitenta anos foi demolido, e construído um espaçoso, amplo, moderno e funcional para época. Este empório³⁰ é dividido em três grandes blocos: no primeiro, são vendidas carnes frescas, salgadas e peixes; no segundo e terceiro, vendem-se cereais; milho, feijões e farinha.

Retomando a historicidade e importância da feira, José Lins do Rego, um dos mais importantes escritores modernistas brasileiros, expressou sua admiração na obra *Doidinho*. Em algumas passagens do livro, rememora a cidade de Itabaiana nos tempos em que era criança e estudava como aluno interno do Instituto Nossa Senhora do Carmo, do Professor Maciel:

Pela primeira vez estava vendo a cidade, a Rua do Comercio cheia de gente na feira, o jardinzinho da praça da estação e o hotel que ficava junto do Mercado. Era uma coisa grandiosa a feira de Itabaiana. Nunca vira tanto povo junto, num rebuliço de festa, nessa confusão, nesse bate-boca dos que vendem e trocam. Havia de tudo: o lado do queijo, da carne-de-sol, do açúcar bruto, do açúcar purgado, do feijão, ruas inteiras de gêneros, gente falando alto, cheiro de bacalhau, de peixe em salmoura, de frutas passadas. (REGO, 1992, p. 19).

José Lins do Rego escreveu *Doidinho* em 1933, quando estava com 32 anos. Na obra ficcional, narra histórias do menino Carlinhos, mesclando suas experiências de criança quando morava na cidade de Itabaiana nos idos de 1910. A memória escrita nas páginas literárias do

³⁰ Em pesquisa de campo realizado no dia 05 de julho de 2022, deparamo-nos com um espaço velho, em alguns trechos em ruínas, escuro e sujo, precisando de uma reforma para deixá-lo mais inclusivo e funcional, visto que, na passagem de um bloco para outro, existem degraus que dificultam a acessibilidade de deficientes e cadeirantes.

livro seria uma evocação constituída de elementos representativos do passado. Porém, imaginamos como foram as primeiras experiências para um menino que vivia no engenho. Era um mundo totalmente diferente do qual conhecia e a cidade abria-se diante de seus olhos como algo grandioso que precisava ser explorado.

Assim como José Lins do Rego, a fama grandiosa da feira de gado/gêneros perpetuava no imaginário de algumas pessoas do período. Era o sonho de Nevinha Rica visitar a feira de Itabaiana. Ela morava com seu pai na cidade de Guarabira e semanalmente ele vinha para vender macaxeira na feira de gêneros. Nas palavras de Brandão,

Ela disse que ficou tão encantada, tão maravilhada que aquilo ficou na cabeça dela. Ela disse que não conseguia fazer os serviços, não dormia, só pensava na feira e vim pá feira de Itabaiana, e aí ela disse que pouco tempo depois não aguentou, ela abandonou a casa e veio se embora morar e se prostituir em Itabaiana (BRANDÃO, entrevista realizada em 05 de maio de 2023).

As informações relatadas sobre Nevinha Rica foram transmitidas por meio de entrevista a Brandão (2023) anos antes de sua morte. No relato, percebemos que seu desejo não era apenas conhecer a feira de Itabaiana, e por inúmeras vezes pedia ao pai que a trouxesse, algo que demorou muito, mas que conseguiu depois de várias insistências. Diante disso, questionamos: qual o verdadeiro motivo que o pai de Nevinha demorou para trazê-la à feira? Acreditamos que, possivelmente, como ele chegava à tardinha e frequentava a feira do bacurau, não gostaria que sua filha observasse o que acontecia na zona boêmia, uma vez que ele, assim como os outros vendedores frequentavam à noite as pensões da região.

Quando veio pela primeira vez à feira de Itabaiana, Nevinha Rica ficou extasiada com o mundo novo de possibilidades que estava à sua frente. Observava não apenas a feira, mas o comércio lucrativo da comercialização dos corpos que existia na zona boêmia. Movida por desejos de liberdade ou crescimento econômico, Nevinha, não aguentando as opressões que estava submetida, fugiu de casa e veio se prostituir na pensão de Moça-Homem (assunto que iremos aprofundar nos próximos capítulos). Mas, por enquanto, voltamos a entender a dinâmica da feira e os detalhes que a seduziram.

Roberto Palhano nos dá detalhes sobre como os bancos de feira eram montados na avenida central, para esperar a chegada dos feirantes e clientes:

Logo na segunda feira pela manhã os cabeceiros... Cabeceiro em Itabaiana era a denominação que se dava aos homens fortes que levavam bancos de feira na cabeça, como verdadeiros estivadores da feira. O serviço começava pela manhã com os cabeceiros indo até os esconderijos para retirar bancos de feira e dispô-los na rua central da cidade. Esse trabalho começava pela manhã, seguia pela tarde e desembocava na noite. Durante a segunda feira centenas de bancos são dispostos na

avenida principal da cidade, os quais vão desaparecendo nas ruas transversais até enxergamos em cada rua um final irresoluto da feira. (PALHANO, 2012, p. 120-123).

A cena acima refere-se aos anos de 1970, duas ou três décadas depois da primeira vez que Nevinha Rica veio à feira de Itabaiana. No entanto, de acordo com os relatos dos entrevistados, a dinâmica praticamente era igual, exceto pela feira de gado, que não existia, mas o fluxo de pessoas continuava praticamente o mesmo, pois vinham, nos trens ou outros meios de transportes, jogadores para os cassinos, prostitutas para as pensões e boêmios para divertir como achassem melhor.

Os feirantes vinham em transportes chamados pau de arara, onde misturavam-se no meio das mercadorias que seriam comercializadas nos espaços disponibilizados para eles na feira. Nos dias de feira, a cidade concentrava muita gente, uma vez que recebiam feirantes, fregueses, carregadores de mercadorias, carapuceiros³¹ e prostitutas que vinham trabalhar nas pensões. As feiras de gado, bacurau e gênero ficavam próximas à zona boêmia. Os frequentadores, ao ultrapassar a linha férrea, deparavam-se com as pensões da zona boêmia, onde existia paralelamente a “feira do sexo”³².

A feira livre terminava na tarde da terça-feira, dia em que as pensões da Ruas do Carretel e da Manichula eram mais frequentadas e as prostitutas ganhavam dinheiro com os programas extras. Assim, como muitos homens iam para fazer negócios na feira, de acordo com Valdemir (2022), também “chegavam vagões de trens lotado de puta”. Elas não andavam na feira. As prostitutas da Rua da Manichula ficavam nas proximidades, abordando os clientes para levá-los para as casas de recursos, enquanto as da Rua do Carretel esperavam-nos dentro das pensões.

O fluxo de clientes e prostitutas só diminuía no fim da tarde da terça-feira, momento em que frequentadores e mulheres voltavam para as cidades de origem. Nos outros dias da semana, as casas de recurso praticamente ficavam sem funcionalidade e as casas de pensões voltavam à normalidade com as mulheres que nelas moravam. Abordaremos as distinções entre casas de recurso e pensão no segundo capítulo.

Contudo, as feiras de Itabaiana, junto com a ferrovia, certamente influenciaram o comportamento e cotidiano das pessoas, contribuindo grandiosamente para evolução da história e economia local. Concomitante a isso, ocorria a “feira do sexo”, as quais geravam lucros para os donos de cassinos, pensões e bares que existiam na zona boêmia. Tal prática introduziu novos

³¹ Homens que trabalhavam carregando mercadorias dentro de um balaio e seguiam os clientes quando eles compravam seus produtos.

³² Denominamos de “feira do sexo”, o comércio existente nas pensões e bares da zona boêmia, onde homens aproveitavam o aluguel dos corpos das prostitutas como se fossem mercadorias. Em torno dessa feira, eram realizados a venda de bebidas, comidas, apostas e jogos num ambiente onde a permissividade masculina existia.

costumes e mecanismos de sociabilidades apropriadas com as especificidades exigidas por cada ambiente.

1.4 E lá vem o trem... “lotado de puta”

O transporte no Brasil, até meados do século XIX, era extremamente precário. O deslocamento das pessoas e das mercadorias acontecia no lombo de animais. Existiam poucas estradas vicinais, caminhos carroçáveis e algumas veredas. Para os políticos e coronéis, era necessário mudar esse cenário, inclusive, a implantação da linha férrea no país aconteceu devido às demandas da comercialização cafeeira no Sudeste e a açucareira no Nordeste, para escoamento mais rápido desses produtos para os portos, que ainda configuravam-se como o meio de transporte mais seguro e viável para a época.

Os ingleses investiram dinheiro e incentivaram o governo imperial a fazer adesão à malha ferroviária no país. A capital brasileira – Rio de Janeiro – foi a primeira Província em 1854 a ter a concessão e construir a ferrovia; Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, ganhou a ordem para conectar a cidade de Frago do Porto ao Porto de Mauá.

Na Paraíba, a situação das estradas e rodagens ainda era mais precária que o restante do país (MELO, 2019, p. 65). Os caminhos existentes remontavam ao período colonial e dificultavam o escoamento do açúcar para os portos das capitais paraibana e pernambucana. A ferrovia chegaria à Paraíba em 1880, quando os investidores da The Conde D’Eu Railway Compay (CDEu) deram o pontapé inicial e começaram a colocar os trilhos em algumas cidades. Segundo Melo,

A linha da CDEu, junto com o ramal, se distribuía por 14 estações, sendo a central/terminal na capital (no mesmo lugar em que, hoje, está a estação reconstruída), mas, posteriormente, Cabedelo passou a ser a última, a do porto. As demais estações eram Santa Rita, Reis, Espírito Santo, Entroncamento, Cobé, Sapé, Araçá, Pau-ferro, Mulungu, Cachoeira, Independência, Oitizeiro (ramal) e Pilar (ramal). (MELO, 2019, p. 140).

Após o trabalho de montagem dos trilhos em 1881, “a Companhia já experimentava o primeiro trem na linha” (MELO, 2019, p. 129). A malha ferroviária seguia da capital ao interior de forma estratégica: a linha inicial bifurcava em direção a dois caminhos. O primeiro ramal dirigia-se a Pilar (1883), acrescido de seu prolongamento à Itabaiana (1901); e o segundo, em direção a Mulungu e Independência (1884), ampliado para Alagoa Grande (1901). ³³Com isso

³³ Sobre as principais obras historiográficas relacionadas a implantação da ferrovia paraibana pela CDEu, ver:

objetivava-se abrir corredores comerciais entre as duas zonas econômicas da Paraíba: a açucareira, em decadência, e a algodoeira, em ascensão (ARANHA, 1991).

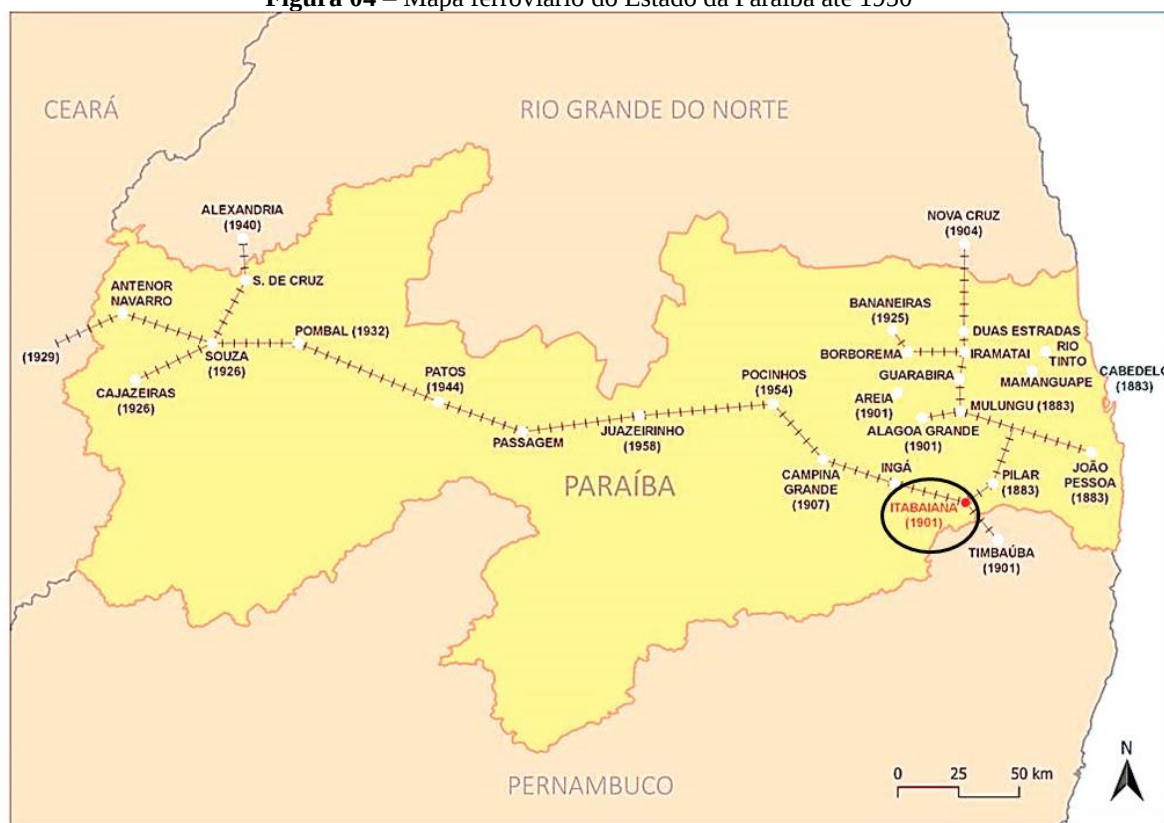
Tal medida solucionava a questão dos transportes e favorecia as elites paraibanas, que iriam escoar os produtos para a capital do Estado, encurtando os trajetos e gerando mais lucros. Pouco tempo depois, perceberam que deveriam diminuir as distâncias entre as duas capitais nordestinas, Parahyba (atual João Pessoa) e a pernambucana, considerada o maior entreposto comercial do Nordeste.

A viagem entre as capitais tinha duração média de três dias, “no primeiro, de trem da Paraíba (Capital) ao Pilar, no segundo, a cavalo, do Pilar a Timbaúba, passando por Itabaiana, no terceiro, retomando o trem em Timbaúba para chegar à tarde em Recife” (MAIA, 2015, p.160). Na volta, era realizado o trajeto inverso e, com isso, além do cansaço físico, perdia-se muito tempo e dinheiro nas transações comerciais. Por outro lado, a ligação ferroviária entre as capitais solucionaria todos esses problemas.

No entanto, isso só ocorreria em 1888, com os arrendamentos dos trens da CDEu pela companhia de trens pela Great Western of Brazil Railway (GWBR). A malha ferroviária da companhia Conde D’Eu só chegavam até a cidade de Pilar, e a GWBR ramal Recife/Limoeiro até a cidade limítrofe de Timbaúba. Deste modo, a GWBR decidiu estender os trilhos ao território paraibano, conectando-se a Itabaiana em janeiro de 1901 e, seis meses depois, em Pilar. Assim sendo, o trajeto entre as duas capitais se concretizava.

O mapa a seguir representa o ano em que a linha ferroviária foi inaugurada nas cidades paraibanas, tendo em destaque a cidade de Itabaiana, no ano de 1901. Posteriormente, o trem de ferro chegaria à cidade de Campina Grande, que despontava como o maior exportador de algodão do Estado. Os anos de 1901 a 1904 foram marcados por discussões de onde partiria a linha férrea. Alguns políticos defendiam que ela deveria partir de Alagoa Grande e outros, de Itabaiana. Nessa trama, entraram em jogo interesses de coronéis e classes políticas dos lugares envolvidos, em que cada um defenderia de onde as obras poderiam iniciar.

(MELO 2019 e 2017) nas obras o historiador pesquisou nos arquivos do Brasil e Londres e aborda os tramites legais e discussões para a efetivação da malha ferroviária no Estado da Paraíba pela Companhia CDEu, ele descreve a operacionalização técnica, os problemas encontrados e a falta de lucros bem como o arrendamento por sete anos e posteriormente a consessão para a GWBR. Sobre a implantação das ferrovias no Nordeste. O autor fez uma revisão sobre a historiografia das ferrovias e analisou os efeitos causados pela implementação na zona açucareira do Nordeste bem como as mudanças econômicas e sociais na região.

Figura 04 – Mapa ferroviário do Estado da Paraíba até 1950

Fonte: Gurjão (1994), mapa adaptado pelo autor.

Nessa controvérsia de onde partiria o trem para Campina Grande, o vencedor foi a cidade de Itabaiana, uma vez que os grupos políticos locais se aliaram e perceberam que o trem, sendo estendido para o Sertão, obteria mais lucros, pois já existia a rota das estradas e boiadas. Itabaiana era uma pequena cidade, a feira de gado rendia uma boa quantia aos cofres públicos em 1888; nesse viés, “a mesa de rendas era considerada a mais importante do Estado” (ALMANAK DA PARAÍBA, 1889, p. 245)

O presidente Rodrigues Alves, em 1904, autorizou a extensão da ferrovia partindo do ramal de Itabaiana que, como citado anteriormente, era um entroncamento de ligação entre a “bocas de sertão”, algo que acontecia desde períodos das “estradas das boiadas”. Itabaiana deixava de ser “ponta de trilho”³⁴ e Campina Grande ganhava esse status por 50 anos, assumindo a função de maior praça de comércio entre o litoral e sertão.

³⁴ A condição de “Ponta de Trilho” significa que a cidade foi término da estrada de ferro por um tempo determinado, e essa condição fez convergir para o local uma variedade de fluxos que movimentavam a economia e modificavam a cultura local. As cidades que se tornaram pontas de trilho enquanto avançava a linha férrea tiveram aumento de pessoas, circulação de informações, dinheiro e modernização. Temos os exemplos das cidades de Campina Grande na Paraíba e Mossoró no Rio Grande do Norte, ambas mantiveram essa posição por longos anos, perdendo-a décadas depois, quando a ferrovia adentrou a região do Sertão.

Até por volta de 1907, antes de o trem chegar a Campina Grande, o comércio local era abastecido por duas vias: do litoral, inúmeras mercadorias chegavam pela Great Western em Timbaúba ou Itabaiana e eram trazidas pelos almocreves para a praça campinense; do sertão, cotidianamente, chegavam comboios de algodão, couros e queijos, além das tradicionais boiadas. Esses produtos, após comercializados na praça local, eram repassados no sentido inverso, ou seja, os produtos oriundos do sertão eram repassados pelos comerciantes campinenses para o litoral através da estrada de ferro em Itabaiana ou Timbaúba; os produtos oriundos do litoral eram repassados por esses mesmos comerciantes para o sertão, através dos próprios almocreves. (ARANHA, 1991, p. 89-90).

Quando o trem chegou à cidade de Pilar, em 1883, a Vila se transformou em um núcleo de ligação entre as províncias da Parahyba e Pernambuco. A localidade que se tornava ponta de trilho rapidamente tinha um desenvolvimento aparente. Quando o trem chegou à cidade de Itabaiana em 1901, ela é elevada à posição de “ponta de trilho”, e, com isso, a cidade de Pilar perde um pouco a circulação de pessoas e sofre um declínio econômico, diferentemente das

[...] cidades que passam a contar com o trem, a exemplo de Guarabira, Alagoa Grande, Itabaiana e Campina Grande. Epaminondas Câmara, numa visão de história claramente mecanicista, afirma que as cidades de Alagoa Grande e Itabaiana se tornaram as maiores cidades do interior paraibano tão logo contempladas com o trem de ferro no ano de 1901, posição que passam a dividir com Guarabira, contemplada com o novo meio de transporte desde 1884. Mas essa posição privilegiada teria durado apenas 1907, ano em que os trilhos se estendessem até Campina Grande. (ARANHA, 2001, p. 55).

Itabaiana foi “ponta de trilho” de 1900 até 1907, quando Campina Grande assumiu essa posição. Porém, observamos que mesmo perdendo o status para a cidade de Campina Grande, Itabaiana, ao invés de regredir, crescia consideravelmente (MAIA, 2015), em virtude de estar localizada no entroncamento de ligação das linhas Recife/Campina Grande, Recife/Natal, Itabaiana/Parahyba (atual João Pessoa). A cidade de Itabaiana foi beneficiada com isso e diariamente passavam pela cidade pessoas que seguiam para esses destinos.

Os trens traziam produtos oriundos da Europa e desembarcados no porto do Recife. Em sequência, esses produtos eram distribuídos para todo o Nordeste pelas estações de trem. Recife mantinha a soberania perante os estados nordestinos por ser uma praça central e estarem conectadas através das vias terrestres e marítimas. Consequentemente, segundo Aranha (2001), as localidades estariam abertas para os avanços tecnológicos.

A ferrovia em todo o mundo tornou-se uma representação de modernidade. Para uns, é a realidade visível, enquanto para outros, foi a utilização de alguns símbolos que permitiam essa experiência. De fato, a ferrovia era o moderno, o progresso, que sucedia o velho e o antigo. Seu maquinário causava admiração e espanto. Com a chegada da linha férrea em Itabaiana, o

memorialista Sabiniano Maia (2015) exprime as mudanças ocorridas que gerariam admiração e respeito do grupo político que administrava mudanças “progressistas” para se perpetuar no poder.

No entanto, ao nos referirmos a essas mudanças, questionamo-nos: é possível falarmos em modernidade e progresso em uma pequena cidade do interior da Paraíba no início do século XX? Para responder a essa pergunta, utilizaremos como base o estudo de Gervácio Aranha (2001), que pesquisou a ideia de modernização em Campina Grande. Para ele, a palavra modernidade expressa movimento, ritmo frenético, multidão nas ruas, como ocorreu no século XIX, em cidades maiores como Londres e Paris, onde surgia um novo estilo de vida marcado pela aceleração do tempo, trabalho e capitalismo³⁵.

Essas experiências modernas foram sentidas apenas na capital do Brasil, Rio de Janeiro, que traduziu, mesmo de forma tímida, o ritmo de movimento, isso em comparação com os agitos frenéticos do cotidiano de pessoas nas ruas, enquanto as outras cidades brasileiras cresciam a passos lentos, exceto Recife, no Nordeste, que interligava várias regiões. Assim sendo a,

Ideia de conforto e/ou rapidez e que passam pelo imaginário como signos do moderno por excelência. Cidade que quer civilizada ou estaria a civilizar-se deveria contar ao menos com um desses signos. O fato de o Recife ser a primeira cidade a celebrar, em sua vasta área de influência, os decantados elementos da vida moderna, faz com que facilmente se incorpore no imaginário nortista como a mais cosmopolita das cidades a nível regional. (ARANHA, 2005, p. 87-88).

Quando falamos em modernidade em Itabaiana, não estamos nos referindo às mudanças ocorridas como nas cidades citadas acima, com grandes dimensões econômicas, sociais e culturais. A cidade passou por algumas transformações devido a proximidades com a capital pernambucana e, diante disso, incorporava elementos que de certa forma exprimiam a representação da modernidade, utilizada na renovação de hábitos e elementos ditos modernos. A cidade se redefinia, os espaços se redesenhavam e mudariam a estética urbana com os símbolos incorporados no cotidiano das pessoas (ARANHA, 2005).

³⁵ Walter Benjamin interpreta os textos/poemas de Charles Baudelaire, descrevendo os efeitos causados pelo capitalismo na moderna Paris do século XIX, onde transitava, uma multidão que se camuflava perante os olhos das pessoas no intenso vai e vem. A cidade moderna que encanta a todos, mas consequentemente encobre as misérias trazidas pelo progresso e a busca da fugacidade em viver o tempo presente. Para Baudelaire existe o antagonismo entre modernidade e antiguidade, o novo e o velho, “o escritor que alguma vez desceu ao mercado começa por olhar em volta, como num panorama, [...] do vendedor ambulante dos boulevards até os elegantes no foyer da ópera, não havia figura da vida parisiense que escapasse a pena do fisiologista” (BENJAMIN, 2015, p. 37-38) Tudo estava ali diante de seus olhos, o cotidiano e os hábitos observados pelo flâneur, que é capaz de enxergar as grandes transfigurações sociais.

Mediante o exposto, afirmamos que a modernidade em Itabaiana era algo específico local. Não que a cidade fosse moderna no sentido do senso comum da palavra – o qual incorpora elementos avançados e um imaginário coletivo de progresso predominantemente tecnológico –, mas por celebrar as conquistas materiais e simbólicas referentes à modernidade.

O livro de Sabiniano Maia (2015) exalta positivamente como esses símbolos foram sentidos na população. Não é difícil imaginarmos que tenham sido utilizados apenas por uma pequena elite que desfrutavam de tais avanços. Ao folheamos os jornais³⁶ das primeiras décadas do século XX, disponíveis no Instituto Histórico Geográfico da Paraíba – IHGPB, e constataremos em suas páginas as inaugurações festivas, percebemos como a utilização desses objetos eram celebrados.

O magistrado Joaquim Inojosa escreveu, em 1959, o livro *Diário de um Estudante*, relatando as memórias cotidianas de um jovem de 18 anos de idade na cidade de Itabaiana. Em algumas páginas, o autor comenta como a elite utilizava os símbolos modernistas, ao ir ao cinema, pegar o trem, o bonde, o automóvel, as conversas com as moças portadoras de honra, os aprendizados com os coronéis, as soirées dançantes, as festas de carnaval, semana santa, joaninas, padroeira, natalinas e de ano bom, detalhando minuciosamente suas impressões críticas a respeito do comportamento das pessoas e valores morais da época e suas reflexões sobre a vida.

Enquanto Sabiniano Maia enaltecia a cidade de Itabaiana, o contemporâneo Joaquim Inojosa imprimia suas impressões, às vezes até com desprezo em estar no que, para ele, seria uma pacata cidade. No dia 12 de novembro de 1920, escrevia;

Cheguei, ontem, de Itabaiana, para onde seguira no dia 7, assistir o júri. Nada que mereça registro, naquela cidade. O calor caniculante, a poeira insuportável, a monotonia de vida, o rotineirismo “audaz” e evolutivo. E basta. No dia 6 de dezembro ele volta a falar da cidade. É necessário muita força de vontade para escrever com assiduidade num meio como o de Itabaiana máxime impressões diárias [...] (INOJOSA, 1960, p.86 e 110, grifos nossos).

Com os relatos de Inojosa, reforçamos a ideia de modernidade levantada por Aranha (2001), a qual apresenta que progresso e modernidade não se comparavam com o ritmo das grandes cidades, mas estavam na utilização destes sinais. Itabaiana era uma cidade pequena

³⁶ Referimo-nos aos jornais da capital: A União e O Norte, em Itabaiana os jornais, O Município, Correio da Semana, O Jornal e A Revista. Ao utilizarmos os jornais como fonte histórica, alertamos ao leitor que ele apresentava notícias públicas, mas era uma empresa onde seu objetivo era vender exemplares e fazer com que a publicidade acontecesse. Ao utilizá-lo como fonte documental, o historiador precisa estar atento para entender as entrelinhas, pois carregam especificidades de cada editor e pessoas envolvidas. As notícias não são neutras, e referem-se a fragmentos da história contados a partir da perspectiva de quem o criou, atendendo as necessidades de seus leitores.

onde os símbolos modernistas não estavam disponibilizados para todos. Possivelmente, os lugares públicos e elementos modernos, tais como cinema, trens e bondes, existiam e funcionavam em horários e dias específicos, o que, consequentemente, fazia com que nos outros dias da semana a vida voltasse à normalidade³⁷.

De acordo com Gervácio Aranha, as representações do trem de ferro, enquanto símbolo moderno, estão associadas à ideia de um tempo disciplinado, marcado pela cadência da máquina; é, pois, um tempo que passa ao imaginário com força instituinte. A vida da cidade de Itabaiana passa a se modificar com a chegada e saída dos trens. A estação ferroviária transformou-se no mais importante núcleo urbano desde sua inauguração, quando atraíam curiosos tanto pela “novidade do cavalo de aço”, como também pelas mercadorias que chegavam: jornais, cartas, telegramas, além de centenas de viajantes que circulavam livremente entre as cidades inseridas no trecho ferroviário (ARANHA, 2001, p. 426).

Itabaiana celebrou a chegada do trem duas vezes. A primeira, com a inauguração do trem que interligava os estados da Paraíba e Pernambuco. Sabiniano Maia descreve como ocorreu a festa de inauguração do ramal Timbaúba/Pilar, passando por Itabaiana em 5 janeiro de 1901: “a festa foi tão grande e tão marcante, que, ao chegar ali, menino, em 1912, ainda ouvi por diversas vezes, os mais antigos moradores, contarem orgulhosos os detalhes da chegada da locomotiva, toda enfeitada de folhas de palmeiras “catolé”, abundantes à época, na região (MAIA, 2015, p. 161).

A segunda celebração foi um verdadeiro espetáculo público, uma vez que, no dia 2 de outubro de 1907, foi inaugurado o ramal Itabaiana/Campina Grande. À frente, estava a locomotiva nº 3 da Great Western, completamente enfeitada com folhas de palmeiras e duas bandeiras do Brasil. Partia da estação de Itabaiana rumo a Campina Grande. Em seus vagões, estavam pessoas da elite pernambucana e paraibana e, entre os itabaianenses, destacamos os fazendeiros, coronéis e chefes políticos locais: Casado Lima e sua esposa, Odilon Maroja, Pedro Gusmão, Manuel Vieira, José Rosendo e João Luiz Freire.

O jornal *Diário de Pernambuco* enviou um correspondente para acompanhar as inaugurações. A viagem teve duração de cinco horas em uma máquina velha e lenta. Foi

³⁷ O jornal *Diário de Pernambuco*, datado de 19 de março de 1933, relata trechos da excursão da embaixada acadêmica de engenharia as obras contra as secas. O relato foi escrito pelo acadêmico Edgar dos Anjos ao narrar a viagem dos estudantes ocorrida no dia 13 de março saindo de Recife, passando por Itabaiana e com destino a Campina Grande. Sobre as impressões da cidade ele escreve: “Fomos correr a cidade. Ruas largas, bem arborizadas, bem tratadas. Movimento. Uma feira variada e concorrida. Em compensação, um calor infernal e mendigos por toda a parte. O Aquilino apressou-se em satisfazer-nos a sede moral de filantropia distribuindo alguns níqueis de esmola pelos indigentes que nos tolham o passo. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19 de março de 1933, p. 3). Os mendigos eram o avesso da modernidade, observavam de longe os símbolos modernos utilizados por outros, e através das *táticas e estratégias* encontraram meios para sobreviver na sociedade.

cansativa e ocorreu uma série de atropelos, a começar na estação da cidade de Itabaiana, onde houve desentendimentos entre o chefe da estação, o senhor Teixeira, e alguns passageiros. O motivo da discussão era não ter espaço suficiente que acomodasse todas as pessoas que precisavam viajar. Elas ficaram praticamente sem espaço nas poltronas e algumas tiveram que sentar em cima de suas bagagens.

Continuando a narrativa, o correspondente descreve a bela ponte de Guarita³⁸, e as centenas de “matutos” que estavam na Estação Lauro Muller, possivelmente moradores do povoado de Guarita que observavam a chegada do trem.

Lauro Muller não tem casario; duas ou três casinhas completam com o pequeno chalet da estação, o seu todo... A Great Western, talvez por conveniência de serviços, resolveu fazer ali uma parada. Como afirmâmos a estação é elegante, regularmente subdividida, servindo como chefe o sr. Honório Lemos, que ao mesmo tempo exerce as funções de telegrafista (Diário de Pernambuco, 06 de outubro de 1907, p. 2).

O Cronista do jornal descreveu minuciosamente a inauguração do ramal Itabayana/Campina Grande, criticando a direção da GWBR e considerando o serviço “mal feito”, sem nenhum conforto ou carro luxuoso. Relatou as ocorrências, confusões e analisou a estrutura e beleza das estações de Lauro Muller, Mogeiro, Ingá e Galante; comentou também sobre os espetáculos nas plataformas de cada estação e teceu elogios às cidades de Itabaiana e Campina Grande. A reportagem, mesmo tendenciosa, não poupou críticas sobre a viagem tida como “enfadonha”.

Em uma visão etnocêntrica, o jornalista chamou, em seu texto, os moradores da localidade de Guarita e Mogeiro de “matutos que faziam barulhos ensurdecedores”. De acordo com Albuquerque Jr. (2013, p. 197), os matutos seriam o avesso ao mundo urbano e contrapunha aos discursos de modernização. Constantemente eram descritos e julgados como pessoas atrasadas e incultas, motivos muitas vezes de reprovações e risos, como fez o cronista. Na reportagem, o jornalista comenta que esteve em Itabaiana e a cidade não era a mesma que visitara dois anos antes, uma vez que vinha crescendo e se desenvolvendo nitidamente. Acreditamos que, assim como ocorreu em outras localidades, a ferrovia influenciou esse desenvolvimento. Finger (2013), estudando as arquiteturas das ferrovias no Brasil, afirma que as cidades cresciam e desenvolviam estabelecimentos comerciais no entorno das estações; eram

³⁸ Guarita é “Importante povoação sitiada entre a cidade de Itabayanna e a povoação de Salgado; com regular comercio e feira, muito bons prédios e uma bonita igreja” (ALMANAK DA PARAHYBA, 1889, p. 249). Atualmente, o distrito pertence à cidade de Itabaiana. A ponte Lauro Muller ou Ponte de Guarita, como é popularmente chamada, foi construída entre 1905 e 1907 com material de ferro fundido importado da Inglaterra. Possui 150 metros de comprimento, por aproximados dez metros de altura.

bares, hotéis, restaurantes, informações, circulação diária de pessoas e prostituição, como estudaremos adiante o caso da região boêmia itabaianense.

As estações tornaram-se espaços de sociabilidades. O local era atraente e frequentado por todos os moradores da cidade; as famílias se comunicavam, os comerciantes realizavam seus negócios, os políticos faziam discursos, os jovens namoravam, muitos iam se despedir dos seus ou receber quem chegava (ARANHA, 2007; MAIA, 2015).

A historiadora Maria José da Silva (1997) pesquisou sobre as mudanças geradas pelo trem na cidade de Itabaiana. Utilizando da história oral, entrevistou várias pessoas que relataram as transformações ocorridas. Destacamos a fala da senhora Maria Salvina, que, à época da morte do governador João Pessoa, tinha 15 anos e lembrou sobre o cortejo fúnebre que comoveu a cidade inteira; o corpo foi trazido pelo trem e ficou minutos na estação para que todos o vissem e se despedissem do estadista:

Lembro-me como se fosse hoje. O caixãozinho bonito, todo preto. Passou muito tempo na Estação, as mulheres entravam para ver, dava uns ataques e caíam ao pé do caixão. Eu, ali perto, começava a rir achando graça. Parece que estou vendo. O carro do trem aberto e o funeral tocando, e ele parecia que estava dormindo, tão moço... as mulheres só faziam aquilo [desmaiavam] porque ele era um homem bom, um governo bom, tão bom que o mataram. O que é bom não dura aqui não. (SILVA apud BEZERRA, 1997, p. 61).

A fala da entrevistada é carregada de emoção e significados para ela. Não iremos entrar nos detalhes políticos do período, mas chamamos a atenção sobre os acontecimentos na estação que mudavam a rotina da cidade. Em outro relato, o apito das locomotivas influenciava no cotidiano dos cidadãos. Às vezes, altas horas da noite, assustavam criancinhas: “conforme reclamação de um jornal da cidade de Itabaiana, em 1912 devido às consequências dos ‘apitos desmedidos’, um dos moradores perdeu o seu filhinho” (ARANHA, 2007, p. 118). Já o cronista Palhano (2012) narra suas experiências com os apitos dos trens noturnos na época em que era criança.

Uma das coisas interessantes na rua da beira da linha é que em função da constante passagem dos trens, tivemos que nos adequar àqueles horários, principalmente quando ele passava de madrugada, visto que o chão tremia. Como ele não era animal nenhum feroz acordávamos e voltávamos a dormir em seguida, esses atos involuntários tornaram-se automáticos. (PALHANO, 2012, p. 44).

O trem mudava o horário de acordar e dormir das pessoas, assim como influenciava outros a buscar meios de sobrevivência vendendo nas plataformas comidas para os viajantes: pipoca, cocada, amendoim, roletes de cana, tapioca, sanduíches de queijo, sanduíches de

galinha (SILVA, 1997). As crianças também participavam do comércio informal, a exemplo da mãe do pesquisador, que, na década de 1960, junto com seus irmãos, vendiam água nas quartinhas de barro³⁹ para os viajantes.

O cineasta Vladimir Carvalho, em entrevista para Carlos Matos (2008), comenta que o trem sempre foi marcante em sua memória. Por morar em proximidade com a estação que era lugar de bifurcação dos trens, sempre via a chegada e partida de pessoas, ou os apitos que os maquinistas notificavam os amigos e familiares de sua passagem. A estação era um espaço de namorico para os jovens. O entrevistado também lembra quando, em 1944 e 1945, os soldados embarcavam para Pernambuco para servir na segunda guerra mundial. Sobre os trilhos, vinham as fitas de filmes que seriam exibidos no cinema local, assim como chegavam os membros clandestinos do Partido Comunista Brasileiro, amigos de seu pai, que emprestavam os livros para que ele lesse rapidamente. Matos (2008, p. 45), sobre isso, apresenta que “O mundo dos trens, portanto, está no centro não só das minhas primeiras experiências, como das minhas futuras opções políticas”.

Com os exemplos citados acima, comprovamos que as estações eram bem movimentadas. Gervácio Aranha explica sobre “a emergência de uma rede de serviços em torno das estações, a exemplo de bares, cafés, hotéis, baixo meretrícios, etc. [...] e não esquecendo de prostitutas para os prostíbulos locais” (ARANHA, 2007, p. 114 - 115), como acontecia em Campina Grande, “prostitutas, cujos clientes em dia de feira apareciam em maior número etc” (ARANHA, 1991, p.243).

Mediante o exposto, acreditamos que a ferrovia em Itabaiana impulsionou a prostituição, a qual possivelmente surgiu através da feira de gado, mas, devido à facilidade de locomoção, o trem de ferro tenha intensificado o fluxo de pessoas e consequentemente a vinda de prostitutas. O subtítulo desse tópico foi mencionado pelos colaboradores Fabio Mozart (2022) e Valdemir (2022), os quais afirmaram que aqui chegavam na tarde da segunda-feira, em média três vagões lotado de puta e jogadores para fazer apostas nos cassinos e se divertir na zona boêmia:

Em 58, quando era na segunda-feira ali, tinha um trem que passava em Timbaúba, chegava de 8 hora da noite, muitas vezes a gente ia esperar lá na estação, o que vinha de rapariga daquela região de Pernambuco pra Itabaiana na segunda-feira vinha e voltava de madrugada, a gente chamava dizia que parecia uma procissão de puta que ia pro cabaré e não tinha lugar pá todo mundo, não tinha quarto pra todo mundo, elas

³⁹ Espécie de recipiente utilizado para acondicionar água. Como nesse período não eram comercializadas garrafas plásticas de água, as crianças vendiam copos com água no período que o trem parava na estação para embarques ou desembarques de passageiros. Encontramos um artigo no jornal *A Folha* (outubro/1991, Ano LXIV, nº 18, p. 6) de José Lopes de Almeida relembra a prática cultural de vender água na estação desde os anos de 1930.

vinham por que corria muito dinheiro naquela época lá. (VALDEMIR, entrevista realizada em 10 de janeiro de 2022).

Ressaltamos que tanto Mozart e Valdemir podem ter exagerado em suas falas, pois estão rememorando fatos do passado e a memória se reelabora e modifica de acordo com as ações humanas no tempo. No entanto, esta pesquisa não quer discutir a quantidade específica de prostitutas que se deslocavam para a zona boêmia, mas, apresentar que vinham muitas mulheres, as quais chamavam a atenção dos homens que ficavam eufóricos lá na estação esperando as “novidades”, como eram chamadas as profissionais que movimentavam o comércio relacionado à prostituição na zona boêmia.

1.5 Breves considerações

A cidade de Itabaiana surgiu por meio de uma fazenda de gado do mesmo nome. Localizava-se às margens do Rio Paraíba e, em seu entorno, existiam várias fazendas que a colocavam em uma excelente posição econômica, por ser um elo entre o litoral, o sertão paraibano e limites com o estado pernambucano, fatores que favoreceram o intercâmbio econômico e cultural com essas regiões. Esse entreposto comercial foi fortalecido com a feira de gado, uma vez que era ponto de convergência de vários fazendeiros da região. Com o decorrer do tempo, a cidade transformou-se em um dos maiores polos exportadores e abastecedores de gado bovino para os estados de Pernambuco e Nordeste, devido ao fato de estar na rota das estradas e boiadas as principais vias terrestres existentes na época. Isto, nas palavras de Vladimir Carvalho na década de 1940, “era um encontro de tangerinos e vaqueiros que vinham embarcar as boiadas na estação de ferro. Porque tinha sido ponta de linha, Itabaiana, onde o trem parava e depois seguia para o Recife, ia para João Pessoa e, com um bifurcamento para o Rio Grande do Norte, ia para Natal”. (SILVA, 2010, p. 4).

Posteriormente, com a vinda da ferrovia para a cidade, o comércio tornou-se pujante e fortificado. O trem configurou-se como um elemento fundamental que impulsionou o desenvolvimento e implementou um ritmo totalmente diferente do que a cidade estava acostumada. Os hábitos culturais foram modificados ao serem introduzidos novos costumes. Com o escoamento da produção agrícola, a exportação/importação das mercadorias estimularam o crescimento econômico e um intenso fluxo de pessoas que agitavam as estações da cidade, fazendo com que saísse do aspecto rural e se tornasse urbanizada.

Os chefes políticos locais/coronéis aspiravam a uma cidade com estrutura dinâmica e atraente, buscando, através da modernidade, fazer com que alguns cidadãos e viajantes desfrutassem de “sinais de modernidade”; dentre os símbolos impulsionados pelo “progresso”, encontramos ruas calçadas, praças ajardinadas, bondes, iluminação a gás, telefone, implementação de saneamento básico, clima agradável para veraneio, jornais e revistas, entre outras modernidades que atendessem principalmente aos interesses de quem podia arcar com tais confortos.

Representações criadas pelos coronéis e propagandas em jornais e revistas da época, ou por escritores como Sabiniano Maia (2015) e Monteiro (1985) que de acordo com o lugar social pertencente enalteceram os feitos “progressistas” realizados pelos membros da elite local, discursos associados ao progresso e modernidade experienciados por uma pequena parcela da população. Porém, a utilização dessas simbologias causaram um impacto transformador na vida dos cidadãos.

Quando à feira de gado, esta entra em declínio em meados da década de 1960. A feira livre, por conseguinte, assume a posição da anterior e continua atraindo feirantes e comerciantes que vinham para a cidade vender/comprar os produtos. O dia da feira tornou-se o eixo centralizador da economia da cidade, uma vez que os comerciantes e demais interessados vinham de diversas localidades, que chegavam nos trens para realizar as trocas e intercâmbio comercial nas tardes de segunda para participar da feira do bacurau, onde fazendeiros e comerciantes à noite divertiam-se nos bares e pensões existentes nas ruas próximas à linha férrea, voltando para seus locais de origem no dia seguinte.

Enquanto a cidade crescia em estrutura urbana e social, as profissionais do sexo perceberam uma forma de desenvolver a profissão nas pensões da zona boêmia. Assim como os clientes, muitas delas vinham de trem de lugares onde a prática da prostituição já existia com grandes e renomados bordéis. Elas vinham de Natal, Guarabira, Ingá, Campina Grande, João Pessoa e Recife, fazendo essa trajetória corriqueiramente.

Em Itabaiana, a zona boêmia era um reduto para as prestadoras de serviços sexuais, sendo que muitas trabalhavam nas pensões e casas de recurso das Ruas do Carretel e da Manichula. Quando a feira findava, elas se deslocavam e partiam para as cidades citadas, concluindo uma espécie de trajeto onde faziam rodízios em busca de espaços, clientes e dinheiro. Podemos inferir que a realização desse circuito, no qual denominamos como a rota

sexual do trem⁴⁰, foi a forma de sobrevivência que essas mulheres encontraram para suprir as necessidades desejadas.

Salientamos que, em Itabaiana, algumas prostitutas passavam longas temporadas morando nas pensões de personagens que iremos abordar nos próximos capítulos, a exemplo das Nevinhas – a “rica” e a “pobre” –, donas de pensões que conseguiram firmar-se como mulheres “respeitadas” perante uma sociedade machista, misógina e excludente, na qual elas estavam inseridas. Abordaremos a prostituição da cidade de Itabaiana como um fator de desenvolvimento econômico na zona boêmia, que, sob o comando das donas de pensão, fizeram fortunas ou tiraram o sustento para suas sobrevivências. As “prostituições” que iremos narrar são relações de poder dotadas de códigos carregados de *representações, estratégias e táticas*.

⁴⁰ Consideramos a *rota sexual do trem*, o trajeto realizado pelas profissionais do sexo que trabalhavam nas principais pensões, bordéis e cabarés fazendo o percurso de trem nos estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Chegamos a essa conclusão devido os relatos dos colaboradores ao comentarem de onde e como as mulheres chegavam em Itabaiana. Era muito comum elas frequentarem as pensões de Itabaiana nos dias de segunda e terça-feira onde ocorria as feiras de gado e livre, com o término tomavam o trem e seguiam destino para outras cidades onde havia feiras e lugares para trabalhar, como afirmaram algumas de nossas colaboradoras. Inclusive as historiadoras Uleba Nascimento (2008) e Hercília Andrade (2014), abordaram a temática das mulheres se locomoverem de trem como uma espécie de prostituição andarilha nas cidades das rotas cortadas pela linha férrea.

2- CARTOGRAFIA AFETIVA DO PRAZER: ESPAÇOS DE VIDA BOÊMIA E MERETRÍCIO EM ITABAIANA

*Recordando o passado
Me lembrei do cabaré
Dos anos dourados
Da rua do carrité
Conhecido em todo estado
Como ambiente de mulher*

*Carrité ou carretel
Por todos é chamada
Ainda hoje tem bordel
Recinto das mulheres amadas
Cruzada pela linha férrea
Que através dela é originada*

*O cabaré de Itabaiana
De cinquenta à oitenta
Tinha muita fama
Mulheres de boa aparência
Se vestiam como damas
Era grande a frequência*

*O preferido dos ricos
Era lá no carretel
Um verdadeiro feitiço
Aos acordes do menestrel
Cada um tragava seu vício
Numa prematura lua de mel*

*Na segunda e terça-feira
Era muito animado
Quantas mulheres faceiras
Tinha baile orquestrado
Morenas aconchegantes
Nos braços dos namorados*

*Ao lado do carretel
Ficava a rua das flores
Paca tinha um bordel
Havia ciranda pastoril e cantadores
Mulheres com destino cruel
Vítima dos próprios amores
[...]
O primeiro cabaré foi de Moça Homem
Terceiro de Nevinha Rica
Segundo de Adones Gomes de França
Topada na casa de cega Chica
Nevinha Pobre e Maria Branca
Tonha Marroco e Francisca
Zé Bodega e Maria Rei
Outros que não lembrei
E Palmira quando jovem e bonita⁴¹*

⁴¹ Agenor Otávio, poema *Recordando o passado*, 2009. Disponível em: <http://poetaagenor.blogspot.com/2009/> acesso em: 23 mar. 2022.

2.1 Um “dedin” de prosa⁴²

O poema de abertura do capítulo foi escrito por Agenor Otávio, membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba. O poeta, de forma memorialista e afetiva, descreveu as Ruas do Carretel e da Manichula, recordando lembranças dos seus vinte anos, quando era jovem e frequentador dos ambientes boêmios. Foi nesse período que, “nos braços das mulheres”, o poeta descreve uma prostituição romantizada, na qual viveu momentos e também participou das manifestações populares realizadas na região.

O cenário a qual nos referimos constantemente é um lugar extremamente machista e excludente, lugar de feira. Ponto convergente para realização de negócios, porta de entrada para pessoas que viajavam para as cidades de João Pessoa, Campina Grande ou Recife em função disso, tornara-se centro comercial, cultural e concentração de várias pensões propícias ao mercado do sexo, tal como “cenário de apresentação de políticos, pastoris, caboclinhos, quadrilhas e escolas de samba entre outras comemorações festivas”. (PALHANO, 2011, p. 41-42).

Ancoramo-nos no conceito teórico de lugar e espaço apresentado por Michel de Certeau (1998), que estabelece que o lugar seria a configuração instantânea de posições sob ordens, enquanto o espaço seria um lugar praticado e transformado. Os relatos memoráveis dos colaboradores representam um imenso campo de conhecimento que necessita de descrições para compreendermos as relações intrínsecas existentes entre os personagens, os ambientes: bares, pensões e outros espaços que definem as operações sobre os lugares e principalmente a história da cidade. Salientamos que o memorável faz parte da construção subjetiva e individual dos colaboradores.

Para conhecermos a zona boêmia, adentramos nesses recintos através dos fragmentos de memórias de Alves, Cavalcante, Pereira, Ribeiro e Simplício, pessoas que possuíam uma memória sentimental recorrente com o espaço estudado, em virtude de serem trabalhadores, moradores e frequentadores. Foi por esses motivos que optamos por elaborar mapas que facilitassem a configuração, visualização e dimensão dos espaços de jogatinas, prazer e diversões da Rua do Carretel e seu entorno.

A utilização dos mapas em trabalhos relacionados à história não é nova, uma vez que seu uso passou a ser recorrente depois da segunda metade do século XX. Geralmente utilizada como ilustração, sua aproximação com a história acontecia para facilitar a vida do leitor curioso

⁴² Segundo os poetas populares, a frase é utilizada no cotidiano em cidades interioranas que significa conversa rápida e amistosa entre amigos.

ou apenas para enriquecer a publicação com uma série de mapas antigos. Como afirmam Villa e Gil (2016, p. 5), “Em geral, os historiadores abordavam os mapas unicamente para ilustrar e ilustrarem seus leitores sobre o lugar em que aconteciam suas narrações e pesquisas”. Essa situação vem se transformando com o avanço dos trabalhos e isso está apresentando formas inovadoras no tocante à cartografia; ela deixa de ser meramente ilustrativa e está sendo incorporada na literatura e nas demais áreas das ciências humanas.

Os mapas que seguem abaixo só puderam ser elaborados devido às representações memorialistas do passado pelos entrevistados⁴³ e do uso de recursos tecnológicos como os Sistemas de Informação Geográfica- GIS e a aplicação do Geoprocessamento de Dados⁴⁴, os quais, através de imagens de satélites e fotografias aéreas, permitiram-nos a produção das informações e, nesse caso, construir mapas referentes às Ruas do Carretel e da Manichula.

2.2 Mapeando a zona boêmia itabaianense - cartografia dos prazeres

Antes de adentrarmos ao recorte temporal dessa pesquisa, convido você, leitor(a), a, juntos, voltarmos no tempo e visualizarmos a Itabaiana de 1892, apenas um ano após ter sido elevada à categoria de cidade. O mapa indica uma cidade totalmente diferente da qual conhecemos nos dias de hoje. De acordo com Maia (2015), constatamos o surgimento de arruados com características rurais, árvores espalhadas nas ruas de chão batido e cheias de poeira, casas sem energia elétrica iluminadas à luz do candeeiro, pequenas lojas e boticas, carrocinhas de bois carregando mercadorias e jumentos que levavam água das cacimbas do rio para prover as casas dos mais abastados.

⁴³ As memórias desses sujeitos foram provocadas a partir de questionamentos, manuseio de fotografias, caminhada pela zona boêmia, com o objetivo que permitissem eles voltassem ao passado através de suas lembranças. Nessa expectativa, fizemos duas visitas de campo com as entrevistadas, Simplício no dia 26 de abril de 2021 e Alves 15 de abril de 2022. Acreditamos que a memória não é um produto espontâneo, ela é construída, processada através de interesses ligados as paixões, dores, conflitos e intervenções constantes do dia a dia. Desse modo a memória seria uma aproximação, uma representação de fragmentos do passado. Seria composta de lembranças e reminiscências muitas vezes ignoradas pela historiografia oficial por não poder contar as evidências cotidianas de cada indivíduo. Esse passado é bem singular, porque aflora da memória de quem viveu determinada experiência, assim sendo, seriam representações particulares e não uma “verdade única e linear”, mas perspectivas diferentes para o mesmo evento, de fato, a lembrança tem suas peculiaridades e representações aproximativas do passado. (BOSI, 1998).

⁴⁴ O programa utilizado na elaboração dos mapas foi o Quantun Gis. Um software que permite a elaboração dos mapas através de várias camadas com diferentes projeções. Inicialmente foi ativada a camada do Google Earth, para a realização do desenho dos lotes e das quadras. Foi através de polígonos que demarcamos toda a área da pesquisa. Logo após, classificamos a tabela de atributos, cada lote com seu respectivo dado. Nomes das ruas e pensões que existiriam. Posteriormente, criamos as linhas e círculos de delimitação da área, montamos o mapa na folha branca (compositor de impressão), depois ativamos as camadas necessárias para representação dos mapas desejados, fazendo parte de sua composição, a legenda, a escala e norte.

Durante a pesquisa, tivemos acesso a um mapa que era desconhecido pelos historiadores locais. À esquerda do mapa abaixo, observamos as estradas que ligavam as rotas de passagens de Itabaiana/Pilar, Itabaiana/ Campina Grande e Itabaiana/ Recife, pela estrada de Goiana. Ao centro, visualizamos o largo do mercado público, os currais onde eram realizadas a feira de gado, a Praça da feira livre, a Praça do Livramento, o Cemitério e as Igrejas de Nossa Senhora da Conceição, Santo Antônio e Nossa Senhora do Livramento. No mapa analisado, não encontramos as especificações com os nomes das ruas.

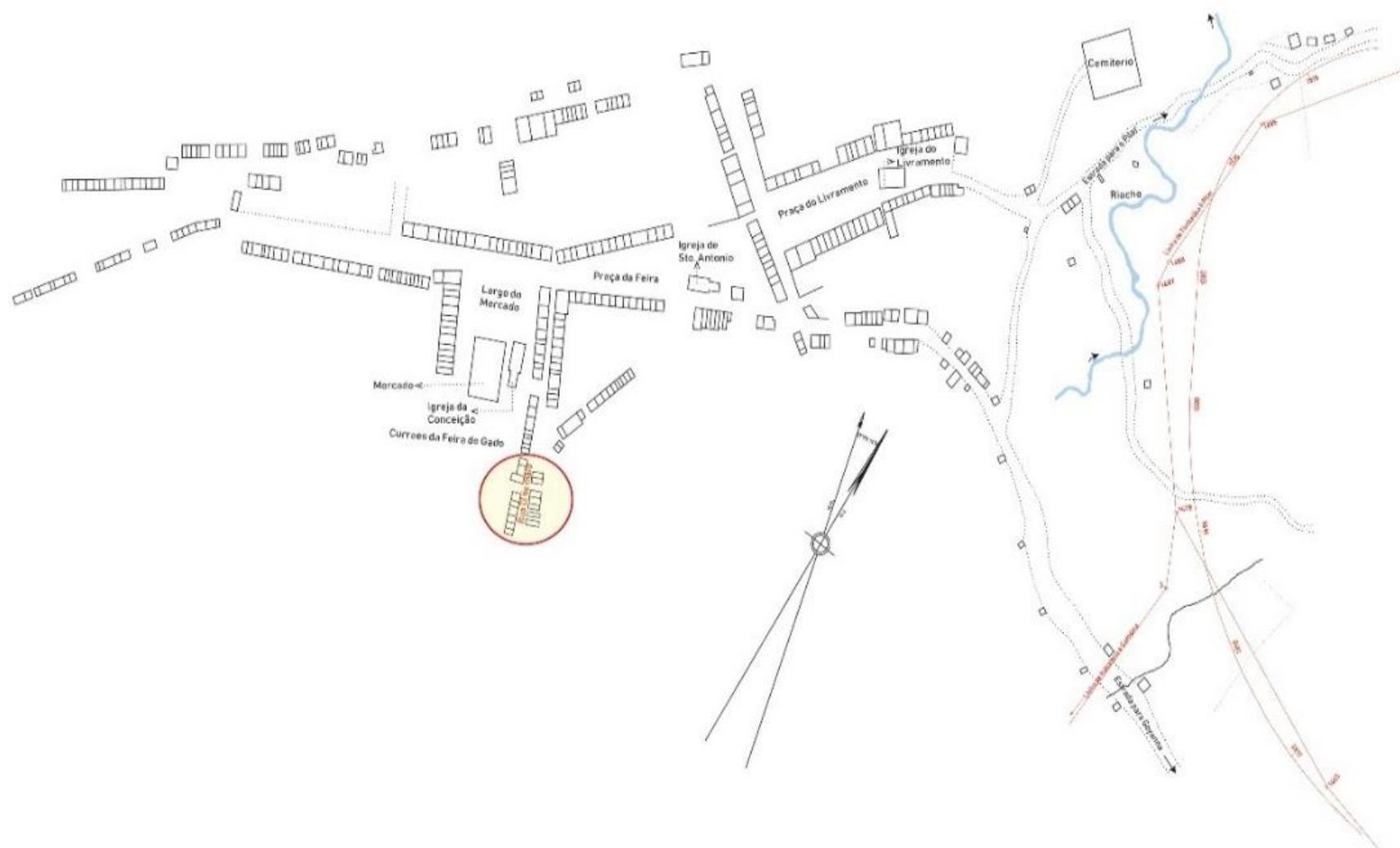
Baseados na configuração espacial da cidade descrita no livro de Maia (2015) e na pesquisa realizada no Primeiro Cartório de Registro Civil de Itabaiana⁴⁵, conseguimos perceber as principais ruas da época, detectamos a formação inicial da Rua 13 de Maio/Carretel onde destacamos com círculo vermelho.

Na cartografia original, encontramos as seguintes informações: assinatura ilegível do diretor engenheiro chefe, com carimbo do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas - Diretoria Geral de Viação - Aprovado por Decreto nº 763 de 16 de março de 1892. Data de Produção Inicial: 1890 Final: 1892⁴⁶

⁴⁵ Pesquisa realizada na segunda quinzena de janeiro de 2023, nos livros de nascimentos do Primeiro Cartório de Registro Civil de Itabaiana, localizado na Rua Benjamim Constant. Arrolamos os livros de nascimentos (1890-1910) e observamos os logradouros mais citados: Rua de Santo Antônio, Rua da Conceição, Rua da Feira Velha, Rua da Cajazeira, Rua do Carritel, Rua Grande, Rua do Mercado, Rua da Palha, entre outras localidades mais distantes do centro da cidade. Em 01 de maio de 2023 os Cartórios de Itabaiana foram unificados e a documentação na qual pesquisamos foram repassadas para o Cartório Regina Coelli.

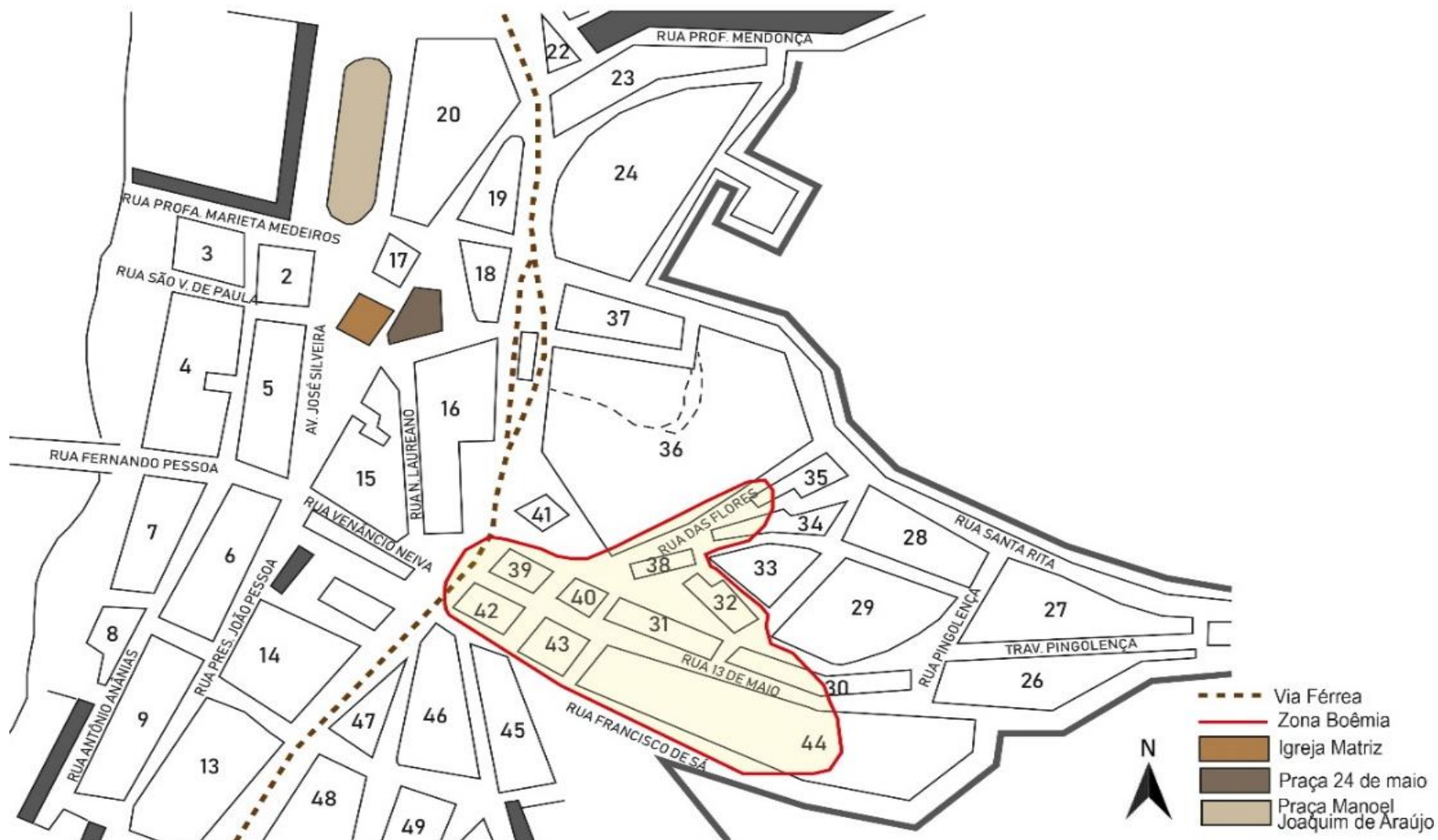
⁴⁶ O mapa pode ser encontrado no site do Arquivo Nacional – SIAN, no Fundo: Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, Serie BR. RJANRIO 4Q MAP. 151. No dossiê existe vários mapas cartográficos de Itabaiana e região referentes a construção da linha férrea que faria ligação com a cidade de Timbauba- PE. Para ter acesso ao mapa é necessário um cadastrado, possuir login, senha e posteriormente fazer a pesquisa no espaço da busca livre. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=93477&v_aba=1 Acesso em: 10 jan. 2023.

Mapa 01 – Cidade de Itabaiana em 1892 (adaptado pelo autor, 2023)



Fonte: Disponível no SIAN - Ver original em anexos.

Mapa 02 – Cidade de Itabaiana em 1968 (adaptado pelo autor, 2023)



Fonte: Mapa Rodoviário do Município de Itabaiana- 1968. Ver original em anexo

O mapa número 2 que tivemos acesso foi encomendado pelo Serviço Municipal de Estradas e Rodagens, para referenciar as principais rotas transitórias da cidade. Datado de 10 de janeiro de 1968, foi assinado pelo prefeito Josué Dias de Oliveira, fazendo parte do recorte temporal da pesquisa.

Ao examinarmos o mapa, observamos que ele está dividido em 82 quadras, totalizando 3358 casas urbanas. No mapa adaptado anteriormente, chamamos a atenção para a área delimitada em vermelho. Ela estende-se às quadras 31, 32, 33, 38, 39, 40, 41, 42 e 43, referentes à zona boêmia. Através do mapa, atestamos que não houve intervenções relacionadas à configuração espacial da região. Com a pesquisa de campo realizada em janeiro de 2023, na Rua do Carretel e seu entorno, testemunhamos que os antigos casarões/pensões foram divididos ao meio e, diante disso, houve algumas modificações e intervenções em suas características originais. Atualmente, compõem os seguintes estabelecimentos: bares, oficinas, mercadinhos, marcenarias, depósitos, barbearias, lojas de artigos diversos e casas de moradias tal qual antigamente.

2.3 “Boêmia aqui me tens que regresso...”⁴⁷

No imaginário popular, Rua do Cabaré, Rua do Prazer, Rua do Pecado, Rua das Mundanas, Rua da Perdição, Rua das Meninas, Rua da Safadeza, Rua dos Nigth Club’s, Rua da Felicidade, Rua da Alegria, Rua Inesquecível, Rua da Luz Vermelha, Rua das Casas de Caridade, Rua do Carretel são algumas das denominações para nominar a Rua 13 de Maio, situada na região citada, na cidade de Itabaiana. Enquanto a Rua Cai Pedaco, Rua Pinga-Pus, Rua Vai Quem Quer, Rua da Manichula, Rua das Flores referem-se à Rua Antônio Petronilo de Oliveira.⁴⁸

Essas ruas, juntamente com o finalzinho da Rua Floriano Peixoto (onde era realizada a feira do bacurau), Rua Cassimiro Francisco da Silva (Rua da Palha), Rua Paraíba, Rua Santa Cecilia, Travessa Santa Cecilia, Rua José Felix Almeida (antiga Rua do Pé de Pau), Rua João Dantas de Moraes, Rua Epitácio Gomes, Rua Belo Horizonte e Rua Santa Rita compunham o espaço físico que se localizava à esquerda da linha férrea e à margem da cidade e sociedade

⁴⁷ A volta do boêmio é uma música de Adelino Moreira, gravada por Nelson Gonçalves em 1957. Ressaltamos o subtítulo para enfatizar a região da diversão na cidade de Itabaiana.

⁴⁸ Homenagem feita pela Câmara Municipal de Itabaiana a Antônio Petrônio de Oliveira. Por ter sido um dos fundadores e benfeitores da Rua das Flores. Foi empreendedor e proprietário de dezenas de casas nessa rua e entorno. Depois de construídas alugava aos moradores que locavam a terceiros como casas de recursos.

(consultar as ruas que compreende a zona boêmia delimitadas nos mapas de número 3 e 4 em anexos).

Eram ruas marginais efervescentes, com seus bares, casas de jogos e pensões onde os indivíduos não encontravam tais diversões no “centro” da cidade, espaços de um *ethos* masculino em que buscavam satisfazer os prazeres sexuais com mulheres e/ou aproveitavam as diversões populares ocorridas na zona, assistindo ou participando dos pastoris, lapinhas, babau (mamulengos), cantadores de viola, coco de roda, cirandas, caboclinhos, escolas de samba, bois de carnaval e demais festividades que a cidade pudesse oferecer.

As prostitutas das margens lutavam contra a centralidade capitalista, conservadora, sexista e excludente, que as categorizava como indivíduos sem direitos, e, mediante a isso, deveriam encontrar maneiras de se camuflar. Foi na boêmia que encontraram afetos, saberes da profissão e rebeldias perante aqueles que tentassem impedi-las de serem cidadãs e terem os direitos de participarem da vida em sociedade. Para algumas mulheres, ultrapassar os limites da linha férrea e comprar remédios na zona central da cidade não era algo tão simples, pois teriam que pedir permissão aos policiais que, de forma panóptica, controlavam seu direito de ir e vir.

As prostitutas eram vigiadas constantemente, por olhares atentos de pessoas que fiscalizavam o que seriam os possíveis deslizos. Segundo nossos entrevistados Alves (2020); Ribeiro (2020) e Simplício (2020), em alguns momentos durante o dia, elas são saíam às ruas, e, quando isso acontecia, deveriam comportar-se de forma não extravagante, seja na maneira de vestir, andar e falar. Seus corpos eram controlados, disciplinados, correndo os riscos de serem punidos caso desobedecessem. O trabalho de inspeção era realizado pelo delegado e policiais que ficavam observando no lado esquerdo da linha férrea. Aqui, relembremos a perspectiva adotada por Foucault sobre o corpo e como este é constituído pelas relações de poder: “A inspeção funciona constantemente. O olhar está alerta em toda parte: “Um corpo milícia considerável, comandado por bons oficiais e gente do bem” (FOUCAULT, 2009, p. 186). Sem grandes pormenores, o panoptismo serviria para treinar e docilizar corpos rebeldes, realizado no embate de forças que domesticavam, fabricavam e fiscalizavam para que se tornassem submissos, utilizando como métodos a força das autoridades disponíveis na localidade. Para Gomes, “O olhar das margens indaga o centro. Tais margens não têm pretensão de enxergar a totalidade, menos ainda de dar conta dela. Elas nos mostram universos outros que aquelas e aqueles que insistem em se manter no centro são incapazes de notar, conhecer e observar” (GOMES, 2022, p. 13).

Nossas inquietações a respeito da prostituição e da boêmia nos fizeram procurar os desejos e as relações a partir das margens, que muitas vezes escapam, burlam, incomodam, suscitam comportamentos transgressores que seguiam na contramão da centralidade. Na tessitura desta dissertação, ouvimos histórias de emoções e dores de pessoas que foram protagonistas e contaram suas experiências na zona.⁴⁹

As práticas consideradas como boêmias surgiram nos estudos históricos no século XIX, em livros, contos, crônicas e canções. Na Europa, a palavra boêmia se referia a artistas e poetas considerados excêntricos pelo romantismo, ficavam a vagar e beber, desejando a mulher amada, vivavam noites em serenatas e nos prostíbulos das cidades. A historiadora Daniele Costa da Silva (2012) analisou o estilo de vida do boêmio na cidade de Fortaleza entre os anos de 1964 e 1979, onde a cidade e os espaços públicos serviram de palco para os personagens tidos e considerados boêmios. Na capital cearense, as boêmias referiam-se a sujeitos que se apropriaram da palavra e dos espaços. A Tese de doutorado em sociologia nos serviu como base para entendermos a boêmia na cidade de Itabaiana, pois algo semelhante ocorria nas pensões das ruas do Carretel e Manichula.

Compreender os espaços de prazer e boêmia em Itabaiana não foi uma tarefa fácil, devido à escassez de fontes que nos auxiliassem na tarefa. Encontramos dificuldades iniciais para contatar as fontes orais que pudessem falar a respeito desses lugares, uma vez que o tempo calou algumas vozes que poderiam contribuir para elucidar questões específicas desses estabelecimentos. Por isso, buscamos colaboradores que, diretamente, estavam ligados ao ambiente e a personagens que não serão citados nesse capítulo.

Descortinar esses horizontes nos permitirá perceber como os espaços foram construídos dentro da cidade a partir das *práticas* dos sujeitos considerados desviantes e que assim definiram suas identidades. Nada obstante, neste momento, convidamos vocês, leitores (as), para, através das memórias de alguns colaboradores, ousarmos ultrapassar a linha do Carretel, e visitarmos ambientes proibidos e vigiados. Lugares que, enquanto a cidade dormia, os indivíduos utilizavam *táticas* e *estratégias* para ludibriar os mais conservadores e aproveitar os lazeres que lhes eram disponíveis.

⁴⁹ A zona seria um lugar cheio de simbologias, significados, produzido e às vezes normatizado, seja para quem frequentou ou o classificou. “Este lugar tanto é dado ao locutor do discurso como a qualquer outro” (CERTEAU, 1998, p. 63). Nesta dissertação utilizaremos a zona, como um espaço profano e de entretenimento para homens que buscavam extravasar seus prazeres e libidinagens com mulheres transgressoras, que afrontavam a moral e os “bons costumes de famílias consideradas de boa índole”. Para Margareth Rago, as zonas seriam “territórios desejantes do submundo” (RAGO, 2008, p.11) propícios a vícios e práticas consideradas desviantes e de condutas ilícitas, sendo monitorado diariamente pelas autoridades e forças policiais que tentavam impor a ordem na região.

Quando a noite cai, as ruas da zona boêmia, perante os olhos de todos, vestem-se com trajes de sedução. Nesta área da cidade, encontramos uma parte viva, barulhenta, alegre, movimentada, incontável, com jogatinas, bares, pensões, casas de recursos, de lenocínio e recintos onde a prática da prostituição ocorre de forma imposta e “naturalizada”. Para entendermos esses espaços de sociabilidades mundanas, utilizaremos a cartografia⁵⁰ dos prazeres lembrados pelos nossos interlocutores.

Nas pensões e bares, homens se divertem, bebendo e dançando ao som de músicas altas, enquanto mulheres trabalhavam tentando colocar um sorriso no rosto mascarando, na maioria das vezes, a realidade interior que se encontrava. Esse passeio talvez não seja confortável para alguns, então, caso fiquem incomodados, sintam-se à vontade para sair do trajeto, ir embora, ou pular algumas páginas da dissertação, pois iremos continuar a travessia.

2.4 Quem ousava descobrir o que existia depois do Carretel

⁵⁰ Cartografia refere-se à Geografia e ao estudo dos mapas. O cartógrafo acompanha as mudanças e transformações das paisagens. Apropriando-se do termo, utilizaremos a cartografia no sentido de mapear a geografia dos prazeres proibidos em Itabaiana, para isso fundamentaremos nas memórias dos entrevistados e dentro de nossa proposta construímos mapas dos locais mais frequentados ou lembrados afetivamente. Para maiores informações a respeito de cartografias geográficas e afetivas, ver (ROLNIK, 2011).

Mapa 03 – A Rua 13 de Maio/ Rua do Carretel



	Sinuca de Adonis e Casa de Jogos		Casa de Morada de Terezinha de Zé Gaguinho
	Casa de Jogo		Chatô de Tonha de Bola
	Fiteiro de Paulo		Casa de Morada de Severina
	Bar e Soparia de Terezinha de Zé Gaguinho		Casa de Morada de Nevinha Rica
	Loja de Móveis Usados		Bar Zé Brasil
	Venda / Cassino de Baralho		Depósito Neco Frizo
	Casa de Pensão de Chiquinha Cega e depois de Pêdoca		Pensão de Marge e Marroque
	Venda / Bodega		Pensão de Malvina
	Cabaré da Liu		Soparia de Maria Rei, depois Pensão de Malvina e depois topada
	Dormitório de Mauro		Quartos de Nelson Soldado
	Oficina		Pensão da Noêmia
	Cabaré de José		Pensão de Liu
	Venda de Zé Verenciano e depois de Biu Cara Véia		Pensão da Alzira
	Quartos de Gogó da Ema		Madreira de Antônio Petrônio
	Armazém de Antônio Petrônio		Casa de Pensão de Dona Finha, depois Palmira e Zé Bodega
	Pensão de Nevinha Pobre		Casa de Pensão de Nevinha Rica
	Dormitório de Nevinha Rica e Pensão de Cristina		Soparia de Dona Loura
	Casa de Rita do Bonde		Quadras e Lotes

Mapa adaptado pelo autor utilizando o software Quantun Gis- 2023. Elaborado com a contribuição das memórias de Simpício (2021).

Realizar esse percurso só foi possível devido às narrativas de pessoas que, direta ou indiretamente, estavam associadas ao recorte temporal e espacial da pesquisa. Consoante com Freitas (2006), “A História Oral fornece documentação para reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo é também história. A História Oral legitima a história do presente, pois a história foi, durante muito tempo, relegada ao passado”. (FREITAS, 2006, p.46).

As reminiscências contribuíram para termos versões diferentes da narrativa tradicional da história da cidade, pois os colaboradores compartilharam suas práticas cotidianas do passado. Ressaltamos que o ato de lembrar, relatar, rememorar não seria o “passado tal como foi”, mas uma representação de momentos, pessoas e hábitos, que foram enquadrados na memória seletiva e transmitida sem neutralidades, pois observamos, na fala dos entrevistados, lacunas e omissões, nas quais os participantes selecionaram o que nos contar.

Para Meihy,

Toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. Portanto, como discursos em eterna elaboração, a narrativa para a história oral, é uma versão dos fatos e não os fatos em si. Convém lembrar que, por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, cada vez que são reditas carregam diferenças significativas. (MEIHY, 2005, p.56).

As memórias que encontraremos possuem teor nostálgico e saudosista; as lembranças foram do tempo que passou e, mesmo ao rememorar, o entrevistado está filtrando e selecionando, embora ainda que de forma inconsciente, o fato. Nesse contexto, para Meihy (2015), “O passado contido na memória é dinâmico como a própria memória individual ou grupal”, ou seja, a memória lembrada e verbalizada não é a memória totalizada, e sim lembranças manifestadas no presente sobre o passado.

O retorno ao passado foi uma captura do presente. A lembrança não foi completa tal qual aconteceu no passado, mas são reminiscências a respeito dos acontecimentos e personagens. É bem dual a relação entre o presente e a representação do passado. Através de experiências, nossos colaboradores narraram suas vivências com o objeto ao responderem às nossas perguntas. Em síntese, sabemos que as lembranças não são informações isentas, pois seriam uma construção discursiva, racionalizada e que precisa ser verificada.

Mediante ao exposto, a cartografia afetiva da zona boêmia aparece como uma possível releitura aproximativa do espaço. Mapeamos os lugares e paisagens da Rua do Carretel como se tivéssemos voltado ao tempo e, através de anamneses fragmentadas dos entrevistados, construímos as descrições que seguem abaixo. Optamos por utilizar os termos usuais referentes ao período, casas de pensão, casas de jogos casas de recurso e bares.

Passando a linha férrea no lado direito da Rua do Carretel:

Casa de jogo de Adônis

Adônis, segundo um dos entrevistados, quando jovem, passou a trabalhar como garçom e ajudante na pensão de Moça-Homem e, com o passar do tempo, tornou-se “seu homem”, uma espécie de protegido, ajudado por ela. Segundo nossos entrevistados, fez fortuna com os cassinos que possuía na Rua do Carretel e, anos mais tarde, tornou-se um dos maiores empreendedores do jogo do bicho na região.

O cassino de Adônis tinha estrela, baralho, era muito jogo ali, num tem quem vem da linha? num tem o sobrado? Ali era uma casa de jogo de baralho e embaixo a sinuca, e encostado era cheio de estrela e tudo. Casas de cassino e de jogo, [...] tinha estrela, baralho, lasquinei. Vinha o povo de Timbaúba que amanhecia o dia. (ALVES, entrevista realizada em 08 de outubro de 2020).

Pensão de Moça-Homem

Conforme Simplício (2021), Cavalcante (2021) e Ribeiro (2020), a pensão era a maior e melhor da zona boêmia. Não conseguimos detectar o período de sua origem, mas acreditam que possivelmente tenha surgido na década de 1930 ou 1940, período auge da feira de gado e trem de ferro que vinha para a cidade. A pensão era animada e bem frequentada por homens de todas as classes sociais. Localizava-se logo após a linha férrea, nas proximidades do mercado público e feira do bacurau. As segundas-feiras sempre eram animadas com baile de orquestra. Em relação à aparência física de Moça-Homem, descreveram-na como uma mulher rica, elegante, educada e gorda. Para Ribeiro,

Moça-Home era uma mulher gorda, socada, sabe, cada braço que era isso, (demonstrou com as mãos) os homens a chamava de Moca Home porque ela fazia o seguinte: Ela pegava cana de braço e apostava pá botar abaixo, ninguém botava a cana dela, ai batizaram ela de “Moça -Home”, agora muito dada, alegre, educada, dava de comer às pessoas necessitadas, ela era assim. (RIBEIRO, entrevista realizada em - 11 de outubro de 2020).

Segundo os fragmentos de memória do entrevistado Mauro,

Moça Homem é mais antiga que eu. Quando eu nasci Moça Homem já tinha a pensão. Ela tinha a pensão. Tinha quartos pá alugar. Tinha pensão e tinha hotel, era uma mulher que o que ela mandasse vê em Itabaiana o povo mandava, era uma mulher direita. Eu conheci, trabalhei pá ela, eu vendia galinha e ela mandava comprar. Eu ia

comprar em Serrinha. Ela matava em média 50 a 60 galinhas por dia. Era um hotel e vendia almoço lá. Ela era Moça Home por que tinha mais de 100 quilos, era uma mulher grande e usava bigode. (Entrevista realizada em 15 de setembro de 2018).

Moça Homem foi lembrada como uma mulher rica, que morreu pobre, pois deu a “vida a seu homem”. Outro detalhe que nos chamou a atenção foi em relação à sua estética e fisionomia, pois tinha o porte grande e masculinizado. Segundo os entrevistados Alves (2020) e Ribeiro (2020), possivelmente foram essas características que deram origem a esse apelido. Para os depoentes ela “bebia mais que os homens e, na quebra de braço, ninguém a vencia” (ALVES, 2020). Ela vivia em um *ethos* extremamente masculino, diferentemente das outras mulheres, que estavam dentro dos lares.

Não conseguimos detectar quais motivos a fizeram entrar no mundo da prostituição, se antes de ser dona do estabelecimento, se se prostituía. Mas, por estar inserida nesse contexto, possuía mais liberdade social e política que as outras mulheres, visto que, nessa época, as mulheres começavam a lutar por direitos, enquanto ela, como cafetina⁵¹, impunha respeito na cidade perante seus pares, como reforçou Mauro (2018) em sua fala.

Bar de Teresinha de Zé Gaguinho

Bar frequentado por prostitutas e seus clientes. Geralmente, elas faziam suas refeições em determinados momentos do dia. Terezinha era conhecida pelo churrasco que vendia, composto por arroz, macarrão, bife de carne e ovo enfeitado com tomates, cebolas e azeitonas. No bar, vendia-se cachaça, cerveja e refrigerante. Como acompanhamento das refeições, havia petiscos, rolinhas, queijos e bolos.

Era um bar que ela vendia comida as mulheres. Não frequentava família não. Ela vendia bebida e vendia comida. Só não tinha quartos. E também não frequentava mulher casada. Só essas mulheres daqui as meretrizes, [...] elas comiam lá, faziam as refeições. No bar dela você pedia um churrasco. Quando as mulher tava acompanhada com o home, ela dizia vamos lá pá dona Terezinha que eu tou com fome”. (TRAJANO, entrevista realizada em 16 de junho de 2022).

⁵¹ A cafetina segundo Margareth Rago (2008) administrava seu negócio, empregava meretrizes, e pessoas que trabalhavam em seu bordel/ pensão alegre, músicos, garçonetes, meninos de recados e uma rede que lhe amparasse e estivesse a sua disposição. Eram proprietárias que ficaram famosas na cidade, tinha um lado aconchegante apesar da exploração econômica sobre as meninas. “Controlava os mínimos gestos das alunas do bordel, a quem introduzia nos códigos da mundanidade: ensinava como agradar ao freguês, como se vestir atraentemente, como ter gestos e atitudes charmosos, e exigia que as prostitutas incentivassem a consumir o máximo possível”. (RAGO, 2008, p. 204-205).

Por ser um espaço especificamente frequentado por mulheres consideradas transgressoras, as famílias não entravam no recinto. Caso isso acontecesse, as mulheres consideradas de boa conduta tinham sua reputação colocada em questão. O bar de Terezinha estava localizado na Rua 13 de Maio, mas pela Rua da Palha os clientes tinham acesso à casa de jogo do seu marido - Zé Gaguinho. Segundo Trajano (2022), os jogos começavam a ser formados apenas na segunda à tarde e terminavam no outro dia, quando vinham para a feira de gado e do bacurau fazendeiros de outras cidades.

Bar de Zé Budega

Era um dos maiores bares que havia na Rua do Carretel. Assim como o anterior, também servia de restaurante. Os entrevistados Valdemir (2022) e Fábio Mozart (2022) lembraram da ida do cantor Nelson Gonçalves e também das mortes que ocorreram no ambiente.

Valdemir relata que presenciou quando o cantor foi à cidade de Itabaiana e ao término do show foi aproveitar o melhor da boêmia. Minutos depois, foi para a pensão de Nevinha Rica, que não aceitou as exigências dele para cantar no estabelecimento. Diante de tal recusa, ele retirou-se e foi cantar no bar de Zé Budega para uma dúzia de ricos boêmios que exigiram que fechasse as portas, para realização de um show intimista. Conforme Valdemir,

Zé Budega disse: eu fecho agora mesmo. Aí fechou. A gente ficou lá dentro e tome cachaça. Zé Budega disse: de Nelson Gonçalves eu só quero uma coisa. Que me dê um autógrafo. Nelson trouxe um violão, ele pegou um garfo e fez assim, [mostrou com as mãos, no ar, repetindo o ato do cantor, como se estivesse riscando o violão], deixou escrito e botou: Ao amigo Zé Budega, do eterno amigo Nelson Gonçalves. (VALDEMIR, entrevista realizada em 10 de janeiro de 2022).

Nevinha Rica e Zé Budega eram fãs do cantor. A diferença entre os dois era que Nevinha, em plena segunda feira (dia de maior lucro), optou por não fechar a pensão, o que geraria burburinhos e deixaria sua imagem manchada perante os clientes, enquanto Zé Budega, por ser um bar, não teria prejuízos, apenas lucros como o violão autografado que posteriormente atraiu diversos clientes que desejavam observar o objeto valioso.

Pensão de Chiquinha Cega

Casa de recurso localizada na beira do Riacho do Carretel, era alugada para as prostitutas levarem seus clientes para lá. Quando ela faleceu, seu filho Topada continuou com o

empreendimento. Atualmente, os quartos são alugados para pessoas comuns morarem. Segundo Simplício (2021), “lá era casa de recurso, que é só entrar pá transar, era entrada e saída, ela também vendia sopa para as prostitutas e seus clientes”.

Pensão de Liu

Seu auge ocorreu também na época do trem de passageiros e da feira de gado. Liu tinha uma pensão onde toda segunda-feira à noite tocava uma orquestra. Segundo Simplício (2023), quando começou a se prostituir na década de 1960, a pensão de Liu já tinha passado seu período áureo. “Nessa pensão de baixo, não tinha a orquestra não, a que tinha era perto de dona Nevinha, a de baixo ela já não colocava mais. Por que tinha se acabado o trem que vinha de Timbaúba e que era assim de gente, de homens e mulher” (SIMPLÍCIO, entrevista realizada em 26 de dezembro de 2021).

Devido às falhas de memória dos nossos colaboradores, não conseguimos detectar se a pensão de Liu foi no período ou depois da de Moça Home.

Pensão de Nevinha Pobre

Maria José de Araújo⁵², de alcunha Nevinha Pobre, era conhecida na cidade para diferenciar da Nevinha Rica. Segundo a visão de todos os entrevistados, ambas possuíam pensões na Rua do Carretel, mas as diferenças não estavam apenas nos nomes e sobrenomes e sim na qualidade de serviços prestados para os clientes, sejam no conforto, qualidade das bebidas e/ou no nível das mulheres de cada casa; enquanto uma oferecia o melhor para os clientes, a outra tentava se igualar e oferecer o mínimo possível para quem buscasse os serviços de seu estabelecimento.

Simplício (2021), antes de ter seu próprio negócio, passou um tempo nas casas das Nevinhas e descreve qual era a diferença das pensões. “Lá era assim, era mais humilde sabe,

⁵² Maria José de Araújo nasceu na cidade de Salgado de São Félix em 10/06/1927 e faleceu aos 79 anos de idade no dia 18/09/2006, em Itabaiana. Conforme consta no documento de óbito, “morte natural” em sua residência, aos 79 anos. LIVRO C-07, folha 175v. (Pesquisa realizada na segunda quinzena de janeiro de 2023, nos livros de óbitos do Primeiro Cartório de Registro Civil de Itabaiana, localizado na Rua Benjamim Constant). Casou-se muito nova, e por motivos pessoais decidiu abandoná-lo e ir “fazer a vida” nos cabarés da cidade de Timbaúba - PE. Posteriormente abre uma pensão na Rua 13 de Maio, onde passou a hospedar prostitutas que vinham de Campina Grande, Alagoa Grande, Patos, Cruz de Espinharas e outras cidades do sertão. Em troca de hospedagem e comida, as mulheres pagavam uma taxa diária referente as despesas da casa. Segundo Conceição (2023) “A pensão de Nevinha pobe já ta dizendo o nome, era pobe [...] tinha 5 a 6 quartos, tinha tempo que tinha muita mulher, tinha tempo que não tinha ninguém” sobre o funcionamento e limpeza da casa ela relata que “a gente mesmo fazia isso, se juntava mais Nevinha e fazia, ela tomava conta da cozinha, do almoço e jantar e a gente fazia a limpeza”.

mas os quartos eram limpinhos, a roupa de cama era trocada quando saía um casal, ela ia lá e trocava o lençol. Enquanto em Nevinha Rica, quem fazia isso era a gente, os lençóis e toalhas era a gente que comprava”.

Segundo as entrevistadas Conceição (2023) e Ferreira (2022), Nevinha Pobre era de família humilde e casada quando decidiu deixar o marido e “cair no mundo da prostituição”, ela acredita que tenha possivelmente fugido das opressões na qual estava submetida, pois foi forçada a casar jovem com um homem que não tinha escolhido. Para nós, não interessam os reais motivos que a fizeram se prostituir, mas saber que depois que começou a “fazer a vida” na cidade de Timbaúba, veio para Itabaiana e abriu uma pensão de qualidade intermediária, onde era comparada constantemente com a de Nevinha Rica.

Para Margareth Rago, a prostituta, quando ascende para dona de pensão, assim como as outras mulheres do seu meio, era respeitada no mundo masculino, pois conhecia os segredos dos clientes., “promovendo encontros, articulando contatos, calculando preços e as margens de lucro, as inovações que terão êxito e que merecem um maior investimento” (RAGO, 2008, p. 216).

No recorte temporal em estudo, todas as donas de pensão se envolviam sexualmente de forma contínua com o homem escolhido, a quem chamava de “meu home” ou ainda “meu macho”. Elas não mais se prostituíam, mas passavam a ter casos longos e duradouros com homens jovens ou casados, a quem passa a oferecer agrados e benefícios financeiros. Esses homens eram respeitados pelas pessoas que trabalhavam nos bastidores das pensões e passavam a influenciar nas decisões relacionadas à administração da casa (SOUZA, 2002, p. 329)

Casa de Rita do Bonde

Rita era uma antiga prostituta que, ao se aposentar, devido à velhice, vendia bebidas e comidas em sua casa para as prostitutas e amigos próximos. Ela morava em uma casa recuada onde, no início do século XX, os bondes saíam e partiam em direção a vários pontos centrais da cidade. Durante a pesquisa, não conseguimos encontrar informações a respeito de como ela passou a residir nesse local, se comprou, se foi doado ou se foi invadido o imóvel.

Nas lembranças sobre Rita do Bonde, a entrevistada Alves (2020) nos informa que, quando criança, sua mãe lavava as roupas de Rita e ela ia ajudar na limpeza da casa. Ela recorda a mãe dizendo “que na frente da casa era um bonde, e depois nesse bonde fizeram moradia”. Enquanto nas memórias de Simplicio (2021), “Rita do Bonde morava em uma casa velha, uma

casinha, era uma preta velha que vivia sozinha, mas home, essa mulher preparava uma galinha de capoeira que era assim de gente lá. Era tipo um barzinho”.

As poucas informações que obtivemos a respeito de Rita do Bonde estão relacionadas à sua cor. Supomos, então, que ela tenha começado a se prostituir no início do século XX, período em que muitas mulheres de cor não possuíam oportunidades na sociedade e ainda vigoravam na mentalidade masculina, resquícios anteriores do fim da escravidão, época na qual a mulher negra era considerada objeto de prazer masculino.

Chegamos a essa conclusão por meio da fala de Alves (2020), pois quando ela era criança, Rita do bonde era bastante conhecida na região boêmia, mas era considerada velha e não exercia a prática da prostituição.

Chatô de Tonha de Bola

Chatô seria a mesma coisa que casa de recurso. Algumas mulheres pobres da zona boêmia alugavam quartos para que as prostitutas e os clientes realizassem o programa.

Respalado nas lembranças de Simplício (2021), “Tonha era uma velhinha de cabeça branca que morava com seu Bola. Sua casa tinha apenas dois quartos e servia para encontros de homens e mulheres. “Ela alugava apenas para clientes conhecidos que queriam burlar os olhares bisbilhoteiros das pessoas”.

Continuando nosso trajeto, iremos caminhar e mostrar a vocês, leitores (as), os estabelecimentos que se encontravam depois da linha férrea, no lado esquerdo.

Casa de Jogo de Adônis

Adônis é relatado como dono de dois empreendimentos: de um lado, jogos de cartas e do outro, jogos de bilhar.

Casa de recurso das irmãs Marge e Marroca

Segundo a entrevistada Simplício, a pensão era de entrada e saída, seria o mesmo que chatô ou recurso. A dona não contraía nenhuma obrigação com a prostituta, apenas alugava os quartos para que ela levasse os homens para realizar o programa e, mediante uma quantia em dinheiro, pagasse pelo espaço utilizado.

A casa fica depois da linha. Parecia casa. Era casa de recurso. Só era pá transar. Não tinha bebida, não tinha nada disso. As mulheres não ficavam morando lá. Eu fiquei, uma cearense veio e ficou também. Nesse período só ficou nós duas. Ia mulher novinha que era chama de home. Assim. (Fazendo sinal de muito com as mãos). Home pelo amor de Deus, ela disse para, mim: você foi butada pá fora de casa minha filha, porque você não fica aqui! - aí eu disse: - Ficar aqui? - Mas aqui não é o cabaré? Ela disse, nãooooooooo! Aqui é só casa de recurso, aqui não tem bebida, aqui não tem dança, cabaré é mais pra cima. Nesse tempo, tinha Dona Nevinha, e a finada Liu. Ela disse, cabaré mesmo é lá em Liu, é baile de orquestra. (SIMPLÍCIO, entrevista realizada em 26 de dezembro de 2021).

As irmãs Marge e Marroca, assim como outras donas de pensão, enxergavam na prostituição, um meio utilizado para obterem lucro e dinheiro. As donas de pensão que entrevistamos não se consideravam cafetinas, mas caridosas, pois estavam dando dormida e alimento para mulheres expulsas de casa ou que buscavam proteção e trabalho em seus estabelecimentos. Nas entrelinhas das falas das donas de pensão e ex-prostitutas, ficava implícito que ocorria a exploração dos corpos dessas mulheres, mesmo que de forma mascarada.

Soparia de Maria Rei

Ex-prostituta, na velhice vendia sopa para prostitutas e clientes. Através dos relatos dos depoentes, constatamos que, com o passar do tempo, as prostitutas perdiam a beleza padronizada e a vitalidade da juventude, para muitas, como forma de sobrevivência, passavam a comercializar bebidas, comidas ou cuidar dos filhos das prostitutas novas para que elas pudessem trabalhar e com isso pagar a elas pelo serviço de cuidadora de crianças.

Pensão de Topada

As pessoas na cidade falavam do cabaré de Topada como algo pejorativo. Questionamos a entrevistada Simplício (2021) porque se referiam dessa forma. Ela respondeu que lá as coisas eram mais liberais. “Topada era do rolo. Aceitava o povo fumar maconha, tudo se fazia lá.”

No decorrer da pesquisa, compreendemos que a pensão de Topada era considerada pequena, simples e sem luxo. Espaço de sociabilidades gerais, utilizado por todos que pretendiam ter prazeres ditos ilícitos, sem leis, regras ou repreendas. Segundo os entrevistados, lá era um ponto para namorar, ter relações sexuais, bebedeiras e muitas arruaças. Na mentalidade das pessoas, o cabaré de Topada era visto como um espaço que pode ser

considerado caótico, sem regras, ou mesmo mais livre, onde imperavam as contravenções. Dessa forma, as pessoas que o frequentavam integravam ou buscavam as mesmas coisas e, por isso, criavam seus próprios códigos e leis.

Pensão de Finha

Segundo o colaborador Ribeiro (2020), Dona Finha teve três pensões na Rua 13 de Maio, em momentos e locais diferentes. Ele lembra quando trabalhou lá como funcionário, servindo mesas, no caixa e controlando o som no salão. Em suas lembranças, explana:

Ela muito doente da perna, era uma mulher muito bonita, [...] a maioria das mulheres *de sua casa eram* de Sapé, Campina Grande, Mari eram muitas mulheres bonitas, acho que morreram quase tudo. Elas vinham no trem da tarde. Vinha aquelas fileiras de mulher, hoje não existe mais o trem né? Hoje acabou, ai vinha e ia pá 13 de Maio, lá pá dona Finha. Um bucado. Aquelas mulher melhor ia pá dona Finha, ia pá dona Nevinha Rica que era de dona Finha mais pá lá um pouquinho. (RIBEIRO, entrevista realizada em 11 de outubro de 2021).

Finha, assim como as outras donas de pensão, exercia influência sobre suas meninas e clientes que frequentavam seu estabelecimento, relação fortalecida com os políticos locais que, quando bêbados, dormiam escondidos nos quartos sem serem incomodados ou vistos pelos que lá estavam. Isso seria uma espécie de *estratégia* utilizada para ludibriar os olhos de curiosos e evitar falatórios perante a sociedade.

A pensão era considerada mediana, existindo 4 ou 5 quartos onde as mulheres que vinham de fora ficavam nesse estabelecimento para trabalhar e dormir nos momentos em que não estavam no exercício da prostituição durante a semana; quando questionamos sobre a alimentação, afirmaram que as mulheres não pagavam pela comida nem dormida, apenas pelas bebidas consumidas e o quarto utilizado durante o programa.

Casas de moradia de dona Gorda, Raimunda e Luiz

No meio dos bares e pensões, existiam casas de moradia de pessoas que passaram a conviver democraticamente com a prostituição. Perguntamos à entrevistada Cavalcante como era a relação dos moradores com a rua:

As famílias moravam daqui pá cá. Tudo era família, [fazendo sinais dividindo a rua ao meio e mostrando onde eram as casas de família e as pensões]. O cabarézo rolando

e a família aqui, o povo não dizia nada não, as famílias moravam tudo aqui. Não tinha escândalo, não tinha nada. O negócio aqui era a noite né? O movimento era a noite. (CAVALCANTE, entrevista realizada em 06 de outubro de 2021).

Segundo Cavalcante, as famílias já estavam acostumadas com a prática que ocorria dentro das pensões e não se escandalizavam com o que acontecia dentro desses recintos. Concordamos que elas poderiam até aceitar o comércio que existia com a prostituição, até o momento que não interferisse na formação direta de suas filhas, pois acreditamos que essa cordialidade mudaria de sentido quando os ideais da família fossem ameaçados, uma vez que as mulheres portadoras de honra não podiam ter amizades com ninguém que possuísem relação com o comércio do sexo.

Quartos próximos ao Riacho do Carretel⁵³

Eram quartos que pertenciam a Nelson Soldado e Cabo Setenta. Formavam um espaço pequeno com banheiro, alugados às prostitutas que levavam seus clientes para realizar os programas. Nessas alcovas, cabia apenas uma cama. (SIMPLÍCIO, entrevista realizada em 28 de outubro de 2021).

Pensão de Nevinha Rica

Maria Mendes da Cruz⁵⁴, órfã de mãe e com muitos irmãos, teve uma infância difícil e sofrida, casou jovem e, tempos depois, decidiu abandonar o marido devido aos maus tratos. Ao ouvir falar da feira de gado e da prostituição na cidade de Itabaiana nos anos de 1950, deixou tudo para trás, criou coragem e tomou o trem que partiria para Itabaiana. Meses depois, estabeleceu-se na Rua do Carretel, onde desenvolveu um lucrativo comércio ligado à prostituição feminina.

Apelidada carinhosamente por suas meninas e clientes como Madrinha Nevinha, tinha muitos afilhados espalhados na cidade, sendo que boa parte deles era de filhos de funcionárias com os clientes de sua casa. Entre as décadas de 1950 e 1980, foi considerada pelos contemporâneos a grande “dama da noite” itabaianense, devido à sua pensão ser frequentada

⁵³ O Riacho recebeu essa denominação em alusão à Rua do Carretel.

⁵⁴ Segundo o laudo assinado pelo Dr. José Nildo de Araújo Junior, nasceu no dia 24/10/1926 na cidade de Guarabira- PB e faleceu as 9 horas do dia 17/04/2017 no Hospital Regional de Itabaiana por insuficiência respiratória, sepse e pneumonia bacteriana devido a complicações do câncer de pele. Conforme consta no documento de óbito Livro C-12. Folha 145. (Pesquisa realizada na segunda quinzena de janeiro de 2023, nos livros de óbitos do Primeiro Cartório de Registro Civil de Itabaiana, localizado na Rua Benjamim Constant).

por um alto escalão de pessoas que possuíam alto poder aquisitivo. Segundo Simplício (2021), “Na casa de dona Nevinha ia gente de toda qualidade, doutor, médico, político, capitão do exército, da polícia, major, fazendeiros, políticos, comerciantes, advogados, homens e jovens que buscavam belas mulheres.”

Segundo todos os envolvidos na pesquisa, esse ambiente era diferente das outras pensões, pois as pessoas que o frequentavam possuíam muito dinheiro e podiam pagar pelo luxo oferecido, com comida e bebida de qualidade, boa música, local amplo e propício para dançar, conversar e realizar transações comerciais. Segundo os entrevistados, lá era diferente das outras pensões, as quais a qualidade era inferior em todos os quesitos.

As prostitutas da pensão de Nevinha Rica vestiam-se bem, eram perfumadas e selecionadas a dedo. Ela prezava pelas melhores que pudessem oferecer satisfação total aos clientes. Essas mulheres geralmente eram oriundas de diversos municípios da Paraíba e de outros estados brasileiros como Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia. Quando elas desembarcavam na estação de trem da cidade, transformavam-se em atração e diversão dos homens, que aguardavam ansiosos.

Segundo o entrevistado Valdemir (2022), Nevinha costumava chamar sua pensão de boate de Nossa Senhora das Neves, em homenagem à santa, e quando questionavam o porquê ela respondia que era devota e por isso chamava assim. O indivíduo quando entrava na pensão podia observar os seguintes dizeres em letras grandes “Aqui é uma casa de respeito”, pois, de acordo com os relatos de frequentadores, não existiam conflitos e brigas, pois, antes de tornar-se algo grave, ela pessoalmente resolvia, expulsava e proibia a entrada dos clientes que insistiam em fazer arruaças.

Contudo, concluímos que, no imaginário da população, o cabaré/pensão era um local onde não existiam regras, diferente do que podemos inferir na fala de Nevinha Rica ao afirmar que sua casa era um local de família e respeito. Constituíam-se, portanto, como um lugar que conquistou a força, pois estabelecia limites e, aqueles que infringissem suas leis, eram proibidos de frequentar seu estabelecimento.

Segundo Simplício, possivelmente a pensão foi vendida no início dos anos 1980, quando, já cansada, aposentou-se do meretrício, devido ao surgimento de novos costumes, como a criação de hotéis e a liberação sexual.

Casa de moradia e soparia de dona Laura

Dona Laura era uma mulher que lucrava com a venda de comida para as prostitutas. Por intermédio de algum pagamento, criava os filhos de algumas para que pudessem trabalhar; ouvimos relatos que adotava crianças abandonadas pelas mães que desapareciam após o parto. A entrevistada Simplício (2021) recorda do período em que trabalhava na pensão de Nevinha Rica: “A gente comia na casa de Dona Laura. Ela que cozinhava pá gente. Dona Laura era assim como se fosse uma mãe pá dona Nevinha”.

Caros leitores e leitoras, se vocês tiveram a curiosidade de nos acompanhar pela rua central da boêmia, convido-os/as a continuar nossa caminhada e a passearmos em becos escuros e esquisitos, “nas margens das margens”, pois, a partir desse momento, redobrem a atenção e tomem cuidado, pois iremos adentrar à Rua da Manichula, pois, para alguns dos entrevistados, é um lugar perigoso e frequentado por pessoas que impõem medo⁵⁵.

⁵⁵ Os entrevistados no seu lugar de fala, reforça a imagem da Rua da Manichula como um local mais fluído, frequentado por feirantes, sitiante e bananeiros que vinham vender suas mercadorias na feira do bacurau. Por serem homens simples e humildes, tinham fama de “valentões” e andavam sempre armados com facas e peixeiras, impondo medo nas pessoas.

No lado direito da Rua das Flores/Manichula, observamos:

Casas de recursos

As casas de recurso, devido a sua funcionalidade, assemelham-se aos hotéis atuais. Nas recordações de Alves,

Me lembro dessa casa onde tem um submercado e tem a garage, tudinho era casa de mulher, primeiro era Maria de Félix, a outra Severina Mascate, Antonha Maga, Maria do Cachorrinho, dona Olimpa. Era tudo recurso. Chamava de recursos. [*Lembra delas como eram?*]. Já eram idosa, Maria de Félix era baixinha dos cabelão, era bonita, agora a outra encostada, era branca e velhinha também, Severina Mascate era velhinha, muito velha não, Antônia Maga era bem magrinha, agora a mais segurinha era dona Olimpa. (ALVES, entrevista realizada em 08 de outubro de 2020).

As pensões da Rua da Manichula eram chamadas casas de recurso porque eram diferentes das pensões da Rua do Carretel. Tinham esse nome porque as senhoras citadas alugavam os quartos para as mulheres que vinham se prostituir na segunda-feira. Como as pensões da frente estavam muito lotadas, elas paqueravam os homens na feira do bacurau e os levavam para esses ambientes.

Cada casa de recurso tinha sala, dois quartos, cozinha e um banheiro. A dona da casa preparava um quarto e, durante a noite, esperava as mulheres para poder lucrar junto com as prostitutas do comércio do sexo. Geralmente funcionavam durante a segunda e terça-feira, quando existia um aumento quantitativo de homens e mulheres que vinham de cidades vizinhas para comercializar nas feiras da cidade.

Nos outros dias da semana, as casas de recurso serviam apenas de apoio para homens casados, que desejavam ficar com mulheres e esquivar-se da maledicência das pessoas, sem serem notados entrando na Rua do Carretel. Quando as mulheres eram casadas e traíam os maridos, entravam cobertas da cabeça aos pés com lençol branco.

Segundo as representações e fragmentos de memória dos entrevistados, concluímos que as casas de recursos mais citadas pelos colaboradores foram as de Maria Itambé, Severina Mascate, Maria do Cachorrinho, Antônia Maga, Dona Olímpia, Paca e Maria de Felix.

No lado esquerdo da Rua das Flores/Manichula, temos:

Bar de Mané Ricardo

Segundo o entrevistado Nascimento (2022), “Quando ele era bem novinho no começo de tudo, Mané Ricardo era dono do cabaré, foi o carro chefe dali, de 1955 pra cá. Topada nem existia. Era à luz de candeeiro, assim na meia parede, era cachaça da pior que tivesse, e mulher”. O entrevistado Nascimento nos traz informações que, segundo suas memórias, teria sido um dos pioneiros a explorar a prostituição na Rua das Flores.

Casa de jogo e venda de Mané Ricardo e Nenê de Dudu

No tocante aos dois, eles possuíam vendas e casas de jogo que funcionavam na semana durante o dia. A entrevistada Alves (2021) afirma: “Tinha jogo de baralho de Mané Ricardo, tinha de Nenê, era somente baralho, vendia bebida e tinha o jogo de salão, dia de semana, [...] tinha mesa pá jogar e de frente tinha o bar pá despachar.”

Porém, nas noites da segunda e da terça, aconteciam os forrós que movimentavam a rua. “Nos bailes de sanfona tinha o sanfoneiro, zabumbeiro e cantor; quem tocava era Raminho da sanfona, Alicate, Zezinho e Deda, e na terça-feira era até duas da tarde, fechava as portas e a gente ia pá dançar”. (ALVES, entrevista realizada em 08 de outubro de 2020).

Nas noites de segunda, durante a feira do bacurau, os homens aproveitavam o ambiente masculino para jogar, dançar, comer e a fazer prática do ato sexual. Conforme Alves (2021), na época em que se prostituía na Rua das Flores,

Elas dançavam no forró e contratava os homens que iam para o recurso. Os forrós eram de Nenê de Dudu, e o outro de Mané Ricardo, toda segunda feira, esse forró era com sanfoneiro, zabumbeiro. O povo cantando, era um salão, cheio de um lado e de outro. Era cheio lá e cheio cá. Quando aqui tinha pouco, a gente ia pá lá, quando tava tocando na sanfona a gente dançava uma parte, aí o home batia pá pagar a coleta da dança, (...). Pagava ao dono da sanfona, quem dançasse com aquela mulher, dançava duas, três partes, na outra cobrava, se não pagasse, não dançava mais, e para a mulher ele pagava um refrigerante ou alguma coisa que ela quisesse, se quisesse namorar, namorava fora, nos recursos. [Gargalhadas]. (ALVES, entrevista realizada em 08 de outubro de 2020).

Quando terminava os bailes de sanfona, as prostitutas se direcionavam para as proximidades da linha férrea, local onde estavam concentrados os feirantes que aguardavam amanhecer o dia para vender suas mercadorias na feira livre. Enquanto isso, durante a

madrugada, segundo Alves (2020), as prostitutas continuavam na “batalha” à procura de clientes.

As barracas de comidas

Na segunda-feira à noite, na entrada da zona boêmia, ficavam as barracas de comida, no entorno da linha férrea. Eram bancos de madeira, onde os feirantes vendiam arroz, feijão, macarrão, carne de bode, fígado, entre outras variedades. Alves afirma que as barracas que existiam eram de “dona Carma, dona Maria, dona Oliva [...] a gente ia comer, aí amanhecia o dia, na segunda feira era a noite todinha, até bem cedo, quando terminava aqui, [com o cliente] eu dizia: meu fi, pague um lanche pá gente aí”. (ALVES, entrevista realizada em 08 de outubro de 2020).

Os restaurantes e barracas de comida situados na zona boêmia, serviriam para atender as necessidades dos clientes e prostitutas que, durante a diversão ou trabalho, necessitavam se alimentar. Os cardápios eram típicos e bem variados para o gosto das pessoas. Como as barracas eram montadas para que as comidas fossem vendidas durante a feira, algumas mulheres, que não queriam cozinhar o jantar da segunda-feira ou o almoço da terça-feira, compravam quentinhas prontas para levar para casa.

Os banheiros

Na travessa Santa Cecilia, existiam os banheiros que eram utilizados para banho e a prática do sexo rápido. Seu responsável era Neném – o mesmo da casa de jogo e dos bailes de sanfona nas noites de segunda-feira. Eram em média dez pequenos banheiros com chuveiros. Isso era considerado, para a época, um luxo, visto que faltava água potável constantemente na cidade. A água dos chuveiros era retirada de um cacimbão e, mediante uma bomba elétrica, jorrava para as torneiras, algo que deixava os feirantes em êxtase, pois em casa não usufruíam desses “avanços”. O entrevistado Ribeiro narra suas experiências com os banhos de Neném,

Neném vendia banho antigamente, tinha banho de chuveiro, era uma época tão grande, que chuveiro só se fosse uma casa de gente mais ou menos, mas a gente ia pro cabaré e o cara vende banho e a gente tomava banho lá. Tinha muitos banheiros parece que tinha 10 banheiros, era pequeno, era só pro banho mesmo, aí o camarada escapulia assim e pagava por trás e entrava com a mulher pá tomar banho. Chegava lá no balcão e por ali as mulher chegava pá pedir bebida e começava lá e ali escapulia, os banhos acontecia todo dia se quisesse, a água vinha do cacimbão. (RIBEIRO, entrevista realizada em 11 de outubro de 2020).

Alves (2020) continua comentando sobre os banhos,

O banheiro pá tomar banho era bom! (gargalhada) oxente! Muita vez eu e Naninha, eu morava no lado de lá e Naninha morava aqui, ai chegava os homens da Chesf, ai Zé de Carminha [responsável pelos banhos] acenava. Naninha já tava tomando pitu com camarão, ai os homens da Chesf e eu tomava uma também, repara: a gente dava lucro lá, repara a gente dava lucro no banho, dava lucro na bebida e ainda ganhava nosso dinheiro, a noite ninguém ia mais trabalhar. (ALVES, entrevista realizada em 08 de outubro de 2020).

Nas proximidades da Rua do Carretel, especificamente na Rua da Palha, existiam os banheiros de Zé Gaguinho, que utilizava das mesmas artimanhas para obter lucros.

Para os donos de bares, Neném e Zé Gaguinho, a prostituição era um comércio rentável. Em vários momentos da semana, eles lucravam com as jogatinas, a venda de bebidas e com o os banhos pagos.

Utilizando de *táticas e estratégias*, as mulheres inseridas na prostituição encontravam meios para poderem exercer sua prática. Na Rua da Manichula, qualquer encontro ou espaço seria propício para um flerte ou encontro sexual. Existia uma linguagem própria que era estabelecida e compreendida através de gestos e sinais. Às vezes não era necessário a fala, e sim trocas de olhares e insinuações. Elas não perdiam tempo, já que qualquer encontro inesperado podia render-lhes bons lucros.

Casa de Maria da Garrafa

Para Orlando Araújo, (2020) e Erasmo Souto (Itabaiana Hoje, janeiro de 1998, p. 4), Maria da Garrafa era uma figura icônica. Negra, gorda e grande, foi a mestra na arte do sexo para muitos homens casados, ricos e empreendedores da cidade. Ela iniciara a vida sexual deles quando jovem.

Segundo os relatos, ela, quando se tornou velha, continuou na prática, exercendo a profissão com quem a procurasse. A colaboradora Alves (2020) conta-nos que “os meninos vinham aqui por detrás depois do alto do Major pá entrar na casa dela, iniciava os meninos bem cedo, era bem gorda, até José e meu irmão entrou e fez coisa com ela”. Para o escritor Erasmo Souto, em uma visão romanceada, se fosse prefeito de Itabaiana, mandaria erguer na entrada da Rua das Flores, uma estátua para homenagear Maria da Garrafa, devido aos serviços prestados para com os homens da cidade⁵⁶.

⁵⁶ Jornal Itabaiana Hoje, datado de janeiro de 1998, p. 4),

Atestamos que as falas dos colaboradores reforçam a imagem de Maria da Garrafa, bem como as mulheres negras associadas a atuação sexual como necessária para os homens. Nesse contexto, isso se configura e se constitui através de resquícios de uma mentalidade patriarcal e escravista do país que a colocou em uma posição de objeto sexual e de desejos para os homens, ocorrendo, com isso, a delimitação dos marcadores da diferença, onde a mulher branca seria a escolhida para casar. Maria da Garrafa, assim como outras mulheres negras, exerceram papel fundamental não só nas desvirginizações dos homens, mas ensinaram eles a mostrar-se que eram machos.

Casas de moradias

Eram pequenas casas de barro, cobertas com palhas. Com o tempo, Antônio Petronilo⁵⁷ derrubou-as e construiu casas de tijolos e telhas⁵⁸, alugando posteriormente aos moradores. Alves (2020) afirma que os moradores mais antigos da rua eram Maria de Garupinha, Carminha Preta, Carminha Mole, Poderoso, Solange, Zé Budega e outros que não lembro os nomes no momento. Para ela, assim como na Rua do Carretel, as pessoas da rua já estavam acostumadas com a prostituição da rua.

2.4.1. Colocando a zona na linha

A zona boêmia é expressada como a região de prazeres. Lá, encontramos a felicidade, a diversão e os espetáculos, bem como é possível alugar os corpos de mulheres, mediante algum pagamento acertado antecipadamente. Contrapondo-se a isso, ouvimos que algumas vezes se juntava o medo, o desespero, e as angústias de mulheres que encarnavam um personagem para esquecer dos problemas diários.

A zona boêmia possuía ritmos frenéticos, músicas desconcertantes que homens e mulheres dançavam alegoricamente a sons e descompassos diferentes, cada um movido por desejos e interesses próprios.

Rastreando as memórias e representações acerca da zona boêmia, procuramos captar os fragmentos e resquícios existentes. Entendemos que o passado é reforçado no vivenciado,

⁵⁷ Antônio Petrônio de Oliveira foi um empreendedor que construiu dezenas de casas na Rua das Flores e seu entorno. Como proprietário dos imóveis, alugava-os aos moradores que locavam a terceiros como casas de recursos e, dessa forma, todos lucravam com o comércio que existiam com a prostituição que ocorria na região.

⁵⁸ Conforme pesquisa de campo realizada na primeira quinzena de janeiro de 2023, as casas continuam com as mesmas características desde quando foram construídas.

configurado nas lembranças, atravessado pelas nostalgias, em oposição às vicissitudes de um presente escasso e modificado. Na travessia que fizemos na região, uma configuração nos era apresentada, enredada com hierarquias e lugares delimitados pelas classes sociais, ou pela diversão de quem poderia pagar ou não para entrar e utilizar determinados ambientes.

Na pesquisa de campo realizada junto com as entrevistadas, perante seus olhos, elas apontavam as modificações estéticas dos casarões, sofridas pela ação do homem no tempo. Para elas, a cidade é estranha, mas contém nas paredes fragmentos de memórias e acúmulo de acontecimentos de uma época que marcou a história de muitos itabaianenses.

O ser humano relata histórias através de suas experiências, mas o momento da narração se passa em tempos diferentes; o presente constituído no tempo que a história está sendo contada, o passado quando ele está rememorando o fato, e o futuro, que seria a junção dos dois. porém, cabe ao historiador construir a narrativa representada dos acontecimentos. E, nessa interlocução, grosso modo, lembrar seria olhar para o passado com os olhos do presente e, nesse presente, de acordo com as subjetividades do depoente, que pode, intencionalmente ou não, esconder, esquecer ou silenciar as histórias.

Para mapear a zona boêmia itabaianense, tomaremos como exemplos lugares cartografados por alguns pesquisadores do país,⁵⁹ bem como as lembranças dos nossos colaboradores. Alertamos a você, leitor(a), que uma narrativa com base na memória não condiz com a reconstituição fidedigna dos fatos, mas os relatos apresentados nos oferecem significados elaborados e representados pela memória, em virtude de que “Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que projeta no futuro, graças a essa capacidade da memória transitar livremente entre diversos tempos” (ALBERTI, 2006, p. 165). Nesse viés, as lembranças não recuperam o passado, mas constroem uma representação dele, trazendo escolhas feitas pelo depoente, que recorta, narra e reconstrói o passado. Para os historiadores, a história oral é a memória considerada como fonte inesgotável de vivências de pessoas que estavam inseridas no contexto analisado.

As práticas desses sujeitos nos fazem enxergar formas múltiplas da história e as inúmeras possibilidades de imposição do poder. Suas memórias foram produzidas pela criação humana a partir do momento que fizeram incursões na zona boêmia, espaços marginais que atraíam os homens. Durante a pesquisa, questionamos se algumas mulheres frequentaram a região e todos relataram que desconheciam casos de mulheres que iam se divertir. No máximo,

⁵⁹ Para construção deste capítulo, utilizamos como base os trabalhos relacionados à zona boêmia e espaços de diversão nas cidades de Belém, Fortaleza, Mossoró, Natal e Terezina. Ver; (DIAS JÚNIOR, 2014; SILVA, 2012; BARRETO, 2011; FREITAS, 2013 e SÁ FILHO, 2017)

havia ocorrências de trabalhar como profissional do sexo ou ajudante nos bares e restaurantes ali situados. Por serem mulheres e estarem trabalhando na organização e administração desses locais, eram vistas com “maus olhos” pela sociedade, por estarem inseridas naqueles espaços. Já as mulheres casadas que trabalhavam nos restaurantes, mesmo estando acompanhadas dos maridos, foram vítimas de comentários maldosos por parte da população.

Sobre a forma de como as prostitutas abordavam os clientes para a prática do sexo, percebemos que acontecia de formas diferentes na zona boêmia. Nas pensões da Rua do Carretel, existiam os salões onde as mulheres dançavam, bebiam e ficavam expostas esperando os clientes chegarem e tomarem a atitude para acertar o programa. Na Rua da Manichula, a aproximação ocorria de forma mais livre, geralmente, quem abordava os clientes eram as mulheres, que ficavam desfilando no meio dos transeuntes na feira do bacurau e se oferecendo para homens que possivelmente seriam levados para os quartos das casas de recurso.

Esses ambientes, como já delimitamos, eram marcados por classes sociais, ricos e pobres sabiam qual espaço podiam frequentar, não eram impedidos de adentrar no recinto, mas as normas e códigos eram impostos de forma naturalizada. Os depoentes alegaram que não frequentavam a Rua da Manichula por ser considerada um lugar perigoso e de pessoas marginalizadas, o que entendemos como “a margem da margem”, uma vez que a Manichula era frequentada por bananeiros, feirantes e sitiantes; como não era proibida sua entrada, eles poderiam, em algum momento, ter visitado as pensões da Rua do Carretel, mas acreditamos que ficaram deslocados e, no máximo, entraram naquelas consideradas mais pobres, onde existiam poucos quartos, sem salão de danças ou venda de bebidas caras.

Com as memórias dos interlocutores, percebemos que, na zona boêmia, existiam códigos morais de conduta e sociabilidade. Nosso objetivo com essa cartografia foi delimitar e apresentar a diversão da noite, mostrando a região das margens como lugar que homens e mulheres *infames*⁶⁰ encontraram para exercer liberdades a partir de determinados dias e horas da noite. A segunda parte do capítulo será destinada a mostrar a zona boêmia como espaço efervescente e cultural da cidade, local de divertimento de pessoas consideradas transgressoras.

⁶⁰ Analisando os documentos do século XVIII da Biblioteca Nacional da França, Michel Foucault, encontrou vestígios sobre histórias de vida que estavam nas brumas do esquecimento. Para a historiografia tradicional eram pessoas consideradas sem notoriedade, indignas, sem fama ou glória. Michel Foucault revoluciona com o artigo, a vida dos homens infames ao retirá-los do anonimato. Baseado nessa perspectiva, nossa pesquisa foi realizada para retirar do silenciamento, histórias de homens e mulheres que viviam na zona boêmia e para muitas pessoas da sociedade itabaianense, estavam relegadas apenas a memória de poquíssimos contemporâneos.

2.5 Cartografia das noites e diversões: “E tudo terminava no cabaré”

Depois de conhecermos as ruas, pensões, cassinos e bares da zona boêmia, a partir desse momento, convidamos vocês para participarem como espectadores/as das manifestações culturais que eram realizadas nas noites de segunda-feira ou em momentos festivos da cidade. Para isso, pedimos que se acomodem, misturem-se no meio do povo e apreciem os pastoris, teatros de bonecos (babau), cantadores de viola, coco de roda, ciranda, caboclinhos, bois de carnaval, blocos, escolas de samba, jogos de futebol, quadrilhas juninas, e as festas memoráveis realizadas nas pensões.

Na fala dos entrevistados Araújo (2020), Mozart (2022), Sanderli (2022) e Valdemir (2022), “E tudo terminava no cabaré”, observamos que era o momento de continuação de uma identidade cultural masculina. Nas festas tradicionais da cidade, os homens se divertiam nos pavilhões junto com as famílias, mas esperavam o fim da festa para aproveitar o restante da noite nas pensões da zona de meretrício, ocasiões em que as donas de pensão aproveitavam para vender bebidas e lucrar com o aluguel dos quartos, enquanto as prostitutas, como ficavam segregadas e não participavam das festividades oficiais, aguardavam o término desses eventos para conseguir trabalho e, conseqüentemente, dinheiro.

Para construção da narrativa, utilizaremos as memórias dos entrevistados e, por isso, alertamos que “A história oral possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores” (FREITAS, 2006, p. 79), ou seja, as entrevistas nos revelaram fatos desconhecidos da população em geral, inexplorados até o presente momento. O “dar voz” já vem sendo bastante problematizada pela historiografia; assim sendo, nosso interesse se reverte em abrir um espaço de escuta e publicização para vozes das e dos sujeitos dessa história.

O entrevistado Brandão (2023) nos informa que, quando criança, trabalhava em sua casa uma empregada doméstica que tinha sido prostituta na pensão de Nevinha Rica e, em conversa, sempre ouvia ela comentar que detestava os momentos festivos, porque o que para os outros era diversão e sociabilidade, para ela seria apenas trabalho. Mediante isso, afirmamos que a inventividade das festas como lazer depende muito das expectativas e experiências de cada sujeito. De todo modo, o comércio acontecia nesses momentos.

Nessa situação, pedimos que tenham cuidado, pois podemos, ao longo do texto, encontrar nas festas mencionadas não apenas a alegria e as danças, mas também brigas de algumas pessoas afoitas e bêbadas.

O Carnaval na Zona

No carnaval itabaianense, existia a festa momesca que é considerada, desde o início do século XX, um dos melhores carnavais interioranos do estado da Paraíba. (A União, 4 de março de 1976, p. 7). As ruas da cidade são decoradas⁶¹, turistas chegam para se alojar nos hotéis ou casas de parentes e, com isso, movimentam a economia local. A diversão começava à tardinha com o desfile das escolas de samba, tribos indígenas, troças carnavalescas e o corso. À noitinha, a festa estava garantida com os bailes à fantasia realizados no Itabaiana Clube. A animação

⁶¹ “Estamos informados de que na próspera e futura cidade de Itabayanna se preparam grandes festejos em honra ao deus da folia”. Jornal O Norte, domingo, 26 de fevereiro de 1922, p. 1.

contagiava a cidade durante os quatro dias de carnaval, que geralmente iniciavam às 22h e terminavam às 4h da manhã, ou os homens esticavam até o raiar do dia em alguma pensão da zona boêmia.

Para alguns foliões, o carnaval não terminava quando encerravam as atividades festivas dos clubes, os homens terminavam nas pensões, como afirma a ex-prostituta Simplício (2021): “O carnaval era bom demais, depois de umas certas horas, a gente se fantasiava e saía. Brincava no Nó, na Zebra, e na Águia. [Quando] terminava os blocos de rua e o povo ia tudinho para o bordel”. (SIMPLÍCIO, entrevista realizada em 28 de outubro de 2021).

Assim como na cidade⁶², as donas de pensão enfeitavam suas casas para receber os clientes. Analisando as fotografias das pensões de Nevinha Rica e dona Finha, que confirmam a decoração dos salões, observamos nelas bandeirinhas coloridas, e paredes com máscaras de pierrôs e colombinas. A entrevistada Simplício relata como aconteciam os carnavais na casa de Nevinha Rica:

Ah meu deus era bom demais era na base do banho, gente ligava a mangueira e molhava todo mundo, dentro do salão. Era bom demais pá ser verdade. (Risos). A gente brincava assim de shortinho como te mostrei, com aquele chapéu. Ali era de noite, de dia era no banho. Mangueira mesmo. Se entrasse enxuto saía molhado. A tradição era essa. Era confete serpentina as paredes tudo enfeitada de palhaço aquelas caras, as músicas era frevo pá se danar. (SIMPLÍCIO, entrevista realizada em 28 de outubro de 2021).

Simplício lembra que, quando trabalhava na pensão de Nevinha Rica, a diversão era grande, tinha orquestra de frevo na manhã de terça-feira, mas quando estava em sua pensão, no período de carnaval ninguém trabalhava, pois preferia fechar as portas e se divertir nas ruas.

Para Pereira, o período carnavalesco era o momento de ganhar dinheiro, porém comentou que odiava os preparativos que antecediavam o carnaval, pois limpava o salão durante o dia e quando à noite as pessoas que acompanhavam os bois e ursos de carnaval invadiam a pensão e sujavam tudo: “O carnaval nunca gostei [...] eu tinha raiva do bloco que entrava, quando os bois e ursos entrava era big, big, big [fazendo barulho de som com a boca e mãos, simulando a batucada]” (PEREIRA, entrevista realizada em 02 de agosto de 2020). Em suma,

⁶² Analisando os documentos da Câmara Municipal de Itabaiana, encontramos documentos da Prefeitura Municipal de Itabaiana, Lei n° 04/73, assinada pelo prefeito Dr. Antônio Batista Santiago datado de 02 de março de 1973 e o Anteprojeto de Lei n° 02/74, assinado pelo prefeito, datado de 30 de janeiro de 1974, ambos destinando a abertura de créditos para auxiliar no custeio de escolas de samba, maracatus, blocos carnavalescos e outras agremiações que abrilhantam o carnaval de rua. Como justificativa ele alega que “é indispensável a decoração da cidade, necessária a criação de um ambiente propício ao brilhantismo do tríduo carnavalesco.” (PMI, 1974, p. 2)

ela afirma que não gostava porque, quando eles entravam, era muita gente e conseqüentemente sujavam todo o ambiente.

Os bois de carnaval

Em Itabaiana, existe a tradição cultural dos bois de carnaval desfilarem nas ruas da cidade no período que antecede o tríduo momesco. Quando chega o mês de janeiro, as ruas são tomadas de pessoas e bois que arrastam multidão com seus batuques e cantorias. Na maioria das vezes, eles entravam nas pensões, fazendo a diversão dos que estavam presentes.

O Zé Pereira

A rua do “cabaré” também é a rua dos blocos carnavalescos. No sábado que antecede o carnaval, faz parte da tradição da cidade sair o bloco do Zé Pereira⁶³, lá em cima, no final da rua. O bloco arrasta uma multidão de pessoas pelas ruas, que, ao som de orquestras de frevo, pulam e se divertem esbanjando alegria. Para a entrevistada Cavalcante (2021), sua relação com o Zé Pereira existe há mais de 70 anos, “eu era menina, [...] tinha entre seis a sete anos, quando mamãe levava a gente pá rua, pá ver o Zé Pereira, no sábado 8 dias antes do carnaval, aí o Zé Pereira depois foi desativado”.

Cavalcante relata que foi morar em Recife e a brincadeira tinha acabado. Anos depois, quando retornou à cidade, seu irmão Nicó e alguns amigos se reuniram, há mais ou menos 50 anos, e fizeram renascer a tradição do Zé Pereira:

Saiu o primeiro ano, com a cabeça bem grande de papelão. Fizeram, pintaram a cabeça, só sei que botaram a cabeça na rua. Menino se você visse a multidão que o Zé Pereira conseguiu arrastar, sempre saía do posto fiscal, saía da Sociedade dos Trabalhadores. O povo e o cabeção, e ia para o posto fiscal. Agora não, sai na minha casa, [...] sábado de carnaval é uma festa. (CAVALCANTE, entrevista realizada em 06 de outubro de 2021).

Cavalcante assumiu a organização do Zé Pereira há 25 anos, quando seu irmão faleceu. Atualmente, mesmo com dificuldades, busca patrocínio no comércio para que o bloco saia às ruas, e afirma que sua maior decepção em vida, foi em um ano em que o Zé Pereira não saiu.

⁶³ O historiador Fernando Dutra, estudando sobre as músicas de carnaval, relata que o Zé Pereira foi uma derivação deturpada do Zé Nogueira, português erradicado na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1848, que, durante o carnaval, saiu com um bumbo na mão animando as pessoas, o que se repetiu nos anos seguintes. Ele afirma que, entre 1869 e 1870, a companhia de Teatro Jacinto Heller, no Teatro Fénix Dramática, montava o espetáculo Zé Pereira Carnavalesco, onde cantavam a música que o refrão pegou, viva o Zé Pereira – “que ninguém faz mal, viva a bebedeira, nos dias de carnaval”. (Jornal a União 12 de fevereiro de 1988, p. 1, caderno 2.).

Por isso, fez com que seus familiares prometessem que quando ela morrer não deixem a tradição acabar.

Os caboclinhos

Na região estudada, existiam, nesse período, os “Cabôcos” de Josa⁶⁴, como eram conhecidos os Assombrados da Floresta. Os caboclinhos eram um grupo de dança que expressavam o sentimento nativista em suas coreografias, normalmente marcadas pelos estalos rítmicos dos arcos e flechas usados como adereços. Os ensaios aconteciam nas noites de sábado ou domingo entre as ruas Santa Cecília e das Flores⁶⁵. Era muito comum serem observados pelos moradores e algumas prostitutas que não estavam em trabalho no dia. Alves (2020) lembra que,

Os primeiros cabôco que tinha aqui, era os cabôco de Mocós, antigo que era somente estralando assim (fazendo barulhos com as mãos), já o de Josa foi depois. Eles andavam somente pelo carnaval. Andava pá todo canto. Josa ensaiava em casa, na Rua das Flores, onde eu moro, os ensaios eram no domingo, no dia que não saía, eles ensaiava em casa. (ALVES, 06 de outubro de 2021).

O ativista cultural Silva, filho de Josa, relata que o grupo é mais antigo que o seu nascimento, pois “quando tinha 3 anos de idade, estava no meio dos índios, ele colocou pra eu brincar. Terminou em meados de 80 ou 88, foi o último ano que saiu, foi quando pai resolveu não colocar mais”. (SILVA, entrevista realizada em 26 de fevereiro de 2023).

As escolas de samba

As escolas de samba abrilhantavam o carnaval de rua da cidade. Entre elas, estava a Gigantes do Samba do Eptácio Moura. Os ensaios ocorriam nos finais de semana na Rua Santa Rita. Participavam deles moradores da área boêmia e algumas prostitutas que olhavam os

⁶⁴ Joséfá Cordeiro de Moura – Josa dos índios foi um dos incentivadores da cultura popular em Itabaiana nas décadas de 1970-1990, morava e possuía uma pensão na Rua 13 de Maio na década de 1990.

⁶⁵ Além dos caboclinhos de Josa, encontramos nesse período os caboclinhos dos mestres: Zé Leiteiro, Agostinho, Gonzaga e Mocós. Eles ensaiavam com seus grupos em outras áreas da cidade, mas o brilhantismo acontecia nos três dias de carnaval, chamando a atenção dos foliões que estavam na rua. Atualmente existe apenas a agremiação indígena Os Filhos dos Tupinambás que é organizado há 29 anos por Maria do Carmo, filha de Zé Leiteiro. Mestre falecido em 1993. Na época de Zé Leiteiro os Tupinambás da Floresta participavam em média 100 homens. Maria do Carmo afirma que os “índios” não tinham apenas uma função cultural, mas o que poucos sabem é a ligação espiritual, do nome do grupo, tupinambá pertencia a uma entidade cultuada pelo seu pai e por isso ele a homenageava dançando.

ensaios ou desfilavam nos dias de carnaval, como relata a colaboradora Alves (2021), ao afirmar que “comprava sua fantasia para desfilar nos dias de carnaval e as pessoas a tratavam sem preconceito”.

A historiadora Barros declara que quem realizava e organizava o carnaval de Itabaiana era apaixonado pelo que fazia “[...] o povão, o mais humilde, que brincava com a alma, chorava quando perdia, chorava quando ganhava. Entendeu? Dava o sangue mesmo pelo aquele bloco, pela aquela escola de samba, entendeu? Guardava segredo a sete chaves até o dia de Carnaval” (BARROS, entrevista realizada em 01 de março de 2023). Continuando a tradição carnavalesca, atualmente, na região boêmia, há quase 40 anos, acontece, na Rua das Flores, os ensaios da Escola de Samba Imperatriz do Jucuri, tendo como organizador Biu do Vasco.

As festas momescas eram o período preferido das pessoas envolvidas com a zona boêmia, pois o carnaval expressa a festa da fantasia, da liberdade e do corpo. Nesse quesito, homens e mulheres considerados *infames* expressavam seus desejos sem repreendas. Era o momento irreverente para extravasar os desejos. Em alguns momentos, no entorno da zona boêmia, eram realizados ensaios de escolas de samba e blocos carnavalescos; de acordo com os entrevistados, as prostitutas observavam ou participavam das manifestações sem serem apontadas ou discriminadas.

Inicialmente, “compramos” a ideia de que elas eram aceitas nessas manifestações, mas, analisando as entrelinhas e os silêncios das falas de alguns depoentes, percebemos que não podemos generalizar, pois, como afirmamos anteriormente, os relatos orais dependem muito das experiências de cada narrador; para esclarecer essa questão, tomaremos como exemplo o caso de preconceito sofrido pela dona de pensão Simplício.

Ela relata que, em um determinado dia de carnaval, não lembra o ano, foi destratada pelo proprietário de uma sorveteria que não queria que ela ficasse na calçada do lugar, porém, na ocasião, estavam presentes vários ex-clientes e atuais amigos com as esposas, e estas sabiam que ela os tinha protegido quando entravam escondidos, por serem menores de idade, fugindo dos fiscais de menores. Na situação relatada, eles defenderam-na, na presença do dono do estabelecimento, alegando que ela merecia respeito e, caso isso não acontecesse, sairiam sem pagar a conta.

O que nos chama a atenção com o fato mencionado era o prestígio das donas de pensão perante os homens da sociedade. É certo que elas buscavam meios para se divertir na sociedade de forma discreta e, quando isso não era possível, eram atacadas devido à sua “falta de moral”, segundo os padrões sociais normativos. Questionamos sobre a postura das esposas dos

envolvidos na situação e ela afirmou que elas a trataram normalmente e acharam engraçado conhecer a mulher que tinha desvirginado os maridos.

Festas Joaninas

Quando o mês junino se aproximava, a população aguardava ansiosa os festejos que movimentariam a cidade. As festas joaninas fazem parte da cultura imaterial do Nordeste e são comemoradas em todo o país. A alegria contagia a todos com as músicas, danças e comidas típicas. Através das cores, cheiros e sons, o nordestino é envolvido em um clima de magia transcendental baseada na história religiosa/profana dos santos festejados.

Orlando Araújo (2020) recorda como os itabaianenses celebravam tais comemorações:

Como me lembro do São João da minha terra, todas as ruas da cidade ornamentadas caracteristicamente com o evento, o povo devidamente vestido de roupas matutas mesmo que não estivessem participando de quadrilha junina. Lembro da rua que eu morava (Boca da Mata) assim como todas as demais, eram embandeiradas, em cada janela e porta pendurada uma lanterna artesanal feita de papel colorido em formato parecido com uma sanfona iluminada internamente por uma vela e, em frente de cada casa uma fogueira armada para ser acessa a partir de 18:00 horas. Fogueira acessa, as famílias sentavam na calçada rodeada a uma mesa com toalha de chita, completa com todas as comidas típicas. A festa começava, todo mundo se unia como se todos moradores da rua fosse uma só família, sempre existia uma palhoça armada com um sanfoneiro tocando e as famílias dançando. (ARAÚJO, entrevista realizada em 2020).

Era com esse clima que víamos os balões coloridos no céu, o brilho dos fogos de artifícios. As crianças soltando bombinhas de pólvora, as moças fazendo simpatias e adivinhações, os vizinhos tornando-se comadres/compadres no batismo perante as fogueiras e também as divertidas quadrilhas.

Era tradição nas ruas e clubes da cidade a formação de quadrilhas juninas. Dentre elas, conseguimos detectar uma que era realizada nos arredores da zona boêmia. Evidenciamos, nesse cenário, a importância desta para a região, pois algumas prostitutas ficavam observando de longe, ou algumas meninas, tidas como portadoras de honra, burlavam a vigilância dos pais, alegando que iam participar da brincadeira, mas, no percurso, mudavam a rota e frequentavam às escondidas as pensões da Rua do Carretel.

Foi na década de 1960, período enfatizado pelo artista plástico Orlando Araújo, que a jovem Alves, com apenas 15 anos de idade, pediu à sua mãe para ir com uma amiga, olhar os ensaios de uma quadrilha. No meio do percurso, descobriu qual era o intento de sua amiga.

A gente fomos pela Rua da Palha e quando voltamos vimos as quadrilhas e aí a gente fomos dançar no bar de Maria de Nozinho. Mas tinha a quadrilha na Rua da Palha, mas ela me enganou me levou pra outro canto [...] Mamãe nunca soube que essa amiga me levou. Morreu e nunca soube, eu fui enganada (ALVES, entrevista realizada em 08 de outubro de 2020).

Nesse dia, por ser menor de idade, ela entrou no bar escondida e foi apenas para dançar. “Povo tinha medo, porque eu era pequenininha, bem maguinha e novinha e aí não ia” (ALVES, entrevista realizada em 08 de outubro de 2020), os homens tinham receio de ficar/namorar e, por isso, chamavam-na apenas para dançar. Dias depois, quando perdeu a virgindade, entrava pelas portas dos fundos enrolada por um lençol branco, para ludibriar o fiscal de menor. Foi dessa maneira que iniciou na vida da prostituição com a conivência da dona da pensão, que, visando lucros para seu negócio, arranjava meninas para casos extraconjugais com homens conhecidos, casados e empresários da sociedade local. Homens que, segundo Alves (2020), teve relacionamentos esporádicos e duradouros.

Ao analisar fotografias das pensões de Nevinha Rica e Dona Finha (ver em anexos), observamos os salões enfeitados com bandeirinhas coloridas, balões e palhas de coco. Elas entravam no clima junino para entregar aos clientes uma realidade festiva. Para Simplício (2023), “O São João era bom demais, era de arrombar a boca do balão, porque vinha muito home de fora” e com isso oportunidade de ganhar dinheiro. A festa acontecia com músicas dos forrós da época, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Trio Nordestino. As festas joaninas ocorriam também nos clubes, sendo a de São Pedro a mais aguardada. Os bailes eram realizados no Itabaiana Clube, “eram anunciados nas páginas de jornais⁶⁶ dos estados da Paraíba e Pernambuco, convidando quem dispusesse de prestígio e dinheiro para desfrutar da festa. Era uma forma de estreitar laços entre amigos” (ARAÚJO, 2020), ter futuras relações profissionais, e de forma indireta, mais clientes para as donas de pensões suas amigas, uma vez que, como já relatamos, no final das festas os homens buscavam diversões nas pensões.

As festas particulares

Evidenciamos a primeira vinda do cantor Nelson Gonçalves ao Cinema Ideal. Ao término do show, um filho de fazendeiro convidou-o para conhecer a boemia da cidade, que,

⁶⁶ Anualmente, o jornal *A União* convidava a sociedade paraibana para prestigiar as festas joaninas nos clubes da cidade. “Hoje o Clube 24 de Maio recepcionará os seus sócios e famílias, promovendo uma Festa Joanina, que se auspícia bastante animada em face do interesse que vem despertando na sociedade de Tabaiana” (A UNIÃO, 23 de junho de 1944, p. 5).

prontamente, aceitou. O entrevistado Valdemir (2022) estava presente na comitiva que foi à pensão de Nevinha Rica, que não acreditou que seu ídolo estivesse ali presente, assunto já abordado quando mencionamos sua ida ao bar de Zé Bodega.

Abraçou, beijou e mostrou a prateleira ao lado da vitrola com pelo menos uns 20 LPs de 78 rotações do artista que assinou a capa de boa parte daquela coleção. – Vai cantar para a gente, Seu Néilson? – Posso dar uma canja, minha senhora, desde que feche a porta do cabaré. A gente cobre a despesas – disse o cantor. – Não posso fazer isso, Seu Néilson. Amanhã o senhor não está mais aqui. Não vou deixar para fora quem vai me garantir nos dias seguintes. – Então, não canto. – Então não cante, admiro muito o senhor, mas no meu cabaré quem manda sou eu. – Entendo, minha senhora. Não fique com raiva. A senhora manda no seu cabaré, mas na minha voz, mandou eu. Despediram-se cordialmente, sem rancor de parte a parte quando nosso Valdemir sugeriu o mosqueiro de Zé Bodega. (A UNIÃO, 14 de setembro de 2022, p. 11).

O caso exposto do cantor Nelson Gonçalves foi apenas um que demonstrou o prestígio e o zelo que Nevinha tinha para com seus clientes. Afinal, ela dependia deles para continuar trabalhando e por isso preferiu fazer a desfeita ao cantor do que para os que realmente estavam ao seu lado todos os dias.

Não era algo comum, mas, em alguns momentos, os comerciantes, fazendeiros e empresários, solicitavam que as donas de pensão fechassem as portas do estabelecimento⁶⁷ para realizarem festas particulares. Normalmente isso acontecia quando fechavam alguma transação comercial importante e queriam festejar. Eles pagavam as despesas da pensão, das mulheres e de tudo que fosse consumido pelos que estavam presentes. Nessas ocasiões, esbanjavam dinheiro e poder. Simplício (2023) relembra que presenciou o fato quando era dona de pensão. Alguns empresários disseram:

Não entra ninguém, ficava as mulheres tudo de calcinha e sutiã e eles só de zorba e cueca, a maioria era samba canção, eu tirava o couro, ficava assim só os mais gaiatos, os outros ficava normal. Mas era assim. Quanto eles pagavam, ah eles pagavam dinheiro que a gente passava três dias para ganhar, só pá fechar e ficar só eles. Aí ficava a noite todinha e entrava pelo dia, as mulheres que ficava na casa eles pagava. Pagava por fechar a casa e pagava a bebida que consumia e brincava com elas. Ficava tudo na mesa, alguns ia para os quartos, outros ficava dançando. Só ficava de calcinha e sutiã e botava pá dançar em cima da mesa. (SIMPLÍCIO, entrevista realizada em 06 de janeiro de 2023).

⁶⁷Encontramos comportamento semelhante na cidade de Mossoró- RN, pelos políticos, comerciantes e trabalhadores modestos das salinas e estação ferroviária que queriam ostentar para os presentes e as prostitutas. Ver: (BARRETO, 2011).

A entrevistada Ferreira (2022) contou-nos um caso vivenciado por ele e três amigos na pensão de Elisa, na Rua do Carretel.

Num sábado bebendo, eu, Zé Maroja,⁶⁸ Borges e Tatá, a gente bebendo lá, aí disseram: vamos tirar a roupa e todo mundo ficar nu! - Olha que invenção naquela época! Lá em Elisa encostado na ponte, e tiramos a roupa e ficamos andando nu, e depois inventamos de dançar no quintal, mais no quintal a turma lá de cima do alto dos currais, vê lá embaixo, né? Na pensão só estava a gente mesmo e as meninas, cada um com uma mulher. Aí ficamos dançado nu no quintal [gargalhadas]. (FERREIRA, entrevista realizada em 14 de junho de 2023).

Os vizinhos da Rua Floriano Peixoto sentiram-se ofendidos ao observar a brincadeira. Para que isso não se repetisse, solicitaram ao delegado que resolvesse a querela e fechasse a pensão de Elisa. Mas os rapazes, por serem ricos e amigos do delegado, fizeram com que este encobrisse o problema dos companheiros e recomendasse apenas que pagassem as despesas consumidas na pensão e não fizessem novamente. O caso exposto demonstra que o atentado ao pudor foi silenciado, e, assim como costumeiramente, em situações como essa, a relação de poder entre fortes e fracos foi estabelecida.

As pessoas que eram abastadas financeiramente enxergavam o cabaré como um espaço onde poderiam afirmar suas posições econômicas e, com isso, evidenciar a publicidade de que eram poderosas e podiam ostentar o quanto quisessem. Percebemos isso na fala dos entrevistados quando afirmavam e realçavam os lugares indenitários para pobres ou ricos.

As identidades eram definidas pelos espaços que eles adentravam. Geralmente esses casos, os de fechar as portas das pensões, ocorreram na Rua do Carretel por alguns sujeitos que barganhavam poder, escolhendo as melhores mulheres da casa, deixando claro e demarcando sua posição social. Os entrevistados citaram o nome de Zé Maroja, que fez muitas arruaças dentro das pensões, pois brigava com as pessoas sem motivo algum, inclusive se envolveu em uma briga na qual seu irmão foi morto na ocasião. Entre outros motivos, Nevinha Rica o proibiu de entrar em seu estabelecimento, assim como as outras donas de pensões seguiram o exemplo, restando ao arruaceiro um frequentador das pensões consideradas mais pobres.

⁶⁸Os nomes dos personagens foram trocados, exceto o de José Maroja, figura bastante conhecida na zona boêmia. Na cidade de Itabaiana, são relatadas histórias das mais diversas sobre seus desmandos nas pensões, no período em que era jovem. Ressaltamos que ele fazia isso por ser de família influente de oligarcas e coronéis que participaram ativamente na história republicana da Paraíba. Ele foi descendente direto do chefe político de Itabaiana. Sua família possui ligações com usineiros da várzea do Rio Paraíba.

O coco de roda e a ciranda

Nas festas de Santo Antônio, São João, São Pedro, Santa Ana, Natal, Ano Novo e Reis, por trás da Rua 13 de Maio, na antiga Rua do Pau, atual José Félix Almeida, aconteciam o coco de roda e a ciranda⁶⁹ de Zé Pabulagem e sua esposa Aia⁷⁰. O local do folguedo era debaixo da enorme árvore que resiste ao tempo e permanece até hoje. Para Edineide, era uma tradição familiar bastante antiga. Quando ela nasceu, eles já realizavam a festividade.

O coco ou ciranda, é uma dança rítmica que, ao som da zabumba, cuícas e pandeiros, possuem marcações e coreografias específicas puxadas pelo mestre. Elas podem ser decoradas ou improvisadas. Em Itabaiana, ressaltamos a participação da mestra Arlinda cirandeira.⁷¹

O pastoril

A lapinha é a denominação mais conhecida do pastoril. É uma dança típica do Nordeste do Brasil, geralmente realizada no período do Natal. Dança representada por mulheres, em que seus personagens⁷² vestidos nas cores azul e vermelho encenam em homenagem ao menino Jesus. (SILVA, 2007). Em algumas ruas de Itabaiana, as lapinhas eram realizadas por famílias tradicionais, porém, sua generalização favoreceu ao surgimento dos pastoris na Rua do Carretel.

O cineasta Vladimir Carvalho lembra em entrevistas os anos que era criança e morava em Itabaiana na década de 1940.

Os pastoris eram uma espécie de teatro de revista ao ar livre, protagonizado pelas raparigas e comandado por um palhaço. No meio da zona, encenava-se também o bumba-meu-boi, localmente chamado de cavalo-marinho. Do outro lado da ferrovia, meu pai costumava organizar um grande cavalo-marinho para atrair frequência noturna ao seu armazém. A mim, as figuras grotescas do folguedo não divertiam, mas causavam um misto de medo e atração. (MATOS, 2008, p. 39-40).

⁶⁹ Segundo Silva (2007), o coco de roda é uma dança típica tradicional que surgiu no Quilombo dos Palmares. O ritmo era tirado da quebra dos cocos pelos escravos. Na tarefa eles cantavam e dançavam. Já a ciranda, surgiu no litoral norte de Pernambuco, onde de mãos dadas ao som da zabumba as pessoas vão marcando a dança com o pé esquerdo que avança para frente seguida depois com o pé direito.

⁷⁰ Zé Pabulagem tinha a profissão de carapuceiro, trabalhava na feira livre carregando as compras das pessoas em balaies que eram equilibrados em sua cabeça. Sua esposa Matilde, conhecida como dona “Aia”, confeccionava chapéus de palha para serem vendidos nas terças-feiras. Ambos eram negros e humildes.

⁷¹ Um grande destaque na ciranda de Itabaiana foi Arlinda Agostinho Narciso, popularmente conhecida como Arlinda Cirandeira. Mulher negra, pobre, vendedora de verduras na feira livre, e nas horas de diversão era mestra do pastoril, cantava coco de roda, cirandas e criava toadas improvisadas. Sua voz era forte e imponente e por isso era convidada para animar os comícios políticos. (MOZART, 2014, p. 24).

⁷² As personagens dividem-se em dois cordões: azul e vermelho, geralmente são seis pastoras em cada partido. Tendo como personagens a contramestra, pastoras, borboleta, camponesa, o anjo, a Diana, o pastor, a cigana, a estrela. Cantando músicas, tentam arrecadar dinheiro e tornar a equipe vencedora.

E acrescenta, em outro momento, que

Tinha a feira do gado na segunda-feira e, na terça-feira, a grande feira, a feira mesmo da cidade, a feira ao ar livre. Então, a virada da noite da segunda para a terça era uma coisa extraordinária, porque tinha... A zona de mulheres virava uma festa, com aqueles homens e as mulheres. Tinha o pastoril, que era uma espécie... Toda vez que eu vejo um *cancan* no cinema, eu só me lembro dos pastoris, com aquelas mulheres dançando lá, e o povo apostava: cordão encarnado, cordão azul, e tudo mais. Então, a casa do meu avô era frequentada por essa gente. (SILVA, 2010, p. 4-5).

Conforme o jurista Oliveira, em *O cancionero de Zé da Luz*, reforça que o poeta Zé da Luz⁷³, em seus versos, revela a identidade dos itabaianenses pobres. A construção dos personagens ocorreu com homens e mulheres que estavam diante dos seus olhos. Nos versos, ele cita histórias de pessoas simples que fizeram parte do seu cotidiano: Rubina, Pêdo Cristóvo, as personagens do pastoril e Luizinho de Xandú, comentando as rivalidades entre os partidos azul e encarnado.

Rubina era a organizadora do pastoril. Deduzimos que, por estar na zona boêmia, seria uma espécie de cafetina que juntava mulheres, possivelmente prostitutas, que saíam em peregrinação em busca de trabalho e encenação do pastoril em outras localidades. De acordo com Evandro Rabelo⁷⁴, no texto “Lapa país de nada fazer”, o autor descreve como era o cotidiano da Lapa (Vila de Macujê) enfatizando como o mês de maio quebrava a monotonia da localidade, com missas, cantos, rezas, retretas e leilões. Depois, ele comenta que no mês de setembro, o lugarejo era visitado pelos pastoris que vinham das cidades de Aliança, Goiana e Itabaiana, evidenciando o pastoril de Rubina, que fazia a rapaziada ficar eufórica ao vigiar de longe as pastoras, com saias curtinhas e coxas de fora:

O pastoril de Rubina custava muito aparecer por aqueles mundos. A pastora exigia vultuosa soma por uma apresentação no lugar, alegando que a vida estava muito cara, a despesa com os trajes das pastoras custava muito dinheiro. Quando a população tomava conhecimento de que no sábado Rubina ia se apresentar no tablado armado na Rua do Pipiripau, exultava de contentamento. Na tarde do sábado o pastoril ia chegando. Cavalos traziam os troços e as pastoras vinham a pé. Cansadas da viagem, mal botavam os pés na casa de Aninha Pernuda, mulher dama que vivia com as portas escancaradas lá na rua do Rio, iam sentando pelo chão ou nos tamboretes de pernas bambas. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 26 de fevereiro de 1967, p. 2, caderno 3).

⁷³ Severino de Andrade e Silva, de pseudônimo de Zé da Luz, nasceu em Itabaiana em 29 de março de 1904, ganhou de presente uma alfaiataria de seu amigo Daciano de Lima na Rua do Carretel, viajou o país declamando suas poesias.

⁷⁴ Pesquisador e folclorista pernambucano. Nasceu em 1935 na Lapa, atual distrito de Aliança, município de Pernambuco. Deixou pesquisas que contribuíram para a cultura popular, sendo um dos grandes estudiosos sobre a temática do carnaval. Disponível em:

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=1202:evandro-rabello&catid=40:letra-e&Itemid=1 Acesso em 11 jan. 2023.

Na entrevista, Brandão⁷⁵ (2023) relatou um fato intrigante a respeito da origem familiar de Rubina. Ele informou que, pesquisando sobre a história de Itabaiana, não conseguiu detectar nenhum descendente vivo da personagem no entorno da zona boêmia. Segundo os mais velhos com quem conversou, ela participava de um pastoril itinerante que visitava as cidades em momentos festivos. Mas, em Itabaiana, vinha semanalmente com suas meninas para abrilhantar a noite masculina, na feira de gado/bacurau. Por ser uma mulher ousada, acredita que Zé da Luz a mencionou em seu livro *Brasil Caboclo*.

Reconhecemos a importância dos pastoris na zona boêmia, pois, em entrevista, as pessoas citaram o pastoril e outras manifestações folclóricas, como o babau, e as cantorias de viola, realizadas nas noites de segunda na feira do bacurau, momentos em que a diversão tomava conta da zona e concentrava uma multidão para assistirem aos espetáculos.

Na década de 1960, o tablado do pastoril era montado nas imediações das Ruas do Carretel e das Flores. Segundo o entrevistado Ribeiro (2020), eram belas mulheres que dançavam, dramatizavam e depois se prostituíam nas pensões. Ribeiro comenta que teve um período que existiram dois pastoris: o de Faceta e o de Barreto.

O pastoril de Faceta e de Barreto, era um bocado de mulher em cima do tabulado dançando e ele era o palhaço [...] as mulheres que dançavam o pastoril eram mocas desmanteladas. Esses pastoris aconteciam na segunda feira, não era dentro do cabaré mesmo, ele botava ali na saída onde tem os taxistas que vai para serrinha, onde sobe o alto dos currais, no meio da subida, onde tinha uns pés de tamarindo, um botava ali, e o outro era na entrada da Rua das Flores. O de Faceta ficava na entrada da Treze, o de Barreto ficava cá na entrada das Flores (RIBEIRO, entrevista realizada em 11 de outubro de 2020).

Segundo os interlocutores, ao término da dramatização, as mulheres flertavam com os homens e seguiam para a realização dos programas nas casas de recurso, gerando com isso lucros para a economia relacionada à feira do sexo, como foi abordado no capítulo anterior.

Os bonecos de babau

Tradicionalmente conhecidos como boneco de mamulengos, marionete ou fantoches, era a encenação realizada por bonecos nas mãos do artista. Ocorria semanalmente nas noites de segunda-feira na zona boêmia. Na divisa entre as ruas do Carretel e das Flores, segundo Mozart (2014), Chico do Doce armava sua tenda, colocava os babaus para dançar e falar, fazendo o

⁷⁵ Brandão é graduando em história e atualmente desenvolve pesquisas utilizando a metodologia da história oral.

teatro e a magia acontecer perante os olhos dos visitantes noturnos, que estavam em busca de diversão na região dos prazeres. Chico encenava tudo ao vivo, e, através de suas mãos, os bonecos de madeira e papel machê ganhavam vida:

Nos enredos criados por ele, os humildes sempre venciam, o negro Benedito brigava com a polícia, narrava suas safadezas e dançava forró com Maria Timbufu. “Chico do Doce foi o maior mestre do teatro popular do fantoche em Itabaiana, aqui chamado de babau. Trabalhava com mais de 40 bonecos de luva, fazia cerca de 20 vozes diferente.” (MOZART, 2014, p. 34).

O poeta Sanderli (2020) comenta sobre o brincante de babau chamado Couro Velho. Ele era seu vizinho e deixava seus bonecos no quintal. Quando fazia o espetáculo, levava consigo a maleta cheia de bonecos e apetrechos. “Couro Velho, quatro pedaços de lona, e uma velha maleta, onde guardava os bonecos de babau, a capa preta... Couro Velho, o brincante, eu espiava radiante, com a pequena luneta”. Nas lembranças de Ribeiro (2020), “O babau de Couro Vêi ficava ali, perto da ponte da Treze, é o beco que vai pá Rua das Flores ficava no beco assim encostado na parede, isso tudo atraía gente”.

Os cantadores de viola

Manoel Xudu⁷⁶ é um dos violeiros que se apresentava nas noites de segunda na feira do bacurau. A plateia inspirava os violeiros com pedidos. Os versos eram improvisados e em segundos iniciavam a cantoria. Os versos ganhavam rimas nos desafios. Ribeiro (2020) comenta que as cantorias de viola aconteciam na Rua das Flores em frente à casa de recursos de sua mãe, dona Olímpia:

Os violeiros um era daqui, chamava Zé Gonçalves ele andava com chapéu e o povo chamava ele Valdik Soriano. E o outro violeiro era de Santa Rita. Manoel Xudu, um dos maiores poetas que foi lançado em toda Paraíba, ele vinha pra aqui, era casa cheia rapaz, a segunda-feira era gente demais, pra tudo sobrava gente e todo mundo ganhava dinheiro. Está vendo. Esse Manoel Xudu quando vinha cantar era assim, botava na calçada. Ele vinha de 15 em 15 dias. (RIBEIRO, entrevista realizada em 11 de outubro de 2020).

O entrevistado Nascimento narra o episódio quando estava no mercado público, bebendo em uma mesa de bar com o poeta. Certa vez, algumas mulheres pediram para que ele

⁷⁶ Manoel Xudu, foi um dos maiores repentistas na arte da improvisação, sua obra é repleta de emoções abordando temas dos mais diversos. Quando acabava a apresentação passava o chapéu, recolhendo dinheiro dos que sentiam se tocados e ofereciam em sinal de pagamento pelo espetáculo. (Mozart. 2006).

fizesse um repente, e ele, com receio de magoá-las, disse que não faria. Porém, com a insistência, cedeu à pressão e fez. Durante a entrevista, Nascimento começou a declamar os versos que decorara feitos por Xudu. “Ele disse: olhe a militriz só padece, porque não para e não pensa, faz do seu coração disquete do seu corpo uma dispensa. Fica disposta a três coisa, fome, cadeia e doença. Ai, elas o abraçou e foi aquela festa”. (NASCIMENTO, 11 de janeiro de 2022).

Analisando as festas⁷⁷ das centralidades, observamos que elas eram construídas, elaboradas, planejadas para que gerassem expectativas na população. Diferentemente das manifestações populares ocorridas na zona boêmia, eram espaços de divertimentos das camadas populares que buscavam diversão e o diferencial na feira do bacurau. O coco de roda, a ciranda, o pastoril, o babau e as cantorias de viola eram improvisados no meio da rua e animava os frequentadores das ruas do Carretel e da Manichula.

Era um espaço múltiplo e variado, onde uns trabalhavam nas montagens dos espetáculos, vendendo alimentos e comidas, enquanto outros se divertiam. Por ser uma região marginal, era o lugar onde as prostitutas transitavam no meio dos homens, possivelmente enquanto flertavam com os clientes. Podiam rir e aproveitar um pouco de diversão, nem que fosse momentaneamente.

As partidas dos jogos de futebol

A juventude itabaianense procurava meios de aproveitar o melhor que a cidade pudesse oferecer. Uma delas eram as partidas de Futebol nas tardes de domingo no Estádio Severino Paulino. Arrolando os jornais antigos⁷⁸, encontramos várias manchetes que chamavam a atenção do público para comparecer aos jogos das ligas desportistas, de times da cidade ou de outros estados, como Pernambuco e Rio de Janeiro.

Os jogos movimentavam a cidade. Vinham assistir aos campeonatos pessoas da região de Salgado, Mogeiro, Aliança, Timbaúba, Serrinha (atual Juripiranga). Segundo Nascimento (2022), quando o Vila Nova enfrentava o time da União era algo memorável. Isso só acontecia

⁷⁷ Antônio Clarindo investigou as festas, os momentos de diversão e os crimes ocorridos entre os populares na cidade de Campina Grande nos anos de 1945 a 1965. Ele cartografou os principais espaços das festas populares e através dos processos criminais revelou o cotidiano de homens e mulheres nos espaços públicos ou privados. Para maiores informações. (SOUZA, 2002).

⁷⁸ Encontramos dezenas de matérias que destacavam os jogos na cidade. Na seção Diário Esportivo as edições do Jornal A União, jornal O Norte e jornal Diário de Pernambuco nas décadas de 1950/1960.

no máximo quatro vezes ao ano no campeonato da cidade, geralmente nas festividades em alusão ao dia do trabalhador, na véspera de São João ou final de ano.

Nascimento comenta que foi a bola que o levou à Rua do Carretel. Ele descreveu minuciosamente como foi a primeira vez que frequentou aos 12/13 anos a pensão de Nevinha Rica. Dialogando com Nascimento, foi depois da apertada vitória do Vila Nova contra o time profissional Paulistano, da cidade de Campina Grande, que ocorreu sua ascensão do time aspirante para o titular do Vila Nova, ainda menino para os olhos dos outros. Ele foi o responsável pelo gol da vitória e, diante desse fato, ganhou prestígio e fama na cidade.

Após o término do jogo, como de costume, os jogadores foram comemorar na pensão de Nevinha Rica. Como era menor de idade, se fosse antes dessa partida sua partida, a sua ida não seria possível, mas, para sua surpresa, como foi o jogador que decidiu a partida, passou, a partir desse momento, a se relacionar com os maiores representantes da cidade que, desde então, consideravam-no como homem e adulto:

[...] a polícia tava tudo ali, era 15 homens e um a dois jeep véi, reunido em cima da ponte, [do carretel] e o Antônio Ananias estava lá pá vê, se passava algum menino de menor entendeu? Aí lá vem a turma do Vila Nova e claro que eu tava no meio né? Olhe uma partida monstruosa daquela. Ai aqui tinha um soldado muito atrevido chamado fulano que quando eu me aproximo dos bares, de Zé Gaguinho e Zé Bodega e na frente tinha Maria Rei, Moça Home na frente só ali naquele trecho antes da ponte [...] e lá na frente era o baile de orquestra de Adônis. Só entrava quem tinha dinheiro ali também, era um bar boêmio, eu sempre digo Itabaiana era uma cidade boêmia. Aí eu ouvi bem quando o soldado disse: Ananias você não está vendo o que estou vendo não? Tá me entendendo? Você não está vendo o que estou vendo. Eu moleque maguinho. Ele olhou pá ele e disse: Vai ali e bota a mão nele, pá tu ir pro sertão de noite? Tu tá me entendendo? Ele falou alto, bota a mão nele ali pá tu ir pro sertão ainda hoje. Tu visse que o caba fez ai hoje de tarde rapaz, e ainda vem com essa piada. Aí a polícia toda contra esse policial. você tá ficando louco rapaz? O caba dá uma partida de futebol dessa, no meio de todo mundo adulto e você vem com uma porra dessa. Foi mesmo assim. Tá me entendendo?” (NASCIMENTO, entrevista realizada em 11 de janeiro de 2022).

Enquanto a discussão rolava entre os policiais, ele seguiu e rumou para a pensão de Nevinha Rica. Chegando lá, estava o major e alto escalão da sociedade, empresários e comerciantes. Ele sentou-se na mesa dos jogadores, bebeu e dançou a noite toda.

O entrevistado Nascimento (2022) continua lembrando suas aventuras nos jogos e nas pensões. Dessa vez, a diversão seria na casa da outra Nevinha. Ele comenta que foi um jogo bem desafiador na cidade de Santa Rita. Mas o time do Vila Nova vencera de virada. Ao término do jogo, Zé Falcão ligou para Itabaiana e, em seguida, “reuniu o time e disse: nenhum jogador vai pá casa, vai tudo pá casa de Nevinha Pobre, a cachaça e a galinha que sair é por minha conta”

Ao analisar a fala de Nascimento, percebemos que Zé falcão era o homem da Nevinha Pobre, o que o colocava em uma posição de destaque perante os seus pares. Ser o preferido da dona de pensão significava desfrutar de vantagens como bebidas de graça, dinheiro ou presentes caros. Geralmente, elas não poderiam desagradá-los ou contrariá-los, pois tinham receio de serem trocadas por alguma prostituta mais jovem. E isso era questão de às vezes terem brigas causadas por ciúmes, embora geralmente controlassem suas mulheres com malandragem e charme, deixando-as submissas e apaixonadas.

Dia da Independência

Em setembro, o espírito patriota tomava conta dos colégios e das ruas. A cidade enfeitava-se para comemorar a data da Independência do Brasil, algo naturalizado em pleno auge da Ditadura Militar. Os desfiles tinham como eixo um tema central, que era apresentado pelas escolas.

Nas fotografias que analisamos no arquivo do Memorial Itabaianense, atestamos desfiles cívicos das escolas⁷⁹ observamos palanques montados com autoridades militares, políticas, religiosas e administrativas assistindo aos desfiles dos colégios ao lado de pessoas civis. As ruas eram tomadas de estudantes, professores e curiosos que iam comemorar a soberania do país.

As fotografias analisadas nos ajudam a pensar que o dia 7 de setembro era uma prática aguardada na sociedade, delimitando os espaços de classes sociais e de gênero. As meninas, vestidas à moda como bailarinas; os meninos, com roupas das bandas marciais ou fardas escolares. No lado oposta da cidade, na zona boêmia, as prostitutas esperavam o desfile acabar para ganhar dinheiro e começar seus desfiles particulares com danças e bebidas nos salões das pensões. Eram nessas ocasiões que elas angariavam mais recursos. Simplício (2023) comenta que, quando terminavam os desfiles, os alunos comemoravam sua independência e liberdade nas pensões da Rua do Carretel.

No desfile do dia 7 de setembro, vinha muitos colégios desfilar e depois do desfile ia tudinho pro cabaré, os alunos. Osh! os homens de fora tudinho. Chegava colégio inteiro, ia tudinho atrás de mulher, fazia fila. [Gargalhadas]. Era homem e tudo novinho, mais era cada homão, os homens nesse tempo. O fiscal de menor Joca

⁷⁹ Escolas da época: Colégio São José, Escola Professor Maciel, Escola Comercial Dom Bosco, Educandário Monsenhor Miranda, Escola Nossa Senhora da Conceição, Escola Estadual de Itabaiana. Para saber mais, ver (SANTOS, 2021).

Domingo, mas a gente dava um jeito. Eu escondi um dentro do guarda roupa, [e quando ele chegou para verificar] abri a porta do quarto e disse: vê se tem gente aqui. Você tá ficando é doido. No salão os meninos podiam, mas no quarto não. Agora Antônio Ananias, eu não conheci, esse foi muito antes, esse batia mesmo nas mulheres quando achava menino lá. Se botar menino de menor viu? Vai você e ele preso. (SIMPLÍCIO, entrevista realizada em 06 de janeiro de 2023).

Chamamos a sua atenção para dois fatos explícitos na fala de Simplício: o primeiro é acerca da masculinidade dos menores de idade em frequentar as pensões, pois, mesmo com as proibições, através de táticas, trampolinavam o sistema e entravam escondidos. O segundo fator era o medo e a tensão de serem pegos pelos fiscais Joca Domingos e Antônio Ananias, assunto que será aprofundado no próximo capítulo.

Festa da Padroeira

No mês de dezembro, acontecia anualmente a festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade. Para o escritor Palhano (2012), “pareciam dias mágicos visto que o clima mudava na cidade como também o semblante das pessoas”. O pavilhão era armado, chegava o parque de diversão, o locutor mandava recados pelo alto falante, a ilusão de ótica da transformação da mulher-macaca – a Monga – através dos espelhos, as paqueras e os flertes. Alguns homens despistavam as mulheres das quais estavam acompanhados e, em determinada hora da noite/madrugada, rumavam para a boemia.

As prostitutas participavam da novena em homenagem à padroeira da cidade. Nos dias festivos, divertiam-se em lugares afastados ou se misturavam no meio do povão. Em determinado momento da festa, voltavam para a pensão, acompanhadas ou sozinhas. Chegando lá, a rotina de trabalho recomeçava, pois como em Itabaiana tudo terminava no cabaré, nos dias festivos isso era lucro garantido para quem estivesse disposta a ter homens pagando por seus corpos.

As diversões das prostitutas

As prostitutas também precisavam de diversão e, como uma forma de entretenimento, as donas de pensão proporcionavam momentos de lazer e sociabilidades para “suas meninas”. Simplício (2022) comenta que saía para beber com suas amigas em festas e cidades vizinhas. Pereira (2023) realizava grandes almoços nas tardes de domingos ou em festas de fim de ano. A confraternização ocorria na casa de sua mãe. Ela alugava táxis para fazer o trajeto de ida e

volta. Realizava verdadeiros banquetes com bolo, pudim e muitas comidas gostosas. A entrevistada afirma que “era uma forma de deixar a vida mais leve e o ambiente mais agradável” (RIBEIRO, entrevista realizada em 08 de outubro de 2022).

Durante o verão, ou nas tardes de domingo, Nevinha Rica levava suas meninas à praia. Ela juntava quem estivesse na pensão naquele dia e junto com Biu de Nequinho, que também levava seus trabalhadores, todos iam se divertir. Simplício (2023) afirma que, “[...] elas iam para a praia, em cima do caminhão de Biu, que vivia com dona Nevinha, eles levavam e a gente não pagavam nada aos dois. Mas, antes de anoitecer voltavam para abrir a pensão e voltar à rotina noturna”.

De acordo com Nikkie Roberts, (1998) a prostituição é uma profissão rentável. Ela apresenta diferentes nuances e realidades; de forma explícita, seria negociar o aluguel do corpo em troca de dinheiro. A prostituta da zona boêmia é vista sempre no trabalho e quase nunca na diversão. A rotatividade de mulheres que ali chegavam era sentida entre idas e vindas pelos homens, mas as que moravam nas pensões da Rua do Carretel apenas trabalhavam, uma vez que eram pobres e o principal objetivo era “conseguir dinheiro”.

Em suma, os momentos de lazer e interação entre elas eram raros, mas, quando aconteciam, eram propícios para fortalecer as alianças e solidariedades. Segundo as colaboradoras Alves (2020) e Simplício (2020), elas se divertiam em qualquer momento, até mesmo quando viajavam para trabalhar em outras cidades ou em lugares nos quais não eram conhecidas.

2.6 Algumas considerações

O objetivo deste capítulo foi problematizar as imagens contraditórias construídas em torno da zona de prostituição e os espaços que homens e mulheres considerados como transgressores se divertiam nas principais festas e folguedos da cidade. Cartografamos, através das memórias dos depoentes, as pensões, bares, cassinos e lugares que foram territórios de prazer para os que vivenciaram momentos marcantes.

Ressaltamos que na zona boêmia existiam regras e normas que deveriam ser seguidas; na mentalidade masculina, esta região seria um lugar marcado pelas diversões, pelo consumo de bebida alcoólica, jogos de carteados e prazer sexual rápido, longe das normatizações exigidas pela igreja que incentivava sexo somente depois do casamento. Nas pensões, as liberdades eram concedidas, cabendo às prostitutas agradar a quem estivesse disposto a lhes pagar. Mediante isso, chegamos à conclusão de que a prostituição da zona boêmia era um produto

comercializável para as pessoas que, direta ou indiretamente, eram envolvidas no comércio do sexo.

Nos bastidores da prostituição, a economia era movimentada, o sexo era um negócio lucrativo e rentável para donos de bares, pensões, casas de recursos, de jogos, restaurantes, lojas e pequenos empreendimentos relacionados à beleza, pois existiam profissionais específicos para atender as prostitutas: costureiras, manicures e cabeleireiros que cuidavam dos cabelos ou perucas de suas clientes. Para as mulheres que se expunham como mercadoria, era necessário estarem sempre elegantes e perfumadas para atrair os clientes.

Para a sociedade, a “mulher da vida” era pública, estigmatizada pela prostituição e, por esse motivo, já estava inserida na marginalidade, aquela identificada como diferente do modelo patriarcal e burguês, por se opor ao modelo da moça de família, mãe, ou dona de casa. Para as portadoras da honra burguesa, estavam proibidas “conversas ou piadas picantes, porque eram consideradas impróprias; os avanços masculinos, com abraços e beijos deviam ser firme e cordialmente evitados; a moça tinha que impor respeito” (DEL PRIORE, 2011, p. 163), e evitar contatos com os homens.

Assim sendo, a frase “e tudo terminava no cabaré”, de um dos nossos subtítulos, fica explícita, visto que, através das narrativas e convivências estabelecidas, que foram construídas nos espaços de sociabilidades masculinas, delimitando o lugar onde cada mulher deveria estar e permanecer: “O rapaz não se lembrará da moça a não ser pela liberdade concedida” (DEL PRIORE, 2011, p. 164). A moça teria que se manter virgem e casar de branco na igreja. A segregação desses dois modelos femininos ficava clara para os homens, que separavam e escolhiam de qual lado queriam estar, fosse para a vida toda ou momentaneamente.

É válido informar que a história oral nos trouxe significados importantes para tirar das sombras a marginalidade na qual a prostituição estava relegada. Nem tudo ficou registrado, sobrando apenas as “memórias não autorizadas no nível do discurso público, memórias involuntárias no nível de lembranças pessoais, e memórias perturbadoras em ambos os níveis” (PORTELLI, 2016, p. 55). Nossos depoentes, em alguns momentos, sentiram-se desconfortáveis em relatar suas lembranças, bem como alguns pediram anonimato em algumas passagens contidas neste capítulo.

As imagens narradas e construídas aqui explicam ambientes das ruas do Carretel e da Manichula. São representações dos nossos colaboradores, que apontaram os resquícios parciais do que foi a boêmia. Se não fossem esses relatos, não teríamos conhecimento dos fragmentos do passado, uma vez que as lembranças selecionadas flutuam no momento em que elas foram questionadas e articuladas, com as influências do presente.

Inicialmente, nosso desejo era cartografar o maior número de estabelecimentos que serviam para a prática do sexo na zona boêmia. No entanto, sabíamos que isso seria praticamente impossível, devido à falta de documentos oficiais que comprovassem tal fato. Por isso, recorreremos à história oral, para que tivéssemos uma representação aproximada da realidade, mas ficamos surpresos, pois nossos colaboradores lembraram apenas daquelas que se mantiveram vivas na mente da população, seja por algum evento traumático (violências e mortes ocorridas) ou pela proximidade com os fatos.

Por isso, baseados nas entrevistas dos narradores, concluímos que existiram dezenas de pensões, mas, infelizmente, eles não conseguiram lembrar os nomes dos donos e donas, devido à rotatividade temporária nos estabelecimentos. As mais lembradas em detalhes foram as Nevinhas, principalmente pela comparação entre a rica e a pobre. Nevinha Rica, por ser considerada pelos conterrâneos como a dona da melhor pensão, por causa da sofisticação do espaço e da qualidade proporcionada aos clientes. Diferentemente das outras pensões, que tentavam se igualar ou eram consideradas medianas ou fracas.

As “meninas” da casa de Nevinha Rica eram selecionadas, mulheres refinadas, sabiam conversar e se comportar em diferentes situações. Quando elas chegavam à pensão, o *métier* era repassado por ela para as novatas. Recomendava que as meninas cuidassem da saúde sexual, da higiene corporal e da estética, para que fossem vistas sempre elegantes e recatadas, nunca saindo às ruas desarrumadas ou de forma vulgar.

Caso alguma mulher desobedecesse às suas ordens, eram expulsas. Esse comportamento foi refletido pela maioria das mulheres que moravam em sua casa, pois, segundo os relatos das entrevistadas, as prostitutas que faziam parte do grupo especial arranjaram bons casamentos, saíram da prostituição e silenciaram seu passado.⁸⁰

⁸⁰ Foram citados nomes de várias mulheres que atualmente estão vivas, mas as pessoas ficaram temerosas até em comentar quem eram, pois fazem parte de famílias influentes de Itabaiana e de outras cidades. Em determinado momento, por intermédio de outros, recomendaram-nos a falar com uma mulher da pensão de Nevinha Rica. Uma intermediária iria fazer a ponte entre a possível entrevistada e nós; acompanhamos a situação, na qual, por viva voz do telefone, escutamos a abordagem. Pelo tom da voz percebemos o incômodo, a irritação e a ignorância ao nos responder: “Eu não quero falar da minha vida porque eu fui casada, não participo disso mais, sou hoje uma mulher viúva, entendeu? Eu não quero. Tenho filha, tenho neto, pá hoje eu falar. [Gaguejou, percebemos o nervosismo dela]. Naquele tempo tudo bem, que eu vivia lá dentro, hoje eu sou outra pessoa, tô uma mulher com 65 anos e falar da minha vida, do meu passado, faz num sei quantos anos. Isso aí não dá pá mim não. Hoje eu vivo outra vida, eu vivo outras coisas. Não! Eu não quero essas histórias minhas do meu passado que não existe mais. Fui casada vinte anos, hoje sou viúva, vou falar dessas coisas não. Pá mim não dá não. Sinto muito viu, tchau [ficou irritada, chateada e desligou o telefone]. (MULHER, 2022). O relato transcrito, demonstra que a mulher não concordou em participar da pesquisa porque não queria repassar as informações do que ocorria dentro das pensões no período que, para sobreviver, alugava seu corpo e por isso, sentia vergonha do que fez no passado. Concluímos que as ex-prostitutas, ao se casarem, deixavam para trás o passado maculado e dedicavam-se a uma vida dentro dos padrões normativos ditados pela sociedade.

Para fazer parte do seleto grupo de meninas da pensão de Nevinha Rica, era essencial que as prostitutas soubessem os códigos e as normas da prostituição; geralmente eram oriundas de camadas populares da cidade ou de outros lugares, e viam na prostituição um meio de sobrevivência para si.

A diferença entre as mulheres da Rua do Carretel para as que atendiam na Rua da Manichula estava principalmente na “sobra” pois, como não existiam espaços suficientes que as abrigassem nas pensões da rua da frente, elas ficavam perambulando nas proximidades da feira do bacurau à procura dos clientes nos forrós que existiam. Segundo alguns entrevistados, eram malvestidas, vulgares e consideradas como portadoras de infecções sexualmente transmissíveis.

Achamos essas falas carregadas de poder e delimitadas pelo lugar social que os entrevistados e as entrevistadas se encontravam. São imagens construídas que revelam e reforçam os estereótipos da segregação social existente. Eles alegaram que passavam rapidamente pela Rua da Manichula, mas não ficavam com nenhuma mulher de lá, pois tinham medo de contrair doenças, algo que, com a pesquisa, comprovamos que as mulheres da Rua do Carretel também transmitiam, logo, esse argumento nos parece falho e voltamos a acreditar que, para elas, estavam os estereótipos marcados pela aparência física ou estética.

Contudo, as imagens narradas nesse capítulo condizem com a representação que desvelam a geografia dos prazeres e os códigos relacionados a normas cotidianas da zona boêmia, que, de forma silenciosa, marcaram o mercado do sexo em Itabaiana. Havia espaços para todos os gostos e preços dependendo das posses de cada frequentador.

Em suma, esperamos que vocês tenham gostado do trajeto realizado até aqui e que continuem conosco, pois a próxima jornada irá revelar as transgressões e os segredos de pessoas que ali buscavam diversão ou trabalho.

3- TRANSGREDINDO CÓDIGOS, CONSTRUINDO TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA NA ZONA BOÊMIA

*Conhecida como o borel
Lembro de Mané de Carminha
Chegando a hora da vaquinha
Pra pagar o sanfoneiro
O boy que não tinha dinheiro
Ficava brabo como d'iacho
Pegava-o pelo colarim
Dava um tapa no fucim
Jogava o boy no riacho.*

*Lembro das boates luxuosas
Com direito a orquestra
A noite era uma festa
Com mulheres belas e formosas
Mas pra entrar nesse puteiro
Só pra quem tinha dinheiro
De fazendeiro a coronel
Vinha gente de outros estados
Sucedidos e requintados
Pra dançar no Carretel!*

*Lembro que a rua era cheinha
Calçadas tumultuadas
As pensões eram lotadas
Principalmente as das Nevinhas
Tanto a pobre como a rica
Tinha a característica
Da desigualdade no desfecho
Na rica você tomava uma dose de Montila
Na pobre o gigolô tinha que pegar a fila
E quando não tinha grana à mulher levava um xêxo.*

*O toque de recolher
Para as pensões fechar
Era ao som de um apito
Aquilo era o infinito
De tanto nós esperar
E lá sentávamos na ponte
E todos ficavam diante
Daquele passeio amável
Terminavam com um jantar
E nós ali a esperar
A hora do miserável.⁸¹*

⁸¹ Orlando Otávio é membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba. No poema A Rua do Carretel (2019), de forma memorialista, lembra alguns acontecimentos que serão explanados no decorrer do capítulo. O poema intitulado Rua do Carretel também narrava acontecimentos da Rua da Manichula.

3.1 “Se aproxigue”: conversas íntimas ao pé do ouvido

Caro (a) leitor (a), nossa caminhada continua. Convidamos vocês a sentarem-se de forma confortável em uma calçada, fiquem próximos para escutar as conversas íntimas e as vivências dos memorialistas sobre a zona boêmia itabaianense. São histórias das quais presenciaram e participaram de forma direta. Alertamos que fiquem com os ouvidos bem atentos, pois, em alguns momentos eles, baixavam o tom da voz, quase sussurrando, como se estivessem contando uma fofoca ou algo do qual não queriam que outras pessoas ouvissem as informações.

Nossos narradores não são sujeitos passivos. Em todo momento, eles tecem suas fábulas, escolhem o que e como querem contar. Suas seleções estão estabelecendo ligações com um passado direto que foi modificado ao longo de sua história no tempo. Eles recordam de acordo com suas vontades e desejos. Sabemos que não possuem o domínio total sobre suas lembranças, mas se esforçam em rememorar fatos que lhe trouxeram dores, alegrias e gargalhadas.

Os relatos contados ao pé do ouvido pertencem a uma representação⁸² de um passado revestido de saudosismo. São sentimentos próprios, que, reunidos, ajudaram-nos a tecer a exegese, histórias construídas de acordo com experiências históricas, das donas de pensão, prostitutas e pessoas que possuíam uma relação direta entre os clientes e elas. Essas reproduções não constituem discursos neutros e têm relação com as práticas exercidas por cada um e cada uma.

O historiador apresenta o passado, busca evidências através de explanação, das fotografias, entre outros objetos, do que “poderia ter sido” e não a realidade total de um passado. Assim sendo, reforçamos que as memórias dos entrevistados e entrevistadas seriam “[...] percepções do social, discursos que produzem práticas e buscam legitimar ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 2002, p.17).

Para Roger Chartier, a história cultural identifica os variados conceitos da realidade no qual os homens constroem a realidade. A representação, desse modo, não é neutra ou objetiva, carrega em si interesses de quem está narrando, por isso que a multiplicidade de histórias não é homogênea, faz parte das realidades sociais dos personagens: donas de pensão, prostitutas e clientes, que, de acordo com as apropriações, atribuem significados de suas experiências com ênfase ao lugar social e ao tempo histórico envolvidos. Os indícios encontrados são, na maioria

⁸² O conceito de representação tem sido utilizado por historiadores que trabalham com história cultural com uma preocupação de identificar uma realidade construída a partir de relatos dos sujeitos em determinado grupo social, de acordo com suas visões de mundo.

das vezes, suaves, romantizados e frágeis, uma vez que são reminiscências corroboradas no passado, tecidas pelas narrativas produzidas pelas histórias de vida. A história por nós tecida perpassa pela vida, transpirando medos, emoções, desejos e astúcias na luta pela sobrevivência na zona.

3.2 “Talvez muitos não aprovem este capítulo”⁸³

A epígrafe que abre esse título foi proferida pela memorialista Edna Paiva (2001) em um dos capítulos do livro que escreveu para recontar fatos relacionados à “zona”, como foi intitulado. Alertava que o que viria a ser publicado possivelmente desagradaria alguns dos seus contemporâneos, mas mesmo assim não deixaria de citar as ruas do Carretel e da Manichula, com os personagens icônicos que não poderiam ficar no esquecimento. O texto relata a feira do bacurau, o pastoril, as duas Nevinhas, a Danda, Mariza, Daminha, além de “Mané de Anselmo, mulato bem-dotado que aterrorizava as meninas”, e a figura de Jacintão, que morreu em pleno ato sexual no bordel, entre tantos outros detalhes pitorescos.

Diante da possibilidade de ser repreendida pelo fato de ter escolhido escrever sobre a prostituição, justificou que, segundo sua perspectiva, o assunto esteve presente nos anos dourados de Itabaiana e não poderia deixar de fora de seu livro. Dado o lugar de fala da escritora, cremos que o medo de ser criticada era grande, pois a sua formação moral cristã não lhe permitia falar abertamente sobre a sexualidade e, sobretudo, trazer a intimidade de personagens como o mulato Anselmo. Então, questionamos como uma mulher branca, casada, sabia informações sobre os bastidores das pensões. Os boatos sobre o tamanho do membro sexual de Anselmo se espalharam ou ela estava generalizando como ocorria no imaginário social? Conforme a mentalidade da época que valoriza e objetifica os corpos de homens e mulheres de etnia negra, vestígios da sociedade escravista em que os negros/mulatos eram considerados homens com órgãos genitais superiores em comparação com outros homens.

A mesma proposta fez Ivanete Lins, ou Neo Ananias, como gostava de ser chamada. A autora explana sobre o Colégio São José, as professoras, a juventude, as festas, os piqueniques, as matinês dançantes no Itabaiana Clube, as cheias do Rio Paraíba, além de personagens e momentos marcantes de sua história. Sobre a prostituição, adverte:

⁸³ Edna Paiva (2001), professora aposentada, narra suas aventuras nas décadas de 1940-1970, nos contextos sociais, culturais, religiosos e econômicos. O livro nos apresenta personagens, fatos cotidiano e uma série de fotografias que nos transporta para a Itabaiana de outrora.

Entramos num assunto que talvez não agrade a todos, mas para essa jovem guarda é interessante saber que o cabaré era completamente diferente do que vocês imaginam como de hoje. Elas eram educadas, respeitáveis e tinham estudos. Saíam à rua decentemente vestidas e de meias, parecendo uma senhora dama. Iam ao comércio e nunca saíam à noite. Eram bonitas e todos respeitavam-nas. Idamis encantava, outra figura de negócios e querida chamava-se Moça Homem, pela sua compleição corpulenta e disposição para qualquer tipo de trabalho. (LINS, 2002, p. 62).

Na explanação, a autora ameniza o preconceito para com as mulheres da zona boêmia: podiam sair pelas ruas “parecendo uma senhora dama”, porém, durante a pesquisa, as prostitutas nos contaram que quando encontravam uma “dama da sociedade”, passavam por vexames. Simplício (2021) assegura que eram constantemente humilhadas. Para transitarem nas ruas, deveriam pedir permissão às autoridades responsáveis, bem como deveriam obedecer ao toque de recolher e não passear à noite no centro da cidade.

Quando elas iam na rua parecia uma princesa. Uma vez Maria tinha ódio, ela dizia: “Aqueles raparigas deviam usar estopa! Agora a gente não pode nem usar uma roupa que quando vai na rua dá de cara com a rapariga lá do Carretel com o mesmo pano, era pá vestir estopa! Se eu fosse candidata, um dia e ganhasse, elas iam vestir estopa.” Eu digo por que trabalhei lá quando eu tinha oito anos de idade e ouvia ela dizer isso. (SIMPLÍCIO, entrevista realizada em 28 de outubro de 2021).

Em outro momento, Lins complementa que “[...] não era recomendável famílias transitarem depois da linha” (LINS, 2002, p. 60) e passearem pela Rua do Carretel, reforçando a ideia de que era necessário controlar aqueles que viviam na zona boêmia. Paiva (2001) e Lins (2002) afirmam que as autoridades se preocupavam com a reputação das pessoas. Ribeiro comenta que:

As famílias não passavam, nem na segunda, nem na terça. Na terça era até de tarde, depois as ruas esvaziavam mais. É tempo que as mulheres iam embora, ficava só as daqui mesmo, ficava dentro da pensão, e o dono da pensão, dizia logo: Aqui não, a gente tem o dia da gente! E a polícia avisava: olhe na quarta-feira em diante, pegar no meio da rua é pau viu! Também elas não passavam da linha pá ir para o centro não, e outra, quando ia na rua fazer compras nas lojas, parecia uma madame, bem vestida e calçada. (RIBEIRO, entrevista realizada em 11 de outubro de 2020).

As memorialistas eram mulheres que representavam a classe social a qual pertenciam, baseadas em convicções que acreditavam. Possivelmente, desconheciam os bastidores da realidade na qual a maioria das prostitutas se encontrava. Podiam até ser bem vestidas, mas eram proibidas de ser e ter uma vida social, portanto, privadas de liberdade.

Concordamos com Michel Foucault (2009) ao afirmar que nas sociedades seria necessário domesticar os corpos através da vigilância. Na zona boêmia itabaiannense, o poder

era concedido a quem observava. As prostitutas eram constantemente vigiadas e, caso não fossem obedientes, eram severamente punidas. Os homens casados, se fossem vistos ultrapassando os limites da zona boêmia, estavam “enrolados” e teriam que explicar para as mães e esposas os motivos pelos quais se encontravam naquela região. Todos os olhos voltavam-se para os que ousassem, ou não, ultrapassar a linha férrea.

Segundo o entrevistado Batista (2023), quando eram jovens, se os amigos não vissem os homens solteiros transitando naquela região, a masculinidade era colocada à prova e os rapazes eram considerados possíveis homossexuais. Para que isso não acontecesse, eles iam em grupo, para mostrar aos seus pares que eram machos de verdade, ou lançavam mão de *táticas* para que as mulheres não descobrissem suas idas à região.

Seriam esses os motivos para os homens estarem enrolados, ou porque as prostitutas, mesmo sendo estigmatizadas como transgressoras, fossem mulheres que tinham mais liberdades, pois, segundo Simplício (2020), Alves (2020) e Pereira (2020), as prostitutas das pensões da Rua do Carretel se vestiam bem e ganhavam presentes dos amantes e clientes, o que gerou uma certa inveja das mulheres casadas e, conseqüentemente, um controle e vigilância para que seus maridos não frequentassem a zona boêmia. Por isso, corroboramos com Foucault, ao afirmar que,

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça. (FOUCAULT, 2009, p. 194).

O modelo panóptico está baseado na imposição do poder pelo olhar. A vigilância acontecia de forma contínua e o controle na zona boêmia ocorria sempre como castigo para as mulheres transgressoras. Foucault chama de disciplina “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade/utilidade” (FOUCAULT, 2009, p. 133), corpos disciplinados e treinados, constantemente vigiados e subjugados.

Ao analisarmos os jornais do início do século XX, atestamos que a questão da observação e da proibição das prostitutas em transitarem pela cidade é antiga; duas matérias nos chamaram a atenção, a dos jornais *Gazeta da Manhã* e *O Norte*, datadas do ano de 1914. Elas continham denúncias nas quais cidadãos alertavam as autoridades a tomarem providências na manutenção da ordem na cidade:

O ilustre coronel Francisco Rezende que não anda de olhos vendados, deve providenciar com urgência a fim de não mais se realizarem “soirés” dansantes na casa da mulher de vida fácil, cujo nome fulgura no alto destas Linhas. [Maria Mougeiro] É sempre assim que nos sabbados e terças-feiras, ao som melodiosos do harmonium, e ao grito extravagante do balancet dança-se livremente na Rua da Palha. Pessoas não suspeitas comunicaram-nos que nas noites de terças-feiras principalmente, a obscenidade ali vagueia, como vagueiam os vagalumes de estio. Não seria má por conseguinte, que o coronel Francisco Resende, acompanhado de algumas praças, fizesse uma visita policial na casa de Maria Mougeiro. (GAZETA DA MANHÃ, 1914, p. 3).

Com base no periódico itabaianense *Gazeta da Manhã*, concluímos que a casa de Maria Mougeiro se localizava na Rua da Palha, nas mediações do mercado público, da feira de gado e da linha férrea, por onde transitavam clientes e consequentemente dinheiro para as prostitutas. Vasculhando os jornais antigos, encontramos também uma carta enviada por um correspondente itabaianense dirigida à edição do jornal da capital paraibana, O Norte. Conforme o correspondente anônimo, as mulheres tinham um comportamento inapropriado e de “má fama”:

Famílias residentes em Itabayanna reclamam, por nosso intermédio, da autoridade local, providências contra o costume de algumas mulheres de vida alegre tomarem banho no rio, inteiramente despidas, com ofensa da moral pública. O rio é inteiramente descampado, de sorte que o aludido cinema natural, não é nada edificante. (O NORTE, 31 de outubro de 1914, p. 2).

Não obtivemos outras informações a respeito da prostituição na cidade de Itabaiana no início do século XX, sabemos de indícios de sua prática através das matérias dos jornais citados e, mediante a elas, questionamos se as mulheres que estavam banhando-se às margens do Rio Paraíba seriam as mesmas que trabalhavam na casa de Maria Mougeiro, ou outras? Quantas pensões existiam nesse período? As autoridades fechavam os olhos ou intervinham nessas casas e por que os cidadãos escreviam aos jornais para que as autoridades locais intervissem nos momentos que incomodavam os alheios? As mulheres eram arruaceiras ou era o modo de vida delas que incomodava aos conservadores?

Certamente, todas essas indagações poderiam ter acontecido. As notícias dos jornais apontam indícios da prática da prostituição na cidade de Itabaiana.⁸⁴ Acreditamos que ela tenha

⁸⁴ Ao analisarmos os jornais, encontramos relatos que comprovam a violência na zona boêmia, deixando a sociedade perplexa com crimes bárbaros. Os jornais aqui trabalhados foram utilizados como fontes históricas, entendidos como uma representação de um período da sociedade, e esses documentos nos levam a entender parcialmente visões acerca do tema referido em suas páginas. De acordo com De Luca (2005), a matéria/manchete ali narrada não é detentora de verdade, neutra ou imparcial dos fatos, afinal está carregada de intenções, do grupo ao qual pertence, necessitado do mercado capitalista e atento aos desejos do consumidor. Os jornais estão repletos de casos relacionados à violência na zona boêmia; mostraremos a vocês a informação mais antiga referente à prostituição na zona boêmia, datada de 1909. O caso encontrado está nas páginas do jornal *O Norte*, intitulado o “Crime de Itabayanna” e narra a história de uma menor de idade que foi estuprada por um bacharel em direito da cidade de Alagoa Grande que estava visitando a cidade em uma noite de festa. Ao se divertir na lapinha, tempos

se tornado mais visível com o desenvolvimento da feira de gado e se intensificado com a vinda do trem, devido à cidade ser rota de ligação entre os estados da Paraíba e de Pernambuco, motivo pelo qual José Américo de Almeida alertava o presidente do estado e os médicos sanitaristas para tomarem providências relacionadas à disseminação da sífilis pelos sertanejos que frequentavam os prostíbulos, no início do século XX, quando iam às feiras de Itabaiana e Campina Grande: “Os bordéis de Itabaiana e as seiscentas meretrizes de Campina Grande, dois centros de contacto dos sertanejos com adventícios do Recife e da Paraíba, vão sifilizando o sertão (ALMEIDA, 1980, p. 460). A prostituição em Itabaiana, nas primeiras décadas do século XX, estava se intensificando, por isso seria necessário tomar cuidados para que os sertanejos não contraíssem a doença e contaminasse esposas, amantes ou filhos.

Para entendermos essa questão pandêmica no país, temos que contextualizar o período e analisar o que estava acontecendo no Brasil em meados do século XIX. Com o aumento da prostituição, foram importadas da França ideias relacionadas à higienização dos bordéis. Autoras como Margareth Rago (2008); Magali Engel (2004); Martha Esteves (1989); apropriaram-se dos discursos criados pelos médicos sanitaristas e juristas para coibir tais práticas ou confiná-las a um determinado lugar. Em várias cidades, estava sendo construído “um projeto de normatização do espaço social urbano inspirado nos padrões burgueses de modernização e progresso” (ENGEL, 2004, p. 39), adaptada aos moldes capitalistas europeus.

Para os médicos, a prostituição seria a propagação de doenças e a difusão de moléstias contagiosas, o que aumentava os riscos para a população e, mediante isso, deveriam ser tomadas medidas que combatessem esse mal, principalmente nas classes populares. Para os juristas, a prostituição deveria se limitar a um espaço útil para a sociedade, uma vez que era considerada uma válvula de escape para homens que precisavam preservar os valores morais da virgindade das moças de família, ideias presentes até meados do século XX.

Segundo Engel (2004), para que o modelo fosse colocado em prática, “o projeto de normatização da prostituição compreendia medidas de caráter policial e higiênicas orientadas, basicamente, no sentido de identificar e isolar prostitutas públicas, submetendo-as a um

depois fica com a dançarina de lapinha que veio a óbito dias depois, tendo o advogado sido preso e, meses depois, conseguira provar sua inocência. Para entender o caso ver as edições dos jornais O Norte, datados nos dias, 27, 28 e 30 de janeiro, 11 de março, 17, 23 e 27 de abril de 1909. Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira do Arquivo Nacional.

rigoroso controle médico” (ENGEL, 2004, p. 110-11). No contexto geral, foi por isso, que em Itabaiana, recomendaram notificar e higienizar as pensões e pessoas que infringissem as leis.

O contexto citado é semelhante ao caso de Maria Mougeiro, em que as “mulheres de vida fácil” eram parte delas, pois, como tomavam banhos no rio e seus modos de vida eram considerados desregrados, escandalizavam e ameaçavam a moral das famílias. Sob esse ponto de vista, as autoridades deveriam tomar medidas para proteger as pessoas de bons costumes, pois essas mulheres eram péssimos exemplos para a sociedade e contrárias aos modelos normalizadores exigidos. Martha Esteves (1989), explicando o comportamento das prostitutas do Rio de Janeiro no século XIX, afirma que

Os comportamentos das tão levianas prostitutas por toda a cidade constituíam uma grande ameaça às famílias a exibição de seu comportamento sexualmente descontrolado era péssimo exemplo para as crianças, que deveriam ter, no futuro, relações sexuais dentro da família, de forma a evitar a qualquer custo os ilegítimos aos negócios as mulheres de vida "fácil" espalhavam-se pelas ruas, afastando fregueses e comprometendo o trabalho árduo dos homens e à própria saúde da sociedade eram potenciais focos de sífilis (ESTEVES, 1989, p. 52).

Atestamos, contudo, que não houve mudanças comportamentais na passagem dos séculos. A duração temporal ocorrida entre os casos da citação e dos recortes de jornais analisados era bem pequenas e esses eventos levam longo tempo para ocorrer. Avançando nas décadas estudadas, nesse período, as mulheres e homens *infames* continuavam escandalizando a sociedade.

Questionamos os entrevistados como eram as relações entre as famílias que moravam na região e a prostituição. Eles relataram que mantinham uma boa convivência e que o funcionamento das pensões não atrapalhava o cotidiano das pessoas. Notamos que, no recorte temporal da pesquisa, a prostituição na zona boêmia já estava estruturada e a convivência com as pessoas “naturalizadas”, mesmo que forçadamente, isso por causa do controle exercido nos corpos dos que ali frequentavam, fosse momentaneamente ou que lá estabelecessem moradia. Segundo a entrevistada Cavalcante (2022), essa relação acontecia da seguinte forma:

Tinha as pensões e as casas, sim era família tudinho, agora as família se adaptava com esse bordel que tinha, mas a maioria era tudo família, só tinha esse bordel de um lado e de Nevinha pobre do outro entendeu, o resto era tudo família, não tinha conflito [...] Meu pai tinha essa casa há muitos anos, ele tinha comércio e nunca quis sair daqui, mamãe sempre queria sair daqui, ele disse: eu não quero sair daqui não, eu quero viver aqui, é ruim quem quer ser, ele dizia, eu vou ficar aqui. (CAVALCANTE, entrevista realizada em 06 de outubro de 2021).

Para o entrevistado Sanderli (2022), essa convivência, de certo modo, era democrática, pois o Carretel estava situado numa região familiar. Aproximadamente 20% eram bares e pensões, e 80% eram casas domiciliares. Todos tentavam manter o respeito. Quando as estudantes passavam para ir e vir da escola, caso as prostitutas estivessem falando palavrões, entre elas, alguma dizia: “Fechem a boca que vem família”. Caso semelhante, conta-nos Oliveira (2020), quando levava a comida para as prostitutas que trabalhavam na pensão de sua mãe, Dona Finha. Ela frisou que nunca entrava, deixava a comida pela porta dos fundos da pensão que também era acessada pela Rua das Flores. Mas sempre “Quando ia passando e aquelas mulheres falavam palavrão, Gil Soldado, dia de terça-feira gritava: Ei gente, cuidado na boca, vai passando gente”. (OLIVEIRA, entrevista realizada em 16 de junho de 2022).

Era um ambiente controlado e disciplinado. Simplício (2020) comenta que, nos dias de segunda-feira à noite, as mulheres que moravam em lares domiciliados nessa rua passavam de cabeça baixa e ninguém ousavam falar com elas, pois sabiam que eram “mulheres de famílias dignas”. Caso o indivíduo fizesse alguma brincadeira, possivelmente teriam brigas e consequentemente mortes, pois, naquele período, respeitava-se a honra de uma mulher.

O poder disciplinar por meio do adestramento dos corpos, com correções punitivas, ocorria desde o século XVIII, de acordo com Foucault em *Vigiar e Punir* (2009); foi, no século XX, imposto como relação de poder nas escolas, fábricas conventos, hospitais, manicômios e cadeias penitenciárias. O interessante nessa relação de poder é que os vigiados também se autovigiavam, e cada pessoa sabia o lugar social pertencente. Desse modo, as prostitutas calavam a boca e se controlavam, “as mulheres dignas” baixavam a cabeça e os policiais adestravam os corpos e se inseriam no sistema.

Por esses motivos, contestamos a fala dos depoentes. A vizinhança não era tão amigável, como aparentemente apresentava, as vezes era delatora, e sempre estava atenta ao que poderia acontecer, vigilante para as possíveis quebras de regras e, com isso, punir os(as) infratores(as). Para manter a ordem, era necessário construir redes solidárias invisíveis de pais que inegavelmente eram temerosos e não desejavam que suas filhas crescessem naquela região ou saíssem por lá desacompanhadas.

Cavalcante (2021) é moradora da Rua do Carretel há mais de 70 anos e relembra que existia o preconceito da sociedade para com a rua. Foi por esse motivo que saiu de lá aos 14 anos de idade, quando sua mãe convenceu seu pai para que ela morasse com os avós na rua Boca da Mata. O mesmo ocorreu com a entrevistada Marques, que, segundo sua fala, “era inocente e vivia no meio das putas”. (MARQUES, entrevista realizada em 17 de junho de 2022):

Quando era criança com 7 ou 8 anos para ganhar dinheiro fazia mandados das prostitutas, comprava bolachas, refrigerante Crush, cigarros na venda de seu Avelino, no fiteiro ou ir ao centro comprar perfumes e batons. As mulheres já sabiam que eu gostava de fazer os mandados e pediam para fazer as compras. Mandavam comprar batom, talco, pó Cashemire de Bouquet, leite de rosas, leite de colônia, perfume era Alma de Flores, English Lavanda, nunca vou me esquecer que Moça Homem usava, ela era chique, ela era bonita. Eu era moleque de recado delas. (MARQUES, entrevista realizada em 17 de junho de 2022).

Marques menciona que uma vez, quando voltava do CNSC – Colégio Nossa Senhora da Conceição –, entrou na pensão de Moça-Homem porque viu uma colega que estudava dançando lá dentro. Ao ouvir as músicas, ficou animada e entrou para ver como era, mesmo sem saber em qual ambiente estava. “Era um baile e eu doida pá dançar, daqui a pouco eu estava no meio do povo dançando aí foram dizer ao meu pai que estava vendendo cana, levei um puxavante de orelha, eu não sabia que estava dentro do cabaré dançando, aí foram dizer a papai, tuas filhas estão dançando no cabaré”. (MARQUES, entrevista realizada em 17 de junho de 2022).

Uma criança inocente, foi assim que Marques (2022) se classificou. Não sabia o que estava acontecendo, vivia no meio das prostitutas e não tinha noção do que faziam, apenas que elas a agradavam com mimos e dinheiro. No episódio do cabaré, comenta que levou a irmã porque queria dançar e não ia entrar no ambiente sozinha. Enquanto gargalhava, contava histórias desse período, “eram músicas boas”, os pais eram conhecidos, avisaram-nos e foram imediatamente tirá-las daquele lugar. Dias depois, descobriu que a colega tinha perdido a virgindade e estava trabalhando na zona. Como a escola era de religiosas, expulsaram-na e abafaram a história alegando que a colega, por falta de pagamento das mensalidades, saíra do educandário, enquanto seus pais, apreensivos, resolveram se mudar com toda a família da Rua do Carretel, com medo de que as filhas perdessem a virgindade e se tornassem prostitutas.

No imaginário da cidade, as pessoas acreditavam que na Rua do Cabaré se concentrava um antro de safadeza e perdição, como se os moradores da rua também participassem e fossem coniventes com o que acontecia dentro das pensões. Contudo, em determinados momentos do dia, os pais não deixavam as filhas passarem pela rua ou até as proibiam de chegar às proximidades. Isso ocorria possivelmente devido ao medo de que ficassem “mal faladas” e até mesmo de que se tornassem prostitutas.⁸⁵

⁸⁵ Mal faladas eram as mulheres que transgrediam as normas regidas pela sociedade. Joana Maria Pedro reconstruiu imagens femininas de mulheres na cidade de Florianópolis em fins do século XIX e início do XX, estereótipos elitistas criados para enquadrar as mulheres de camadas populares. A autora utilizou como fonte, os jornais e documentos escritos por homens que tratavam assuntos relacionados as mulheres no tocante à educação e à moralização dos costumes. Existia uma preocupação para instruir futuras esposas e boas mães. A presença de mulheres pobres foi limitada aos ambientes civilizados, mulheres que exerciam trabalhos como forma de sobrevivência; as fiandeiras, parteiras, lavadeiras, mulheres que chefiavam a família, prostitutas e outras funções

A entrevistada Trajano (2023) comenta que quando estudava no CNSC e os professores passavam trabalhos em grupo, as mães não deixavam as colegas lhe visitarem, porque morava na Rua do Cabaré/Carretel. Sua vida escolar só mudou quando saiu e foi morar na Rua Boca da Mata: “Meu pai dizia: que se eu desse pá puta, matava minha mãe. Antigamente as mães morriam de medo das filhas serem e perderem a virgindade”. (TRAJANO, entrevista realizada em 16 de junho de 2022).

A entrevistada Idalino (2022) declara que sua mãe e tia entraram na prostituição para sobreviver e conseguir suprimentos alimentares para a família. Na década de 1970, as duas abriram uma pensão de entrada e saída na Rua do Carretel. Quando perguntamos se ela sofreu algum tipo de preconceito por causa disso, ela respondeu que sim. Não deixaram sua mãe realizar a matrícula para estudar no Colégio Estadual ou frequentar alguma festividade na escola. Tiraram todos os seus direitos. Com tristeza e revolta no tom de sua voz, comentou que nunca escondeu a profissão de sua mãe, fazia questão que todos soubessem.

Minha mãe nunca foi a uma festa das mães, tinham preconceito porque eu era filha de meretriz, e todo mundo sabia, por que eu não tinha vergonha não. Eu dizia: minha filha, eu sou o que sou por causa da minha mãe! Não interessa se ela é meretriz, se ela é puta, rapariga como vocês queiram chamar. Só que na minha presença, se chamar o pau canta! Eu queria que respeitassem a minha mãe, não queria saber se ela era rapariga. (IDALINO, entrevista realizada em 16 de junho de 2022).

Poucas meninas eram as que não tinham preconceito para com ela. Até para namorar, os rapazes alegavam que não a queriam porque ela era “a filha da rapariga”. Algo semelhante ocorreu com a entrevistada Oliveira (2022) quando estava prestes a casar. Segundo ela, foram questionar ao seu noivo, que trabalhava na rede ferroviária, se ele não tinha vergonha de casar com uma filha de uma dona de pensão, e ele respondeu que não, pois a mãe dela trabalhava de forma digna e que a noiva nunca dera motivos para desconfiar, respeitava-a, e isso era o que importava.⁸⁶

Cremos que as discriminações eram enormes, então, ser filha de uma mulher que quebrava todas as regras sociais acabava estigmatizando as mulheres, que eram vistas com comportamentos semelhantes aos das mães/prostitutas. Mas, de acordo com as entrevistas, as

que não fossem apenas a de mãe e esposa foram criticadas e constantemente observadas por ocuparem esses lugares que estavam fora dos padrões normalizadores exigidos. Para maiores detalhes a respeito do assunto, ver (PEDRO, 1998).

⁸⁶ As entrevistadas Idalino e Oliveira atualmente são mulheres casadas, filhas de mães que tinham pensões na Rua do Carretel. Elas não visitavam os estabelecimentos porque as mães não deixavam, mas mesmo assim sofreram preconceitos perante aqueles que discriminavam pessoas que tivessem alguma ligação com pessoas da zona boêmia.

donas de pensão ou prostitutas não deixavam suas filhas chegarem perto do estabelecimento, tentavam manter a honra dos parentes, ficando afastadas socialmente, e deixando os laços familiares restritos a poucos momentos, na maioria das vezes festivos. As prostitutas geralmente eram mães solteiras e, por isso, responsáveis pela alimentação e a assistência necessária aos filhos.

Chamar a (o) outra (o) de filha (o) de rapariga era uma construção depreciativa, na qual a ausência de uma família normatizada simplesmente enquadrava os corpos das mães como desviantes e anormais, reforçando a ideia de que elas seriam um perigo para a sociedade, mesmo sendo criadas (os) na maioria das vezes pelas avós, que minimizavam os impactos sofridos pelo preconceito. Porém, infelizmente isso era inevitável, pois sempre tinha alguém que as apontava e excluía, colocando obstáculos para que tivessem uma vida social.

Constatamos que, nos dias atuais na sociedade brasileira, o termo filho (a) de rapariga ainda é utilizado como um dos piores xingamentos possíveis para uma criança/adolescente, devido aos inúmeros estereótipos e estigmas criados a respeito de uma mulher que vive à margem social. Diversos fatores levam à construção desse imaginário. Além do modo pejorativo, citamos a questão de um pai desconhecido, e o próprio poder que a palavra carrega. Ninguém quer ser chamado filho daquela que é apontada na rua e se deita com vários homens.

Para evitar discriminações, alguns rapazes e moças, quando estavam de paqueras e flertes, não falavam que moravam na zona boêmia. Trajano (2022) comenta que quando “conhecia os rapazes não dizia que morava na Rua 13 de Maio. Eu dizia que morava na Rua Santa Rita, não sei aonde. [...] as famílias não queriam que os rapazes namorassem com uma moça dali”. (TRAJANO, entrevista realizada em 16 de junho de 2022).

Caso inverso aconteceu com a jovem Ferreira. Sua família dispunha de prestígio e uma boa condição social na cidade e seus pais moravam em uma área central e frequentavam a alta cúpula da sociedade. No entanto, em uma determinada festa, ela se apaixonou por um rapaz que acabara de chegar do Rio de Janeiro e morava na Rua 13 de Maio. Apresentados por uma amiga em comum, apaixonaram-se no primeiro dia da festa. Passaram quatro noites juntos e no final estavam namorando. Ele foi acolhido por todo o grupo de amigos, mas, de início, o romance esbarrou na resistência dos pais dela porque não o aceitavam por sua mãe pertencer à boêmia e morar naquela região. (FERREIRA, entrevista realizada em 14 de junho de 2022).

Com os exemplos citados, reforçamos que as ruas do Carretel e da Manichula foram estigmatizadas pelos pecados, adultérios de muitas pessoas que ali viviam; no imaginário popular, a zona boêmia preservava os segredos e desejos masculinos dos que buscavam diversão. Entretanto, convivendo diariamente com vidas desviantes, “moças de família”, por

não terem alternativas, buscavam *táticas* e *estratégias* para continuar morando nessa rua e evitar discriminações.

Os meios utilizados pelas mulheres possibilitavam a reapropriação e improvisação, fosse mudando de casas ou contando pequenas mentiras. “Trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das ‘ações’ que o fraco pode empreender.” (CERTEAU, 1998, p. 97), ou seja, a “Tática” seria o modelo móvel encontrado para que elas conquistassem um lugar próprio.

3.3 Tornando-se homem: a “primeira vez” de meninos na boêmia

Ao adentrar aquele ambiente, o indivíduo encontrava o *ethos* masculino. Embriagado pela bebida e embalado pela música alta, deparava-se com um salão na penumbra, com luz vermelha, que o convidava a tomar uma mulher em seus braços e dançar. Depois, acertavam o michê (programa)⁸⁷, a prostituta levava-o para o quarto e, a partir desse momento, conduzia a situação.

Em um quarto simples de qualquer pensão da zona boêmia, existia uma cama de casal, uma mesa pequena com uma jarra em cima e embaixo uma bacia, para que lavassem o cliente antes ou após o coito. Por fim, o homem pagava-se míseros cruzeiros e saía-se satisfeito com a conquista e a posse da noite. Enquanto isso, a prostituta guardava o dinheiro para comprar mantimentos ou algum objeto que desejava para si ou sua família.

A cena narrada aconteceu com milhares de homens que passaram pela zona boêmia. Os meninos imaginavam como seria a sonhada primeira vez. Conversamos com os entrevistados e eles relataram suas primeiras aventuras sexuais, e o que tiveram de fazer para tirar a “mácula de ser donzelo” e tornarem-se homens perante a sociedade.

Os meninos aventuravam-se na primeira vez geralmente dos 12 aos 18 anos, e, como eram proibidos de visitar as pensões da Rua do Carretel, frequentavam a Rua da Manichula,

⁸⁷ O termo michê foi preferido por Alves (2021) e Simplício (2020). Tal referência foi utilizada por Margareth Rago ao se referir às alianças que as mulheres faziam para ter os melhores michês: “Vários estudos destacam a densificação das relações entre as meretrizes como forma de autoproteção, não obstante a concorrência entre elas pelo melhor ‘michê’” (RAGO, 2008, p. 262). Atualmente, de acordo com o Ministério de Trabalho, michê significa homem que faz sexo com homem mediante uma quantia de dinheiro acertada previamente. Um dos trabalhos pioneiros a respeito da prostituição masculina no Brasil foi realizado por Nestor Osvaldo Perlonger em 1986; através de pesquisa de campo, o autor mostra o cotidiano entre clientes e a prostituição, apresentando para o leitor (a) os lugares utilizados para a prática em São Paulo, e tudo que se relaciona ao universo dos garotos de programa e as principais causas que o levaram a se prostituir. “Os michês não somente costumam encarar sua prática enquanto provisória, mas descarregam sobre seus parceiros homossexuais o peso social do estigma.” (PERLONGER, 1986, p. 11). O autor abordou o michê másculo e fez comparação com a “bicha efeminada” que predominava nas características do período no qual foi realizado a pesquisa.

onde as mulheres desempenhavam a função social, paga ou não, caso se interessassem pelos meninos. Na maioria das vezes, eram mulheres mais velhas de 10 a 20 anos a mais do que eles. Eram chamadas de “especialistas do sexo” e estavam ali para ajudá-los no que fosse preciso.

Refletindo os estereótipos definidos na sociedade, Muller (2013) afirma que a “virilidade aparece como uma questão maior e um indicador crucial quando tratamos de apresentar o quadro cultural e comportamental dos jovens no período.” (MULLER, 2013, p. 301). No país, os homens eram estimulados desde criança a serem independentes e livres, desenvolvendo características que lhes darão respaldo na vida adulta, e a zona boêmia itabaianense sempre esteve presente na vida e no imaginário desses meninos.

De acordo com Eduardo Schonoor, desde a época do Brasil colonial, a masculinidade era reforçada em “uma sociedade em que as mães de meninos com muito orgulho diziam “prendam suas frangas que meu galo está solto”. (SCHONOR, 2013, p.95). Na construção de homens machos e valentes, os meninos deveriam mostrar-se ativos em todos os sentidos e não demonstrar tendências homossexuais, pois os limites entre o masculino e feminino era estabelecido logo cedo, desde as primeiras brincadeiras infantis. Os pais incentivavam de diversas maneiras os filhos – utilizando a linguagem da época – a se tornarem futuros “ganhões”. Assim sendo, indagamos aos entrevistados quais seriam suas memórias iniciais em relação à zona boêmia.

Para o entrevistado Mozart (2022), suas primeiras memórias estão relacionadas à Rua da Manichula e adjacências. Aos 7, 8 anos de idade, morava na Rua Santa Cecilia com a vó Joaquina e relembra que visitava o pastoril e o babau de Chico do Doce, nas noites de segunda-feira e também o bar Recreio das Mariposas, que ficava na esquina da casa onde morava: “era um bar maior que tinha naquele ambiente, tinha uma corneta de som que tocava Waldick Soriano e essas músicas de cabaré, da zona de meretrício”. Em outro momento da entrevista, comenta que visitou as pensões com 17, 18 anos de idade, indo escondido com amigos perder a virgindade com uma profissional.

O entrevistado Matos (2022) afirma que foi a música que o atraiu para o cabaré. Ele relata que, aos 17 anos, quando estudava para o vestibular, morava sozinho em um quartinho na antiga Rua da Facada, e toda noite era seduzido pelas músicas que lá tocavam. Tomado pela curiosidade e pelo desejo, criou coragem e foi a uma pensão, “sabendo que ali era cheio de mulher, acabei indo pá lá” (MATOS, entrevista realizada em 13 de dezembro de 2022), mesmo com medo de ser surpreendido pelo fiscal de menor.

O entrevistado Sanderli (2022) reitera que quando tinha 7 anos de idade morava na Rua do Carretel, e, toda vez que passava pelas pensões, seu imaginário ficava aguçado, tentando

entender o que se passava naquele local. O entrevistado relata que quando estava com 13 anos de idade, na adolescência e estudando no Colégio Estadual, “existia a ditadura para que os queijudos”⁸⁸ perdessem a virgindade. Na 5ª série, nenhum menino assumia que era virgem, mas, mesmo assim, o *bullying* era recorrente para com os que fossem:

A gente adolescente saía de dois, três e quatro para tirar essa nódoa entre aspas, que era ser queijudo, não ter a experiência e nessa idade, não tinha como você frequentar as pensões do Carretel, porque eram muito fiscalizadas, era Nevinha Rica, Nevinha Pobre, tinha aquela galera toda, topada e tal, eram muitas e muito fiscalizadas. Então nós, os adolescentes, atrevidos e temerosos de tirar a pecha de queijudo ou de inexperiente, íamos para a Rua das Flores. (SANDERLI, entrevista realizada em 13 de fevereiro de 2022).

Os meninos, devido à fiscalização, eram iniciados na Rua da Manichula (das Flores) e somente quando completavam a maioridade frequentavam abertamente as pensões da Rua do Carretel. No entanto, enquanto isso não acontecia, saíam em grupos para que o amigo contasse na escola o que ocorreu e que foi iniciado⁸⁹ com uma prostituta: “a sensação era como se tivesse ganhado um trunfo” (SANDERLI, entrevista realizada em 13 de fevereiro de 2022); o menino, a partir de então, era considerado homem perante todos.

O escritor Palhano (2012), no texto “a especialista do sexo”, descreve minuciosamente como foi, em 1975, a sua primeira relação sexual, que ocorreu aos 14 anos de idade, tido como um evento importante, um dia muito esperado por todos os meninos: “dali em diante eu me transformaria em homem, cabra macho e todos os colegas iriam saber disso e parabenizar-me pelo ato realizado” (PALHANO, 2012, p. 149). Assim como Silva, Palhano também saiu em grupo de quatro amigos. A ideia era que participassem do ato isoladamente e servissem de testemunhas:

Esperei pacientemente a minha vez. Fui o terceiro a entrar no quarto. Era semelhante aos quartos que passei a conhecer aos 18 anos. Cama amarrotada coberta por um lençol de chita; camarinha com perfumes, desodorantes e talcos. No chão: bacia de alumínio, toalha e espécie de balde com água e sabonete. Luz apagada e quarto na penumbra, iluminado ligeiramente pela luz vermelha que atrevidamente vinha da sala. Ela me confortava, perguntava se era a primeira vez. Dava conselhos... tinha um jeito especial de lidar com iniciantes; explicava uma coisa daqui outra dali. Revelava-me seu corpo e os locais mais sensíveis... Era conselheira, psicóloga e professora. Aprendi seu nome: “Cara Velha”, a quem chamávamos de “Cara Véia”. Ela era uma verdadeira especialista do sexo. Deveria beirar os quarenta anos de idade. (PALHANO, 2012, p. 151).

⁸⁸ Palavra frequentemente utilizada na cidade para denominar de forma pejorativa meninos que fossem virgens.

⁸⁹ Na escrita da dissertação optamos por utilizar termos proferidos pelos entrevistados. Admissão, iniciação e coito são palavras que se referiam ao ato sexual.

Na crônica, Palhano descreve a casa, a rua, a luz vermelha, o ato sexual, demonstrando sua ansiedade, nervosismo, inexperiência, os cuidados para não fazer errado, seguido de gemidos, ruídos e a sensação do dever cumprido em tornar-se macho para a sociedade. A prostituta, subserviente, pegava a bacia, retirava a água do balde e lavava o órgão genital daquele que estava lhe pagando pelo serviço.

O entrevistado Tito teve sua primeira vez relatada em um cordel⁹⁰. O poeta Orlando Otávio (2020), na obra, relata a vida social da zona boêmia com personagens reais e fatos marcantes na vivência de um menino de 12 anos de idade. Tito conta-nos que começou a frequentar o cabaré aos 15 anos de idade e, desde então, encantou-se com a vida boêmia, tornando-se dono de bar anos mais tarde, quando herdou de sua sogra o bar de Terezinha e Zé Gaguinho – personagens citados no capítulo anterior. Ele lembra que existia uma pressão enorme para que o menino perdesse a virgindade. Por isso, quando foi a uma festa na cidade vizinha de Serrinha, foi com dois amigos e aconteceu que um deles teve sua primeira relação sexual e ficou “debochando” dos outros, que eram donzelos⁹¹.

Então, em uma noite de segunda-feira, decidiu sozinho ir à casa de Maria Gorda e transar com a primeira prostituta que aparecesse. Foi quando conheceu a Neuma, mulher que veio da cidade de Esperança para “fazer salão”, expressão popular utilizada para designar mulheres que se prostituíam nas pensões.

Eu era barriga verde, nunca tinha ido para o cabaré, aí perguntaram quer o que aqui? Eu disse: quero transar, [...] a festa de Serrinha era no sábado de Zé Pereira, aí [na segunda-feira] aconteceu, eu gostei. Achei bom. Na outra semana eu fui, mas a menina não veio. Mas também não transei com ninguém não. Só depois eu fiquei transando, transando e transando. (TITO, entrevista realizada em 05 de janeiro de 2023).

A fala de Tito reforça as características do que era ser homem, tornar-se homem, ou, grosso modo, construir-se homem; era assim que os meninos/jovens eram moldados. O aprendizado social ocorria nas experiências em qualquer lugar. Os meninos deveriam reconhecer esses momentos para cumprir exigências que deveriam quando sentissem sua virilidade ameaçada. Foi por isso que ele decidiu ir à pensão para solucionar o “problema” da virgindade e mostrar aos amigos que era macho.

De acordo com Muller, “A virilidade aparece como uma questão maior e um indicador crucial quando tratamos de apresentar o quadro cultural e comportamental dos jovens no

⁹⁰ A primeira noite de Tito na Rua do Carretel, foi descrita por Orlando Otávio, alegando que o cordel foi uma brincadeira feita com seu irmão e que Tito e o Carretel tem a versão verdadeira. (OTÁVIO, 2020, p. 8).

⁹¹ Termo pejorativamente usado para se referir a meninos considerados virgens.

período. Seu estereótipo é definido por uma série de atributos que refletem as realidades e as aspirações sociais”. (MULLER, 2013, p. 301). Os meninos, na construção social, eram livres, durões, corajosos, criados para serem os melhores e aceitar os desafios impostos. Transar pela primeira vez era demonstrar que estavam preparados para o mundo e mostrar a todos que tinham potência.

Para ser iniciado sexualmente e perder a donzelice, muitos meninos eram levados às pensões pelos pais, irmãos, tios e amigos mais experientes do que eles. O sexo na época era algo que não se aprendia em casa ou nas escolas, era um tabu falar sobre o assunto, então aprendiam nas pensões para que, quando casassem, ensinassem à sua esposa.

Enquanto isso não acontecia, restavam as dúvidas, incertezas, sentimento de culpa e inexperiência. Os desconhecimentos sobre o assunto eram enormes. Tudo desenvolvia o papel de aprendizagem. Sexo era sinônimo de instinto, aprendiam-se nos gibis e revistas com leituras picantes e proibidas.

Transar pela primeira vez, muitas vezes, era uma questão de oportunidade. Não raro podia acontecer a primeira experiência com uma empregada doméstica⁹² ou, o que também era comum, em casas de prostituição. Lugar de sociabilidade masculina por excelência, as boates (ou “zona”, assim chamada na época) eram o local para pôr à prova a virilidade do “macho” e dar vazão ao acúmulo de estrogênio, de sêmen e de tesão que se encastelavam nos encontros e intermináveis carícias entre os namorados. (MULLER, 2013, p. 316).

De acordo com Del Priore, “a sexualidade individual era vivida em silêncio com culpa. [...] Mais e mais jovens adquiriam os conhecimentos de forma autônoma, pois a curiosidade esbarrava no sigilo dos pais” (DEL PRIORE, 2011, p. 125-126) A autora reforça que isso acontecia nos anos iniciais da República, porém, afirmamos que em Itabaiana, no recorte temporal da pesquisa, esses comportamentos ainda eram tidos como normais e a questão da sexualidade permanecia sendo um tabu. As mulheres nada ou pouco sabiam a respeito, enquanto os homens aprendiam tudo nos bordéis, tal qual ocorria no passado com seus avós e pais.

Em Itabaiana, as sociabilidades masculinas ocorriam nas pensões da zona boêmia. O entrevistado Brandão (2023) comenta que, mesmo com a liberação sexual ocorrida no país, na cidade, essa mudança acontecia a passos lentos, pois, em finais da década de 1980, ainda era

⁹² Os comportamentos dos jovens, mesmo com mudanças, ainda possuíam resquícios do passado escravista, as mulheres pobres e trabalhadoras eram vítimas constantes de “machos viris”. Ao verificarmos a historiografia brasileira, as empregadas domésticas, geralmente eram mulheres pobres e negras, frequentemente estupradas ou ludibriadas com falsas promessas de casamento pelos patrões e filhos, servindo a eles como iniciadoras das práticas sexuais. Lélia González (1984) questiona o lugar imposto às mulheres negras na sociedade, desmascarando os padrões instituídos pelo mito da democracia racial.

corriqueiro os jovens iniciarem a vida sexual com uma prostituta nas pensões da Rua do Carretel. Ele comenta sua experiência, aos 17 anos de idade, quando seu pai solicitou a um amigo que o levasse para a iniciação sexual na pensão de Christina.

O plano foi arquitetado para que ele e um colega fossem desvirginados por prostitutas. Os dois estavam brincando na praça quando esse senhor chegou de carro e convidou-os para um passeio, eles só perceberam o que iria acontecer minutos depois, quando já estavam sentados em cadeiras diante do salão da pensão. Assustados, nervosos, foram abordados pela dona da casa, onde ouviram o seguinte diálogo entre o senhor e a dona de pensão: “Opa, dr. Fulano! Aí ele disse: ‘Trouxe aqui dois meninos pá começar a vida’. Ela disse: ‘ah! Estão no lugar certo!’”. Aí esse amigo do meu pai disse mesmo assim: ‘traga uma cerveja, três copos e duas bucetas’”. (BRANDÃO, entrevista realizada em 05 de maio de 2023).

A fala do Dr. Fulano mencionada por Brandão reforça a mentalidade machista da época ao reduzir a prostituta a uma mercadoria, produto ou objeto sexual, disponível para qualquer um que pudesse pagar por elas. Esses imaginários geram profundas consequências sociais reproduzido por longos anos. Porém, essa realidade foi aparentemente amenizada, devido à luta de prostitutas ativistas⁹³ que buscam valorização e seus direitos sociais respeitados.

Voltando à narrativa da iniciação sexual de Bandão e seu amigo, ele relata que estavam ansiosos. Começaram a beber, selecionar músicas na radiola de ficha, mas, segundo Brandão, a tensão não passava, e aumentou quando de repente surgiu em sua frente duas mulheres com 28, 30 anos de idade, consideradas velhas para o padrão da época:

O senhor disse: olhe venham cá: tenham paciência! Chamou as meninas e disse: levem eles para os quartos que eu tou vendo que aqui não vai dá certo, eles estão muito nervosos, levem eles para os quartos e façam o trabalho certo, faça um trabalho top, que os meninos é menino direito, meninos de família. Elas disseram: pode deixar dr. Fulano. Aí pegaram, levaram a gente para o quarto. Eu fui pá um quarto e esse meu amigo pá outro. (BRANDÃO, entrevista realizada em 05 de maio de 2023).

Nos fins da década de 1980, já não havia o esplendor dos períodos anteriores, nas pensões da Rua do Carretel. Mesmo em declínio, ainda era habitual os homens terem sua primeira vez com uma prostituta. Brandão (2023) alega que “fui um dos últimos remanescentes, digo a última geração a passar por esse constrangimento”. Na visão do interlocutor, hoje isso

⁹³ Destacamos as autobiografias de Gabriela Leite, *Eu mulher da vida* (1992), e Puta, autobiografia da Lourdes Barreto (2023), obras que narram histórias de vida das ex-prostitutas no interstício da pesquisa, relatos que se entrelaçam com a trajetória de militância na luta por direito das prostitutas, tendo como práticas as resistências sobretudo pela imagem da prostituta erotizada.

não acontece mais, devido aos jovens escolherem como e com quem querem perder a virgindade, não sendo obrigados pelos pais a irem às pensões para terem a iniciação sexual.

Contudo, com a pesquisa de campo realizada nos “barbarés” da cidade em janeiro de 2023, constatamos que ainda é corriqueiro jovens irem com amigos buscar ajuda de profissionais do sexo. Deixamos claro que não como acontecia antigamente, quando era uma regra os jovens terem de atravessar esse rito de passagem, mas a tradição cultural permanece viva.

3.3.1 Em alerta, o juizado de menores

Para ludibriar o sistema e ter momentos de prazer, os garotos entravam escondidos nas casas de recursos e pensões da Rua da Manichula. Eram temerosos em ser flagrados pelos chamados “fiscais de menor”, homens escolhidos pela sociedade para observar os menores quando estivessem fazendo algo “errado”. Os comissários⁹⁴ eram os representantes da lei que trabalhavam gratuitamente observando os cassinos, cinemas, bares e casas de diversões públicas, com o objetivo de proibir a entrada de menores nesses ambientes.

A comarca de Itabaiana conta com um corpo de “Comissários de Vigilância”, capacitado e integrado no nobre papel que é de proteger o menor. Mensalmente são os senhores Comissários de Vigilância convocados para reuniões, nas quais são debatidos assuntos concernentes a menores, normas de trabalho, tratamento que os comissários devem dispensar aos menores e a outras pessoas envolvidas em tais problemas, etc. (A FOLHA, 12 de maio de 1974, p. 3).

Na primeira vez que o entrevistado Melo (2022) foi ao cabaré, ele estava com 13 anos de idade, entretanto não teve coragem de praticar o ato sexual. Ele lembra que o fiscal de menor chegou e disse que estava proibido de estar naquele local. No entanto, quando estava voltando

⁹⁴ Os Comissários da década de 1970 eram Edilson da Silva Andrade, Antônio Claudino da Silva, Carlos Roberto Teixeira, Manoel Feliciano de Luna, Severino Chagas das Neves, Ivo Severo da Silva, João Inácio da Silva, João Domingos Sobrinho, José Rodrigues Guedes, José Barbosa de Sousa, Severino Bernardo de Moura, Arlindo Araújo, Geraldo Marinho da Silva, Ivonilson Elidio de Carvalho, Pedro Lira da Silva, Pedro Alexandrino Bendito, Sandoval Barbosa de Oliveira, José Rodrigues da Silva, Edson de Andrade, José Araújo, João Dias Silva, Severino Dias Silva, José de Sousa, Francisco de Assis Silva, Francisco de Assis Andrade, José Moreira de Sousa, Severino, Felipe da Fonseca, João Alves de Oliveira e José Marreiros Sobrinho. (A FOLHA, 12 de maio de 1974, p. 3). Até o momento da pesquisa, não conseguimos informações sobre como esses homens eram escolhidos para representar e defender a moral dos jovens itabaianenses. Também desconhecemos se eles recebiam algum salário para desenvolver o trabalho. Todas as pessoas envolvidas na pesquisa não souberam responder aos questionamentos, bem como apenas citaram os mais conhecidos e temidos, como o Dr. Antônio Ananias. Josélio Fidelis de Souza, pesquisando os bordeis de Guarabira - PB, também citou os nomes dos fiscais de menores que trabalharam nesses recintos, porém não esclareceu como esses homens eram selecionados. (SOUZA, 2010, p. 29).

para casa, surgiu em sua frente uma mulher se oferecendo para ficar com ele. Caso desejasse, não pagaria porque tinha o achado bonito fisicamente. Mas, por medo, não aceitou a proposta:

Fiquei assombrado com o juiz de menor, terminou eu indo pá casa, porque meu irmão mais novo tinha sido preso pelo juizado de menor, eles levavam ali pra traz de onde hoje é a câmara municipal, você ficava preso lá. Aí eles comunicavam a mãe, e a mãe ia buscar. Meu irmão foi preso porque estava no jogo ali no Campo do Náutico, era jogo de sinuca, baralho e dominó. (MELO, entrevista realizada em 09 de janeiro de 2022).

O entrevistado Melo (2022) relata que voltou ao cabaré aos 14 anos de idade, quando houve sua iniciação na Rua da Manichula. Explicou como foi a negociação com as mulheres que ficavam nas ruas e em busca de homens para levar para as casas de recursos. Descreveu o local e detalhou a fisionomia da mulher com quem ficara: “Era uma galega bonita, bem vestida, perfumada e inteligente”. Melo ainda relembra que

Essas mulheres pegavam os homens na rua. Fátima por exemplo gostava de fumar, de passear, ela tinha a cabeça erguida. Aí dali você falava com ela e acertava o programa. A primeira vez foi com Fátima, foi nesse esquema. Para você ter uma ideia eu paguei duas vezes. Porque foi o seguinte. Fui rápido, aí quis de novo. Aí ela disse: tem que pagar de novo. Você saia fora. Ela lavava você, se lavava e ia de novo, por que ela não gozava. Aí paguei 12 cruzeiros de novo [falou diminuído o volume da voz como se estivesse contando um segredo]. (MELO, entrevista realizada em 09 de janeiro de 2022).

Os entrevistados responderam sobre os medos de serem surpreendidos pelos fiscais de menores. Melo (2022), como citado acima, comenta que seu irmão foi preso porque estava em um cassino. Ribeiro (2020) lembra que levou uma tapa na boca porque o fiscal Antônio surpreendeu-o fumando um cigarro. Já Brandão (2023) expõe que tinha o desejo de assistir a um filme pornográfico no Cinema, mas o fiscal não permitia sua entrada.

Mesmo tentando manter a integridade moral das famílias, os jovens não conseguiram ficar afastados da boêmia. Na cultura de interior, era algo normal os homens, desde criança, serem criados “soltos no mundo”. Para não temerem nada, deveriam aprender e confiar na “natureza” própria do ser homem (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013), a masculinidade seria inerente aos homens, não havendo proibições legais para eles:

Os homens podiam se aventurar porque em “homem nada pegava”. É como se o corpo masculino fosse fechado, não só à penetração de um membro viril, mas a qualquer mal que lhe pudesse acontecer, mesmo a qualquer pecha moral que fosse assacada contra ele. As memórias falam de homens que se colocavam em situações de extremo perigo, cômicos de uma espécie de invulnerabilidade. A onipotência masculina se expressava em atitudes que punham constantemente em risco a sua vida e a vida de outras pessoas, isso não importava, se era necessário provar que era macho. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 223).

Contudo, para os meninos-homens, era necessário mostrarem-se ativos, inclusive sexualmente com as mulheres. Progressivamente, os meninos eram e são estimulados a buscar oportunidades de demonstrarem publicamente atos de honra, valentia, bravura, heroísmo. As atitudes escolhidas podiam desenvolver marcas que os identificassem como machos, sem privações e medo de nada, nem que para isso se machucassem e tivessem cicatrizes corporais, que demonstrariam sucesso nas empreitadas realizadas.

Mesmo temendo serem flagrados pelos fiscais de menor que tentavam afastá-los dos prazeres com prostitutas, eles encontravam *táticas* que burlavam o sistema e se enquadravam no mundo masculino. Segundo os entrevistados, o fiscal mais lembrado, pelo jeito imponente de conduzir os assuntos relacionados aos menores, foi o senhor Antônio Ananias.⁹⁵

Encontramos crônicas memorialísticas no jornal *Itabaiana Hoje*, que esclarece o medo dos meninos para com esse fiscal de menor, reforçando a imagem austera que ele tinha. “Antônio Ananias policiava a libido dos frangotes do lugar e provocava pesadelos nas noites que antecederiam a estréia do mancebo no cabaré” (ITABAIANA HOJE, out. 1998, p. 1); um outro texto complementa: “Antônio Ananias, e seu indefectível bigode, nos flagravam à espreita de alguma quenga royalbiriada- *inferior*, na feira do bacurau, no agonizante carretel de Itabaiana.” (ITABAIANA HOJE, set. 2001, p. 6. Grifo nosso).

Para Sousa (2022), falar da Rua do Carretel era lembrar o medo que possuía do temido Antônio Ananias com seu bigodão e o timbre da voz que deixava qualquer menino em pânico. Mesmo com o medo, não eram afastados dos propósitos, na medida em que terminavam as aulas, levavam uma camisa na mochila, e saíam para diversão nas pensões junto com os amigos de faixa etária dos 14 aos 15 anos. Orlando Araújo (2022) declara: “Nunca fui pego, mas quando dr. Ananias aparecia por lá, junto com policiais, tínhamos que fugir rápido, quando não dava tempo, as meninas nos protegiam, escondendo nos quartos”.

O escritor e memorialista Erasmo Souto descreve Antônio Ananias:

Seu jeito seríssimo ainda mais acentuado por espessos bigodes, causava-me pavor. O seu grito (MENINO!), puxado a terremoto mexicano, fazia a garotada correr batendo os pés na bunda. Entretanto, por trás daquela brabeza havia um homem compreensivo e respeitador das leis dos homens e da natureza. Com destaque para a natureza humana da turma dos 15 anos, indianamente perfilada à porta da casa de Maria da Garrafa, competente mestra da mais antiga das brincadeiras, na Rua das Flores. Às terças-feiras, o “sabiá da mata” apenas marcava presença naquele endereço, passava por nós como se não existíssemos Sabia da necessidade à época e da utilidade futura daquele exercício tanto nervoso quanto indispensável à reprodução da espécie humana. (ITABAIANA HOJE, jan. 1998, p.4).

⁹⁵ Com base nos relatos dos entrevistados, na década de 1950, o fiscal mais conhecido era o senhor Antônio Ananias; na década de 1960, Joca Domingos e, em 1970, Carlinhos.

Erasmão Souto, em suas memórias, cita Maria da Garrafa, famosa prostituta que atendia esta clientela. Sua especialidade era desvirginar garotos nos idos de 1940/50; quando jovem, chamava a atenção de todos, principalmente nos dias de feira livre, nas terças, onde “os garotos faziam fila, uns para perder o medo e outros para atualizar a escrita ao preço – único, fixo e inalterado – de cinco cruzeiros” (ITABAIANA HOJE, out./nov. 2001, p. 4). Na cama de Maria da Garrafa, uma geração de senhores passou em seus braços.

Segundo os entrevistados, era uma mulher negra com mais de 100 quilos, e ensinava aos meninos o batismo sexual antes do casamento. “No quintal da casa de Maria, iniciados e veteranos, mentindo descaradamente, falavam de posições, das gostosuras do coito, que tinham chegado juntos, havendo até os que pretendiam se amigar com a professora”. (ITABAIANA HOJE, out./nov. 2001, p. 4). Nas palavras de Erasmão Souto, os meninos em grupo esperavam ansiosos pela sua vez e, de um em um, depois da penetração e saíam satisfeitos com o ato realizado.

O artista plástico Orlando Araújo (2020) comenta que quando conheceu Maria da Garrafa, ela estava velha e gorda. Tinha se tornado uma figura folclórica itabaianense. Sempre brava e irritada, perambulava pelas ruas da cidade, descalça, correndo atrás com pedra ou cacete na mão para jogar em quem a insultava.

Em suma, a relação dos meninos com a boemia é bastante peculiar. Quando menores de idade, frequentavam as pensões da Rua da Manichula e somente aos 18 anos compareceriam à Rua do Carretel. Maria da Garrafa se tornou, para os homens da sociedade itabaianense, uma espécie de professora do sexo, pois esteve no batismo sexual de muitos meninos, que comprovaram para todos que não eram “anormais”. Não conseguimos saber mais detalhes a respeito de sua história. Infelizmente, as pessoas que podiam nos repassar tais informações faleceram, restando apenas partes fragmentadas, às vezes enganosas, mitológicas e lendárias a respeito de alguém que, para sobreviver, prestava serviços sexuais a jovens meninos, para garantir que futuramente fossem bons parceiros sexuais e, conseqüentemente, aumentando a autoestima dos “garanhões”, pois era assim que se consideravam depois de terem realizado a empreitada escondida e a realização do feito sexual.

Todavia, nem sempre os jovens/homens podiam pagar pelo programa da prostituta. Alguns tentavam “passar xexo”, isto é, sair sem pagar pelo serviço prestado, algo que praticamente era impossível, pois pagavam de todo jeito, uma vez que, se isso acontecesse, o rapaz ficava marcado e nenhuma mulher aceitaria transar com ele em outra oportunidade. No

mais, se tivessem sorte e caíssem nos encantos das prostitutas, tornavam-se bigodetes⁹⁶, sendo por elas protegidos. Ficavam esperando terminarem de trabalhar com os clientes e ansiavam pela hora dos miseráveis.

Antônio Clarindo explica que em Campina Grande, entre os anos de 1945-1965, os bigodetes se conformavam em ficar com as prostitutas do Cassino Eldorado nas tardes de domingo. “As mulheres costumavam dizer que estavam ‘gostando’ de algum ‘gigolô’ ou ‘bigodete’. ‘Gostar’, naquela época, era amar sexualmente e de forma contínua o mesmo homem, que era sintomaticamente chamado de ‘meu home’ ou ainda ‘meu macho’ (SOUZA, 2002, p. 329).

Eram jovens que tinham idade entre 18 a 30 anos, eram bonitos, andavam sempre perfumados e vestidos de forma elegante, usavam cordão no pescoço, relógio no braço, e estavam sempre seduzindo aquelas que poderiam lhes presentear com agrados ou dinheiro. Tito (2023) explica como era a relação dos bigodetes e a hora dos miseráveis aqui em Itabaiana.

Rapaz, vou dizer uma coisa a tu, eu não pagava a mulher não [gargalhadas]. Eu era bom de cama. Elas que pagavam para mim. Eu era bigodete. Na primeira e segunda vez eu paguei. Aí comecei a andar por ali, ia no cabaré de dia, aí conheci uma tal de Célia, ela morava perto de Chiquinha Cega. Fui pro cabaré dia de quinta ela tava no quarto com o cara, fiquei esperando ela sair, aí chamei ela pá saí, nesse tempo eu ainda pagava, a gente transou, aí ela achou bom, aí pronto, todo dia eu ia pro cabaré. (TITO, entrevista realizada em 05 de janeiro de 2023).

O entrevistado Ribeiro (2020) comenta que foi bigodete e nos ajuda a compreender essa relação,

No começo da noite a gente começava, servia ela, aí quando o cara ia embora, ela ia tomar banho e já vinha com outra roupa. Bem perfumada, dizia assim: olhe quando fechar, eu vou entrar mais cedo, aí tu vai que eu tou te esperando. Chegava lá parecia que não tinha ficado com ninguém, perfume dentro do quarto de torar, tudo limpo. [...] O cara ia, tomava banho, aí ela dava banho de perfume no cara, aquele perfume francês, osh... incendiava a pensão. (RIBEIRO, entrevista realizada em 11 de outubro de 2020).

Ribeiro explica que essa relação ia além do sexo, elas presenteavam com roupas, sapatos, relógios, perfumes, dinheiro para o lanche na escola, bebiam nas pensões, eles não gastavam com nada, inclusive com diversões, quando desfilavam na escola de samba. “A roupa que a escola de samba fazia para o batuqueiro vestir ela confeccionava a dela, e a bebida que a

⁹⁶ Bigodete seria uma espécie de gigolô, que passavam a ser bancados pelas prostitutas com dinheiro, bebidas e comidas, isso porque elas eram atraídas pela beleza e os dotes físicos dos seus protegidos. Eles ficavam bebendo nas pensões, enquanto as prostitutas atendiam aos clientes. Quando terminavam, tomavam banho e aproveitavam um sexo que, para elas, não seria obrigação e sim prazer.

gente consumia quando tava desfilando tudo era por conta dela”. (RIBEIRO, entrevista realizada em 11 de outubro de 2020), ou seja, ser amante de uma prostituta tinha como consequência ela ter dinheiro para sustentá-lo.

Os bigodetes que conversamos não se identificavam como gigolôs, mas percebemos que, na verdade, eles eram vistos como exploradores das prostitutas, uma vez que aguardavam que elas terminassem seus programas para ter momentos íntimos entre eles. Dentre as regalias que recebia, estavam os presentes e dinheiro em troca de carinho e sexo. Se isso não ocorresse, a relação “afetiva” seria encerrada.

A historiadora Uelba Nascimento (2008), estudando a prostituição em Campina Grande, afirma que essa relação era afetuosa e interesseira. As prostitutas ficavam receosas de serem trocadas por outra ou que seus amantes casassem com uma “moça de família”. Os bigodetes, a exemplo de Ribeiro e tantos outros itabaianenses, trocavam favores sexuais por agradados.

Na lógica do mundo da prostituição, elas poderiam se relacionar com outros homens, contanto que fossem como clientes e não como amante/gigolô. Este era "O homem", ou "O macho" delas, aquele que vivia do dinheiro de seus "michês", dos favores de sua amante, e quando o dinheiro acabava... (NASCIMENTO, 2008, p. 185).

Nessa relação, percebemos claramente que eles eram amantes no coração delas, mas elas eram apenas objeto de conquista deles; se fosse necessário, para delimitar território, elas agrediam violentamente outras que aparecessem em seu caminho e tentassem roubar seu homem. Na fala dos entrevistados, eles ficavam “amarrados a elas, mal podendo, então, olhar para outras mulheres, pois, se isso acontecesse, perdiam as regalias conquistadas; grosso modo, quando falavam de suas experiências, eles não se colocavam no patamar de gigolôs. Inclusive, as ex-prostitutas com quem conversamos disseram que isso não acontecia em Itabaiana, mas, devido à linha tênue entre a aceitação de ser ou pagar, compreendemos que isso acontecia, uma vez que eles as seduziam e elas caíam em suas graças, dando-lhes tudo que pediam.

Os bigodetes e as prostitutas viviam em um mundo de relações “líquidas”, que a qualquer momento podiam ser desfeitas. Percebemos, nas entrelinhas dos discursos dos depoentes, que eles ludibriavam as prostitutas e viviam momentos tensos nessas relações, com conflitos, fugas e tentativas de morte, fosse por ciúmes ou por terem sido trocadas por outras mais jovens e mais belas, o que atestamos nas relações de disputas de poderes invisíveis existentes. Eles relatavam suas narrativas com sorrisos e gargalhadas, rememorando discursos nos quais ficava clara a tradição cultural da masculinidade de homens “machos”, sedutores e garanhões que faziam parte do contexto da época em destaque.

3.4 “A gente frequentava o cabaré pra fugir da ditadura”

A ditadura militar brasileira atingiu sua forçada popularidade em meados da década de 1970, quando, de Norte a Sul, o país vivenciava o chamado “milagre econômico”. Concomitantemente, torturava e exilava seus oponentes, censurando os meios de comunicação e prendendo pessoas que fossem contrárias as normas impostas. Em Itabaiana, a situação não foi diferente. Com a renúncia e cassação do prefeito Hugo Saraiva, a prisão dos estudantes Israelzinho, Chico Veneno, entre outros, além da censura ao jornal *O Alvorada*.

O sistema de vigilância era constante e alguns alunos que estudavam no Colégio Estadual de Itabaiana procuravam meios de diversão e conscientização da população para explicar a situação pela qual o país estava passando. Uma das formas encontradas para que isso acontecesse foi a fundação do Grupo Experimental de Teatro de Itabaiana – GETI.⁹⁷

“A gente frequentava o cabaré para fugir da ditadura e ter um espaço nosso de liberdade” essa foi a frase proferida por Fábio Mozart (2022) e Sanderli (2022), em declarações sobre o porquê de frequentar a zona boêmia. Enquanto politizavam os jovens, os componentes do GETI buscavam diversões nas pensões da zona boêmia. Tinham como ponto de encontro o bar de Chiquinha. Lá, passavam horas bebendo e filosofando. “Nós íamos muitas vezes até pá ensaiar, quando o interesse era pá filosofar e discutir política, porque nós éramos jovens assim mais engajados, liamos Karl Marx, Berthold Brecht e outros”. (SANDERLI, entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2022).

No Brasil, o ano de 1968 é lembrado como ano decisivo, devido à morte do estudante secundarista Edson Luiz e a passeata dos cem mil⁹⁸ amplamente divulgada nos meios de comunicação. Os jovens itabaianenes não estavam alheios a tais fatos, já que os acontecimentos eram noticiados através de jornais escritos e falados. A rebeldia, então, saiu das telas do cinema e da televisão para a vida real. Eles desejavam e ansiavam por mudanças, mesmo que para isso sofressem por tais atitudes.

⁹⁷ O GETI foi fundado em 1975 com atividades relacionadas à igreja e à encenação da Paixão de Cristo. Um ano depois, desliga-se da instituição e, no dia 22 de agosto de 1976, estreia no palco do antigo Itabaiana Clube, onde encenaram “A peleja de Lampião com o Capeta”, peça teatral com a qual o grupo se apresentou em várias cidades da Paraíba. Segundo o Jornal Itabaiana Hoje, “Foi um dos grupos de teatro que apresentou mais consciência em seu trabalho cultural, marcando época na história do teatro de Itabaiana” (ITABAIANA HOJE, mar. 1998, p.5).

⁹⁸ Passeata organizada por estudantes que lutavam contra o regime ditatorial no Brasil, o movimento teve adesão de vários setores da sociedade que estavam insatisfeitas com o rumo político na qual o país estava tomando. O estopim para que isso acontecesse foi a morte bárbara do estudante Edson Luis, por policiais que invadiram a universidade. No dia 26 de junho de 1968, as pessoas foram ao centro do Rio de Janeiro e protestaram contra os desmandos do presidente Costa e Silva.

A década de 1970 foi marcada por transformações contra o patriarcalismo, quando a quebra de padrões sociais e culturais foi sentida principalmente por jovens que rompiam com as prisões impostas. Nesse período, houve o crescimento do feminismo e de minorias que lutavam por direitos. As mulheres passaram a ter mais liberdade, e, quase em relação de consequência, o ato sexual deixou de ser apenas para a procriação, como pregava a igreja, e, depois do casamento, os jovens passaram a discutir o aborto e o uso de pílulas, para não acontecer uma gravidez indesejada. “A mulher deixou de baixar a cabeça ao dizer sim, e ao dizer eu quero, eu posso, eu vou fazer” (DEL PRIORE, 2011, p. 182). Assim, a mulher saiu dos limites da casa para se divertir com amigas e namorados.

O movimento negro e o movimento gay eclodiram no final da década de 1970. A sociedade passou por mutações e pela inserção de novos hábitos colocados em prática contra a dominação masculina. Em Itabaiana, essas transformações foram sentidas pelos jovens que, timidamente, rompiam com os antigos padrões e práticas, passando a usar roupas curtas, cabelos longos e tudo que remetesse à cultura transgressora; eram observados e controlados em vão, pois os jovens não recuaram.

Para alguns participantes do GETI, segundo Fábio Mozart (2012), as discussões políticas em defesa das minorias sempre eram assuntos que se debatiam nos bares e pensões da zona boêmia. Embebidos pelo ideal libertador e igualitário, lembra o dia que ele e seus companheiros estavam na pensão de Julieta e um amigo retirou da mochila uma fotografia de Che Guevara. “Passava da meia-noite quando tiveram a ideia de fundar o Sindicato das Putas e Afins, sendo que esse ‘afins’ foi representado na ocasião pelo baitola Nega Tonha, garçom e alcoviteiro daquele singelo cabaré [...] e a nega Buliu, emérita representante das mulheres de Lesbos”. Após o fim da bebida, foram para casa e no dia seguinte tinham esquecido dos devaneios da noite anterior⁹⁹.

O fato narrado por Fabio Mozart (2012), leva-nos a crer que os jovens se engajavam com discussões que buscavam melhorias para o outro, com a tentativa de fundação do sindicato que garantisse direitos trabalhistas para as prostitutas bem como quebrar com a exploração ocorrida nas pensões. Na entrevista realizada em 10 de janeiro de 2022, Fabio Mozart afirma que infelizmente as prostitutas e os afins, representados por um negro homossexual e uma lesbiana, eram pessoas simples, sem instruções formativas, e marginalizadas socialmente. Sem

⁹⁹ A crônica “O Sindicato das Putas”. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/362038> Acesso em 10 jan. 2023. Na entrevista, concedida por Mozart em (2022), ele relata que este fato realmente aconteceu e que no dia as prostitutas estavam bêbadas, não entenderam nada do que estava sendo discutido. Acentuamos que os termos “nega” e “baitola” faziam parte do mundo dos envolvidos e, aparentemente, não foram expressos de forma depreciativa nos relatos.

oportunidade, não sabiam o que estava sendo discutido ou o que pretendia o grupo, assim sendo, a ideia inicial do sindicato das putas não avançou, deixada para trás horas depois.

Dialogando com Mozart, questionamos se a criação do sindicato das putas foi abortada porque os jovens revolucionários estavam brincando de libertários em uma mesa de bar ou se a adesão realmente não foi esperada. Acreditamos que a ideia poderia ter sido aproveitada se as prostitutas e afins fossem ensinadas a ter consciência de luta de classes e opressões, o que era a base teórica dos jovens. Os jovens estavam brincando com o “baitola Nega Tonha” e “Nega Buliu”, além das poucas prostitutas que estavam presentes. Como elas estavam trabalhando, apenas acharam a situação divertida e acreditaram que a proposta poderia não dar certo, embora nas entrevistas com Mozart (2022) e Sanderli (2022), tenha sido mencionado que sempre que algumas prostitutas necessitavam de apoio ou ajuda, elas recorriam a eles e os amigos do GETI.

Segundo Sanderli (2022), assim que saíam do Colégio Estadual, ele e seus amigos seguiam em direção às pensões da Rua do Carretel. Para não serem identificados usando a farda no cabaré, levavam uma camisa dentro da bolsa, para que não fossem surpreendidos pelos olheiros do diretor Almeida e, conseqüentemente, expulsos do educandário:

Na realidade a gente via aquele ambiente, aquelas pensões, aqueles lugares lá, como um ambiente de liberdade sabe, porque a gente vivia numa época digamos assim, de um clima pesado, repressão forte, no colégio você não podia falar de política. Tinha sempre um cara que ia falar com o diretor e você ia parar no index dos alunos malditos lá. Eles mandavam o nome da gente pro SNI, pro exército, num sei pra onde, a gente vivia vigiado, com muito medo, então a gente via naquele ambiente, um ambiente de liberdade, onde a gente podia conversar livremente. (MOZART, entrevista realizada em 10 de janeiro de 2022).

Sanderli (2022) alega que o grupo seletivo de amigos frequentava todas as pensões e via nos cabarés um sinônimo de liberdade. Por isso, iam para Nevinha Rica quando tinham dinheiro. Coisa rara, “porque a maioria dos adolescentes eram lisos” e, por esse motivo, frequentavam as pensões consideradas mais fracas, como as de Topada, Nevinha Pobre e Julieta, e lá eles podiam beber cachaça e ficar à vontade para ouvir as músicas que gostavam.

Constantemente vigiados na escola, na família e na sociedade, para alguns jovens, ir às pensões era um momento que refletia liberdade em todos os sentidos, pois podiam conversar, debater, dialogar, beber, jogar, transgredir a cultura e viver a sexualidade, com mulheres disponíveis, longe dos espaços normatizados pela honra das moças de família; assim, existia a busca por prazeres rápidos e fugazes, além de ouvir músicas que para eles isso não seria possível sem ter pessoas criticando sons e melodias que consideravam horríveis. Com sorte, poderiam chegar a ter contato com algum tipo de música engajada.

Geralmente, as pensões tocavam as músicas de “fossa” de Nelson Gonçalves, Dolores Duran, Maurício Reis, Reginaldo Rossi e outros. A musicalidade variava de acordo com os clientes. Como eram adolescentes, gostavam de músicas de protesto. “Nós respeitávamos o ambiente e perguntávamos se podíamos trocar a música e ouvir as nossas; caso não houvesse objeção, colocávamos nossos discos”. (SANDERLI, entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2022).

A gente tava lá pá expor Chico Buarque, Gal, Betânia. Então a gente fazia o seguinte: quando se chegava a determinado ambiente que tinha o público, a gente respeitava. Quando chegava a galerinha do Grupo Experimental de Teatro de Itabaiana, a gente perguntava se podiam trocar a música. Aí diziam não é para vocês. Então a gente trocava ou deixava, a gente ia muito pá discutir política e tinha alguns que chegava até a levar o disco de Chico. (SANDERLI, entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2022).

A música, desde os primórdios, influenciou o comportamento das pessoas. De acordo com Muller (2013), uma parcela dos jovens deixou de escutar a Jovem Guarda e passou a ouvir a músicas que concorriam nos festivais. “A Música Popular Brasileira, passou a ser sinônimo de música de alta qualidade estética, comprometida com a realidade brasileira, crítica ao regime militar” (MULLER, 2013, p. 310). Foi embalado ao som da Tropicália que os jovens do GETI se identificaram com o estilo musical. De acordo com Silva (2022), eles estavam tão engajados com a luta que levavam para as pensões discos pessoais com o objetivo de incentivar e propagar para outras pessoas o que consideravam “uma boa música”.

Seja na música ou teatro, os jovens do GETI exploravam a liberdade dentro dos limites que uma cidade interiorana pudesse oferecer. Fábio Mozart (2020) conta-nos histórias engraçadas que ele e seus amigos vivenciaram nas pensões. Uma delas foi quando Severino levou o padre Antonio Kamps para visitar a pensão de Julieta. Os jovens do GETI ensaiavam dentro da igreja, mas o vigário proibiu porque um dos participantes da peça teatral fumou cigarros e colocou a bituca nos santos. Para o padre, isso foi um desrespeito total para com a fé alheia. Por isso, proibiu os ensaios dentro do templo religioso.

Em uma determinada noite, passando pela calçada da igreja, padre Antônio Kamps encontrou o grupo ensaiando. Imediatamente, perguntou o motivo de estarem ali, e logo lembraram-no da proibição. Compadecido da situação, decidiu perdoar e pediu para que o levassem onde o sacristão estava para que a igreja fosse aberta e os ensaios não continuassem ao ar livre.

O padre perguntou por Bebê. Aí Bio disse: Bebê está ali. Eu sei onde tá padre. Ele disse: Entra aqui no jeep que a gente vai buscar Bebê. Biu levou o padre pro cabaré na pensão de Julieta. Quando o padre entrou, e viu aquelas luzes vermelhas, aquele

negócio estranho, aquelas mulheres tudo com saia curta, pintada e ele achou um negócio estranho né? Aí ele disse: Severino onde é que estou? Onde estamos? A gente está no cabaré padre. Mas Severino como que você traz o padre pro cabaré Severino? Mas o senhor num quer falar com Bebê? Ai ele tava lá sentado bebendo, e deu a gota serena e não deixou mais a gente ensaiar na igreja. [Gargalhadas lembrando do fato] (MOZART, entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2022).

Em outro momento da entrevista, Mozart (2022) narra o episódio do falso clérigo no cabaré; na ocasião, estavam presentes ele, Geraldo Caranguejo, Sanderli e Joacir. Sem fantasias para brincar o carnaval, pegaram emprestado as roupas das peças teatrais do GETI, grupo no qual faziam parte, e foram se divertir no centro da cidade. Com o avançar da hora, resolveram aprontar na Rua do Carretel, e, nesse carnaval, Geraldo saiu fantasiado de padre.

Chegou abençoando as meninas. Terminava dizendo: "que Deus a tenha e o diabo a carregue"... Rezava uma reza doida, rimando fé com Maomé e aleluia com farinha na cuia. As meninas, matutinhas ingênuas, pensavam que o cara era mesmo padre. Na quarta-feira de cinzas, chegou à igreja um grupo de raparigas procurando um tal de Padre Geraldo Caranguejo, que inventou um jeito novo de comungar, substituindo a hóstia por tira-gosto de caju e o vinho por cachaça "Pitu". Dizia que era a adaptação cultural da religião conforme os costumes nordestinos. (MOZART, 2010, p. 164-165).

Doidivas, fatais, trapaceiras, ladras, arruaceiras e tantas outras foram termos construídos para classificar a prostituta. A pantomima do falso clérigo no cabaré nos mostra a imagem de prostitutas matutinhas, ingênuas e bobas. Nós acreditamos que elas estavam empregando táticas para aproveitar a brincadeira de jovens que estavam se divertindo. As jovens provavelmente compraram a versão diferenciada do padre, mas sabiam que se tratavam de uma encenação, uma vez que um padre não entraria em uma pensão durante o carnaval.

Os jovens do GETI descobriram nas pensões da zona boêmia a liberdade que almejavam para o país. Através do teatro, buscavam explicações e respostas para suas existências. Divertiam-se, estudavam, filosofavam e politizavam os próximos. O cabaré, para eles, foi o ponto de convergência para serem livres dos olhares repressores das autoridades da escola e da sociedade.

Os estudantes tiveram fundamental participação na Ditadura militar brasileira. Em meados da década de 1970, os protestos voltaram às ruas, mesmo com as perseguições impostas. Foi nas pensões que alguns estudantes de Itabaiana, ligados ao GETI, debatiam politicamente e procuravam meios para que existisse uma sociedade justa e democrática. Eles apoiaram os menos favorecidos e explorados, a exemplos dos trabalhadores rurais da luta de Alagamar¹⁰⁰ e movimentos populares considerados importantes.

¹⁰⁰ No ano de 1975 eclodiu, em Salgado de São Félix, o movimento conhecido como a Luta do Povo de Alagamar. Os membros do GETI realizava reuniões e discussões tendo como pauta, como o grupo poderia contribuir com a

3.5 Dos amores que não ousaram pronunciar: existe homossexualidade na boêmia?

Em Itabaiana, falar de homossexualidade nos anos de 1950/1980 era praticamente proibido. Para a maioria das pessoas, era como se não existisse. Quando sabiam de algo relacionado, o tabu era rompido e os cochichos espalhados nas feiras, bares, ruas, praças etc. Na ocasião em que estávamos desenvolvendo a pesquisa e tocamos no assunto, os entrevistados baixavam o tom da voz, sussurrando, como se estivessem fofocando, ao falar casos ou nomes de possíveis pessoas que eram consideradas homossexuais na época.

Segundo o entrevistado Brão (2018), nos anos de 1950 existiam poucos homossexuais na cidade, dois abertamente declarados e, dois que as pessoas desconfiavam. Já sobre lesbianas¹⁰¹, comentou que havia duas: uma que todos sabiam e era respeitada devido à sua discrição, e a outra que frequentava as pensões,

O “viado”¹⁰² famoso daqui era o vigia de um órgão público e José que tinha um catimbó, [gargalhadas] ele queimava. Uma lapa de nego, [gargalhadas] isso década de 50/60. Os outros dois, o profissional mesmo era o tal de Zeca, esse era do cabaré, andava se balançando, se pintava e outro estou esquecido. [...] E teve os dois primeiros “viados” que usaram saia. Um era o filho do véi do outro lado do rio, seu Tó, e o outro era filho de um amigo meu, seu Mané, esses dois, toda a noite [...] se juntavam e iam se vestir de mulher. Agora iam escondido pela beira da linha, na época meio escuro. Quando os negos via eles iam pro pau, éeeee, ia pá tapa. Tinha os freguesim deles lá, pá dá as tacadinhas deles né? Mais a maioria só ia pá querer dá neles. Eles ficavam desfilando lá [na beira da linha]. (BRÃO, entrevista realizada em 10 de setembro de 2018).

Brão (2018), em sua fala, traz-nos informações esclarecedoras sobre ser homossexual em uma cidade interiorana, o que, para a época, era um escândalo. Ele reforça que os homens ficavam com os gays por questão financeira e era muito escondido. Devido ao preconceito existente, ninguém queria que seu nome fosse espalhado e que ficavam com homossexuais, uma vez que, na mentalidade das pessoas, um homem que tivesse relação sexual com outro homem também era considerado gay.

Ressaltamos para você leitor (a), que não é possível quantificar com precisão quem era ou não homossexual/lesbiana. A fala de Brão nos dá uma ideia aproximada das relações entre aquelas pessoas que eram declaradas ou que desconfiavam, embora, às escuras de quartos,

manifestação camponesa.

¹⁰¹ Assim como a homossexualidade, o lesbianismo foi retirado da condição de doenças na década de 1990, e por isso, baseados nos estudos de gênero de Navarro Swain (1999), nos referimos que o corpo das mulheres não estão presos à identidade sexual, apresentando as lesbianas como uma representação da contraordem da heteronormatividade predominate.

¹⁰² “Viado” e “fresco” eram termos pejorativos que eram chamados os homossexuais nesse período. Os nomes das pessoas foram trocados, a pedido do entrevistado.

becos ou até mesmo pensões, as relações com pessoas do mesmo sexo fossem uma prática que possivelmente ocorria com mais frequência.

Outro ponto que merece ser analisado é que os gays, durante a noite, usavam roupas femininas e desfilavam na estação ferroviária, local escuro, localizado nas proximidades da zona boêmia. Ousados, ficavam à espera de parceiros, e, na maioria das vezes, apanhavam desses homens para que não contassem o que havia ocorrido entre eles.

Percebemos que o estranhamento dos corpos “diferentes” causava repulsa; aqueles que, por dinheiro, submetiam-se a ficar com os homossexuais, usavam da violência para mostrar para si mesmos que eram machos e, no ato sexual, apenas subversivos, pois o estavam praticando por necessidade e não por desejos, o que poderia até chegar a acontecer, mas não deveria ser demonstrada nenhuma forma de sentir prazer com alguém do mesmo sexo. O riso escondido por trás das falas dos depoentes nos leva a crer que existiam muitos homens que ficavam com homens, mas, por vergonha, não aceitavam, já que a homossexualidade era uma prática desmoralizante, classificada como doença e anormalidade.

Por isso, nas décadas de 1950/60, era prudente que os homossexuais ficassem secretamente em ruas desertas ou lugares ermos; em Itabaiana, os gays que existiam eram discretos, raramente se envolviam em polêmicas, exceto os afeminados, que buscavam *estratégias* para viver sua sexualidade ou usar roupas femininas nos poucos momentos em que podiam ter prazer com sua identidade. De acordo com Muller, “A vivência homoerótica levava à prática de uma subcultura masculina e marginalizada, os espaços de sociabilidade, caracterizados em sua grande maioria pela escuridão e seus sinônimos, eram restritos, e cabia ao jovem descobrir os mesmos” (MULLER, 2013, p. 319). Baseado na fala de Brão, “os dois viados que usavam saias eram profissionais”. Esta última palavra, citada por meio pejorativo, foi utilizada no sentido de serem efeminados e encontrarem, na escuridão da noite, no entorno da linha férrea, espaço para serem livres. Possivelmente, estar ali seria uma forma de conquistar outros homens, bêbados ou não, que saíam da zona boêmia, ou uma forma apenas de sentirem-se livres mesmo que momentaneamente.

Outro exemplo relacionado à visibilidade homossexual em Itabaiana e na zona boêmia é o caso do entrevistado Fernandes (2016), exemplo de um exímio boêmio, nos anos de 1950. Quando jovem, dançava boleros nas pensões da Rua do Carretel, de família influente, porte grande e másculo, andava bem vestido com terno, sapato e chapéu, chamando a atenção por onde passava, de mulheres e homens. Quando questionamos sobre os homossexuais nesse período, ele explica que existiam muito gays e eles recorriam à sexualidade clandestina.

Naquela época tinha demais. Agora, era muito escondido. Eu sofri muito, porque eu era muito perseguido por essa classe. Mas eu nunca gostei. Eu sofria demais menino! Teve o filho de um senhor de engenho de Timbaúba que veio atrás de mim. Eu era destaque, eu tinha uma boa aparência, andava muito chique, sofri que fui obrigado a dar até tapa em “viado”. Eu não gosto ainda. Ele dava cantada de todo tamanho. Ele ofereceu até fortunas. Aqui também teve um que me deu muito trabalho. Era bem escondido, não era escandaloso não. (FERNANDES, entrevista realizada em 02 de fevereiro de 2016).

Fernandes nasceu em 1930, homem culto e de boas relações sociais, teve uma formação machista presente em toda sua vida. Aprendeu que os “afeminados” praticavam atos pecaminosos e vergonhosos, por isso, eram agredidos e discriminados por amar pessoas iguais. Várias vezes na entrevista repetiu que não gostava de gays devido às cantadas que eram proferidas a ele, chegando a bater em alguns para que deixassem de importuná-lo. No momento da entrevista, ao falar sobre o assunto, disse que ficava arrepiado e não gostava nem de lembrar do que aconteceu com ele.

Nosso interlocutor é um homem de seu tempo, e da sua criação tradicional; para ele, a homossexualidade seria a falta de virilidade, não aceitando a quebra dos códigos morais e religiosos. Na dicotomia da época, tentamos entender o quanto os homossexuais sofreram vivendo a dualidade de ter a prática da sexualidade clandestina ou ser revelado ao flertar com um homem que poderia bater ou contar seu segredo para a sociedade.

Comportamentos diferentes eram encontrados nos homossexuais declarados que frequentavam a zona boêmia. Os entrevistados citaram que existiam poucos na década de 1970, Melo (2022) expõe os seguintes gays: Buscapé, que trabalhava no bar de Tito, Valéria, que frequentava as pensões pobres, Patrícia, que se vestia de mulher e quando ficava bêbado escandalizava e criava arruaças, e Zeca, que era o mais velho deles. “Buscapé trabalhava no bar, não fazia programa, Valéria ia pá beber e fazer programa, eles frequentavam as pensões pobres e tinha homens que pagavam pá ficar com eles, [...] e ainda tinha o outro que fazia programa, eram três [embora ele não lembra do nome]”. (MELO, entrevista realizada em 09 de janeiro de 2022).

A entrevistada Trajano (2022) esclarece que os gays que conheceu foram: Wilson, José, Buscapé, Nega Tonha, e Zeca, que trabalhou na pensão de Nevinha Pobre e Topada. “Eles ajudavam fazendo comida, limpava, fazia tudo, durante o dia e a noite, isso era somente pela comida e um quartinho pá dormir, eram pessoas pobres, não tinham onde ficar porque ninguém queria, por serem homossexuais, eram banidos da sociedade”. (TRAJANO, entrevista realizada em 16 de junho de 2022).

Zeca, irmão de uma dona de pensão, às vezes trabalhava como garçom. Sempre reservado, não ficava com ninguém dentro das pensões, mas tinha os homens com os quais se

relacionava. “Zeca morreu velho lá dentro, ele ficava andando por ali, andando limpo, gostava de roupa branca, tinha família boa.” (NASCIMENTO, entrevista realizada em 11 de janeiro de 2022).

Os nomes dos homossexuais foram citados de acordo com as lembranças de cada entrevistado, em período não linear. Nessas falas, observamos que Zeca era o efeminado mais velho. Segundo os narradores, ele não praticava atos sexuais nas pensões que trabalhava e frequentava, o que nos leva a questionar se isso era possível, uma vez que estava inserido em um local onde, grosso modo, acreditava-se que tudo era possível no tocante a realidades sexuais. Acreditamos que, por discrição e alianças existente entre a dona de pensão e os clientes, poderia ocorrer flertes e, às escondidas, alguém levar seus possíveis namorados para outros locais onde podiam amar livremente sem olhos repressores ou normativos.

Zeca, por ser de boa família, era diferente de Wilson e Buscapé, que, expulsos de casa, submetiam-se a trabalhar como cozinheiros ou garçons nas pensões, em troca de alimento e guarda. Tais homossexuais viveram na pele o preconceito de mostrar suas identidades e, conseqüentemente, o estigma de que eram doentes e não mereciam estar no convívio dos seus familiares. Mediante o exposto, percebemos a relação dual entre ser homossexual e a família na década de 1960/1970, período em que sofreram chacotas, violência e maus tratos, enquanto, para a família, há a vergonha moral dupla de ter um parente homossexual e de ele estar nas margens, mendigando no cabaré.

Configuravam-se, então, tempos difíceis para aqueles que ousavam mostrar ser quem eram, e se relacionar com pessoas do mesmo sexo. O caso emblemático que nos apareceu foi o de Patrícia e de outra travesti que, o entrevistado Melo (2022) não conseguiu lembrar o nome. Homossexuais que faziam programas nas pensões usavam roupas de mulheres e eram efeminados, “viviam chamando a atenção”, o que cremos que seria uma forma de autodefesa e de se rebelar contra aqueles que tentavam enquadrá-los como seres diferentes. Em Itabaiana, na década de 1970, havia poucas travestis na cidade. Muitas vinham de fora e geralmente ficavam apenas nas pensões de Nevinha Pobre e Topada, as demais, por preconceito, não as aceitavam.

Pereira (2020), ex-dona de pensão, comenta que lembra de uma travesti que veio da cidade de Timbaúba, apelidada de Pata-Pata: “Era um homem tão bonito! Ele vinha de roupa de mulher, meu filho, aí ele ficava em Topada [...] eu não sei o que aconteceu, mas teve uma vez que ele ficou lá em casa”. (PEREIRA, entrevista realizada em 21 de janeiro de 2020), já a entrevistada Maria da Conceição, ex- prostituta, lembra quando estava trabalhando na pensão de Nevinha Pobre e eles chegavam.

Sempre aparecia de fora, de Campina, de Goiana. De vez em quando aparecia um por lá. Nevinha dava um quarto a eles e eles ficavam atendendo lá. Eles atendiam homens que gostava né? [...] De Itabaiana não tinha, de Itabaiana nessa época tinha muito pouco e não frequentava não. Os homens que ficavam com eles eram de Itabaiana mesmo. Os danados pareciam umas mulé, de peito, cabelo grande, tudo pintado. Parecia uma mulher! [...] Me lembro de um, Gelda, morava em Campina, eu acho que esse cara já morreu! Ele era muito bonito! Muito bonito! Corpo de mulé, feição de mulé, tudo de mulé ele tinha. (CONCEIÇÃO, entrevista realizada em 05 de janeiro de 2023).

Questionamos às entrevistadas se os homens que transavam com as travestis sabiam ou eram enganados? Conceição respondeu que achavam que sabiam. Eles deveriam contar, pois, quando chegasse no quarto poderia acontecer brigas. Simplício (2021) complementou dizendo que “[...] pareciam uma mulher, tudo de longo, tudo muito bem vestido. De peito, ninguém sabia onde eles escondiam o troço. Acho que lá no quarto descobriam. Mas gostavam, eles diziam antes pá não levar porrada”. [Gargalhada]. Pereira (2020) respondeu que conheceu um cara casado, avô e que ficava com um deles quando apareciam nas pensões.

As pensões também eram locais para as relações homoeróticas. Embora o preconceito homofóbico mascarasse as realidades, travestis e clientes utilizavam *estratégias* para se relacionarem. Por trabalharem e terem a cumplicidade da dona de pensão, sabiam que elas não revelariam as práticas sexuais que existiam no secreto dos quartos, devido aos códigos do *métier*. Nossas interlocutoras, sejam as ex-donas de pensão ou ex-prostitutas, sentiram-se desconfortáveis em revelar o cotidiano sexual dos clientes, embora, em alguns momentos das entrevistas, tenham gargalhado lembrando das histórias.

O Brasil, no final da década de 1970, passava por diversas transformações. Com a abertura política, eclodiram os movimentos sociais negro, feminista e homossexual. Estes buscavam visibilidade nos grandes órgãos da imprensa. Segundo Albuquerque Junior e Ceballos (2004, p. 135), “Uma nova sensibilidade emergiu nas comunidades homossexuais de algumas das principais cidades do país. Descobrem-se novos espaços urbanos abertos a vivências homoeróticas e novos sujeitos sociais parecem ganhar corpos e rostos”. Em Itabaiana, as práticas homossexuais estavam limitadas, aparentemente, às pensões e seu entorno; o rompimento dos tabus ocorreria apenas na década de 1990 e, enquanto isso não acontecia, alguns homens casados realizavam “suas fantasias sexuais” com as travestis das pensões.

Em relação ao lesbianismo na prostituição, a historiadora Uelba Nascimento (2008) foi pioneira a abordar a temática na Paraíba. Através de processos criminais, pesquisou a prostituição na cidade de Campina Grande nos anos 1930-1950, e confessa que não foi uma tarefa fácil perceber isso nos documentos investigados, mas, a partir da análise realizada, foi

acendida uma luz para esse assunto, que até então passava despercebido na historiografia paraibana.

De acordo com Uelba Nascimento, o historiador Luiz Mott, especialista no assunto sobre a homossexualidade no Brasil, reconhece que existem mais trabalhos voltados para a questão masculina do que para a feminina. “Afirmamos, encontramos poucos processos que nos indicam esta relação, no entanto, são extremamente significativos para nós, pois apesar de não haver a indicação explícita dessas relações podemos subentender como funcionavam essas práticas no meretrício” (NASCIMENTO, 2008, p. 227).

Em Itabaiana, os entrevistados recordaram o caso de Marta. Mulher, negra, bonita, grande e masculinizada¹⁰³, que morava em um quartinho na zona boêmia, durante o dia vendia verduras na feira e nos momentos de folga jogava baralho em rodas masculinas. À noite, aparecia nas pensões para beber, divertir-se ou ajudar como garçoneiro. Era benquista e temida por todos, às vezes desempenhava o papel de intermediária, arranjava prostitutas para os amigos e homens influentes da sociedade que não queriam se expor ao visitar a Rua do Carretel. Nessas relações de sociabilidades entre os homens, tirava proveito, recebendo agrados, prestígio e respeito, pois os narradores consideravam-na como se fosse um deles.

Para o entrevistado Rodrigues (2023), sua amiga Marta¹⁰⁴ era protetora das prostitutas:

Briguenta, trocava faca com mulher, com homem com tudo. Ali na rua peitava home na faca, metia a faca para cima e era pau. Ela tinha os dedos quebrados de briga, de murro. Ela nova era uma “negona” que se dava bem com todo mundo, mas era de pau, de dá cacete. Esses cabinha que ia tirar onda com ela, ia pro pau. Ela defendia as mulheres, principalmente a dela, [rsrsrs] se ela visse alguém brigando ela ia lá e defendia se fosse colega, se não fosse ela ficava na dela. Ela era muito valente, cheguei a ver ela brigando, dando tapa em nego e o nego correr. (RODRIGUES, entrevista realizada em 27 de março de 2023).

Nesse contexto, os homossexuais afeminados e as travestis não eram considerados aceitos na sociedade, sendo constantemente xingados ou agredidos fisicamente, devido a questões relacionadas aos seus traços de personalidade. Para alguns homens, os afeminados violavam a natureza humana e, segundo sua visão, isso era um ato de desrespeito ao ser humano. Ao contrário da lesbiana considerada machão, que, além de ser transgressora, frequentava

¹⁰³ Interseccionalidade conceito utilizado pela Karla Akotirene para mostrar histórias heterogêneas de mulheres negras que são evidenciadas por suas relações sociais e na maioria das vezes sofreram opressões nas quais seriam impossíveis de dissociar o racismo e o machismo sofrido por elas ao longo do tempo. Ver: AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

¹⁰⁴ Nome fictício. As informações que colhemos sobre ela foram repassadas por pessoas de seu convívio. Tentamos por três vezes conversar com ela; tendo aceitado inicialmente, desistiu no dia seguinte. Lamentamos o ocorrido, porque era única lésbica abertamente declarada que poderia informar como era ser homossexual nas pensões de Itabaiana, bem como ter casos esporádicos com prostitutas nas décadas de 1960/1980.

ambientes masculinos, comportava-se como um homem, bebendo e se relacionando com mulheres, apesar de ter conquistado com muita força seu espaço, reforçando, perante os outros, a imagem do “sapatão valente”.

O entrevistado Matos (2023) narra que, quando ela sentava ao redor da mesa com os amigos, ninguém a importunava ou se atrevia a ter segundas intenções, pois sabia que se isso acontecesse, brigas ocorreriam. Ela namorava com prostitutas e dormia com elas em seu quartinho, dando abrigo e proteção quando vinham trabalhar na cidade. Tito comenta que ouviu uma mulher declarar: “que nunca gozou na vida com homens, quem me fez gozar uma vez foi Marta, essa mulher é de Serrinha, era rapariga na época”. (TITO, entrevista realizada em 05 de janeiro de 2023).

Segundo a visão machista e heteronormativa da época, as mulheres não obtinham prazer, mas teriam de ser submissas e passivas durante o ato sexual. Esses discursos foram repetidos e naturalizados pelos homens ao longo da história. Assim sendo, nossos entrevistados acreditavam na convicção de que mulheres ou prostitutas não tinham prazer, estavam ali apenas para servir-lhes sexualmente. No entanto, ao conversarmos com as prostitutas, chegamos à conclusão de que elas e as lesbianas encontraram meios para que em suas intimidades tivessem o prazer que historicamente lhes foi negado.

Tentamos descobrir, junto com os colaboradores, quais motivos levaram-na para zona boêmia. Tendo em vista que começou a frequentar virgem e nova, acreditamos que, por ser de família pobre e morar no entorno, conhecia todas as donas de pensão e os boêmios que frequentavam; por possuir características masculinas, construiu e obteve, através do personagem que ela elaborou, estratégias para sobreviver.

Marta era a única mulher que frequentava a zona boêmia. Poucas mulheres não eram prostitutas e trabalhavam como garçonetes ou ajudantes. Ela era diferente, pois, além de fazer essas funções, visitava como cliente e conquistava as prostitutas que, em alguns momentos, mantinham casos esporádicos ou duradouros; todos tinham conhecimento desse fato, porém os frequentadores das pensões nem imaginavam que fosse possível os relacionamentos sexuais que aconteciam entre as prostitutas nos bastidores das pensões. Elas preferiam ter romances entre si, uma forma de ter prazer pelo prazer e não por obrigação.

A entrevistada Simpício (2022) expressou que sempre ouvia casos onde as práticas de lesbianidades eram presentes nas pensões, conversas subentendidas entre as companheiras de trabalho. Uma delas foi quando uma determinada dona de pensão tentou investida para com ela,

mas deixou claro que “odiava” essas coisas de saboeira e sapatão¹⁰⁵. Simplício narra detalhadamente sua única briga enquanto estava prostituta, que foi justamente quando estava no banheiro e uma mulher veio pegar em seus seios; “o pau comeu”, a briga foi feia, pois, como não gostava de intimidades com mulheres, deixou-a toda rasgada e marcada pelas unhas. Simplício citou o nome das mulheres que trabalhavam na pensão de Nevinha Rica e reforçou que elas gostavam de mulheres, secretamente.

As conversas eram entre elas mesmo que gostava, [...] tipo fulana fica com fulana, era assim as conversas: e hoje fulana? Vai dormir com quem na hora do miserável? Vai esperar por quem? [...] A hora dos miseráveis era dos homens e também das mulheres que gostavam do babado [gargalhadas], elas ficavam com as da casa, ficavam entre si. Elas diziam e hoje na hora do miserável vai escolher quem pá dormir? Ai, gente via os pantim. Tinha uma tal de fulana que também fazia com beltrana, era bem bonita ela. (SIMPLÍCIO, entrevista realizada em 31 de outubro de 2021).

Pereira (2020) complementa sobre os amores secretos das prostitutas quando era dona de pensão:

Elas ficavam com homens, vinham de Campina, vinha de outros cantos. Aí se encontravam aqui. Porque elas corriam por todo canto e já se conheciam, elas saíam e vinham pá Itabaiana né? Elas já se conheciam, elas ficavam entre si, [...] depois das festas todinhas elas se lascava lá para os quartos, entre elas. [gargalhadas] (PEREIRA, entrevista realizada em 21 de agosto de 2020)

As prostitutas buscavam *estratégias* e *táticas* para viver sua sexualidade. Devido à heteronormatividade, deviam manter em segredo seus desejos interiores, até porque os homens buscavam prostitutas para mostrar masculinidade e, possivelmente, não queriam se relacionar com uma mulher que amava ficar com outras mulheres¹⁰⁶. Por isso, não podiam assumir sua sexualidade, nem deixar transparecer perante os outros seus sentimentos, cada uma fazia suas escolhas. Não se falava abertamente e, devido ao preconceito da época, faziam programas com homens, mas, na busca pelo próprio prazer, preferiam relacionar-se com mulheres, mesmo que clandestinamente, como tantas outras mulheres que viveram romances disfarçados¹⁰⁷, visto que eram seres humanos cheios de sonhos, sentimentos, e uma vida que não era apenas a de ser uma mercadoria prazerosa para homens.

¹⁰⁵ Termos da época usado para denominar atos sexuais entre mulheres.

¹⁰⁶ Cartografando os prazeres boêmios da cidade de Terezina, o historiador Sá Filho (2017) detectou características da prostituta lesbiana e os meios que encontraram para esconder sua identidade.

¹⁰⁷ Estudando os processos criminais a historiadora Uelba Nascimento, encontrou nas entrelinhas dos documentos que “os relacionamentos entre as mulheres não eram tao diferente de um relacionamento heterossexual. Elas se apaixonavam, brigavam e sentiam ciúmes. Muitas vezes agiam com a mesma violência masculina quando eram rejeitas pela outra ou quando não aceitavam o fim de um relacionamento” (NASCIMENTO, 2008, p. 230).

3.6 Considerações transitórias

As lembranças dos entrevistados, relacionados à zona boêmia, são memórias carregadas de saudosismo, mostrando uma realidade glamourosa de um passado recente. Os frequentadores expuseram as noites de farras regadas a bebidas, subsequentes de diversão e sexo. As donas de pensão comentaram o quanto de dinheiro ganharam e como eram bondosas para com todos, inclusive suas meninas, apelido carinhoso com que eram chamadas as prostitutas. As que participaram da pesquisa lembraram dos presentes e benefícios ganhados com a prostituição, bem como os momentos em que tiveram de superar os abandonos e sofrimentos. Certamente, isso nos remete a uma história “perfeita”, adequada às lembranças de cada participante deste estudo. Mas não podemos, ingenuamente, deixar de pensar nos abusos das prostitutas por parte dos clientes, ou mesmo pelas donas de pensão. Imaginar que essas relações se deram à distância dos conflitos está longe do horizonte deste trabalho.

Exploramos, neste capítulo, temas inéditos para a historiografia de Itabaiana relacionados à sexualidade maquiada e vivenciada nos quartos das pensões, momentos desnudados pelas falas dos narradores, e seus lapsos, em que os desejos enclausurados de uma heterossexualidade, fossem eles desejados ou não, assumiam, no privado, ocasiões fugazes, irresistíveis, com afetos, carícias, amassos e o ápice, com o ato sexual.

A sexualidade era um assunto que não se discutia em casa nem na escola. Os meninos descobriam os prazeres sexuais na Rua da Manichula e apenas adultos podiam frequentar as pensões da Rua do Carretel, isso por causa da forte repressão e da vigilância dos fiscais de menor. Porém, todos sabiam que alguns, secretamente, frequentavam a boêmia utilizando *táticas* e *estratégias* que reforçavam a masculinidade perante seus pares, afinal, era necessário criar homens vigorosos e “sexualmente ativos com mulheres”. (SANT’ANNA, 2013, p. 249).

A homossexualidade aterrorizava os pais, e aqueles meninos que não buscavam a ajuda das “especialistas do sexo” eram levados por parentes e amigos mais velhos, como o caso narrado por Brandão. Nesse período, era normal iniciar-se sexualmente com prostitutas; o que não era corriqueiro seria ser gay, pois o jovem era tratado como doente e os atos, vistos como repugnantes e pecaminosos perante os olhares da igreja católica e da sociedade.

Os homossexuais limitavam-se às investidas discretamente com medo de serem descobertos. Nessa época, os raros efeminados que existiam eram as travestis, que estavam expostas com seus corpos cheios de hormônios, e disputavam com as prostitutas os clientes homens casados, pais e avós de família que ousavam e buscavam “prazeres ilícitos” às escondidas.

A homossexualidade feminina nos meios da prostituição foi colocada para debaixo do tapete até os dias atuais, pois os frequentadores masculinos das pensões desconheciam que algumas mulheres preferiam o prazer entre elas. Tal assunto era extremamente delicado para os que ousaram romper o silêncio e detalhar o que acontecia na “hora dos miseráveis”, hora tão esperada pelos “bigodetes” ou entre elas, visto que seriam momentos de amar por prazer e não por obrigação. As prostitutas lésbicas possuíam dupla identidade: a de profissional do sexo, exercida na zona boêmia, e a de mulher que assumia seus desejos interiores em espaços secretos que elas encontravam para se relacionar com mais liberdade.

Tais exemplos nos mostram as diferentes formas de vivências sexuais entre homens e mulheres que foram expostas contrárias ao modelo heteronormativo que a sociedade impunha, exceto para os frequentadores que buscavam viver suas intimidades. Os narradores romperam o silêncio e falaram sobre uma sexualidade que era vista pelas frestas das portas e, muitas vezes, foram colocadas para debaixo dos tapetes e encontrados nos quartos desses lugares.

Apesar das histórias narradas, que trouxeram visões e detalhes do cotidiano das pensões, alguns entrevistados lembraram apenas das Nevinhas e das pensões mais frequentadas, mas, como abordamos no segundo capítulo, existiram dezenas e muitas delas, assim como os nomes de suas donas, caíram nas brumas do esquecimento. Eles também lembraram das mortes violentas ocorridas na zona boêmia. Nas palavras do entrevistado Ribeiro (2022), “Nas pensões as coisas eram tranquilas, mas quando tinha brigas, era negócio de morte mesmo”. Melo, sobre isso, complementa que

Quando a gente chegava ali, você tinha de início, medo. Porque ali chegou a ter muita coisa ruim. Depois, quando você estava envolvido, vinha coisa boa. Mas de primeiro momento, hum! Ali! Existiu muita facada, muita morte. Naquela época era muita morte, muita coisa né? Tem toda essa história e muita violência contra as mulheres. (MELO, entrevista realizada em 09 de janeiro de 2022)¹⁰⁸

Quando estávamos percorrendo as ruas da zona boêmia com Alves (2020), com o objetivo de conhecermos os ambientes, descobrimos que, além de ser um lugar com músicas, festas e diversões, era um espaço onde ocorriam mortes brutais, causadas por motivos banais. Cartografando as memórias afetivas da entrevistada Alves (2020), vieram à tona lembranças correlacionadas à violência.

Mataram um na casa de Finha, [...] aqui era o bar de Zé Budega, onde mataram dois e aqui era o bar de Zé Gaguinho onde mataram um [...], próximo ao Riacho mataram

¹⁰⁸ O entrevistado Melo (2022) explica suas vivências na zona boêmia. Histórias de brigas com ele e presenciadas. Como quando levou um tiro de raspão no ombro no ano de 1987, na ocasião estava comemorando seu aniversário de 23 anos na pensão de Nequinho com seu irmão e um amigo.

um também, aqui mataram dois. [Mostrando o beco que daria acesso ao antigo Gogó da Ema], e nesse beco que vai, que não tem saída mataram a mulher, Dulce. (ALVES, entrevista realizada em 08 de outubro de 2020).

Além desses casos presenciados por Alves, voltando um pouco no tempo, no ano de 1928, ainda no início do século XX, Sabiniano Maia comenta que, enquanto estudante de Direito, o presidente do estado da Paraíba, João Pessoa, nomeia-o para ser delegado de polícia da cidade de Itabaiana. Relembra o episódio no qual foi convocado para solucionar uma briga entre amantes na pensão Rua do Carretel no início de sua carreira:

Apartada a briga, evadiu-se o homem, enquanto fiquei a aconselhar a dona, para que procurasse evitar cenas como aquela. A coisa estava neste pé, quando, inesperadamente chegou o segundo amante, que, avisado, viera ajustar contas com o primeiro. Fulo de raiva, cego pelo ódio, tomou-me pelo seu rival e haja nova zoadá. Por mais que a cuja gritasse que eu era o delegado, a luta continuava num rolar de corpos pelo chão, e numa disputa de vida e morte, entre dois homens que se desconheciam. (MAIA, 2015, p. 394)

Temendo falatórios nas ruas da cidade, o jovem delegado decidiu apaziguar a situação e não prender o segundo amante por desacato de autoridade; conhecendo a cidade interiorana de Itabaiana, sabia que as pessoas iriam maldar no sentido de que ele não fora à pensão para solucionar a briga e, sim, o próprio teria se envolvido em uma briga por causa de sua amante.

Arrolando os jornais antigos, encontramos manchetes que denunciavam crimes hediondos de feminicídios que deixaram a cidade em choque com as barbaridades cometidas. As páginas policiais dos jornais *Diário de Pernambuco*, *O Norte* e *A União* chamam a atenção dos leitores (as) para as mortes, porém, eram informações rasas e confusas que mereciam ser detalhadas com a contribuição de outros documentos.

Nesse momento da pesquisa, devido à duração de tempo do mestrado, optamos por não abordar a violência contra mulheres da zona boêmia. Nossa intenção era a de apresentá-los apenas uma amostragem da violência ocorrida, sem atentarmos para os fatos. No entanto, informamos que o assunto será investigado posteriormente, uma vez que as histórias encontradas ficaram sem respostas e precisam ser desveladas, virem à tona e saírem debaixo das poeiras dos documentos arquivados nos processos judiciais.¹⁰⁹

¹⁰⁹ Durante o período da pesquisa visitamos duas vezes a Delegacia Regional de Polícia Civil e a Comarca Judicial de Itabaiana com a finalidade de pesquisarmos nos arquivos mais ficamos impossibilitados os responsáveis alegaram que não estavam no momento com uma equipe completa para que auxiliasse na busca e pesquisa dos documentos solicitados. Nosso objetivo era investigar possíveis fichas cadastrais de prostitutas algo que ocorreu no país e possivelmente em Itabaiana também, explorar os autos de violência e processos criminais decorrentes das brigas entre prostitutas e sociedade.

PALAVRAS FINAIS

Ressignificando a prostituição

Enfim, elas!

No universo da prostituição feminina, vários estereótipos são construídos, a começar pelo termo etimológico da palavra. A nomenclatura *prostituta* assume diversos papéis, dependendo do contexto, entre eles: profissional do sexo, garota de programa, prostituta, puta, marafona, cortesã, meretriz, messalina, mulher da vida, rameira e biscate. Em Itabaiana, também havia a alcunha de rapariga, ou simplesmente “minhas meninas”, como eram chamadas pelas donas e clientes das pensões. Todavia, para ficar análogo ao contexto da época, ao longo do texto, utilizamos majoritariamente a palavra prostituta para classificar tais mulheres.

Diversas discussões foram realizadas a respeito da prostituição. Os autores têm teorizado e relegado a temática ao simples fato de a considerar como a profissão mais antiga do mundo, ou colocar as mulheres na condição de vítimas, passivas, miseráveis, sobreviventes e/ou mercadorias expostas à venda (RAGO, 2008; BENJAMIM, 2009), mas, de acordo com Leite (1992) e Prada (2018) e as entrevistas que realizamos, consideramo-las protagonistas devido às escolhas que fizeram.

A discussão aqui empreendida é a de compreender como homens e mulheres, no interstício de 1950-1980, vivenciaram a prostituição na cidade de Itabaiana. Corroboramos que a ideia “O amor pela prostituta é a apoteose da empatia com a mercadoria” (BENJAMIM, 2009, p. 421), elaborada por Benjamim, está ultrapassada, mas concordamos que, na mentalidade dos homens da época, acreditava-se que, ao pagar pelo aluguel dos corpos das prostitutas, estes indivíduos poderiam exercer poder sobre eles e deles receber prazeres.

Nas anotações do livro inacabado de Benjamim¹¹⁰, a prostituta é personificada como mercadoria e, ao mesmo tempo, vendedora de seu corpo, objeto de exploração para o cliente. Segregada em algumas casas ou ruas, oferece o sexo por dinheiro para sobreviver e tentar suprir suas necessidades. Os entrevistados alegaram que, em alguns momentos, utilizaram o ato sexual apenas para encontros rápidos, fugazes e descarga da libido sexual, para reforçar a masculinidade perante seus pares.

As mulheres poderiam ser vítimas do sistema social, mas, através de artimanhas, faziam o possível para transgredir e sair dessa situação. No entanto, mediante o pagamento pelo

¹¹⁰ O livro inacabado de Walter Benjamim, “Passagens”, contém fragmentos, onde a prostituta se expõe como mercadorias nas ruas de Paris do século XIX, estavam sempre disponíveis e a espera de compradores. Benjamim afirma que: “Na forma assumida pela prostituição nas grandes cidades, a mulher aparece não só como mercadoria, mas como artigo de massa, no sentido exato do termo” (BENJAMIM, 2009, p. 391).

programa, algumas mulheres aproveitaram das ocasiões para obter agrados e regalias. Mediante isso, retiramo-las da posição de passivas, e acreditamos que, em diversas situações, utilizando de seus corpos, elas desafiaram as regras impostas pelos homens e se sobressaíram diante de suas escolhas.

Para Tânia Navarro Swain, “a prostituição, ou seja, a venda de corpos, forçadas ou não, é talvez a maior violência social contra as mulheres” (SWAIN, 2004, p. 24), isto é, uma violência alicerçada na banalização da profissão, apresentando-a como uma criação social, com sentidos múltiplos. A prostituta é tida como bode expiatório, sem direitos, oprimida pela polícia, pelos médicos, pela justiça, sempre disponível à objetificação masculina, cujo imaginário patriarcal sobre elas se construía pelo fato de serem vistas apenas como um sexo, que não têm sexo com desejos próprios. Concordamos com a autora que essa posição difere do que ocorria, pois apresentamos a vocês, no capítulo anterior, que as prostitutas, ocultamente, escolhiam amar outras mulheres ou bancavam os bigodetes para concretizar sua sexualidade.

Atestamos para o fato de que ocorreram violências com as prostitutas em todas as instâncias possíveis, mas, mesmo assim, não comungamos com a ideia de que elas eram mercadorias¹¹¹, como exposto nas falas dos interlocutores. Geralmente, poderiam estar à espera dos clientes nas mesas das pensões da Rua do Carretel ou nos becos escuros nas proximidades da feira do bacurau, mas, mesmo fazendo isso, através das artimanhas da profissão, escolhiam com quem deveriam deitar-se de acordo com suas necessidades/desejos. Logo, esta categoria poderia ser aplicada uma vez ou outra, mas elas lutavam para não ficarem nessa posição. Podemos dizer que havia ali uma resistência por parte dessas mulheres.

Algumas prostitutas que vinham trabalhar na feira do sexo em Itabaiana foram forçadas a aderir à prostituição como meio de sobrevivência. Isso ocorria muitas vezes por serem ludibriadas por homens que fizeram com que perdessem a virgindade antes do casamento e não portarem honra e macular o nome da família, mas também por serem expulsas de casa, encontrando abrigo nas pensões e acolhimento com as donas, que aceitavam a nova aquisição.¹¹² Tais mulheres eram consideradas “de família”, mas, devido ao seu erro, foram

¹¹¹ Tânia Swain, (2004) problematiza que classificar a naturalização da prostituição seria uma banalização, bem como colocar a prostituta como uma mercadoria, uma violação para com as mulheres que escolher exercer como um trabalho.

¹¹² Por mais acolhimento que a dona de pensão pudesse transmitir para a prostituta que estava chegando em sua casa, elas deixavam claro que o benefício seria uma nova fonte de renda e mais uma vez a prostituta era classificada como uma mercadoria. A prostituta Simplício, logo que foi expulsa de casa, foi convidada pelas irmãs Marge e Marroca, para se estabelecer na casa de recursos como uma estratégia para “chamar macho”, e aumentar os lucros. Os homens, quando sabiam que chegara “carne fresca”, como eram chamadas as mulheres que estavam ali há pouco tempo, ficavam ansiosos para tomá-las em seus braços e possuí-las com o intento de mostrar aos pares sua posição viril. Todavia, mesmo sendo encaixadas nesses lugares, as prostitutas viam uma forma de obter dinheiro e, conseqüentemente, sair da condição de miserabilidade que lhes foi imposta. De acordo com os relatos dos

alvo de uma sociedade excludente, que as apontava constantemente para elas porque ousaram amar de forma livre - uma “perdida”, como eram chamadas.

Ouvimos relatos de mulheres que passaram anos chorando e lamuriando sua triste história. Almejavam um casamento com um homem que a tirasse dessa vida, mas, enquanto isso não acontecia, exerciam o *métier* sem criar problemas. Diferentemente de outras mulheres que entraram no mundo da prostituição por desejo de melhores condições de vida, havia também os exemplos citados das Nevinhas, que abandonaram seus maridos e enxergaram na prostituição uma forma de crescimento. Primeiro se prostituíram, depois ascenderam a donas de pensão.

Eram mulheres pobres, que passavam necessidades, e observaram que, por serem bonitas, poderiam com o aluguel de seus corpos, alimentar e comprar bens materiais¹¹³ para si e para alguns membros de sua família. Segundo Simplício (2020) e Alves (2020), algumas mulheres gostavam de se prostituir porque eram tratadas como verdadeiras rainhas e ganhavam presentes, narrativas estas contadas por mulheres que trabalhavam na Rua do Carretel, principalmente na pensão de Nevinha Rica, diferentemente das mulheres que se prostituíam nas pensões pobres e na Rua da Manichula. Elas nos informaram que só restava o sofrimento e que trabalhavam apenas por necessidade, que, por serem prostitutas de rua, passaram dificuldades e enfrentaram situações nas quais foram ameaçadas, e atentaram contra suas vidas.

Com os exemplos acima, quebramos o passado glamourizado que alguns interlocutores romantizavam em algumas passagens das entrevistas. Queremos mostrar a vocês que, mesmo com os meandros da prostituição, as mulheres optaram por ressignificar suas dores e sair da condição de vítimas instituída para elas. Lutaram contra a discriminação e o preconceito sofridos. Os estudos *Eu mulher da Vida*, de Gabriela Leite, e *Putafeminista*, de Monique Prada¹¹⁴, fizeram com que enxergássemos o outro lado da prostituição e buscássemos ouvir as entrelinhas das narrativas das depoentes¹¹⁵. Para perceber essas nuances, foi necessário mais de um encontro e conquistar a confiança delas.

interlocutores, ex-prostitutas e clientes, percebemos nitidamente os locais e classificações no qual se encontravam.

¹¹³ Das prostitutas que conversamos, todas relataram a situação de pobreza extrema em que se encontravam, bem como conseguiram, através da prostituição, enviar dinheiro para compra de alimentos para os membros de suas famílias.

¹¹⁴ As ex-prostitutas afirmam que gostavam de estar prostitutas, e através de suas experiências narraram as desigualdades e violências que ocorriam na prostituição. O livro de Gabriela Leite, foi escrito por dois homens que ousaram capturar as vivências da prostituta política que lutava por direitos para sua classe. Diferentemente da obra da Monique Prada, que, de acordo com o lugar de fala, comenta suas experiências.

¹¹⁵ Entrevistamos 2 donas de pensão, e 3 prostitutas que exerceram funções nas ruas do Carretel e Manichula, tivemos em média 2 a 3 encontros com duração de mais de três horas cada uma. Reparamos que a cada encontro a conversa ficava mais íntima e elas confidenciavam assuntos diversos de sua vida e do cotidiano da prostituição.

Inicialmente, compramos esses discursos construídos, mas, ao desenrolar da pesquisa, notamos as modulações da prostituição em Itabaiana. Para Prada, as mulheres “são putas que não combinam com o que o imaginário popular criou: mulheres miseráveis que fazem qualquer coisa por um prato de comida e que não tiveram nenhuma oportunidade na vida a não ser realizar desejos sexuais de homens maus e pervertidos” (PRADA, 2018, p. 35). Contudo, foram mulheres que escolheram ou foram forçadas a estar nessa situação, mas, mesmo com as divergências, usaram de homens que imaginavam que estavam usando-as.

No recorte temporal da pesquisa, as mulheres de Itabaiana trabalhavam em profissões consideradas femininas, que ajudavam para aumentar a renda da família, eram costureiras, lavadeiras, engomadeiras, empregadas domésticas, e, no entorno da zona boêmia, confeccionavam chapéus de palha, objetos de cerâmica, entre outros que vendiam nas feiras. Algumas, mesmo com a vigilância dos pais, eram consideradas mais livres, e, com isso, tinham o poder de decisão para suas vidas.

As escolhas de terem namorados e, conseqüentemente, praticar a sexualidade antes do casamento, por estarem próximas às pensões da zona boêmia, ficavam atraídas pela necessidade de melhoria de vida. Homens casados e donas de pensão incentivavam a entrada delas na prostituição, como narrado pelas interlocutoras. Inicialmente, os homens, ao saberem da perda da virgindade de algumas mulheres, enviavam recados por intermediários e, através de flertes, conseguiam sua conquista. Por meio de pagamento, na maioria das vezes, os encontros aconteciam nas casas de recursos da Rua da Manichula, onde elas entravam pelas portas dos fundos e cobertas com um lençol da cabeça aos pés.

Posteriormente, fariam parte do casting das pensões da Rua do Carretel ou preferiam a liberdade da prostituição de rua na Manichula e/ou pensões de outras cidades. O perfil das prostitutas na zona boêmia, comumente, era formado de jovens pobres, sem estudo, de famílias desestruturadas, abandonadas pelos namorados, com uma sexualidade ativa, ou mulheres vítimas de maus tratos de maridos que ao abandonarem os lares deixavam para trás um passado de repressão e enquadramentos.

As autonomias particulares nos convidam a estabelecer os limites das representações proferidas, em que cada uma, através das estratégias e escolhas, buscaram um lugar melhor. As prostitutas tinham como objetivo comprar um imóvel, limpar o nome na sociedade casando com alguém que lhes fizesse donas do lar, ou alçar na prostituição tornando-se dona de pensão, ter dinheiro para suprir seus desejos no fim da labuta/aposentadoria. Quando algumas conseguiam sair da prostituição e constituir família, silenciavam o passado, deixando para trás os momentos em que o sexo pago, sem beijos ou carícias, ficaram escondidos nas memórias.

Em meados da década de 1990, a zona boêmia agonizava e dava seus últimos suspiros, por diversos motivos. Um deles foi a epidemia da AIDS, que, por medo de contrair o vírus, deixava os homens afastados das pensões, longe de ambientes considerados lugares de masculinidades. Além disso, também houve a revolução sexual ocorrida em épocas anteriores, que fez com que o sexo deixasse de ser proibido e ganhasse espaço entre os jovens, tornando-se uma prática naturalizada entre os namorados e amigos, consequentemente utilizando os motéis¹¹⁶ como espaços propícios para o ato sexual, longe de olhares indiscretos.

A mudança comportamental estava ocorrendo na sociedade itabainanense, e a prostituição teve que acompanhar essa evolução. Ao longo dos anos, a prostituição teve que se resignificar¹¹⁷, já não existia a feira de gado, o trem para trazer prostitutas que vinham “ganhar a vida” na cidade. Atualmente, são predominantes nas ruas do Carretel e da Manichula estabelecimentos comerciais e casas familiares, restando apenas os clichês das lembranças que relacionam a Rua do Cabaré ao passado.

Nossa intenção, com as narrativas dos personagens da dissertação, foi desconstruir os lugares estabelecidos para eles. As vozes dos participantes fizeram com que contextualizássemos o social e o cultural com o objetivo de ouvir e respeitar as histórias de vida, destacando que, além dessas experiências, existiram múltiplas imagens e motivações pessoais de pessoas que vivenciaram a sexualidade na zona boêmia. Por não existir registros considerados oficiais, a história oral nos levou a representar o cotidiano de mulheres e homens considerados infames.

Portanto, entendemos que a pesquisa não se encerra nessas linhas. Essa caminhada nos instiga a questionar e explorar os silêncios que continuam na penumbra. Agradecemos a você,

¹¹⁶ A historiadora Neide Oliveira, pesquisou o surgimento dos motéis na cidade de Campina Grande entre as décadas de 1970-2010. Espaços que despertavam a curiosidade das pessoas em frequentá-los e praticar atos que eram realizados nas antigas casas de recursos. Os motéis eram cenários construídos, necessariamente, para encontros amorosos, românticos. Obedeciam a uma lógica funcional e prática” (OLIVEIRA, 2012, p. 54). Em Itabaiana o primeiro motel chamava-se Faraó, surgiu no início de 1990, ficava afastado do centro da cidade, localizado no bairro chamado Pernambuquinho, segundo depoimento da proprietária em 2019, (acervo do autor da pesquisa) o motel funcionava praticamente 24 horas, sendo os finais de semana e festas os dias de mais frequência” (MARTA, 2019). O segundo motel, localizava-se no centro da cidade, em uma rua paralela, onde tinham garagens e oficinas, e isso favorecia a discrição a prática sexual de amantes que buscavam recintos secretos para o ato sexual. Os interlocutores não lembram do nome, apenas que seu proprietário se chamava Jarbas.

¹¹⁷ Durante a escrita da dissertação, fizemos uma pesquisa de campo realizada entre os anos de 2021-2023 e atestamos a resignificação do que as pessoas consideravam cabarés, hoje os barbarés, como explicado anteriormente, são bares que vendem bebidas, mas em seu ambiente encontram-se a atividade da prostituição. Dos cinco bares visitados, apenas um localiza-se na antiga Rua do Carretel, três bares na saída da cidade que liga a PB 066, e um próximo a atual feira de gado na região rural de Cariatá. Os locais são simples, com mesas disponíveis para bebida, dancing e quartos afastados para o ato sexual. A prostituição atual é uma prática bem recorrente entre homens do sexo masculino (jovens e adultos), que procuram por sexo pago. Assim como no recorte temporal da pesquisa, as profissionais do sexo, são oriundas dos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte. Salientamos que o assunto merece ser investigado para responder como ocorre os bastidores da prostituição atual.

que nos acompanhou se embrenhando nas ruas e conhecendo histórias de personagens que nos fizeram mergulhar em memórias e narrativas sobre corpos e rostos anônimos. Ficam aqui nossos agradecimentos às pessoas que aceitaram contar suas histórias para que fosse possível a construção dessa narrativa, assumidamente parcial, ainda que bem intencionada.

FONTES E REFERÊNCIAS

1- Almanques, relatórios e revistas

ALMANAK, ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO ESTADO DA PARAÍBA, (org.) José Francisco de Moura, Imprensa Oficial do Estado da Paraíba, 1899.

ANNUARIO COMERCIAL, INDUSTRIAL, AGRÍCOLA, PROFISSIONAL E ADMINISTRATIVO (Org.) Eduardo Laemmert, Almanak Laemmert, 3º volume, Estados do Norte. Rio de Janeiro, 1921.

ITABAIANA, Relatório da administração do Prefeito Luiz Paulino da Silva. Município de Itabaiana, Impresso na Tipografia da “A FOLHA”, 1955

Revista **A Carta**, Ano I, nº 44, 4 a 11 de julho de 1987.

2- Legislação

ITABAIANA, Lei nº 04/73 de 02 de março de 1973, regulando crédito para custear decoração carnavalesca. (Câmara Municipal de Itabaiana).

ITABAIANA, Lei nº 02/74 de 30 de janeiro de 1974, abrindo créditos para auxiliar no custeio de escolas de samba, maracatus, blocos carnavalescos e outras agremiações que abrilhantam o carnaval de rua. (Câmara Municipal de Itabaiana).

ITABAIANA, Resolução nº 09/77 concede o título de cidadão itabaianense ao Frei Damião de Bozzano. Lei publicada no Diário Oficial do Município (*A Folha* de 29 de outubro de 1977). (Câmara Municipal de Itabaiana).

ITABAIANA, ofício de nº 31/ 77, subscrito pelo presidente, em que foi aprovado o título de Cidadão itabaianense ao Frei Damião, datado de 17 de outubro de 1977. (Câmara Municipal de Itabaiana).

ITABAIANA, Livro de Atas n. 4. (Câmara Municipal de Itabaiana).

ITABAIANA, Livro de Atas n. 5. (Câmara Municipal de Itabaiana).

PARAÍBA. Lei Complementar nº 118, de 21 de janeiro de 2013. Institui a Região Metropolitana e dá outras providências Disponível em: http://sapl.al.pb.leg.br/sapl/sapl_documentos/norma_juridica/10644_texto_integral. Acesso em 29 jun. 2022.

PARAÍBA. Lei Complementar nº 23 de setembro de 2015 que altera a redação do art. 1º nº 118, acrescentando o município de Itabaiana em Região Metropolitana e dá outras providências. João Pessoa. Disponível em: http://sapl.al.pb.leg.br/sapl/sapl_documentos/norma_juridica/12095_texto_integral. Acesso em 29 jun. 2022.

3- Sites consultados

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA PARAÍBA. Disponível em:
http://sapl.al.pb.leg.br/sapl/relatorios_administrativos/relatorios_administrativos_index_html
 Acesso em 23 mar. 2022.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em várias datas de 2022.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL. Disponível em:
https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=93477&v_aba=1 Acesso em: 10 jan. 2023.

4- Jornais

Jornal GAZETA DA MANHÃ, Itabayanna, 26 de julho de 1914. Disponível no IHGPB.

Jornal A FOLHA, Itabaiana, 12 de maio de 1974. Disponível no Arquivo do Memorial Itabaianense.

Jornal A FOLHA, Itabaiana, março de 2014. Disponível no Arquivo do Memorial Itabaianense.
 Jornal DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 06 de outubro de 1907. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_08&pesq=itabayanna&hf=memoria.bn.br&pagfis=8832 Acesso 10 de agosto de 2023.

Jornal DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 11 de abril de 1915. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&pesq=itabayanna&hf=memoria.bn.br&pagfis=8115 Acesso 10 de agosto de 2023.

Jornal DIÁRIO DE PERNAMBUCO, datado de 19 de março de 1933. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=itabayanna&hf=memoria.bn.br&pagfis=8444 Acesso 10 de agosto de 2023.

Jornal DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 14 de março de 1953. Disponível em
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&Pesq=itabaiana&pagfis=14994 acesso em 13/03/2022.

Jornal DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 1 de julho de 1953 Disponível em
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&Pesq=itabaiana&pagfis=16392 acesso em 13/03/2022.

Jornal DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 5 de agosto de 1953. Disponível em
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&Pesq=itabaiana&pagfis=16849 acesso em 13/03/2022.

Jornal DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 27 de agosto de 1953. Disponível em
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&Pesq=itabaiana&pagfis=17152 Acesso em 13/03/2022.

Jornal DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, sexta-feira, 25 de setembro de 1953. Disponível em
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&Pesq=itabaiana&pagfis=17572 acesso em 13/03/2022.

Jornal DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 27 de julho de 1954. Disponível em
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&Pesq=itabaiana&pagfis=22411 acesso em 13/03/2022.

Jornal DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 26 de fevereiro de 1967. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&hf=memoria.bn.br&pagfis=645 Acesso 10 de agosto de 2023.

Jornal ITABAIANA HOJE, Itabaiana, janeiro de 1998. Disponível no Arquivo do Memorial Itabaianense.

Jornal ITABAIANA HOJE, Itabaiana, março de 1998. Disponível no Arquivo do Memorial Itabaianense.

Jornal ITABAIANA HOJE, Itabaiana, outubro de 1998. Disponível no Arquivo do Memorial Itabaianense.

(ITABAIANA HOJE, Itabaiana, setembro. 2001. Disponível no Arquivo do Memorial Itabaianense.

Jornal ITABAIANA HOJE, Itabaiana, outubro/novembro de 2001. Disponível no Arquivo do Memorial Itabaianense.

Jornal A UNIÃO, 4 de março de 1976. Disponível no Arquivo do Jornal A União.

Jornal A UNIÃO, João Pessoa, 12 de fevereiro de 1988. Disponível no Arquivo do Jornal A União.

Jornal A UNIÃO, João Pessoa, 14 de setembro de 2022. Disponível no Arquivo do Jornal A União.

Jornal O NORTE, Parahyba, 27 de janeiro de 1909. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120774&pesq=o%20crime%20de%20Itabayanna&hf=memoria.bn.br&pagfis=58> Acesso em 14 mar. 2023.

Jornal O NORTE, Parahyba, 30 de janeiro de 1909. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120774&Pesq=o%20crime%20de%20Itabayanna&pagfis=62> Acesso em 14 mar. 2023.

Jornal O NORTE, Parahyba, 28 de janeiro de 1909. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120774&Pesq=o%20crime%20de%20Itabayanna&pagfis=71> Acesso em 14 mar. 2023.

Jornal O NORTE, Parahyba, 11 de março de 1909. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120774&Pesq=o%20crime%20de%20Itabayanna&pagfis=176> Acesso em 14 mar. 2023.

Jornal O NORTE, Parahyba, 17 de abril de 1909. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120774&Pesq=o%20crime%20de%20Itabayanna&pagfis=300> Acesso em 14 mar. 2023.

Jornal O NORTE, Parahyba, sexta-feira, 23 de abril de 1909. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120774&Pesq=o%20crime%20de%20Itabayanna&pagfis=315> Acesso em 14 mar. 2023.

Jornal O NORTE, Parahyba, 27 de abril de 1909. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120774&Pesq=o%20crime%20de%20Itabayanna&pagfis=327> Acesso em 14 mar. 2023.

Jornal O NORTE, Parahyba, 31 de outubro de 1914. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120774&Pesq=itabayanna&pagfis=5320> Acesso 14/03/2023.

Jornal O NORTE, Parahyba, 26 de fevereiro de 1922. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120774&Pesq=itabayanna&pagfis=11784> Acesso 10/07/2023.

5- Arquivos

Arquivo Câmara Municipal de Itabaiana.

Arquivo Fundação Casa de José Américo.

Arquivo Jornal A União.

Arquivo Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.

Arquivo Memorial Itabaianense.

Arquivo Primeiro Cartório de Registro Civil de Itabaiana, atual Cartório Regina Coelli.

6- Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da história Oral**. 8. Ed., editora FGV, Rio de Janeiro.

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezzi (Org.). **Fontes Históricas**. 2ª ed., São Paulo. Contexto, 2006. ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: a invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940)**. 2 ed, São Paulo, Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. & CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos de 1970 e 1980. IN: SCHPUN, Mônica Raisa (org.) **Masculinidades**. Boitempo editorial, Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 3 ed. João Pessoa: A União, 1980.

ALMEIDA, José Lopes de. “Itabaiana dos anos 30: Tempos que não voltam mais”. **A Folha**, outubro de 1991, nº 18, p. 6.

ARAÚJO, Claudielhi dos Santos. “**Seus olhares nunca me negaram**”: honra e prostituição na cidade de Puxinanã- PB (1960- 1970). Dissertação (mestrado em História), UFCG- PPGH, Campina Grande, 2015.

ARAÚJO, Reginaldo Alves de. **Os Meninos da Poeira**. Matriz gráfica e editora Ltda. [s.l.].1989.

ARANHA, Gervásio Batista. **Campina Grande no Espaço Econômico Regional: Estrada de Ferro, Tropeiros e Empório Comercial Algodoeiro (1907-1957)**. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural, UFPB, Campina Grande, 1991.

ARANHA, Gervásio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região; tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)**. Tese (doutorado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, São Paulo, 2001.

ARANHA, Gervásio Batista. “Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de ferro, Luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880- 1925)”. In: **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**. 2ª ed. João Pessoa: Ideia. 2005.

ARANHA, Gervásio Batista. “O Trem de ferro na Paraíba do Norte”. In: SOUZA, Antônio Clarindo de; SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. **História da Paraíba – Ensino Médio.**, Campina Grande: EDUFPG, 2007, p. 107-119. ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus Problemas**. Brasília, Senado Federal, conselho Editorial, 2012.

BARRETO, Sonni Lemos. **Espaços (mal) ditos: representação dos bordéis mossorenses nas décadas de 1950-1960**. Dissertação (mestrado em História), PPGH- UFRN, Natal, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. BOLLE, Willi. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

_____. **Baudelaire e a Modernidade**. Trad.de João Barrento, 1ª ed., Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.

BEZERRA, CHICO. **Memórias de Itabaiana**. João Pessoa. Editora Universitária UFPB, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. 3ª ed., São Paulo, Cia das letras, 1998.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo, editora Contexto, 2012.

CARVALHO, Ana Dias da Silva. “Feira de Santana e Comércio de gado”. **Boletim Paulista de Geografia**. nº 28, São Paulo: AGB, mar. 1958, p. 16-36.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. 3ª edição. Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.

COSTA, Arnould. **Mémoires Esparses de um Rábula**. João Pessoa: Editora Imprell, 2011.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. “Feiras no Nordeste”. **Mercator**: Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, CE, ano 7, nº 13, p. 87-101, jan./jun. 2008. Disponível em <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/11>. Acesso em 29/06/2022.

DE LUCA, Tania Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla. Bassanezi. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2011.

DINIZ, Rozeane Porto. **O Farol de Joana Preta: heterotopia em Olivedos-PB (1940- 1970)**. Dissertação (Mestrado em História) - UFPB/PPGH, João Pessoa, 2016.

DIAS JÚNIOR, José do Espírito Santo. **Entre cabarés e gafeiras: Um estudo das representações boêmias em Belém – 1950-1980**. Tese (doutorado em História), PPGH/ PUC-SP, São Paulo, 2014.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores. Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo, Editora Brasiliense, 2004.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas Perdidas. Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

FINGER, Anna Eliza. **Um Século de Estradas de Ferro – Arquiteturas das ferrovias no Brasil entre 1852 e 1957**. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade de Brasília, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 36. Ed., Petrópolis, RJ; Vozes, 2009.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª ed., São Paulo. Associação Editorial Humanitas, 2006.

FREITAS, Viltany Oliveira. **Cantos de bar: sociabilidades e boemia na cidade de Natal (1946-1960)**. Dissertação (mestrado em História) PPGH –UFRN, Natal, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Viver e olhar a partir das margens: uma forma de indagar o centro. IN: VEIGA, Ana Maria. VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. BANDEIRA, Andréa. (Orgs.). **Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos**. Salvador, EDUFBA, 2022.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. IN: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. Lisboa. Passagens, 1992.

GONZÁLES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

INOJOSA, Joaquim. **Diário de um estudante, 1920-1921**. Editora Férias Ltda, Rio de Janeiro, 1959.

JOFFILY, Irineu. **Notas Sobre a Parahyba**. Typografia do Jornal do Commercio de Rodrigues & C. Rio de Janeiro, 1892.

LEITE, Gabriela da Silva. **Eu mulher da vida**. São Paulo, Rosa dos Tempos, 1992.

LEITE, Juçara Luzia. **República do Mangue: controle policial e prostituição no Rio de Janeiro, (1954-1974)**. São Caetano do Sul- SP: Yendis Editora, 2005.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LINS, Ivanete do Nascimento Pena. **Momentos de minha vida**. João Pessoa. Sal da Terra, 2002.

MAIA, Doralice Sátiro. “A ferrovia nas cidades bocas de sertão”. **Terra Brasilis – Revista da Rede Brasileira de História e Geografia e Geografia Histórica. Dossiê 5º Congresso Brasileiro de Geografia – 100 anos**. 2017. Disponível em <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/2160>. Acesso em 20/06.2022.

MAIA, Sabiniano. **Itabaiana: Sua história e suas memórias**. Itabaiana, [s.l.]. 3ª ed.2015.

MACHADO, Maximiano Lopes. **História da Província da Parahyba**. Imprensa oficial da Parahyba, 1912. Vol. 2.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. **Signos em Confronto? O arcaico e o moderno na cidade de Princesa (PB) na década de 1920**. João Pessoa, Editora universitária da UFPB. 2010.

MATOS, Carlos Alberto. **Vladimir Carvalho** - Pedras na lua e pelejas no Planalto. Imprensa Oficial, coleção aplauso cinema Brasil, São Paulo, 2008.

MEDEIROS, João Rodrigues Coriolano de. **Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba**. 4, ed. João Pessoa: IFPB, 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. Edições Loyola, São Paulo, 2005.

MELO, Josemir Camilo de. **Ferrovias Inglesas e mobilidade social no Nordeste**. Campina Grande: EDUFCG, 2007.

MELO, Josemir Camilo de. **A economia paraibana no século XIX e o capital inglês; The Conde D’Eu Railway (1875-1901)**. Campina Grande: EDUFPG, 2019.

MONTEIRO. J. C. Carneiro. “A Paraíba na Revolução de 1824. Conferência realizada a 24 de maio de 1911 na cidade de Itabaiana”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. Vol. 3º, 1911.

MONTEIRO, Frederico Mindelo Carneiro. **Um magistrado na política: desembargador Heráclito Cavalcanti Carneiro Monteiro e os políticos de seu tempo, 1894/1935**. Rio de Janeiro: Sintra Graf. e Ed., 1985.

MOZART, Fabio. **História de Itabaiana em versos – e algumas crônicas “reais”**. João Pessoa: Imprell. [s.d.].

MOZART. Fabio. **Manoel Xudu – O Príncipe dos poetas repentistas**. João Pessoa, 2006.

MOZART, Fabio, **A voz de Itabaiana e outras vozes**. João Pessoa, Gráfica e Editora Imprell, 2010.

MOZART, Fabio. **Artistas de Itabaiana**. João Pessoa: Editora Imprell, 2014.

MULLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos “anos 1968”. IN: DEL Priore & AMANTINO, Marcia (orgs.), **História dos homens no Brasil**. 1ª ed., São Paulo: Editora Unesp, 2013.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O Doce Veneno da Noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**, Campina Grande, EDUFPG, 2008.

NAVARRO SWAIN, Tânia. **Lesbianismo: Identidade ou opção eventual**. In: NODARI, Eunice; PEDRO, Joana Maria; LOKOI, Zinda M. Gricoli. (Orgs.), **História: Fronteiras**. XX Simpósio Nacional da ANPUH. Florianópolis- SC, 1999.

NAVARRO SWAIN, Tânia. **Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica**. In: Revista Unimontes Científica, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 23–28, 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/2440>. Acesso em: 10 ago. 2023.

OLIVEIRA, Elizângela Justino de. **Ferrovias, Rede urbana e centralidade urbano regional: Campina Grande e Mossoró (1907-1929)**. Tese (Doutorado em Geografia). PPGG - UFPB, João Pessoa, 2019.

OLIVEIRA, Neide Cordeiro de. **Caminhos do prazer: um olhar sobre a sexualidade nos cantos e recantos de Campina Grande- PB (1970-2010)**, Dissertação (mestrado em história) PPGH/ UFCG. Campina Grande, 2012.

OTÁVIO, Orlando, **A primeira noite de “Tito” na Rua do Carretel**. Cordel brasileiro. Editora Gorrion, Itabaiana, 2020.

PAIVA, Edna Martins de. **Itabaiana de meus tempos**. João Pessoa: Gráfica Arpoador, 2001.

PALHANO, Romualdo Rodrigues. **O teatro na terra de Zé da Luz: da União democrática ao GETI**. João Pessoa: Sal da Terra, 2011.

PALHANO, Romualdo Rodrigues. **Eu e a Rainha do Vale- De menininho a Rapaizinho**. João Pessoa: Sal da Terra, 2012.

PAZERA JR. Eduardo. **A Feira de Itabaiana-PB: Permanência e Mudança**. Tese. (Doutorado em Geografia Humana). USP. São Paulo. 2003.

PEDRO, Joana Maria, **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. 2 ed. Florianópolis: Editada da UFSC, 1992.

PEREIRA, Cristiana Schettini. **“Que tenhas teu corpo”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro nas primeiras décadas republicanas**, Tese (doutorado em História), UNICAMP, São Paulo, 2002.

PEREIRA, Ivonete. **“As decaídas”: prostituição em Florianópolis (1900- 1940)**. Ed. da UFSC, Florianópolis, 2004.

PERLONGER, Nestor Osvaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Unicamp, São Paulo, 1986.

PINTO, Irineu Ferreira. **Datas e notas para a História da Paraíba. Vol. 1**, Editora Universitária UFPB, João Pessoa, 1977.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. SANTHIAGO, Ricardo (trad.), São Paulo, Letra e voz, 2016.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo, Veneta, 2018.

PRADO JR., Caio, **História Econômica do Brasil**. 38 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PURDY, Sean. A era progressista: 1900-1920. In: Karnal, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo, Contexto, 2007.

RAGO, Luzia Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REGO, José Lins. **Doidinho**. 31. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1992.

ROBERTTS, Nickie. **As prostitutas na História**. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro, Record, Rosa dos tempos, 1998.

ROCHA, Solange Pereira da. **Gente negra na Paraíba oitocentista: população, família e parentesco espiritual**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. CFCH, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

RODRIGUEZ, Janete Linz. **Atlas Escolar da Paraíba**. João Pessoa, Grafset, 2000.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. IN: DEL Priore & AMANTINO, Marcia (orgs.), **História dos homens no Brasil**. 1ª ed., São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SANTOS, Enoque Bernardo. **A trajetória profissional e a prática docente de Nini Paes de Araújo em Itabaiana/PB (1945-1988)**. Tese (Doutorado em Educação) UFPB/CE. João Pessoa. 2021.

SANTOS, Juvandi de Souza. **As fazendas de gado dos Jesuítas na Paraíba Colonial**. Série: Arqueologia/Paleontologia. Vol. V. Campina Grande, Paraíba. 2015.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. **Cartografias do prazer: corpo, boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)**. Tese (doutorado em História) –PPGH – UFPE, Recife, 2017.

SCHONOR, Eduardo “Riscando o chão”: masculinidade e mundo rural entre a colônia e o império. In : DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). **História dos homens no Brasil**, 1.ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SILVA, Daniele Costa da. **Entre copos, conversas e canções: um estilo “boêmio” de viver a cidade**. Tese (doutorado em sociologia) – PPGS – UFC. Fortaleza, 2012.

SILVA, Lucimário Augusto da. **Pilar, da aldeia Cariri aos nossos dias**: F&A Gráfica e Editora, 2ª edição. João Pessoa, 2007.

SILVA, Maria José da. **Além da Estação – Como uma Sociedade constrói sua história através da memória**. Monografia. (Esp. em História do Nordeste), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 1997.

SILVA, Vladimir Carvalho da. **Vladimir Carvalho da Silva (depoimento, 2010)**. Rio de Janeiro, CPDOC, 2010.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. p. 263 – 283. IN: Domínios da História. CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. 2ª ed. Rio de Janeiro. 2011.

SOUSA, Elza Coelho. “Feira de Gado”. **Revista Brasileira de Geografia**, n. 8, jul./set., 1946, p. 389-390.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande - 1920- 1945**. Tese (doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Campinas, 2001.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945- 1965)**. Tese (doutorado em História) PPGH-UFPE, Recife, 2002.

SOUZA, Hercília Maria de Andrade. **Nos territórios da sedução, violência e prazeres proibidos:** A prostituição em Ingá – PB (1940-1960), TCC, (Licenciatura plena em História), UEPB, Campina Grande, 2014.

SOUZA, Hercília Maria de Andrade. **Nas Entrelinhas do discurso jurídico:** Formas de viver e resistir produzidas pelas prostitutas de Ingá - PB (1940-1960). Dissertação (Mestrado em História). UFCG- PPGH. Campina Grande – PB. 2018.

SOUZA, Josélio Fidelis de. **Estrela: o parque do prazer.** João Pessoa, Imprell Editora, 2010.

TAVARES, Joao de Lyra. **Apontamentos para a História da Parahyba** - Vol. 1, Imprensa Oficial da Parahyba, 1909.

TAVARES, Joao de Lyra. **A Parahyba** - Vol. 2, Imprensa Oficial da Parahyba, [s.l.]. 1910.

VILLA, Carlos Valência.; GIL Tiago. **O retorno dos mapas [recurso eletrônico]: sistemas de informação geográfica em história.** Porto Alegre: Ladeira Livros, 2016

APÊNDICES

QUADRO DOS ENTREVISTADOS¹¹⁸

NOME DO ENTREVISTADO	RELAÇÃO DO ENTREVISTADO COM O TEMA	DESCRIÇÃO	DURAÇÃO DA ENTREVISTA	DATA DA ENTREVISTA
Araújo	Frequentador da zona boêmia	Contribuiu desde a formatação do projeto respondendo as dúvidas que surgiram na idealização da pesquisa	O entrevistado aceitou responder as perguntas no formato questionário.	2019/ 2023
Alves	Ex-prostituta da Rua da Manichula	Foram realizados 3 encontros, ela nos trouxe o cotidiano da Rua da Manichula bem como estar inserida no contexto da prostituição.	- 08 de outubro de 2020. - 06 de outubro de 2021. - 15 de junho de 2022.	- 34 min. - 41 min. - 1 hora e 24min.
Barros	Neta do dono de Escola de Samba	Relatou sobre as festividades na zona boêmia	43 min.	01 de março de 2023
Batista	Exímio boêmio. Frequentava diariamente as pensões.	Relatou experiências e o cotidiano das pensões da zona boêmia além de aspectos culturais da cidade.	1h e 35 min	13 de dezembro de 2022.
Brandão	Homossexual/ foi levado por um amigo do seu pai para ter a iniciação sexual na zona boêmia.	Comentou sobre aspectos comportamentais no período estudado.	2 horas e 20 minutos	05 de maio de 2023
Brão	Cidadão itabaianense.	Relatou sobre aspectos culturais e sociais da cidade.	1 hora e 5 min.	10 de setembro de 2018 (Arquivo pessoal do pesquisador)
Cavalcante	Moradora da Rua do Carretel. Há mais de 81 anos	Comentou sobre a relação das pessoas da Rua do Carretel com a prostituição	1 hora e 35 min.	06 de outubro de 2021
Conceição	Ex- prostituta, moradora da casa de Nevinha Pobre	Comentou sobre o cotidiano na pensão de Nevinha Pobre	47 min.	05 de janeiro de 2023.
Edneide	Neta de brincantes na zona boêmia	Relatou sobre as manifestações populares que ocorriam na Rua da Manichula	25 min.	15 de junho de 2022.

¹¹⁸ Seguindo as normas exigidas pelo Conselho de Ética da UFPB, optamos em utilizar nomes fictícios ou sobrenomes dos depoentes.

Fábio Mozart	Frequentador da zona boêmia	Membro do GETI, abordou questões culturais e cotidiano dos jovens nas pensões.	1h e 23 min.	10 de janeiro de 2022
Ferreira	Amiga de Nevinha Pobre	Nos trouxe informações relacionadas a vida e o cotidiano da personagem	1 hora e 35 min.	14 de junho de 2022.
Fernandes	Frequentador assíduo da zona boêmia	Comentou sobre os aspectos políticos, culturais e sócias da cidade.	1 horas e 8 min.	02 de fevereiro de 2016 (In Memorian, arquivo pessoal do pesquisador).
Idalino	Filha de ex-prostituta	Comentou as dificuldades sobre ser filha de prostituta e moradora da zona boêmia	1 hora e 36 min	16 de junho de 2023.
Ingrácia	Explicou sobre as feiras que eram realizadas próximo a sua casa	Comentou sobre os aspectos econômicos, culturais e sócias da cidade.	52 min.	12 de maio de 2023
Lopes	Vizinha de Nevinha Rica	Detentora do acervo fotográfico de Nevinha Rica	45 min.	30 de janeiro de 2023
Marques	Ex moradora da Rua do Carretel	Comentou sobre suas experiências enquanto criança ao fazer mandados das prostitutas da zona boêmia	1 hora e 23 min.	17 de junho de 2022.
Maria do Carmo	Filha de brincantes na zona boêmia	falou a respeito das manifestações populares- Caboclinhos criado por seu pai	24 minutos e 08 segundos	10 de setembro de 2018. (Arquivo pessoal do pesquisador).
Mauro	Morador na região da zona boêmia	Trabalhador na pensão de Moça- Homem, e frequentador da zona boêmia.	- 2 horas e 40 min.]- 1 hora e 4 min.	- 15 de setembro de 2018 17 de setembro de 2018 (In Memorian, arquivo pessoal do pesquisador).
Matos	Frequentador da zona boêmia	Relatou informações cotidianas das pensões e também aspectos culturais e sociais da cidade	1 hora e 12 min.	13 de dezembro de 2022.
Marta	Proprietária do primeiro motel na cidade.	Comentou sobre o surgimento dos motéis em Itabaiana, motivos que levou o declínio das pensões,	29 min.	02 de maio de 2021. (arquivo pessoal do pesquisador).

Melo	Frequentador assíduo da zona boêmia	Relatou sobre o cotidiano das pensões.	2 horas e 5 min.	09 de janeiro de 2022
Nascimento	Frequentador assíduo da zona boêmia	Comentou sobre aspectos culturais e sociais da cidade	2 horas e 12 min	11 de janeiro de 2022
Oliveira	Filha de dona de pensão	Relatou os preconceitos no qual teve que enfrentar na sociedade por ser filha de dona de pensão.	24 min	16 de junho de 2022
Pereira	Ex-dona de pensão na Rua do Carretel.	Seu estabelecimento era considerado intermediário. Suas contribuições foram fundamentais desde a elaborarmos do projeto de pesquisa até a realização da pesquisa.	- 2 horas e 20 min.	02 de agosto de 2020
Ramos	Carnavalesco, morador da Rua da Manichula.	Explicou sobre as manifestações populares existentes na região boêmia.	19 min.	12 de maio de 2023
Ribeiro	Garçom em pensão na Rua do Carretel	Além de garçom, sua mãe era dona de uma casa de recurso na Rua das Flores	1 hora e 45 min. - - 1 hora e 2 min	- 11 de novembro de 2020 - 08 de novembro de 2021.
Rodrigues	Frequentador assíduo das pensões	Morador das ruas da zona boêmia, nos trouxe informações relacionadas ao cotidiano das pensões.	11 min.	27 de março de 2023
Silva	Sua avó e seu pai tinham casas de recurso na zona boêmia	Morador das ruas da zona boêmia, nos trouxe informações relacionadas aos empreendimentos de sua família	12 min.	26 de fevereiro de 2023
Sanderli	Frequentador da zona boêmia	Membro do GETI, abordou questões culturais e cotidiano dos jovens nas pensões.	1 hora e 28 min.	12 de fevereiro de 2022.
Simplicio	Ex -prostituta e dona de pensão	Foi uma das meninas na casa de Nevinha Rica, posteriormente abriu sua própria pensão.	- 1h e 14 min. - 1 h e 20 min. -2 h e 29 min.	28 de janeiro de 2021. 31 de outubro de 2021. 06 de janeiro de 2023.
Traiano	Filha de pais que possuíam casa de e restaurante na zona boêmia	Relatou o cotidiano na zona boêmia, além de trazer informações relacionadas ao cotidiano desses estabelecimentos	1 horas e 36 min.	16 de junho de 2022.
Tito	Frequentador assíduo e	Relatou informações cotidianas relacionadas aos empreendimentos comerciais	1 hora e 5 min.	05 de janeiro de 2023

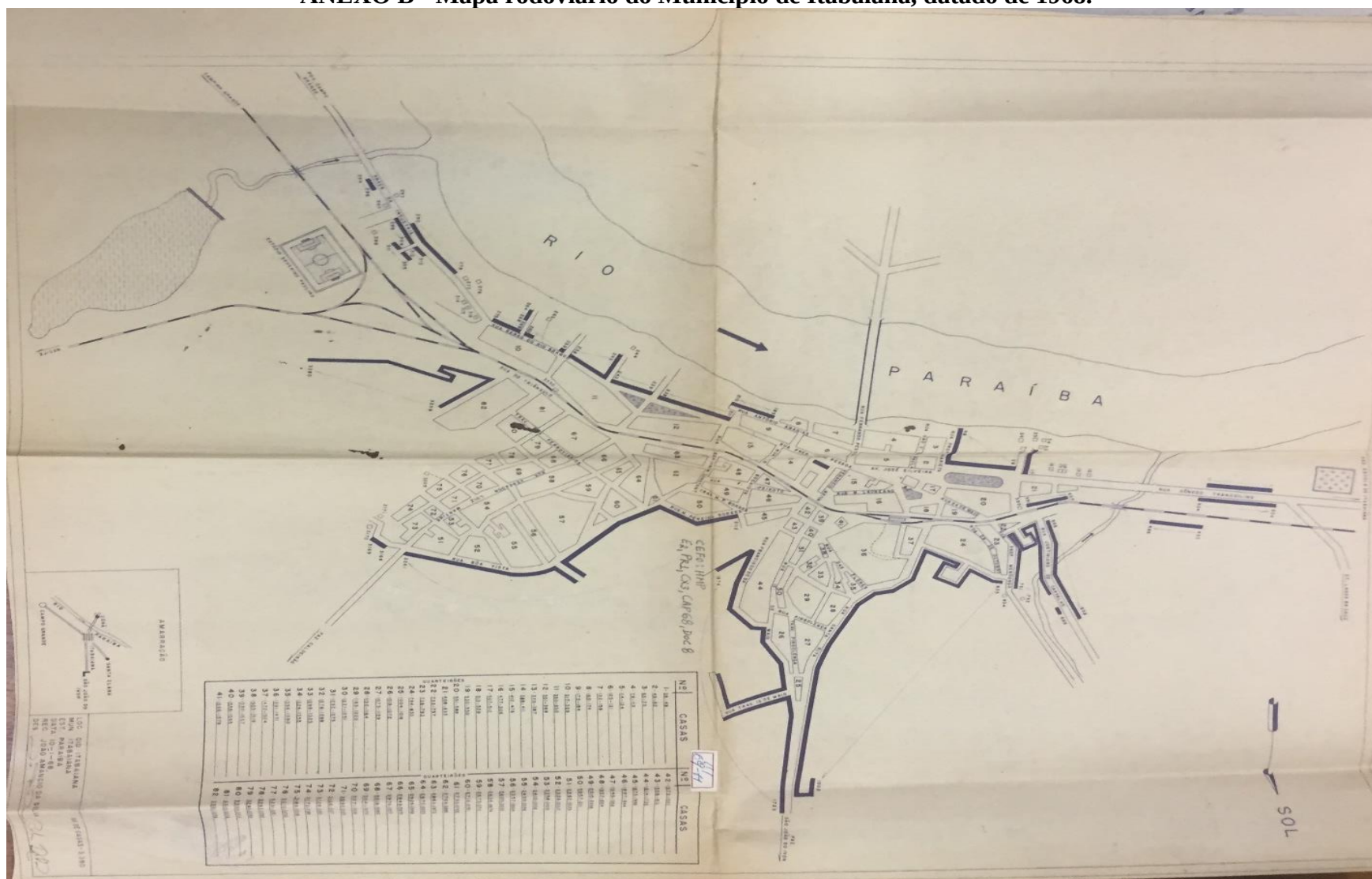
	posteriormente dono de bar da Rua do Carretel			
Valdemir	Exímio boêmio, era encantado pela Rua do Carretel	Gostava tanto de estar na zona boêmia, que foi o único homem a morar por três anos na pensão de Nevinha Rica	2 horas e 10 min.	10 de janeiro de 2022.

ANEXOS

ANEXO A - Mapas originais de Itabaiana em 1892 e 1968

Fonte: Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=93477&v_abas=1 acesso: 10 de jan. 2023.

ANEXO B - Mapa rodoviário do Município de Itabaiana, datado de 1968.



Fonte: Arquivo Fundação Casa de José Américo, seção Itabaiana. CEFO: HMP. E2, PR1, Cx3, CAP 68, DOC7.

ANEXO C - Fotografias

Foto 1 - Demolição do patrimônio Histórico, local onde funcionava a pensão de Nevinha Rica.



Fonte: Disponível em <http://itabaianapbmemoria.blogspot.com/2015/10/proprietario-de-imovel-tombado-pode.html> acesso em 13 abr. de 2023

Foto 2 - Panfleto da Campanha de revitalização dos casarios da pensão de Nevinha Rica, dias antes de serem demolidos pelo proprietário do imóvel.

Em 2016
a tocha olímpica vai passar em

Itabaiana

você quer mostrar sua
cidade assim ?



RUA 13 DE MAIO - ESTADO ATUAL

ou assim ?



RUA 13 DE MAIO - RESTAURAÇÃO VIRTUAL

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
SOCIEDADE AMIGOS DA RAINHA DO VALE DO PARAÍBA
PONTO DE CULTURA CANTIGA DE NINAR

Fonte: Jornal Evolução, Itabaiana outubro de 2015, p. 8.

Foto 3 - Entrada da Rua do Carretel/Rua 13 de Maio



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 2022

Foto 4 - Entrada da Rua da Manichula/Rua das Flores



Fonte: Arquivo pessoal do autor. 2022

Foto 5 - Nevinha Rica



Fonte: Arquivo pessoal, fotografia gentilmente cedida por Lopes em 17/06/2022

Foto 6 - Nevinha Pobre



Fonte: Foto retirada do RG de Nevinha Pobre. Documento gentilmente cedido por Oliveira em 18/06/2022.

Foto 7 - Orquestra de frevo, Carnaval na pensão de Nevinha Rica. S/d.



Fonte: Arquivo pessoal de Nevinha Rica, fotografia gentilmente cedida por Lopes em 17/06/2022.

Foto 8 - Meninas no São João na casa de Nevinha Rica



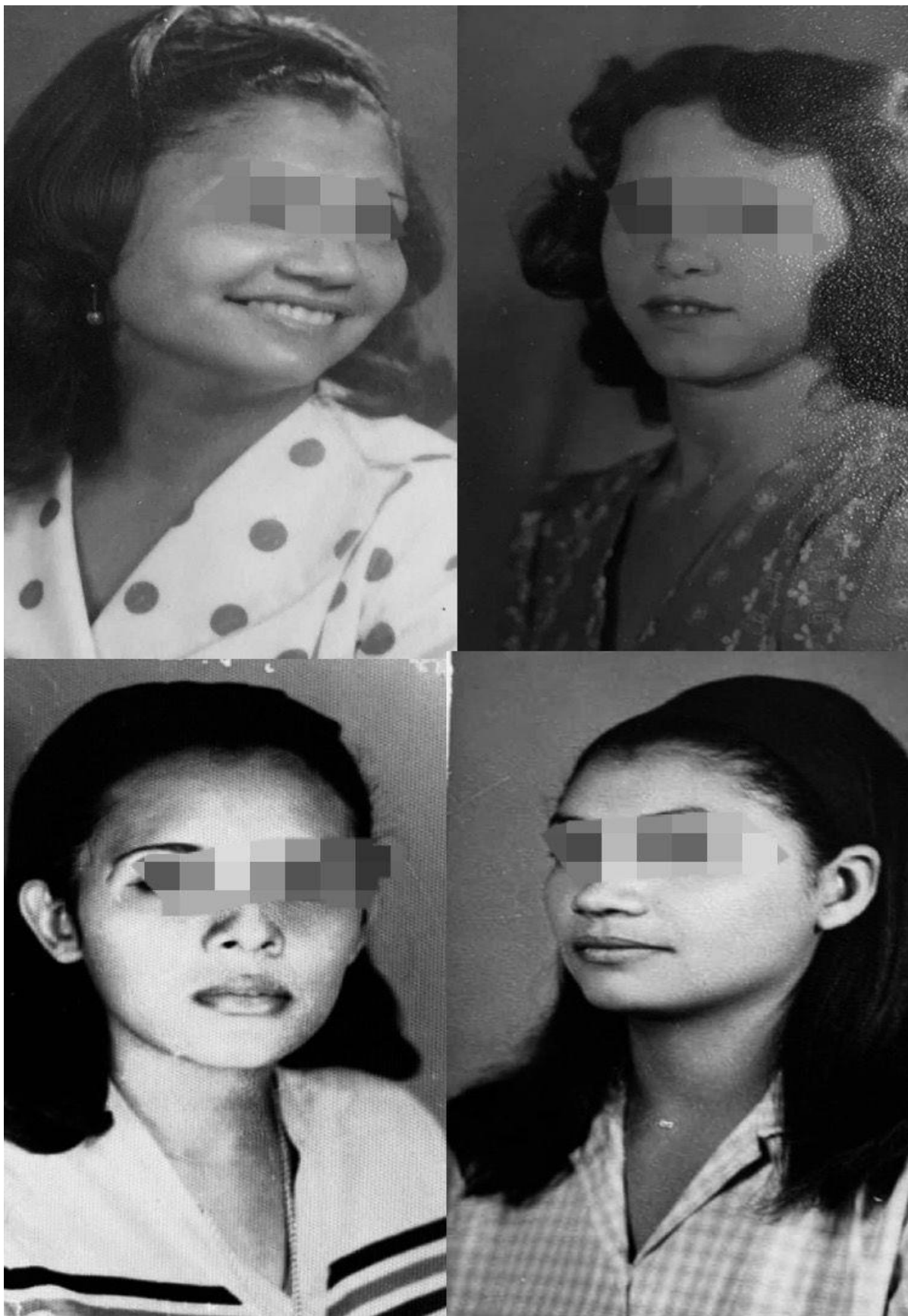
Fonte: Arquivo pessoal de Nevinha Rica, fotografia gentilmente cedida por Lopes em 17/06/2022

Foto 9 - Meninas da pensão de Nevinha Rica



Fonte: Arquivo pessoal, fotografia gentilmente cedida por Lopes em 17/06/2022

Foto 10 - Meninas da pensão de Nevinha Rica



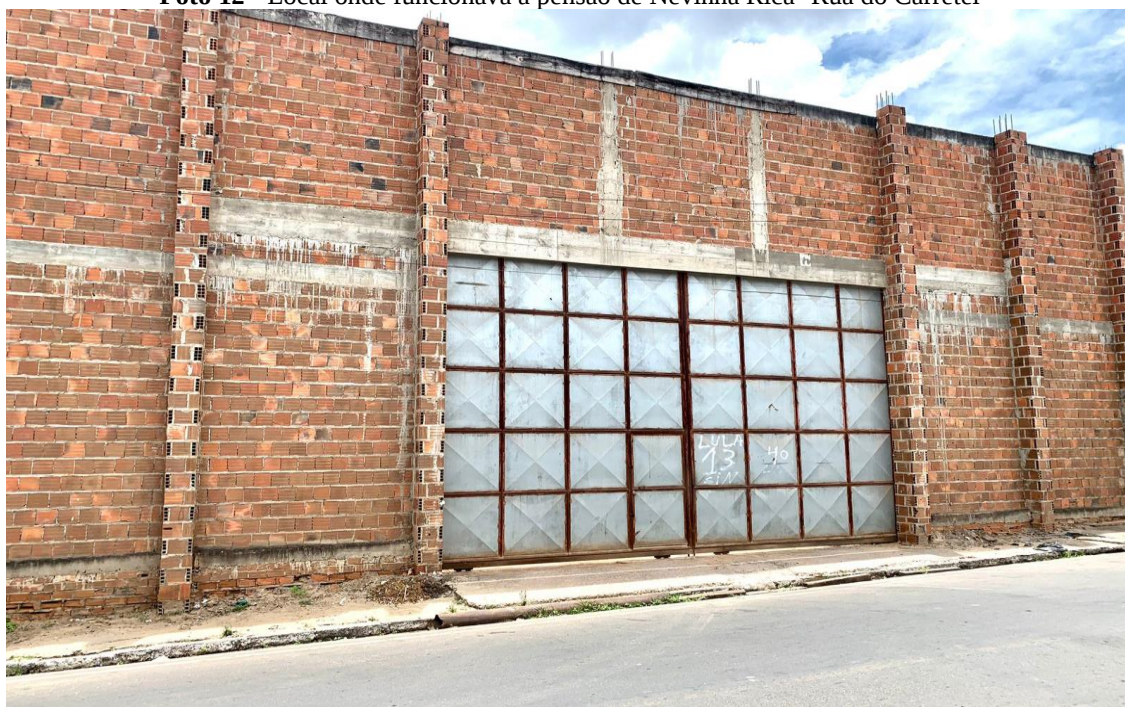
Fonte: Arquivo pessoal, fotografia gentilmente cedida por Lope s em 17/06/2022.

Foto 11 - Meninas da Pensão de Dona Finha



Fonte: Arquivo pessoal de Pereira. Fotografia gentilmente cedida em 12/05/2023.

Foto 12- Local onde funcionava a pensão de Nevinha Rica- Rua do Carretel



Fonte: Segundo as memórias da entrevistada Alves (2020). Arquivo pessoal do pesquisador. Pesquisa de campo realizada em 08/10/2020.

Foto 13- Local onde funcionava a pensão de Nevinha Pobre – Rua do Carretel



Fonte: Segundo as memórias da entrevistada Alves (2020). Arquivo pessoal do pesquisador. Pesquisa de campo realizada em 08/10/2020.

Foto 14- Local onde funcionava os bares de Zé Bodega e Teresa de Zé Gaguinho – Rua do Carretel



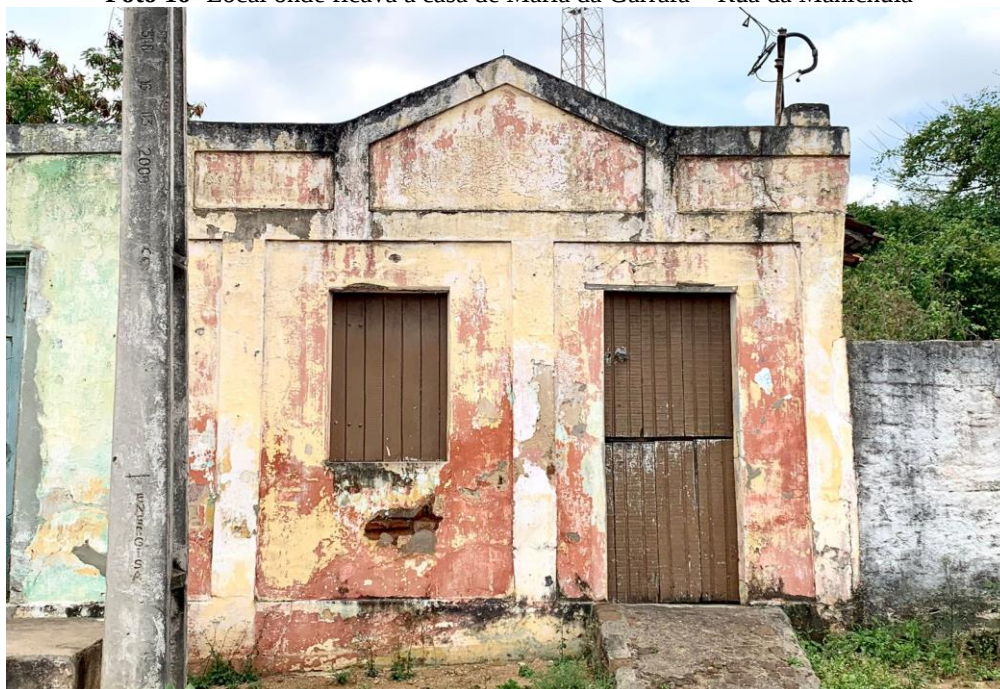
Fonte: Segundo as memórias da entrevistada Alves (2020). Arquivo pessoal do pesquisador. Pesquisa de campo realizada em 08/10/2020.

Foto 15- Local onde funcionava A casa de Jogo e sinuca de Adônis– Rua do Carretel



Fonte: Segundo as memórias da entrevistada Alves (2020). Arquivo pessoal do pesquisador. Pesquisa de campo realizada em 08/10/2020.

Foto 16- Local onde ficava a casa de Maria da Garrafa – Rua da Manichula



Fonte: Segundo as memórias da entrevistada Alves (2020). Arquivo pessoal do pesquisador. Pesquisa de campo realizada em 08/10/2020.

Foto 17- Casa de recurso de Dona Olímpia – Rua da Manichula



Fonte: Segundo as memórias da entrevistada Alves (2020). Arquivo pessoal do pesquisador. Pesquisa de campo realizada em 08/10/2020.

Foto 18- Casa de jogo – baile de sanfona e venda de Neném de Dudu – Rua da Manichula



Fonte: Segundo as memórias da entrevistada Alves (2020). Arquivo pessoal do pesquisador. Pesquisa de campo realizada em 08/10/2020

Foto 19- Local onde funcionava os banhos pagos – Rua da Manichula



Fonte: Segundo as memórias da entrevistada Alves (2020). Arquivo pessoal do pesquisador. Pesquisa de campo realizada em 08/10/2020